

O HOMEM E O BREJO

**RESOLUÇÃO N.º 69, DE 12 DE JULHO DE 1941, DA ASSEMBLÉIA GERAL
DO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA**

Dispõe sôbre a publicação do trabalho intitulado O Homem e o Brejo, da autoria do Eng. ALBERTO RIBEIRO LAMEGO.

A Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, no uso das suas atribuições:

Considerando que a tese O Homem e o Brejo foi pelo IX Congresso Brasileiro de Geografia aprovada com louvor em vista do seu alto valor e excelência;

Considerando que o mesmo Congresso solicitou ao Conselho providências no sentido de ser a tese publicada em separado;

Considerando que o Eng.º ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, autor da tese, e membro do Conselho, como um dos elementos federais integrantes da Comissão Técnica Permanente de Fisiografia;

RESOLVE:

Art. 1.º — A Secretaria Geral do Conselho providenciará a publicação, em separado, da tese O Homem e o Brejo, da autoria do Eng.º ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, aprovada com louvor pelo IX Congresso Brasileiro de Geografia, entendendo-se para isso com a Comissão de Redação dos *Anais* do mesmo Congresso.

Art. 2.º — Essa publicação fará parte da "Biblioteca Geográfica Brasileira", instituída pela presente Assembléia, de acôrdo com os entendimentos que a êsse respeito a Secretaria terá com o autor.

Art. 3.º — As despesas que ocorrerem em virtude desta Resolução correrão por conta da verba para publicações consignada no Orçamento do Conselho.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1941, ano VI do Instituto.

Conferido e **numerado**

ORLANDO VALVERDE
Secretário-Assistente

Visto e rubricado

CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO
Secretário-Geral do Conselho

Publique-se

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
Presidente do Instituto

Setores da Evolução Fluminense

O HOMEM E O BREJO

“Ipsæ matronæ hic pro Jure pugnant”

[Legenda de Campos]

Tese aprovada com louvor no IX Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em Florianópolis, de 7 a 14 de setembro de 1940.

por

ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

[LAMEGO FILHO]

1945

Serviço Gráfico do I. B. G. E.
Rio de Janeiro

NOTA: Este trabalho, com exceção do "Prefácio",
"Apresentação" e "Índice Analítico", foi
composto antes de ser publicado o *Vocábulo*
da Academia Brasileira de Letras.

APRESENTAÇÃO

"A Biblioteca Geográfica Brasileira inicia a Série A — "Livros" — com um trabalho de Geografia Regional, resultante de pesquisas realizadas "in-loco" pelo seu autor. Tal circunstância não é em absoluto, casual, mas corresponde a uma escolha intencional, bastante significativa. É que o progresso da Geografia pátria depende fundamentalmente da intensificação dos esforços dos nossos pesquisadores na elaboração de monografias sobre as diversas regiões brasileiras, de **acôrdo** com os métodos geográficos modernos. Só então será possível a organização de grandes sínteses nacionais, que compreendam o território brasileiro em sua complexidade.

A obra ora apresentada refere-se a uma pequena região muito bem individualizada, a chamada Baixada de Goitacases ou Baixada Campista, um dos trechos de maior **significação econômica** em nosso país. Abrangendo os grandes capítulos da Geografia — a Física, a Humana **pròpriamente** dita e a **Econômica** —, o trabalho apresenta predominantemente uma feição antropogeográfica, conforme bem indica o seu título. O estudo das relações entre o homem e o meio constitui o seu principal **objeto**.

Seguindo o plano de **ELISÉE RECLUS**, o autor divide a obra em três partes: A Terra, O Homem e A Cultura. As duas primeiras têm antes um caráter preparatório a terceira, na qual é estudada a paisagem cultural da região campista.

Na primeira parte — A Terra — são dados os traços essenciais da paisagem natural, como cenário da atividade humana e é fixada a sua subdivisão regional, segundo partes bem caracterizadas: a cordilheira **azóica**, os tabuleiros terciários, o delta pleistocênico e as aluviões e restingas recentes. O fundamento dessa caracterização é dado muito acertadamente, na região estudada,

pela geologia e pelo relêvo, considerados conjuntamente, em suas relações recíprocas, o que dá desde logo ao trabalho um cunho acentuadamente geográfico. É inevitável que haja nestes **capítulos** uma boa parte de Geologia pura, tratada pelo autor com a segurança de um autêntico especialista, e com pontos de vista pessoais devidamente fundamentados; mas, mesmo ao tratar dos fatos puramente geológicos, nunca são esquecidas as suas relações com os outros fenômenos da superfície e desde logo são **indicadas** algumas repercussões antropogeográficas. Quatro excelentes esboços cartográficos representam a geognose da Terra Goitacá, segundo a interpretação do autor, figurando ainda nesta primeira parte um capítulo **sôbre** as riquezas minerais.

Na segunda parte — **O Homem** — são apresentados os **atores** do drama que se desenrola na planície goitacá: o índio e o português. É aí especialmente focalizada a áspera luta pela conquista do solo. Há certamente muitas páginas de pura **Etnografia** e de **História**, nem sempre estritamente indispensáveis a um trabalho geográfico, como seja os trechos dedicados a defesa dos **Goitacás** e m face da acusação de antropofagia ou a demonstração de que a sua cultura sobrepujava a dos Tupis; o mesmo se poderia dizer de muitos pormenores históricos. Mas mesmo nessas páginas o ponto de vista geográfico aparece com frequência, sendo notáveis, especialmente, o estudo da influência do meio físico **sôbre** a cultura goitacá, a explicação geográfica do **fracasso** de PÊRO DE GÓIS e a da tardia penetração da planície pelo colono branco, e, sobretudo, a demonstração da influência do meio **sôbre** a índole individualista dos habitantes, apegados a pequena propriedade e em luta **titânica** "pela posse do solo fértil, das aluviões fecundas, do cobiçado massapê". O apêlo às ciências afins à Geografia contribui aí, certamente, para a compreensão das condições do ambiente em estudo.

É na terceira parte — **A Cultura** —, constituindo mais da metade da obra, que mais se acentua o caráter de síntese geográfica, em interessantes capítulos de pura Geografia Humana: **o Brejo e o Índio**, **o Brejo e o Pioneiro**, **o Brejo e o Vaqueiro**, **o Brejo e o Lavrador**, **a Casa e a Família**, **a Cidade**, **Transportes e**

Comunicações, o Saneamento (a simples enunciação desses títulos desperta o interesse pelos assuntos tratados e sugere a excelência do método empregado). Cabe desta vez o recurso a Sociologia, como ciência auxiliar, de modo o mais legítimo. Neste domínio, é importante a contribuição geográfica que traz a obra aos sociólogos, como, por exemplo, ao explicar a segregação social do campista, cujo motivo, segundo GILBERTO FREIRE, ainda estava para ser esclarecido. A essa interrogação do sociólogo responde o geógrafo, ao explicar a formação social do homem da planície, isolado pelo imperativo do meio físico, isolamento êsse já salientado pelo autor em seu prefácio com estas frases incisivas: "No meio de tudo isso, o homem isolado. Sôzinho durante trezentos anos. A principio, como companheiro o índio insociável, o tapuío tremendo. Quando saía do brejo, entrava na floresta ao norte e a oeste. Se marcha para leste e para o sul, estaca na lagoa Feia ou enterra-se no deserto das restingas que o afasta do mar. Vias de comunicação terrestres precaríssimas. Um pôrto de mar temido. Intercâmbio cultural quase impossível".

Encerrando o trabalho, no capítulo denominado Conclusões Econômico-Sociais, faz o autor algumas considerações de ordem política e propõe medidas legislativas como solução aos problemas sociais e econômicos da região campista. Trata-se de opiniões que lhe são inteiramente pessoais, mas que não constituem digressões, porque resultam das premissas antropogeográficas, magistralmente expostas em tôda a 3.a Parte da obra. A proposta de tais medidas constitui mesmo um dos objetivos dêste trabalho, conforme afirma o autor no início do seu prefácio: "expor a opressão econômica em que, em plena fartura por êle mesmo criada, êsse mesmo grupo (a população campista) sempre se debateu, para que definitivamente o livrem dela".

Pela ênfase com que é salientada a influência do meio físico sobre o homem, a presente obra poderia ser taxada de determinista, enquadrando-se o autor na escola pelos americanos chamada "environmentalist". Tal impressão se reforçaria pela leitura de frases isoladas, como seja o período que inicia a 3.ª Parte: "Exem-

plos tão conspícuos como o de Campos, da completa subordinação de fenômenos sociais ao meio *telúrico*, não serão fáceis talvez de encontrar". Muitos trechos semelhantes poderiam ainda ser adrede destacados, mas a conclusão teria certamente o vício de basear-se em frases *sôltas*. Tais afirmativas categóricas não são, entretanto, de admirar-se em um trabalho que se propõe justamente a estudar as relações entre o homem e o meio.

Não cabe, aliás, o exagêro de evitar-se as referências aos imperativos do meio físico e nem o "**possibilista**" mais extremado nega tais influências. O que se critica é o exclusivismo de **atribuir-se** tudo ao mecanismo cego das **fôrças** naturais. Este não é certamente, o caráter da obra ora apresentada, conforme se conclui de sua leitura atenta e de **acôrdo** com o primeiro objetivo proclamado pelo autor ao iniciar o seu prefácio: "**mostrar** a vitoriosa tenacidade de um grupo étnico brasileiro **sôbre** o meio físico, desmentindo a apregoada inadaptabilidade do europeu a climas tropicais, com uma acelerada evolução cultural ininterrupta...". **Tôda** a obra é um hino entusiasta à vitória do homem **sôbre** os obstáculos do meio, ao mesmo tempo que inteligentemente soube utilizar-se das vantagens que a natureza lhe ofereceu. Nada mais diferente do **autômato** dos deterministas extremados.

Na 3.^a parte — A Cultura — importante papel é aliás, atribuído aos **fatôres** históricos e **econômicos**, quando são estudados os diversos ciclos que se sucederam no mesmo cenário natural: o da pecuária, o das engenhocas, o dos engenhos a vapor e o atual, das usinas. Refere-se aí o autor às "**repercussões** sociais **resultantes** da modificação do meio físico e **econômico** pela introdução de novos métodos de trabalho". Nada menos determinista.

Abundante documentação estatística e histórica, expressivas ilustrações e copiosa bibliografia completam e fundamentam **êste** volume. Apresentando-o, a "Biblioteca Geográfica Brasileira" denuncia o propósito de servir aos que se dedicam ao estudo da nossa Terra e da nossa Gente, e, ao mesmo tempo, de estimular a elaboração de valiosos e Úteis trabalhos geográficos e, muito especialmente, as pesquisas de Geografia Regional em nosso país.

CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO
Secretário-Geral
do Conselho Nacional de Geografia

NOTÍCIA SOBRE O AUTOR

ALBERTO RIBEIRO LAMEGO nasceu na cidade fluminense de Campos, a 9 de abril de 1896. Concluiu, em 1910, seu curso primário no Colégio Campolide, dos jesuítas, em Lisboa, começando ali o curso secundário mais tarde concluído no Colégio de Saint Michel, de Bruxelas, também dos jesuítas. Em 1913 matriculou-se no curso de engenharia de artes, manufaturas e minas da Universidade de Louvain. Transferindo-se, em 1914, para Londres, cursou a Royal School of Mines do Imperial College of Science and Technology frequentando, ao mesmo tempo o curso de licenciado em engenharia de minas da Universidade de Londres, concluindo êsses dois cursos em 1918.

Em 1920, regressando ao Brasil, ingressou no Serviço Geológico e Mineralógico do Ministério da Agricultura empreendendo vários trabalhos de campo em diversas regiões do Brasil. Entre os anos de 1924 a 1932 deliberou afastar-se do Serviço Geológico para onde retornou em 1932.

Pertence a grande número de instituições científicas do Brasil e do exterior.

Publicou até o presente momento, os seguintes trabalhos:

I. LIVROS, BOLETINS E AVULSOS

- 1923 — 1 — Contribuição a Geologia do vale do Rio Grande.
- 1936 — 2 — Geologia do maciço do Itatiaia e suas vertentes, inclusive a bacia terciária
- 3 — A Planície do Solar e da Senzala.
- 1936 — 4 — O Maciço do Itatiaia e Regiões Circundantes.
- 1937 — 5 — Teoria do protognais.
- 6 — A Gipsita da Boa Vista.
- 1938 — 7 — Escarpas do Rio de Janeiro.
- 8 — Sobre uma Crítica à Teoria do Protognais.
- 1940 — 9 — Mármore do Muriaé.
- 10 — Restingas na Costa do Brasil.
- 11 — A Geologia na Civilização Campista.

II. TRABALHOS CARTOGRAFICOS

- 1923 — 1 — Contribuição a Geologia do Estado de Minas Gerais.
- 1936 — 2 — Geologia do Maciço do Itatiaia e suas vertentes, inclusive a bacia terciária de Resende (E. do Rio).
- 3 — Esboço geológico da Região do morro Redondo.
- 1937 — 4 — Áreas Arqueanas do Brasil.
- 5 — Localização de Tipos de Gnais no Distrito Federal e Niterói.
- 1938 — 6 — Geologia do maciço Urca-Pão de Açúcar.
- 7 — Carta Geológica da Cidade do Rio de Janeiro.
- 1939 — 8 — Geologia do rio Muriaé e das redondezas de Campos.
- 9 — Calcáreo de São Joaquim, em Paraíso.
- 1940 — 10 — Mapa Geológico da foz do rio Paraíba do Sul.
- 11 — Mapa Geológico da Zona de Carapebus, no Estado do Rio de Janeiro.
- 12 — Geologia da Cidade de Macaé.
- 13 — Esboço Geológico do Estado do Rio de Janeiro.
- 14 — Geognose da Terra Goitacá.
- 1941 — 15 — Mapa da Faixa de Restingas no Estado do Rio de Janeiro.

III. SECÇÕES E RECONHECIMENTOS GEOLÓGICOS

- 1923 — 1 — Secção Geológica Patos-Araxá-Franca.
- 2 — Idem Araxá-Überaba.
- 3 — Secção Conquista-Sacramento-Cipó.
- 4 — Idem Jaguará-Desemboque.
- 5 — Secção Geológica serra da Canastra e vale da Rio Grande.
- 6 — Idem Desemboque-Serra da Saudade.
- 7 — Idem Delfinópolis-Cássia.
- 8 — Secção serra da Babilônia-Passos.

- 1936 — 9 — *Secção Geológica através do maciço do Itatiaia, de Aturuoca ao rio Paraíba.*
10 — *Idem de São Lourenço a Mangaratiba, através das serras da Mantiqueira e do Mar.*
11 — *Idem Angai-Aiuruoca-Serra do Papagaio.*
12 — *Secção serra da Cuba — Mina de Niquel de Livramento.*
13 — *Idem Andrelândia-Pedreira.*
14 — *Secção através das serras da Mantiqueira e do Mar, entre Andrelândia e Mangaratiba.*
1937 — 15 — *Secção através do rio Farias, no Distrito Federal.*
16 — *Côrte Geológico no Engenho Pequeno (São Gonçalo).*
17 — *Secção Geológica através da serra do Mar, do Rio de Janeiro ao vale do Paraíba.*
18 — *Secção ao longo da serra da Carioca.*
1938 — 19 — *Origem das Escarpas e Vales do Rio de Janeiro.*
20 — *Estrutura Geológica do Pão de Açúcar.*
21 — *Formação Tectônica da Entrada da Baía de Guanabara.*
22 — *Perfil N-S do Pão de Açúcar, mostrando a esfoliação pela clivagem tectônica.*
23 — *Bloco-diagrama, ilustrando a estratigrafia e a tectônica, do bordo ocidental da entrada da Guanabara.*
24 — *Secção geológica através dos morros do Leme, Babilônia e São João.*
25 — *Estratigrafia e tectônica do grupo Urça-Pão de Açúcar.*
26 — *Secção da Entrada da Baía de Guanabara.*
27 — *Secção através do grupo do Corcovado.*
28, 29 e 30 — *Secções geológicas através dos Dois Irmãos.*
31 — *Secção através da Gávea.*
32 — *Idem através do pico da Tijuca.*
33 — *Idem através o morro da Providência.*
34 a 41 — *Secções através da cidade do Rio de Janeiro.*
42 — *Origem da Escarpa da Nova Cintra.*
43 — *Bloco-diagrama expando o enrugamento primitivo da serra da Carioca e de seus contrafortes.*
1939 — 44 a 46 — *Secções através dos calcáreos de São Joaquim, em Campos.*
1940 — 47 — *A Foz e a Barra do rio Paraíba do Sul.*

IV. TRABALHOS INÉDITOS E EM PREPARO .

- 1 — *A Baía de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo.*
2 — *Areia de Fundação de Macaé.*
3 — *Ciclo Evolutivo das Lagunas Fluminenses.*
4 — *Grafita em Conceição de Macabu.*
5 — *"O Homem e a Restinga".*
6 — *"O Homem e a Baía".*
7 — *"O Homem e a Cordilheira".*
8 — *Carta Topográfica e Geológica do Norte-Fluminense.*
9 — *Carta geológica da região ao norte de Campos.*
10 — *A plataforma continental ao largo do litoral de leste.*
11 — *Geologia Regional de Macaé.*
12 — *Origem da restinga da Marambaia.*
13 — *Geologia da laguna de Maricá.*
14 — *Geologia da laguna de Saquarema.*
15 — *Origem da laguna de Araruama.*
16 — *Geologia da laguna de Araruama.*
17 — *Reconhecimento geológico nas fazendas de Itaitindiba e São José.*
18 — *Esboço geológico dos vales dos rios Guandu e Itaguaí.*
19 — *Geologia de Niterói e São Gonçalo.*
20 — *Carta Geológica do Distrito Federal.*
21 — *Carta Geológica da Baía de Guanabara.*
22 — *Mapa geológico do Estado do Espírito Santo.*
23 — *Levantamento expedito do rio Paraná, da foz do Parapanema à cachoeira das 7 Quedas.*
24 — *Reconhecimento geológico no Estado de Goiás.*
25 — *Reconhecimento do rio Dois Irmãos, no Estado de Mato Grosso.*
26 — *Reconhecimento de Aquidauana a serra da Cascavel, Mato Grosso.*
27 — *Idem, de Aquidauana ao rio Tabóco, em Mato Grosso.*
28 — *Idem, de Miranda a serra da Bodoquena, M. Grosso.*
29 — *Secção geológica da Gragoatá a ilha da Boa Viagem.*
30 — *Pedreira de Lewtinito no morro da Cavalão.*
31 — *Secção geológica do morro da Armação.*
32 — *Estrutura geológica do morro da Boa Vista.*
33 — *Afloramento de Grafita em Macabu.*
34 — *Secções geológicas através da serra de Itaitindiba.*
35 — *Esboços tectônicos através da Baixada Fluminense.*

O HOMEM E O BREJO

*À memória
de meus avós maternos e paternos,
senhores de engenho em Airises (Campos)
e em São Tomé (Itaboraí).*

*As heróicas gerações de vaqueiros e lavradores,
que, pelas armas e com a charrua, fizeram da ferra campista
o maior centro agrícola do Brasil.*

ÍNDICE GERAL

RESOLUÇÃO N.º 69. DE 12 DE JULHO DE 1941	IV
APRESENTAÇÃO	VII
NOTÍCIA SÓBRE O AUTOR	XI
PREFACIO	XIX
PREFACIO DO AUTOR	XXIII

A TERRA.

FISIOGRAFIA E GEOLOGIA	3
1 — A cordilheira azóica	4
2 — Os tabuleiros terciários	10
3 — A planície quaternária	15
a. — O delta pleistocênico	16
b. — Aluviões e restingas recentes	19
4 — Recursos minerais	24

O HOMEM.

O INDÍGENA	31
A CAPITANIA DE SÃO TOMÉ	52
OS SETE CAPITÃES	56
OS ASSECAS	60
O DOMÍNIO DA COROA	75

A CULTURA.

O MEIO E O HOMEM	89
1 — O Brejo e o Índio	90
2 — O Brejo e o Pioneiro	91
3 — O Brejo e o Vaqueiro	93
4 — O Brejo e o Lavrador	100
5 — A Casa e a Família	125
6 — A Cidade	139
7 — Transportes e Comunicações	152
8 — O Saneamento	160
9 — Conclusões económico-sociais	168
BIBLIOGRAFIA	181
ÍNDICE ANALÍTICO	185
RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES	201

PREFACIO

Instituída com a Resolução n. 68, de 12 de julho de 1941, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, a "Biblioteca Geográfica Brasileira" destina-se a publicação de trabalhos referentes à técnica geográfica e especialmente a Geografia do Brasil.

É certo que em nossa literatura geográfica já podem ser assinalados trabalhos valiosos, em volumes isolados ou pertencentes a grandes coleções nacionais de caráter geral. A não ser, porém, no âmbito estritamente didático, força é reconhecer que tais publicações científicas são ainda relativamente escassas, mormente considerando-se as que obedeçam a moderna metodologia.

Tal situação é perfeitamente explicável, por ser ainda muito recente o movimento renovador dos estudos geográficos brasileiros. Iniciado no campo didático com a atividade de eminentes mestres patricios, foi somente há poucos anos, com a fundação dos cursos superiores de Geografia das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e com a criação, em 1937, do Conselho Nacional de Geografia, que esse movimento se acentuou, entrando finalmente a Geografia nacional na sua fase moderna — a da explicação.

A "Biblioteca Geográfica Brasileira" destina-se, pois, a apresentar aos estudiosos uma coleção de obras geográficas obedientes à moderna metodologia, com dados fidedignos e atualizados.

Além de obras de ciência pura, de trabalhos de caráter prático referente à técnica geográfica, de pequenas monografias e de republicações de obras esgotadas, a Biblioteca dá preferência aos estudos sobre a terra e o homem brasileiros, sempre elaborados com a maior objetividade. Fiel a orientação moderna, de colocar a Geografia a serviço do homem, a Biblioteca deseja oferecer aos geógrafos, e também aos administradores, obras que contribuam para o exato conhecimento e a perfeita compreensão das realidades geográficas brasileiras, base indispensável a resolução dos problemas nacionais.

Para melhor atender a variedade dos gêneros das publicações, serão estas distribuídas em três séries: Série A — "Livros", Série B — "Folhetos" e Série C — "Manuais".

Tendo escolhido a presente obra para iniciar a série mais importante, a de Livros, a "Biblioteca Geográfica Brasileira" julga ter correspondido a expectativa dos estudiosos, oferecendo-lhes trabalho geográfico de indiscutível valor. O Homem e o Brejo foi apresentado pelo Eng.º ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, como tese, ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, que a aprovou com um voto de louvor e solicitou ao Conselho Nacional de Geografia providências para que fôsse publicada em separado. Atendendo a solicitação e considerando a excelência da tese, a Assembléia Geral do Conselho, pela Resolução n. 69, de 12 de julho de 1941, determinou a sua publicação pela "Biblioteca Geográfica Brasileira", deliberação essa que ora se concretiza.

Consagrada pela aprovação unânime de duas assembléias técnicas de indiscutível autoridade, a obra em aprêço é digno fruto da cultura e da atividade fecunda do seu autor, um dos mais eminentes da nova geração de geógrafos brasileiros. ALBERTO RIBEIRO LAMEGO já conquistara posição relevante nos meios científicos como geólogo, não só pela sua intensa atividade de pesquisador rigoroso e profundo, mas também pelas suas criações originais nesse setor da Ciência, dentre as quais cumpre salientar as concepções apresentadas em seus trabalhos Teoria do Protognaisse e Escarpas do Rio de Janeiro, concepções essas respeitadas mesmo pelos seus antagonistas. Sua cultura histórica e sociológica e sua identificação com a moderna metodologia geográfica — já revelada em diversos capítulos das suas obras de caráter geológico, nos quais sempre procurou salientar as relações recíprocas entre os diversos fenômenos da superfície terrestre — permitem ainda consagrá-lo como geógrafo, na plena acepção do termo.

O Homem e o Brejo representa, porém, alguma coisa a mais que um trabalho de frio homem de ciência. Suas páginas revelam ainda o profundo amor do cientista pelo torrão natal e, por isso mesmo, a compreensão do drama humano que aí tem cena. Nascido na cidade de Campos, rebento de sucessivas gerações de Senhores de Engenho, filho do maior pesquisador da história lo-

cal — o respeitado autor de **Terra Goitacá** —, **ALBERTO LAMEGO** está perfeitamente identificado com os problemas da chamada *Baixada de Goitacases* e é um apaixonado de sua terra e de sua gente.

Esta circunstância, longe de diminuir o valor científico da obra, vem reforçá-lo. Um trabalho geográfico atinge alto grau de excelência justamente quando o autor se identifica com a terra e o homem que êle estuda. O geógrafo deve conhecer e compreender o meio que lhe constitui o campo de pesquisas, investigando as suas condicionantes naturais e também a *luta* constante dos homens com os *obstáculos* apresentados pelo meio físico, e a forma inteligente com que êles aproveitam as vantagens oferecidas pela natureza; disso advém primeiramente uma simpatia pronunciada pelos atores dêsse drama, um sentimento de solidariedade humana e de respeito pelo grande esforço despendido na conquista do solo. O verdadeiro geógrafo nunca toma a atitude desdenhosa do simples turista incapaz de compreender as peculiaridades dos diversos grupos humanos e a razão de ser de muitos fatos que se lhe apresentam como excêntricos ou grotescos.

O conhecimento, para o geógrafo, não resulta apenas da fria *observação*, da pura técnica científica; completa-se com a compreensão íntima das realidades físicas e humanas. Para isso, êle deve ser capaz de sentir, de viver os problemas e as aspirações dos grupos humanos que êle estuda, com o cérebro e com o coração. "*Connaître*", diz o eminente mestre **PIERRE DEFFONTAINES**, "*c'est voir et analyser les paysages, pénétrer les genres de vie variés des habitants, prendre parti dans les espoirs ou les angoisses des régions visitées; c'est s'incorporer un moment a un coin de sol et a un groupe d'hommes et devenir ainsi plus largement humain, plus soucieux de la peine des hommes sur la Terre*".

Ê este um trabalho moderno de Geografia **Regional** que o Conselho Nacional de Geografia tem a satisfação de apresentar aos estudiosos da nossa Terra e da nossa Gente, com a particularidade de o ter escolhido para inaugurar a série — Livros — da sua "*Biblioteca Geográfica Brasileira*".

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
Presidente do Instituto Brasileiro
de Geografia e Estatística

PREFACIO DO AUTOR

"Se a Natureza contraria a nossa obra, nós combateremos a própria Natureza. E havemos de vencê-la." — BOLÍVAR.

O alvo dêste ensaio é duplo: mostrar a vitoriosa tenacidade de um grupo étnico brasileiro sôbre o meio físico, desmentindo a apregoada inadaptabilidade do europeu a climas tropicais com uma acelerada evolução cultural ininterrupta, e expor a opressão econômica em que, e em plena fartura por êle mesmo criada, êsse mesmo grupo sempre se debateu, para que definitivamente o livrem dela.

Foi, e continua a ser a estabilizada opinião de muito sociólogo e antropologista míope, murado pelos Alpes e Pireneus e não conseguindo projetar idéias além-Mediterrâneo, que a civilização ibérica, transportada sôbre o mar, não passa até hoje de um portentoso atrevimento de conquistadores fantasistas. Que algum dia venha a Ibero-América entestar com a Europa ou mesmo ultrapassá-la, é para êsses, quando muito, assunto fértil de palestras humorísticas.

Para êles a cultura é privativa do Norte. Jamais poderá galgar o equador em seu avanço para o sul. Atingirá talvez as costas africanas sob o foco tutelar vizinho. Mas se enterra no Saara, um oceano de areia, ou se afoga no Atlântico um deserto liquido.

Além da Europa, só é admissivel a colônia. Povos bárbaros que, por magnânima aquiescência dos herdeiros de Atenas e de Roma, usufruem lampejos civilizadores que a distância empalidece. Povos que, em perpétua penumbra cultural e epidérmica, alvoroçados no tumulto étnico dos caldeamentos rudes, sondam as apalpadelas o caminho para a luz, que vem do Norte.

Fora do continente privilegiado e de seu prolongamento nórdico na civilização branca dos ianques, só a incapacidade coletiva dos países mestiços, a sua inadaptação ao ritmo do progresso, o depréstimo de quaisquer idéias suas originais. Nenhuma possibilidade de ascendência e predominio para êsses povos inaptos a competição, e que em sua proverbial indolência nativa, negligên-

ciam até mesmo entrecocar-se com arreganhos belicosos de ambições continentais.

*Para uma tal mentalidade peculiar e generalizada em classes cultas européias, tão chocantemente falhas de acuidade visual, as nações sul-americanas que já não podem ser retidas como colônias territoriais, só lhes é permitido o **colonato** espiritual e financeiro. Simples produtoras de matéria prima acorrentadas ao capitalismo internacional. Nada mais.*

*Pobre Europa cicatrizada de fronteiras! Exangue de lutas milenares, emaranhada em preconceitos étnicos e crispada de ódios atávicos, tenta em **vão** deter a ronda continental e evolutiva da cultura humana, que segue a rota solar.*

*Envaidecida **nos** requintes de uma civilização hoje protocolar, subestima os valores novos que vivamente surgem **aquém-Atlântico**, preludiando o clarear de uma era nova. A era da América. A era das iniciativas conjugadas de povos em harmonia, disparando livres para os horixontes de braços abertos.*

*A velha Europa busca novos rumos para desvencilhar-se de atropelamentos' raciais, que em sua longa caminhada histórica entrelaçou. **Mas** a cada passo antolham-se-lhe empecilhos. A carga do inconsciente coletivo é por demais pesada e não lhe permite mais sublimações **idealísticas** e **humanitariamente** universais. Explodem os recalques milenares que em botes brutos batem **britadores** derrubando os baluartes básicos de **tôda** uma cultura encanecida.*

*A guerra! A única solução fora dos sofismas convencionais dos tratados. E os europeus, empequenecidos pelo trato contínuo do ódio mútuo se aventuram com **a** hecatombe. Por duas vêxes tentam levá-la **a** todo o Mundo.*

Os acontecimentos, porém, cada vez desdobram-se de todo diversos do que pressupunham. Cada sangria na Europa é um revigoramento das Américas. Nascem as indústrias pela impossibilidade de importação, e, quando finda a carnificina, cumulativamente brota redobrada para os europeus a situação mais angustiosa pela perda dos mercados.

*O ciclo reincidente é irremediável. A guerra pela concorrência, e a concorrência para a guerra. Impossível qualquer **estabilidade** social permanente nesse **caranguejar** de ensaios abortícios do equilíbrio.*

Verdade é que, na conflagração atual, em que mais uma vez detonam explosivamente infinitas angústias comprimidas no vulcanismo europeu, já se nota sôbre os escombros da catástrofe o rosear de uma alvorada.

A gente nova exclui do mando a velha megera plutocrática de coração no ventre. Enxota a quadrilha encartolada e cínica das guerras imperialistas, notórios piratas seculares de quanta nação fraca houver, em proveito de sua trama labiríntica de insondáveis intestinos internacionais. Os povos exaustos de parlamentarismos sugadores e a serviço de ocultas camarilhas, reerguem-se aniquilando-os. A Europa tenta salvar-se por um sadio rejuvenescimento das idéias. Conseguiu-lo-á porém desta vez?

É que há obstáculos étnicos e econômicos quase intransponíveis, que se agigantam ainda mais ao vermos a civilização plantada dêste lado crescer paralelamente e sem a reterem estorvos do passado.

Na corrida, agora já inevitável, com a América, é quase certo que a Europa se retarde, tropeçando em recordações, atolando-se na lama de sangue de seus ódios milenares, acotovelando-se nas fronteiras raciais de suas nações prolíficas e minúsculas.

Ninguém melhor viu isto que BOLÍVAR ao jurar solenemente em Roma, no Capitólio, libertar sua vasta família continental, exclamando: "A civilização vinda do Oriente foi aqui iluminada em tôdas as fases, reluziu sob todos os prismas: apenas o grande problema de dar liberdade aos homens é que não soube resolver, isso ficou reservado para nós, para o Novo Mundo".¹

Entre nós mesmos, entretanto, há uma espantosa civilização de arranha-céus que nos força a olhar para as estrêlas, mas que resguarda com puritana rispidez a pureza racial, arianamente immaculada em sua virgindade inviolável.

Por isso é que, se o americanismo concretiza em si uma nova humanidade, sômente o ibero-americanismo poderá guiá-la para ideais definitivamente orientadores.

Essa palavra é tudo para o mundo em desespero. Todo o futuro dela espera o alvorear de um novo Sol, na penumbra dos séculos caducos. Enquanto a um fatalismo trágico deperecem os povos enrugados, as nações latino-americanas se acomodam em

¹ ДИЕТРИХ, Woifram: "Simão Bolívar". Trad. bras. Pôrto-Alegre, 1927, págs. 25-26.

suas interrelações continentais com fronteiras cordialmente avulçadas.

Por trás delas, países serenamente amigos. Amplidões desmedidas de espaços hospitaleiros. Alvo derradeiro e único de tôdas as caminhadas raciais. Abraço final de tôdas as esperanças étnicas, milenarmente nômade. Síntese definitiva de tôdas as civilizações, nas raças livres que se mesclam disciplinadas pelo sentimento.

Tudo isto só é praticável na América Latina, ontem cavalheirescamente caudilhesca nas acomodações diversas da liberdade, hoje fraternalmente labutadora no domínio da terra para o bem comum.

Nada disto é possível nos continentes imodificáveis. Na África retalhada de senxalas coloniais. Na Ásia nirvânica ou amarela-mente cadaverizada em imutáveis tradições. Na Europa sangrenta e suicida que se degola.

A ser verídica, a teoria de Wegener é mais que um símbolo. É um aviso ao homem e que o antecede de milhões de séculos. A realidade física presciente do Amanhã. A tectônica geológica a estruturar e edificar providencialmente um mundo para o homem final.

Unida primitivamente à Europa e à África, a América separou-se delas. De norte a sul, um golpe descomunal rachou a terra no mesozóico. As massas continentais de sial que flutuam no embasamento plástico do sima despediam-se para sempre.² Com a fresta, nascia o Atlântico.

E desde aquela época, com as idades que passam, também a América vai deslizando para oeste. Dezenas, centenas, milhares de quilômetros afastam definitivamente o Novo Mundo. América do Sul e África até hoje guardam como lembrança da unidade inicial o paralelismo dos litorais opostos, que reaproximados se ajustariam com a exatidão dos contornos de um talho.

Apartada geograficamente do Velho Mundo por um fatalismo geológico, a vida desterrada continua na América. Novas formas evoluem separadamente. Outra fauna, outra flora, outro meio, se distinguem.

De tempos idosíssimos marcham lentamente as Idades. Cretácio e Terciário. Chega o homem sobre a Terra: escassamente

1 WEGENER, Alfred: "La Genèse des Continents et des Océans". Paris, 1937

há um minuto na vida geológica do Planeta. Move-se. Percorre-a em bandos que se adensam. Observa e medita. Habita cavernas, lasca pedras, caça rebanhos, funde o metal, constrói palafitas, planta e pastoreia, ergue pirâmides, templos e cidades. Escravidão e liberta-se. Organiza-se em clãs, em reinos, em impérios. Adora deuses e a Deus. Lê e escreve. Artes, ciências, filosofias, brotam triunfalmente de seu cérebro. Civiliza-se.

Mas vara tumultuariamente tôda a História, na desesperação de insatisfeito. Guerras! Guerras! Guerras!

Com elas, morre a Africa no berço. Com elas, trucidada-se a Asia veneranda e filosófica. Com elas, despedaçada-se a si mesma a Europa materna e infelicíssima.

Energias ciclópicas, idealismos sublimes, heroísmos divinos, magnificências fantásticas, belezas supremas, tudo rui, se desfaz, desaparece nos perpétuos turbilhões sangrentos de um continente esquarterado em nações!

Poderá salvar-se a Europa desta vez? A oportunidade é a derradeira. E só conosco, com a Ibero-América, a salvação é possível. Com a nossa alma fraternal, o nosso espírito conciliador, o nosso imenso coração desapegado de conquistas. Sômente nós, em todo o Globo, temos o prestígio moral de poder falar em nome da humanidade, porque somos a síntese sanguínea de todos os povos da Terra.

A Providência, isolando a América, destinou-a. Estirou-a de pólo a pólo, abraçando a Terra, e pôs-lhe ao redor e em guarda quatro oceanos a bramir. Dilúvios canalizados, enflorestados penetrais, chapadões e pampas infinitos. Dos vagalhões do Atlântico a bater no Oriente à inquietação vulcânica dos Andes tumultuários, é todo o espaço imenso em expectativa do futuro. Os maiores rios, as maiores florestas, a maior das cordilheiras, aguardam o êxodo final dos continentes em declínio e os cérebros adultos para os domarem a bem da humanidade.

A América pelo determinismo geográfico, é a Canaã dos povos e das raças, das idéias processionais arrastadas pelos milênios sobre o Globo em busca de um pouso permanente e firme para as suas lavouras, as suas indústrias, as suas ciências, as suas artes e as suas crenças. Nela tudo surge e prolifera de repente e em grande escala, como as suas culturas ilimitadas, os seus rebanhos incontáveis, a sua população vertiginosamente em alta, a geração espontânea de suas cidades.

Inacreditável **AUGUSTO COMTE**, quando, ao padronizar eminentemente a mentalidade transatlântica, profetiza que havia de ser Constantinopla, entre a Europa e a **Ásia**, capital do Mundo futuro.³ Ilusão eterna de europeu estático, **incorrigivelmente** à espera de nova luz da mesma parte de onde a outra veio. Vaidade obstinada em não querer alongar o olhar para o caminho do Sol, em seu evidente apontar à marcha da Civilização. Impossibilidade em compreender que o abismo que separa os extremos humanos não é o Dardanelos — uma vala —, mas o Atlântico e o Pacífico — dois abismos. **Impraticabilidade** racional de perceber a predestinação geográfica da América na **evolução** histórica do homem.

Crendo cegamente na supremacia bélico-bancária, e incapacitado de galgar o Atlântico, o europeu volta-se, como todos os seus grandes cabos de guerra para o Oriente. A sua moral encarquilhada e o cansaço visual de centenário impedem-lhe o reparar em coisas novas bonitamente **erguidas** aquém-mar, onde o Mundo se retonifica.

Porque em **tôda** parte **dêste** lado, despidos de andrajos **atávicos** retrogradantes, núcleos humanos inumeráveis constroem na ausência de ruínas **históricas** na terra livre de heranças rancozadas, com a alegria juvenil das novas raças que caminham de mãos dadas.

Diluiu-se a lenda mal contada do absolutismo definhante **da** ambiência tropical. Provado está que é justamente **aquí**, ao embate dos contrastes ambientais da natureza violenta, que o homem sucumbe ou impera. E o homem já é um vencedor.

Mas para o domínio dessa natureza são necessários requisitos de gigantes. A superiorização de atributos étnicos selecionados. A resistência biológica superativada. A vivacidade intelectual **aguçada** e os caracteres morais equilibrados. Sobretudo uma nova concepção da Moral, despojada de sofismas, e que estabilize as regras da conduta humana, encaminhando **tôdas** as iniciativas ao bem-estar comum das coletividades e **não** para usufruto exclusivo de plutocracias pantagruélicas.

■ COMTE, Augusto: "Catecismo Positivista", trad. de MIGUEL LEMOS, 3.ª edição, Rio, 1905, págs. 469-470.

Este é o presente da Geografia à humanidade. A oferenda da América resguardada de contágios pelo isolamento oceânico, para o plantio da grande era.

Aos que eternamente em dúvida se encarrapatam agarrados à carcaça dos séculos mortos, vaticinando o milagre impossível das ressurreições, apresentamos um daqueles núcleos em que o homem da América forja a vida nova.

*Para todos êsses que, retardatariamente assim opinam, a região de Campos é uma **contradição** flagrante. Um simples olhar à carta que acompanha êste trabalho no-la apresenta em sua chocante realidade. Uma pequena Finlândia tropical.*

*Centenas de lagoas, de brejais e alagadiços; do banhado imenso a insignificante poça, depressões sem conta; pântanos que recebem lavouras na estiagem e que as afogam em tempos de água; tremedais perenemente inacessíveis, baixadas atoladiças; charcos intermitentes chupados pelos alíseos e que se alagoam sob as chuvaradas, invadindo culturas; atoleiros barrando estradas; lamaçais engulindo o gado; o **Paraíba** transbordante e devastador, galgando as ribanceiras, espraçando-se pelas pastarias, assolando canaviais, destruindo habitações, esgalhando-se em torrentes de rumo incerto, ao sabor de caminhos de água evanescidos num velho delta fossilizado; a malária, a ancilostomíase, as endemias latentes. . .*

*No meio de tudo isso, o homem isolado. **Sôzinho** durante trezentos anos. A princípio, como companheiro o índio **insociável**, o tapuiio tremendo. Quando saía do brejo, entrava na floresta **ao norte e a oeste**. Se marcha para leste e para o sul, estaca **na Lagoa Feia** ou enterra-se no deserto das restingas que o afasta do mar.*

*Vias de comunicações terrestres precaríssimas. Um **pôrto de mar** temido. Intercâmbio cultural quase impossível.*

*Um meio péssimo. Inconquistável. Incivilizável. Exclusivo para as aldeias lacustres do Goitacá nativo. Caso nascessem há trezentos anos, assim teriam pontificado, a sorrir, certas culmânias da Sociologia do ultramar. Porém a paz dos **túmulos** seculares haveria soterrado a **candidez** de seus ditames.*

*Infelizmente para êles, — ainda os há e muitos, em nosso tempo —, que terão assim de verificar com os olhos próprios o peiro de **antedar-se a** devaneios teóricos e precipitados.*

Porque, neste meio inferior, o homem pode apresentar-lhes como resultados de seu teste, entre outros dados convincentes, os seguintes: uma das maiores cidades do Brasil interior, maior que várias capitais de Estados — „levantada entre **paúis**. **Dezessete** usinas de açúcar com uma produção média anual de dois milhões de sacos. **Trezentos quilômetros** de estradas de ferro de serviço público e mais outros tantos de linhas agrícolas e particulares. E, evoluindo em proliferação crescente, o município brasileiro de maior população, com seus trezentos mil habitantes definitivamente estabilizados.

O isolamento e o abandono espicaçaram a iniciativa própria e, estimulado pela fartura do solo, o homem venceu, resolvendo os seus próprios problemas.

O exemplo é grande para o Brasil e digno de propaganda. Se nesta zona e com **êste** ambiente fizemos tanto, que não se esperar de regiões outras com o amparo oficial?

Que nos promete sobretudo essa baixada **alagadiça** e formidável da **Amazônia**, sedimentada pelo grande rio para os exércitos de trabalhadores do futuro?

País de grandes rios indomados a se precipitarem pelas margens, alagoando-as e fecundando-as, que o exemplo singular dos campistas sirva de estímulo e seja visto esperançosamente como escaramuças **vanguardieras** da maior batalha, — para muitos desesperadora —, que se nos defronta com a responsabilidade imensa do **patrimônio** geográfico que nos coube: a luta entre o homem e o brejo na Amazônia.

▪

Não há pretensões literárias neste ensaio. Dos poucos meses **dêste** ano para o executar a prazo fixo, a metade foi absorvida em consultas **bibliográficas**, **coleta** de dados estatísticos, desenhos de mapas e gráficos, busca e preparo de ilustrações fotográficas. Assim, vai êle apenas falquejado no trabalho original, escrito de uma vez, sem que tivéssemos oportunidade de o polir.

Daí o apresentarem-se **necessariamente** alguns capítulos sem a esperada concisão de uma sequência bem orientada, nos **quais**

os fatos, embora verídicos, se amontoem talvez com a irregularidade dos depósitos torrenciais. Porque, como nos processos geológicos indispensáveis a uma perfeita sedimentação, só a calma e o longo tempo conduzem a bem acabada harmonização da forma literária.

Do conjunto da obra, entretanto, uma realidade viva aparece repetidamente como um leit-motiv: é a forte intimidade entre o homem e a terra, a influência decisiva do meio **sobre o** indivíduo cujas reações sociais se centralizam antes de tudo nesse extraordinário apêgo ao solo do campista.

Por isso é que, destinando dar ao **livro** uma apresentação sintética, achamos bom dividi-lo de maneira simples, segundo o plano de **RÉCLUS**, já insuperavelmente usado entre nós por **EUCLIDES DA CUNHA** em "Os Sertões".

Outros, ao desenvolverem temas semelhantes, distribuíram sua exposição em partes que condizem com pesquisas minuciosas. Bastam como citações as obras mestras de **OLIVEIRA VIANA** e de **GILBERTO FREIRE**.

Não vão, porém, tão longe nossas ambições. "A Terra e o Homem" é uma expressão cujo emprêgo parcelado em seus dois **têrmos** se ajusta bem a um trabalho **dêste** gênero, ao mesmo tempo que facilita o entender as mútuas reações entre a base física e a inteligência humana. Não pretendemos, como aquêles mestres da antropologia brasileira, ir por demais a dentro em matéria especializada. Nosso fim é antes antropogeográfico. Nosso intuito apenas relacionar o estudo das formações geológicas, com uma revisão dos fatos mais conspícuos e expressivos da passagem **sobre** elas do homem trissecular. E, com isto, fomos levados no capítulo final a patrioticamente indicar, de **acôrdo** com a formação histórica firmemente sedimentada na psiqué **dêsse** grande grupo étnico, normas de legislação **econômica** que nos parece conduzirão a prosperidade e ao contentamento coletivo.

A obra é talvez rústica. De primeiro jacto e sem refinação. Mas como o açúcar bruto, com **tôda** a aspereza dos cristais e um tanto amargo a paladares plutocráticos requintados, é provável que **não** desagrade ao homem do campo e do trabalho, que não conhece outro.

*Porque como êste, o livro também sai do próprio barro da planície. É o clamor das gerações enterradas que o fecundaram, simples e honradas, incansavelmente laboriosas, mas por isso mesmo inflexíveis na vontade hereditariamente transmitida de que **tôda** a sua luta, todos os seus penares e reveses tenham, ao menos, como paga justa o **consôlo** de ter filhos mais **felizes**.*

Campos, 31 de julho de 1940.

ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

A TERRA

"E primeiro, antes de começar a história da vida, vamos dizer alguma coisa do palco em que se desenrola o nosso drama e do cenário em que é representado".

H. G. WELLS. — *História Universal*.

FISIOGRAFIA E GEOLOGIA

"A Geografia prefigura a História". —
EUCLIDÊS DA CUNHA.

"Ajuntem-se as águas debaixo dos céus
nesses lugares; e apareça a porção sêca
E assim foi". — GÊNESE, I. 9.

A topografia do norte fluminense caracteriza-se por três divisões essenciais, correspondendo exatamente às formações geológicas: a cordilheira, o tabuleiro e a planície.

A cordilheira é azóica. Os tabuleiros sedimentares, tidos como terciários, continuam provisoriamente classificados nessa Era, embora, a nosso ver, a sua verdadeira identidade requeira esclarecimentos mais precisos. Finalmente a planície quaternária, começando a se formar desde o Pleistocênio, ainda hoje continua a solidificar-se e a estender-se.

Visando a maior clareza, decidimos agrupar num só capítulo a descrição fisiográfica e a discriminação geológica, tão intimamente unidas entre si, mormente ao tratar-se de pesquisas histórico-sociais no campo da Antropogeografia, as quais imperativamente envolvem como preliminar uma síntese dos conhecimentos da base física em que se move o homem.

For isso é que, em vez de separá-las, como temos feito em estudos especializados, juntamos a Fisiografia à Geologia, subordinado-as em conjunto a diretriz essencial e humana que prima na estrutura dêste ensaio.

Ademais, tão firmes se vinculam os fenômenos geográficos, geológicos e fisiográficos na região de Campos, que, desuni-los em análises distintas, seria obscurecer a nitidez dos fatos dispersando-os do entrelaçamento natural.

Nestas formações tão dispares pela estrutura, pela composição e pela resistência, as forças gliptogenéticas, — originadoras do relevo —, trabalharam diversamente, intensificando contrastes dos mais vivos.

A geomorfologia, que estuda o desenvolvimento do relevo terrestre, necessita nessa região de disparidades tão notáveis quer em sua petrografia quer na estratigrafia e na tectônica, de um aprofundamento nas pesquisas locais em todos êstes ramos da Geologia.

"Sin el conocimiento de la estructura geológica no se puede intentar una explicación de las fuerzas gliptogenéticas. Una cuestión importante se plantea, por ejemplo, cuando se piensa si las fuerzas geológicas actuales han creado las formas topográficas, o, por el contrario, son el resultado de fuerzas que actuaron

en otros tiempos; o de otro modo: las formas topográficas que hoy vemos son actuales o anteriores a nuestra época?".⁴

A pergunta do geólogo alemão cai a propósito nesta faixa litorânea brasileira, onde os relevos contrastantes se aconchegam.

Qualquer estudo *sobre* a evolução histórico-social de um grupo humano deve ter por base o meio telúrico, com as suas imposições seletivas, suas diferenciações de atividades, seu refreamento a diretrizes inadaptáveis. Mas, para uma integral concepção da influência daquele meio com sua ambiência peculiar a cada região terrestre, não basta a descrição sumária das condições fisiográficas gerais com seus elementos paisagísticos. É necessário olhar para a própria terra que o homem pisa. Vê-la surgir desde o fundo obscuro das Idades, quando o Globo se solidificou; acompanhar a subida lenta dos estratos que nas profundezas oceânicas se *acamararam*; perceber os dobramentos, as fraturas, as falhas que orientam a erosão constante; descer com os cursos de água e seus detritos que se refinam, remoídos até o mar; observar os deltas encharcados onde a terra sobe e enxuga lentamente, depositada pelas águas lentas que se espriam.

A Geografia, como disse bem um geólogo francês, "é formada de pedras ou, melhor, de rochas; a Geologia é mais que sua irmã — é a sua *alma*".⁵ Porque o determinismo geográfico resulta de um determinismo geológico, que o precede e lhe dá um plano geral definitivo, impondo as forças erosivas condicionadas por influências climáticas, disciplina indesejável na feitura do relevo. E o relevo tem função primordial na evolução econômica e subsequentemente cultural de Campos, tanto pela distinção do solo nas três divisões da geomorfologia regional, como pela adaptabilidade a cada um dos processos habituais da lavoura canavieira.

Volvamos um olhar ao começo das Idades, e, com elas vindo *sobre* as transformações terrestres, sigamos a tectônica do tablado e os preparativos bilenares do cenário em que o micróbio humano proliferou, no segundo insignificante que é *tôda* a sua história de alguns séculos.

1. A CORDILHEIRA AZÓICA.⁶

É a mesma Serra do Mar que, de Santa-Catarina ao Distrito Federal, se ergue abruptamente em *paredão* costeiro, onde arrebetam as ondas do oceano.

Esta grande cadeia é na realidade uma pseudo-cordilheira no sentido estratigráfico, visto não apresentar os clássicos caracteres estruturais de um geoanticlinal. Encarando-a topograficamente, é apenas a aba do grande planalto brasileiro, que termina de sú-

⁴ PASSARGE, Siegfried: "Geomorfologia". Trad. por GOMEZ DE LLARENA, Barcelona, 1931.

⁵ ROBIN, Aug.: "La Terre", Paris, pág. I.

⁶ Empregamos o termo *azóico* em lugar de arqueano, por motivos expostos na "Teoria do Protognnis". "Bol." n.º 86 do Serviço Geológico e Mineralógico, Rio, 1937.

bito à beira do Atlântico. Semi-montanha, como a classificou DEFFONTAINES.⁷

De constituição gnáissico-granítica, a grande serra que vem do sul afasta-se do litoral em Itaguaí, contorna a Guanabara e avança para nordeste, largando a beira-mar em grupos isolados o maciço da Tijuca, no Distrito Federal, e a série de serrotes que de Niterói se alongam para Cabo-Frio.

No trecho deprimido entre tais elevações e a cordilheira, começa então a Baixada Fluminense, que se irá distendendo para leste.

A região assim denominada não se compõe exclusivamente de terrenos baixos e empantanados. Ao contrário, a desenvoltura da topografia em certas áreas é por vezes bem notável, salientando-se em montanhas de rochas azóicas de centenas de metros de altitude. E estas nem sempre se unem à Serra do Mar nos contrafortes que descem a planície, ásperos de pontas gradativas.

As vezes, tais elevações, quer isoladas, quer unidas em pequenos serrotes, aparecem destacadas da ossatura mestra da cordilheira, revelando submersão do território em épocas geológicas não remotas.

Das cabeceiras do São Pedro e do Macabú, onde sobe imponente o pico do Frade, outro galho divisório parte para leste, desenhando no ar o perfil curioso da serra do Homem Deitado. Mas daquele último rio para nordeste, o paredão aos poucos tende a unificar-se, margeando o rio Imbê que o acompanha paralelo em rumo geral quase retilíneo.

Dominando o curso dêsse rio, a serrania engrossa. As cumieiras se elevam do República ao Mocotó, unidas na alta crista da Serra Grande e acidentadas nos poderosos relevos da Grandeza e do São Mateus. Em seguida, enquanto o tronco da cordilheira continua até o Paraíba, dividindo os rios Preto e Colégio, um vigo-roso espigão separa aquêlo do rio Imbê no baixo curso.

A cordilheira do Mar pròpriamente dita morre no Paraíba. Além dêste, continuam serrotes elevados e paralelos. Transposto o Muriaé, no mesmo alinhamento, avulta a serra da Onça, e, próximo aos limites com o Espírito-Santo, crescem de repente, em beleza e magnitude impressionantes, a maravilhosa Pedra-Lisa sôbre o pequeno maciço dos Baús e, mais ao norte, o Garrafão. Todos êstes relevos, porém, nada mais conservam da primitiva unidade geográfica da imensa cordilheira que nos vem do sul, desmantelada por desabamentos e corroída pelos cortes do Paraíba e do Muriaé, e outro tanto se poderá dizer da serra do Itapemirim, a qual, além do Itabapoana, ostenta picos só comparáveis aos da crista angulosa da serra dos órgãos na Guanabara.

O Paraíba talha a zona montanhosa na garganta do Sapatteiro, entre São Fidelis e Itereré. Na margem esquerda, entretan-

⁷ DEFFONTAINES, Pierre: "Geografia Humana do Brasil". *Rev. Brasileira de Geografia*, n.º 1. Rio, 1939.

to, a estrutura maciça da serra desaparece. As serras do Sapateiro e da Bandeira, que atingem 850 metros de altitude, e, mais a leste, a do Imburi, já têm caráter fragmentário, não obstante se distenderem em muralhas entre o Paraíba e o Muriaé.

Para sueste, na mesopotâmia que se dirige para Campos entre êsses rios, a região é rebaixada, apenas se agitando nas elevações da serra da Palha e nos morros de Sapucaia, já confinantes com a planície de aluviões que bordam alguns testemunhos dos tabuleiros apegados a aba dos relevos gnáissicos.

A topografia da faixa ocupada pelas serras da Bandeira e do Imburi caracteriza-se por urna série de cordões paralelos, cuja direção continua a mesma da Serra do Mar. Nenhum mapa do Estado do Rio discrimina essa feição topográfica. O melhor, o do Centenário, mostra a serra do Sapateiro como um divisor compacto e ininterrupto entre o Paraíba e o Muriaé, ligado a serra de Monte-Verde no município dêste nome.

Tal representação é inexata. Há um extraordinário rebaixamento na margem esquerda do Paraíba, na zona de São Fidelis, bem visível da estrada de ferro entre esta cidade e Cambucí, onde o elemento dominante na paisagem é o morro baixo.

Entre Quumarim e o quilômetro 380 da Leopoldina, há urna série destas elevações, altas e isoladas, não longe do rio, de formas ásperas e ponteadas, denominadas "pontões", ilhadas na topografia deprimida e ondulante, particularmente entre Pureza e Cambucí.

Para montante, a serra volta a dominar, sobrepondo-se a tôda uma região de pequenos morros que sobem apenas algumas dezenas de metros entre aquelas duas localidades.

Há, portanto, uma grande depressão entre as serras do Sapateiro e de Monte-Verde. A paisagem montanhosa desaparece, dando a impressão de um amplo vale abandonado em tempos idos, e posteriormente rejuvenescido pela erosão.

Esta faixa vai do Paraíba ao Muriaé. Atribui-la a efeitos erosivos dos cursos de água atuais não é possível. Seria admitir para esta zona de pequenos ribeirões afluentes daqueles rios, rochas cristalinas grandemente susceptíveis ao desgaste. E isto não se dá.

As nossas conclusões petrogenéticas sôbre o Azóico brasileiro, impressas na "Teoria do Protognais",⁸ cada vez mais se solidificam e cristalizam.

Provamos que o rio Paraíba, em grande parte do alto curso, corre na grande calha de um sinclinal das rochas mais antigas do Planeta, representantes da consolidação primitiva de um globo fluido e incandescente, rochas estas cuja existência atual é negada por quase todos os tratadistas que as não encontraram em outras regiões.

⁸ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "Teoria do Protognais". "Bol" 86 do Serviço Geológico e Mineralógico, Rio 1937.

Prolongando os estudos então executados até Pôrto-Novo-do-Cunha, verificamos que a mesma estrutura da cordilheira permanece intacta, com a mesma simplicidade estrutural estratigráfica, oriunda do mesmo orogenismo inicial que denominamos *brasílico* e anterior ao lourenciano. A Era Brasília precede tôdas as outras e marca o surgimento das primeiras terras, com uma rocha superficial plagioclásica e de origem pré-aquática que batizamos de protognais.

Se nos outros escudos cristalinos primitivos, essa rocha primitiva não foi achada, é que todos êles foram severamente castigados, no correr das eras, de consecutivos diastrofismos, responsáveis pela destruição total das rochas e por seu renascimento metamórfico.

Em certas regiões brasileiras, entretanto, a extraordinária estabilidade continental através do Tempo conservou o embasamento cristalino, quer mantendo-lhe a composição química e a textura cristalográfica, quer permitindo, pela simples intromissão de um batólito granítico na estrutura estratigráfica simplicíssima, o estudo da filiação de todos os outros tipos de gnais ao plagioclásio-gnais primitivo. Tal se dá, por excelência, na Serra do Mar do Estado do Rio.

Os mesmos fenômenos tectônicos e petrográficos por nós observados na Capital Federal e vizinhanças continuam imutáveis em tôda a cordilheira até o norte fluminense. A mesma calha de protognais orienta o Paraíba até Cambucí. A direção comum das camadas dessa rocha, quando não perturbadas de bossas graníticas, compele os afluentes encaixados a cursos paralelos ao grande rio, e há sempre o mesmo aparecimento de tipos secundários de rochas metamórficas, tais como migmatitos, leptinitos, biotita-gnais e gnais graníticos e lenticulares, todos indiscutivelmente resultantes de reações dínamo-metamórficas batolíticas de um microlina granito sobre a massa uniforme em textura e composição das dezenas de milhares de metros de espessura do plagioclásio-gnais fundamental.

É bem provável que, em vista destes argumentos, a depressão entre Pureza e Cambucí, continuando a mesma orientação do vale do Paraíba para nordeste, represente um antigo vale, embora fenômenos tectônicos já prenunciem um grande desabamento pela súbita elevação que, com o mesmo rumo, parte da localidade última. É esta um alto paredão que dali vai para nordeste, limitando bruscamente a zona de terrenos baixos.

Outra insinuação de antiga continuidade do Paraíba para o mesmo grau do quadrante nota-se um pouco acima de São Fidelis, quando outro estirão do leito atual teima em prosseguir com a velha orientação. Os vales do ribeirão de Grumarim, afluente do Paraíba, e do Brejinho, que desagua no Muriaé, são francamente abertos, apenas separados nas cabeceiras por elevações de pouca altitude.

Compreendidos êstes fatos, resta-nos uma observação notória. O vale do baixo Muriaé é evidentemente mais antigo que o do Paraíba entre São Fidelis e Itereré, onde começa a planície quaternária.

Basta a um geólogo experimentado examinar, de uma elevação de Campos, a chegada dos rios à planície, para o fato ser visível. O Paraíba sai de uma garganta estreita, sulcando serranias brutas e expande-se rapidamente na planura. Já o Muriaé tem outro aspecto no seu vale. No menor desenvolvimento dos relevos, talhados em rochas de natureza idêntica, na visão ampla que se descortina, indo atingir até elevações de Itaperuna, verifica-se um trabalho muito maior das forças gliptogenéticas.

Nada indica um maior volume primitivo daquele curso em relação ao do Paraíba. Não há possível comparação entre as duas bacias. Quanto à menor resistência ao ataque da erosão nas rochas do Muriaé, determinando maior desgaste, não existem motivos para admiti-la. Ao contrário, no vale deste rio entre Cardoso Moreira e Outeiro, abundam os gnais-graníticos e mesmo o gnais lenticular, dificilmente atacáveis.

O corte do Paraíba no Sapateiro deu-se em gnais físsil, com intensa feldspatização. Há abundância de quartzo e feldspato. Na pedreira do quilômetro 353, tivemos ocasião de examiná-lo com minúcias, notando abundância de granadas, pirita e veios de uma rocha esverdeada. Ora, tal textura e composição tem-se revelado em nossos estudos das rochas azóicas brasileiras, uma das mais atacáveis e destrutíveis pelos agentes erosivos.

Portanto, tudo nos leva a admitir que a passagem do Paraíba no Sapateiro é mais recente que a do Muriaé entre as serras da Onça e da Bandeira.

Desta maneira é plausível pressupormos que, inversamente ao que se deu no alto Paraíba com a admitida captura das nascentes do Tietê por aquêle rio, o baixo Muriaé ocupa atualmente o leito do Paraíba, o qual, em busca do Atlântico continuaria rumo a nordeste por mais uma vintena de quilômetros.

Esta hipótese, aclarando talvez os supostos fenômenos de argilas glaciárias que HARTT anota em sua travessia de São Fidelis ao Muriaé,⁹ redundaria em importância decisiva na futura formação do delta de São Tomé, como adiante explanaremos.

A mudança do curso do Paraíba para Itereré através do Sapateiro, de origem mais recente, ter-se-ia originado em alguma diáclase, a qual, a exemplo de tantas outras na região, partiram transversalmente a cordilheira. Tais fraturas seriam contemporâneas de movimentos epeirogênicos de mais ampla envergadura, possivelmente associadas a compensações isostáticas. Um dos elementos que mais reforçam a idéia de grandes desabamentos em toda esta zona é a abundante ocorrência de águas medicinais em

• HARTT, Ch. Fred.: "A Journey in Brazil". Boston, 1870. Pág. 51.

o norte fluminense, ao mesmo tempo que a topografia apresenta êstes enormes paredões que limitam bruscamente tanto a Serra do Mar como a da Bandeira e a do Imburí, e, mais ao norte, a inigualável Pedra-Lisa, um pacote vertical de camadas gnáissicas orientadas de leste a oeste, que, visto de perfil, levanta a sua agulha a cêrca de setecentos metros de altitude.

Ao longo dos rios Preto e Imbê, no derradeiro trecho da Serra do Mar, a Baixada é granítica. Comumente um granito porfiróide, com grandes cristais feldspáticos retangulares e de vários centímetros, aparece em grandes *boulders*, quer na base da cordilheira, quer entupindo os leitos do Segundo-Norte, do Mocotó, do Preto e de seus afluentes no primeiro trecho encachoeirado. A mais rápida consolidação dessa rocha porfiróide inibiu-a de reagir profundamente sobre o gnais primitivo, dando-se, dêste modo, ao contrário do que sucede na região de Petrópolis, por exemplo, a passagem quase brusca do granito ao protognais já dominante pouco atrás da grande escarpa, nos vales do Colégio e dos Dois-Rios, em São Fidelis, que a isso devem o seu paralelismo.

Nos municípios de Pádua e Itaperuna, a própria hidrografia indica a perda da unidade estrutural das camadas tão notável na cordilheira marítima no Estado do Rio. Sem dúvida, alguns ribeirões ainda obedecem ao rumo geral para nordeste. Porém a estratigrafia grandemente obliterada permitiu ao Muriaé rasgar transversalmente a zona montanhosa e aos seus afluentes da margem esquerda, desorientados, retalharem a região.

No médio Muriaé até Itaperuna, onde a rocha regional em que se encontram encaixotados valiosos depósitos de mármore branco é um gnais claro, silicoso e de grã fina, rico em plagioclásio, a direção para nordeste persiste em lugares, embora já se notem violentos e inesperados desvios locais. Da cidade de Itaperuna para oeste, ao longo do rio até Minas, maior persistência no rumo de nordeste é observada, porém o mergulho oscila por vêzes em rápida oposição, indicando um robusto orogenismo responsável pela aparição de um gnais escuro e milonítico, do tipo Ipanema.

Evanesce a continuidade dos relevos grandiosos nessa faixa entre os dois Estados, e as montanhas, quando se avolumam, como o Peito-da-Madama, ou a Pedra-do-Elefante, avultam de um cenário de serranias fragmentadas ou de morrarias ondulantes.

Fenômeno geológico de imprevisíveis conseqüências para a economia brasileira, caso venha a ser descoberto petróleo na bacia de Campos, é justamente, a nosso ver, a mudança de orientação nas camadas da Serra do Mar ao atingirem o norte do Estado do Rio, projetando espigões para leste.

Já no litoral de Macaé essa tendência é nítida. É, porém, somente ao norte de Campos que, na serra da Onça, tal desvio em massa começa de acentuar-se, sendo afinal dominante em Murundú, na Pedra-Lisa e em outros afloramentos que daí emergem até as vizinhanças do mar, ao sul de Barra do Itabapoana. Tais aflo-

ramentos continuam espontando rumo ao sul, até próximo do Guaxindiba.

Analisando a paleografia regional anterior à sedimentação dos tabuleiros, verifica-se, dêste modo, a existência de uma antiga península de rochas cristalinas no divisor entre o Paraíba e o Ptabapoana, orientada pelo desvio das camadas gnáissicas da cordilheira de sudoeste-nordeste para leste-oeste. Essa mudança de orientação no pacote enrugado primitivamente é que reforçou a resislência das formações azóicas ao formidável tectonismo responsável pelo grande paredão uniforme da Serra do Mar paralelo a estratificação, rebentando a cordilheira em fragmentos isolados ao norte do Paraíba. A fratura, ao atingir transversalmente a direção do gnais na zona da Pedra-Lisa, foi limitada a desbloqueamentos parciais. A conjugação dos esforços tectônicos verticais não conseguiu afundar a massa cristalina integralmente.

Daí essa projeção continental em tempos idos, que já expusimos em trabalho especializado,¹⁰ e que, num amplo anfiteatro ao norte de Campos, permitiria, em águas mansas e ao abrigo de correntes oceânicas, a sedimentação de rochas oleígenas hoje sob a capa dos tabuleiros que passamos agora a discutir.

2. OS TABULEIROS TERCIARIOS

Em roda-pé às elevações do Cristalino e acima da planície, em Campos, há o patamar dos tabuleiros. Um terraço sedimentar de altitude fraca, particularmente extenso ao norte de Campos, onde a cota de trinta metros raramente é ultrapassada, sendo em geral muito menor nos limites da formação com a planície quaternária.

Tôda a superfície dos tabuleiros era coberta outrora de floresta virgem, que cedeu lugar a maré montante dos canaviais. Em lugares, é comum a presença de canga, que a linguagem regional apelida de "recife", sendo estas concreções ferruginosas superficiais um dos indícios mais seguros da rocha sedimentar nas faixas duvidosas do contacto com o Azóico.

Nenhum fóssil até hoje foi achado nessas formações, conduzindo a uma especificação certa de sua idade. HARTT, porém, atribuiu-as ao Terciário, e como tal vêm sendo consideradas desde então, horizontalmente unidas a série das Barreiras do nosso litoral de leste.¹¹ A suposição, porém, não está isenta de críticas.

DERBY, com tôda a sua prudência característica e tôda a profundidade de seus pareceres, levanta objeções quanto a idade terciária dos elementos estratigráficos superiores da faixa sedimentária costeira, por êle igualmente estudada.

O critério seguido para tal classificação foi o do horizontalismo daquelas camadas, em contraste com a movimentação dos

¹⁰ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo". "Boletim" da Divisão de Geologia e Mineralogia (inédito).

¹¹ HARTT, Ch. Fred.: Obra citada.

estratos inferiores da mesma faixa, relacionados êstes ao Cretáceo pela evidência paleontológica. **DERBY**, entretanto, não aceita êsse ditame discriminativo do pacote sedimentário em duas séries, acrescentando mesmo que "uma discontinuidade entre elas é antes assumida que atualmente provada". Persistindo nessa idéia, é êle quem ainda escreve: "De Ilhéus para o sul até perto de Vitória, no Estado do Espírito-Santo, a faixa sedimentar não é interrompida, exceto por vales de desnudação, porém nenhum afloramento que possa ser definitivamente referido ao Cretáceo é conhecido, embora não seria surpreendente o fato de vir a ser provado que muito do chamado arenito terciário pertença casualmente Aquela idade".¹²

Essa reflexão é fortificada mais ainda por uma afirmativa do mestre, digna de meditação: "Todos os fatos considerados, eu quase não hesito em identificar a série de folhelhos de Maraú, — com a inclusa marauíta —, com a série cretácica da Baía, incluindo nela uma grande parte, senão todo o chamado arenito terciário".

A opinião de tamanha autoridade com referência a arenitos superiores e horizontais de Maraú, relacionados ao do Espírito-Santo, e por êstes aos de Campos, reclama da parte dos geólogos que dedicarem suas pesquisas a estas formações uma atitude pelo menos revisionista de conceitos aparentemente empíricos.

Acresce que, para avigorar nosso parecer, expomos a verificação pessoal de não serem as formações de Campos absolutamente horizontais, mas, antes, bastante inclinadas em certos pontos, o que destrói a base da classificação. E êste mergulho das camadas nem sempre se faz para o mar, o que poderia ligar êsse pendor ao simples levantamento epeirogênico da aba continental. Na margem do Paraíba, em Airises por exemplo, o arenito ferruginoso sob as camadas de aluvião exhibe uma tendência clara de mergulho com 18° para sudoeste, isto é, para o cabo de São Tomé, onde rochas sob o mar afloram quase à flor das ondas, denotando aparentemente uma grande estrutura em sinclinal, visto ser a mesma inclinação ainda observada a uns 15 quilômetros mais para jusante, em Caetá.

Dada a distância de uns 35 quilômetros do cabo a estas localidades, o mergulho das rochas, embora pequeno, poderá levá-las a grandes profundidades, fato êsse que ponderamos ao indicarmos a possibilidade de existência de petróleo em Campos, apontando uma grande bacia com probabilidade de estruturas favoráveis à acumulação do combustível líquido.¹³

Voltando novamente a **ORVILLE DERBY**, se não podemos ainda comprovar a justeza das insinuações por êle expostas, pelo menos há evidência cabal de não poderem ser os tabuleiros campistas geologicamente sincronizados com as formações do arenito das

¹² **DERBY**, Orville A.: "The Sedimentary Belt of the Coast of Brazil". "The Journal of Geology", vol. XV. 1907, pág. 232.

¹³ **LAMEGO**, Alberto Ribeiro: "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo".

Barreiras, repetidamente incluídas no Pliocênio, nas várias classificações da *Geologia Histórica do Brasil*, bastando mencionar o saudoso mestre EUSÉBIO DE OLIVEIRA,¹⁴ e DJALMA GUIMARÃES.¹⁵

Temos a seguir GLYCON DE PAIVA, comprovando êsses autores, quando admite uma "transgressão pliocênica" para a série das Barreiras, declarando a seguir que tal formação constantemente citada e "sem embargo muito mal descrita", constitui no Recôncavo razão substancial de unidade fisiográfica: o tabuleiro".¹⁶

Os nossos estudos em Campos, entretanto, se não nos levam diretamente à opinião de ORVILLE DERBY, fazem recuar a idade dos tabuleiros dessa região, que, desta maneira, não poderão mais ser incluídos na série das Barreiras. O nosso argumento funda-se na paleografia pleistocênica regional.

Há prova paleontológica de que o delta fóssil do Paraíba, ao sul do cabo de São Tomé, pertença àquela idade, como adiante exibiremos. Na cidade de Campos, restos de tabuleiros ainda aflorem em pequenas elevações, que não atingem 15 metros de altitude, porém, são espessos em profundidade, como demonstraram sondagens no alto do Liceu. Ora, várias perfurações nas proximidades dos limites urbanos, na usina do Queimado, vão diretamente as rochas cristalinas do Azóico, a uns 40 metros de profundidade, após haverem atravessado, próximo a superfície, sedimentos argilosos e arenosos aluvionais recentes e, logo abaixo, uns 24 metros de um lençol de areia fluente, de provável origem marinha. Todo o pacote de rochas do tabuleiro foi removido até às raízes.

Quer isto dizer que uma tal erosão só poderia ter-se efetuado em período de ascensão da costa, anterior à disposição dos sedimentos deltaicos de São Tomé, acamados em novo período de descida epeirogênica do bordo continental, durante o Pleistocênio. Dêste modo, não é possível admitir-se a sedimentação dos tabuleiros durante o Pliocênio, quando já estavam sendo desnudados, sendo inaceitável um sincronismo cronológico da formação, com a da série das Barreiras.

Relacionemos aquêlê período de ascensão continental com os sedimentos terciários da Bacia de Resende. Em nossas pesquisas, ali, fomos levados a considerá-la dos fins do Miocênio ou dos princípios do Pliocênio.¹⁷ EUSÉBIO DE OLIVEIRA une esta bacia à paulista, que vai de Jacareí a Cachoeira, onde peixes fósseis caracterizam a época pliocênica, e a dá como depositada em período de depressão

¹⁴ OLIVEIRA, Eusébio Paulo de: "Geologia Histórica do Brasil". Avulso do Serv. Geol. e Min. do Brasil. Rio, 1930, pág. 2.

¹⁵ GUIMARÃES, Djalma: "Quadro Crono-geológico do Brasil". Publ. do Inst. Bras. de Mineração e Metalurgia.

¹⁶ PAIVA, Glycon de: "Contribuições para a Geologia do Petróleo no Recôncavo". Publ. em colaboração com S. FRÓIS DE ABREU e IRNAQUE DO AMARAL. Rio, 1936, pág. 181.

¹⁷ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "O Maciço do Itatiaia e Regiões Circundantes". "Bol." 88 do Serviço Geológico e Mineralógico, Rio, 1937.

continental.¹⁸ Nós, entretanto, preferimos separá-las, dando a de Resende maior antiguidade.

De fato, a cobertura de seixos rolados sôbre os sedimentos daquela bacia revelam uma época de forte elevação logo após o seu acamamento. Idênticos testemunhos do mesmo lençol superficial são encontrados em várias regiões da cordilheira ou da Baixada anexa, convindo destacar a espessa camada de seixos que encobrem o calcáreo de São José em Itaboraí, onde os fósseis por nós colhidos foram classificados por MAURY como dos fins do Miocênio ou começos do Pliocênio.¹⁹

Concatenando agora estas observações, e provado pelo delta de São Tomé o mergulho do bordo continental durante o Pleistocênio, só é admissível tal período de ascensão continental, com erosão violenta e responsável pelo aparecimento generalizado da camada de seixos rolados, em época anterior a esta e posterior a deposição do calcáreo e de outros sedimentos contemporâneos nas diversas bacias terciárias desta região da Serra do Mar e vizinhanças.

Admitido o sincronismo, somos, portanto, conduzidos a aceitar o Pliocênio como período de levantamento continental e conseqüente erosão dos tabuleiros de Campos, o que está de acôrdo com a subsequente formação de extensos brejais, nos leitos maiores de todos os córregos que sulcavam estas formações durante a elevação, e que foram barrados pelas restingas e aluviões durante o período descendente posterior.

Os tabuleiros de Campos não são, portanto, de idade pliocênica, porém mais antigos, não podendo ser tão empiricamente referidos as formações pliocênicas das Barreiras.

Isto, quanto as formações superficiais. Porque, mais para leste e em profundidade, nenhum motivo nos induz a aceitar a mesma série dos tabuleiros descendo às profundidades do embasamento cristalino.

Examinando a tectônica do litoral entre Santos e a cidade do Salvador, mostramos a existência de dois sistemas de falhas nesta costa de desabamentos, e que a baixada campista ocupa justamente o seu encontro. Prosseguindo com o estudo batimétrico da plataforma continental, notamos a provável continuidade dos sedimentos cretácicos da Baía, já comprovadamente oleíferos, ao longo de toda a faixa nerítica até latitudes de Cabo-Frio.²⁰

Com êstes dados, deduzimos a verossímil existência de sedimentos cretácicos na grande fossa atualmente capeada pelos tabuleiros e pelos sedimentos quaternários, os quais se não forem encontrados pelas sondas no continente, poderão ainda existir sob

¹⁸ OLIVEIRA, Eusébio Paulo de: "Geologia do Brasil". Vol. I. pág. 75, Rio. 1922.

¹⁹ MAURY, Carlota Joaquina: "American Museum Novitates". Publ. by the American Museum of Natural History. Jan., 1935.

²⁰ IANEGO, Alberto Ribeiro: "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo".

o Atlântico, formando a soleira que na latitude de Campos ainda avança uns 150 quilômetros para leste, até os limites pelágicos da plataforma.

Estas conjeturas, além da incalculável importância relativamente ao problema do petróleo em Campos, trazem-nos, ademais, do ponto de vista científico, a probabilidade de existência de rochas mesozóicas sob os tabuleiros.

Quanto à petrografia dessa formação, há escassez de elementos elucidantes nas pesquisas superficiais. A capa de solo avermelhado indica uma lateritização profunda, igualmente apagadora da disposição estratigráfica. Contudo, há testemunhos ainda bastante vivos do nítido caráter sedimentar da série, justificando as persuasivas deduções tiradas da superfície aparentemente horizontal dos tabuleiros, que, todavia, apresenta um declive dos limites do Azóico aos do Quaternário.

Já citámos arenitos ferruginosos no leito do Paraíba. Uma boa exibição desta rocha pode ser vista em Macaé, atrás do Hotel Balneário de Imbetiba, e alí apresentando movimento. A uns 5 quilômetros desta cidade, no caminho de Imboacica pela estrada de ferro, camadas do mesmo arenito são observadas do trem, mergulhando sob as areias para o mar.

O arenito de Macaé tem grã média, e o quartzo frequentemente é bem rolado. Já em Campos o caráter brechoso é mais comum, sobretudo em amostras de canga, que, muitas vezes, conservam ainda a textura inicial da rocha decomposta. Boas exposições acidentam o litoral, de Manguiños para o norte, no extremo da costa norte fluminense.

Nos contactos com o Cristalino, como era de esperar, a textura conglomerática aparece. No canal de Itereré, cortado recentemente pelo Departamento do Saneamento da Baixada Fluminense, um conglomerado grosseiro e ferruginoso foi atravessado, exibindo seixos de quartzo de vários centímetros de diâmetro.

Idêntica feição é notada em outros pontos. O morro do Tinguí, por exemplo, ao lado da usina de Outeiro, é capeado de seixos de quartzo dispersamente englobados em massa de argila fina vermelha. Neste caso, porém, a primitiva conformação do litoral terciário durante a deposição dos tabuleiros parece indicar êsse morro, antes como resto de algum cone de dejeção que de rochas normalmente sedimentadas.

Na margem esquerda da lagoa da Onça, abundam seixos rolados nos tabuleiros, e sondagens com algumas dezenas de metros de profundidade os têm encontrado em outros pontos.

Além do arenito e do conglomerado, porém mais raramente, argilas variegadas também afloram, como nos cortes de estrada de ferro entre ~~Dores-de-Macabú~~ e Conde-de-Araruama. Dêstes cortes, temos amostras de arenito esplêndidamente estratificado, de cor vermelha viva ou branca e listadas de finas camadas rubras.

Na região dos vertedouros da lagoa Feia para a Barra do Furado, notamos formações areníticas nos leitos dos rios da Onça, Barro-Vermelho e Novo, porém de cor escura tendendo para o negro, que poderão, talvez, pertencer a mesma formação, mas sobre os quais não temos ainda juízo definitivo. Afloramentos areníticos também foram em vários pontos o leito daquela grande lagoa.

O solo dos tabuleiros é fraco, não obstante a antiga cobertura de florestas, e cremos que, além dos fatores geoquímicos, o elemento mais responsável dessa pobreza é a própria chuva, que deveria agir de maneira oposta, não fôsse a textura do solo.

Na planície rasa das aluviões, a água penetra profundamente e é retida. Mas na argila vermelha da superfície dos tabuleiros endurecidos de canga e abaulados para as amplas cavidades dos córregos embrejados que os retalham por tôda parte, as grandes chuvaradas, longe de serem economizadas, escorrem pelas encostas, transformam estradas em riachos, carregando nos enxurros o solo vegetal, não mais protegido pelo teto da mata virgem.

Não obstante, porém, tal inferioridade dos tabuleiros para a lavoura em relação a planície, são eles ainda intensamente plantados de cana, a qual, em tempos de boas águas, pode mesmo superar à das privilegiadas aluviões, quando estas são demasiadamente umedecidas.

É, em geral, no tabuleiro providencial que se refugiam as manadas nas grandes cheias. A sua ocupação, embora mais recente, pelo homem da planície, resultou numa intensiva destruição das grandiosas florestas que o recobriam. As lavouras e pastarias sobre ele espalhadas atestam a mesma pertinácia do conquistador das aluviões, e o seu desejo intenso pela posse de um quinhão de terra cultivável.

Faltam, porém, agora para o seu completo aproveitamento, a normalização do solo com adubos, a solução de seu mais difícil problema de irrigação e, sobretudo, um vigoroso reflorestamento com madeiras de lei, em lotes diferenciados, para que as futuras gerações encontrem o que de útil destruímos em proveito nosso, nessa grande faixa anexa à planície tão fecunda.

3. A PEANÍCHE QUATERNÁRIA

Descemos afinal à verdadeira planície dos Goitacás, e entramos na Era quaternária.

Com seu estudo geológico, aprendemos que a sedimentação de suas camadas não se deu numa só época. Duas fases distintas caracterizam o avanço do Paraíba sobre o Atlântico, entulhando com detritos a faixa marítima litorânea: a pleistocênica e a recente.

Nos começos do Pleistocênio, tudo o que é hoje planície era ocupado pelo mar. A costa quase reta de nordeste para sudoeste, vinha de Mangueiros ao local da cidade de Campos. Daí as vizi-

nhanças do Itaoca, abria-se uma enseada de vários quilômetros de profundidade, onde alguns rios desembocavam, destacando-se entre todos o Muriaé. Do Itaoca, o litoral seguia para o sul até o pontal de Quissamã, de onde infletia novamente para sudoeste, rumo a Macac.

Desta linha para leste, o Atlântico ilhava restos de elevações de tabuleiros destruídos, espalhadas até dezenas de quilômetros do litoral.

Era assim o mar de Campos, já de pouca profundidade, quando o Paraíba nêle entrou a despcjar os sedimentos que trazia da cordilheira. Simultâneamente, porém, tôda essa aba continental começou vagarosamente a mergulhar. E a construção deltaica teve incio.

Por êsse tempo, a fauna terrestre era gigantesca. Os grandes animais que LUND veio a descobrir nas grutas da Lagoa Santa marchavam pesadamente pelo Brasil. Mastodontes, megatérios, milodontes, toxodontes, gliptodontes, celidotérios e ursos, viviam com os protopitecos e os equídeos, enquanto o terrível macairodus, o tigre "dente de sabre", os devastava.

Tôda essa fauna desapareceu. Se, filiada aos imensos megatérios, temos ainda hoje a insignificante preguiça, e aos gliptodontes o pequeno tatú, nada ficou dos primitivos elefantes e dos ursos, sendo de notar particularmente a extinção completa do cavalo, animal que, entre todos, viria apavorar de norte a sul os aborígenes, quando trazido com o Descobrimento.

Muitas dessas formas fósseis devem jazer sob as camadas da planície, transportadas pelos rios. Até hoje, porém, nenhuma foi achada.

O Paraíba vinha de longe, como hoje, sendo possível, todavia, que a captura do alto Tietê não tivesse ainda sido realizada, enquanto o baixo curso ocupava o leito final do Muriaé.

Esta Última referência ao que já opinamos em capítulo anterior, mostra-se aquí de suma importância na formação deltaica a ser descrita agora.

a) O delta pleistocênico

Quem olha para o mapa geológico dos fins do Pleistocênio que apresentamos anexo a êste ensaio, observa logo a continuidade, em direção de noroeste para sueste, do Muriaé com o córrego do Cula.

Tal verificação, relacionada ao rumo atual do Paraíba entre Itereré e Campos, parece explicar, com elementos dinâmicos naturais, a marcha das águas para sueste. Marginando a ponta de tabuleiro onde se erguem hoje partes da cidade, o Paraíba, vindo pelo baixo Muriaé, prosseguia com o rumo geral do curso dêste rio.

Com os primeiros detritos sôbre o espesso lençol de areia do fundo marítimo da enseada de Campos, foi esta rapidamente obstruída. A seguir, a medida que o rio avançava pelo oceano, empi-

lhando sedimentos em cadência com os milênios, novos galhos partiam do curso principal. Um dos mais importantes deveria projetar-se para o sul, em busca do que é hoje Ponta-Grossa-dos-Fidalgos. Outros, inteiramente soterrados, devem ter entrado pelo mar em ambos os lados do leito mestre.

A compasso com a marcha de seu delta, o rio, à direita e à esquerda, ia estirando braços para o Atlântico. Tal regime é patenteado em quaisquer perfurações executadas na planície, onde a intercadência de camadas de argila negra e de areias finas do mar denota avanços e recuas peculiares as fimbrias deltaicas. Por vêzes, são as camadas de turfa que denunciam vastos empantanamentos litorâneos. Mas, sôbre elas, acamam-se logo argilas ou areias, que indicam uma erradia oscilação das águas divagantes.

E com tudo isso, ao pêso dos sedimentos, ou por simples descida epeirogênica de todo o bordo continental, o embasamento oceânico de rochas anteriores ia descendo. As ilhas residuais do tabuleiro mergulharam sob as águas. Em Airises, no Caeté, nos fundos da lagoa Feia e nos leitos dos rios vertedouros dêsse grande lençol de água, afloram ainda pontas de arenito.

O cabo de São Tomé, cuja existência no local é sempre uma incógnita para o visitante, confuso ante a inexpressiva monotonia de suas praias ilimitadas, na realidade existe numa crista submarina de uns dezoito quilômetros, que vai de oeste a leste, erçada de parcéis perigosíssimos. Havendo já discutido as duas hipóteses de serem essas rochas, quer cristalinas numa reprodução submersa da Pedra-Lisa, quer sedimentares e bombeando em estrutura anticlinal, ambas importantíssimas no problema do petróleo em Campos,²¹ resta-nos apenas ligar a sua presença à de mais uma ilha desaparecida com a submersão.

Tal afundamento é indiscutível, mormente nessa região vizinha e ao sul do cabo, onde as sondagens na planície da Boa-Vista claramente o provam, com as dezenas de camadas superpostas, e onde a alternância de águas salgadas e doces em profundidade evidencia a intermitência de regressões e transgressões do mar peculiar às depressões deltaicas. Lentes de água doce foram protegidas e isoladas por capas argilosas impermeáveis antes da submersão.

Desta maneira, o delta progrediu. Impossível hoje traçar, ainda que aproximativamente, os seus limites soterrados por camadas posteriores. Em esbôço mui grosseiro, poderemos, entretanto, delinear os contornos deltaicos dessa época.

Da parte sul, o limite do atêrro partia das alturas de Ururaí, e, num arco de enseada, seguia em direção à Ponta-Grossa-dos-Fidalgos, de onde continuava, contornando a enseada do Caboio, e atingia as proximidades do Furado. Na parte norte, as aluviões deltaicas começavam no pontal arenítico de Campos, estendiam-se em direção a Airises, daí se dilatavam para leste pelas zonas de Poço-

²¹ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo".

Gorda e do Taí, bordarido em seguida a enseada de Cazombá, de onde atingiam os parcéis de São Tomé.

Uma vasta laguna de água aalgada, em contacto intermitente com o oceano, ocupava t^ôda a região dos campos da Boa-Vista, do Mulaco e de Marrecas até o Pau-Grande, onde se depositaram as jazidas de gipsita dessa zona. Foi indicada no mapa anexo com o nome de laguna de São Tomé.

Grandes baixas entre a lagoa Feia e o Cula parecem testemunhar restos d^êsse delta. Nessa hipótese, seriam nêle incluídas as depressões das lagoas de Colhereiras, Sussunga, Tambor, Aboboreiras, Conchas, Goiaba e Coqueiros, além de outras menores. T^ôda essa região forrada de argila escura e, em partes, recoberta de aluviões recentes e amareladas, nos traz reminiscências de um geral encharcamento com abundância de elementos vegetais lacustres, cuja decomposição foi decisiva na c^ôr do solo enegrecido. A mesma observação pode ser aplicada à zona em t^ôrno da usina do Taí, que se expande para o sul pelas lagoas do Jorge e de Capões. Quase por t^ôda parte, excetuada a área da antiga laguna de São Tomé, a superfície pleistocênica do velho delta foi recoberta de alúvios recentes.

Aquela idade foi por nós admitida para o delta fóssil. Em primeiro lugar, há uma nítida separação entre ela e a seguinte, quando o desvio do Paraíba para nordeste se deu a um tempo com a estabilização da faixa litorânea. Cessou o mergulho do bordo continental, o que por si já indica uma grande alteração na dinâmica geológica regional.

Enormes espaços de tempo, de outro lado, foram necessários para a acumulação do pacote de sedimentos deltaicos na região da Boa-Vista, que, em sondagens locais, atingem muitas dezenas de metros de espessura, e que provavelmente irão ainda a grandes profundidades. Não nos parece admissível a sua deposição nos estreitos limites dos milênios recentes. T^ôda essa vasta série de lentes arenosas intercaladas de grossas camadas de argilas, que chegam a somar 15 metros de espessura, e de calcáreos que passam de 8 metros, exigem mais que a época atual para a sua formação.

Ademais, não perderemos de vista o fato paralelo de, por essa época já se acharem quase aterrados os dois golfos precitados por espessa camada de finos detritos transportados pelos rios, levados pelas águas para além dos limites do delta emerso.

Os fósseis colhidos nas camadas superficiais pouco nos dizem para uma exata classificação, dada a quase identidade de elementos concológicos entre o Pleistocênio e o Recente. A fauna de lameli-brânquios e de gasterópodos não contribuiu para uma clara diferenciação paleontológica. Todavia, entre exemplares por nós colhidos no desmonte do canal do Andresa, na Boa-Vista, o paleon-

tologista PAULO DE OLIVEIRA notou o gênero *Dentalium* por êle especificado como distintivo do Pleistocênio.

E, assim, os dados paleontológicos tendem a comprovar a prévia dedução emanada da geologia dinâmica.

b) *Aluviões e restingas recentes*

A planície vai, enfim, surgir das águas para o homem.

O delta pleistocênico era ainda inútil com sua nesga de terra mole e empapaçada, *habitat* paradisíaco de aves aquáticas, crocodilos e serpentes, no interior, e de caranguejos em tôda a orla baixa e marítima, frísada de mangues impenetráveis.

Agora, porém, a deposição dos novos sedimentos não mais condicionada a uma bacia em depressão contínua, perdeu a intensidade vertical substituída pela dilatação em horizonte. Novas condições geográficas imporão a fauna e flora possibilidades outras de expansão, irrealizáveis na lama deltaica de tôda a região empancada. Um novo ambiente é edificado com o desenho firme de paisagens novas, onde a terra sólida, em manchas de solo amarelado que se alastram, vai aos poucos reduzindo o imenso embrejamento a multidões de lagoas isoladas.

Até então a verdadeira planície apenas se esboçara no longo pontal de alagadiços, que, dos contrafortes da cordilheira se projetava para sueste até a zona de São Tomé ao Furado, deixando a direita e à esquerda dois grandes golfos a serem aterrados. O primeiro, ao norte já não existe. No segundo, ao sul que as aluviões não conseguiram ainda totalmente entulhar, a lagoa Feia testemunha a profunda penetração do mar.

Ambas estas reentrâncias já são, porém, bastante rasas, o que nos é provado pelo recuo célere do mar largando atrás de si barreiras incontáveis de restingas.

Deixando o antigo leito no baixo Muriaé, o Paraíba varou a garganta do Sapateiro, desviando para este-sueste o rumo de seu curso. A corrente atirada contra o pontal de Guarulhos talhou nos tabuleiros um profundo sulco no Fundão, onde hoje o talvegue desce a 30 metros de profundidade, isolando providencialmente na margem direita algumas elevações de incalculável importância para a futura cidade.

E assim, abandonando a rota longa para o Furado e São Tomé, retardada por meandros e por inúmeros braços coleantes, atirou-se o rio imediatamente no oceano, a leste de Guarulhos.

O antigo curso mestre foi-se aos poucos afilando. Milênios, entretanto passaram-se antes da mudança definitiva. E o velho Cula, pelo qual ainda hoje canalizam-se as grandes cheias, ainda era navegável nos priscos da descoberta. Ao longo dêle, foi traçada a primeira estrada de penetração através da zona hoje mais populosa, quase uma rua de cêrca de 30 quilômetros entre a cidade e Santo-Amaro.

Como todo o rio de planície, o Cula, como o atual Paraíba, elevava o próprio leito acima dos terrenos marginais pela imediata deposição dos sedimentos, quando as águas nas enchentes, deixando o leito, perdem velocidade. Dêste modo o Cula, auxiliando o Paraíba e sulcando a faixa mais alta do velho delta, continuou em tempos recentes despejando os dilúvios por ambas as margens.

Acima de Campos, foi logo o delta recoberto de novas aluviões que represaram o Imbê na lagoa de Cima, de onde êle hoje sai crismado de Ururáí. Em Campos, barrado ao norte pelo pontal dos tabuleiros de Guarulhos, e estrangulado na garganta do Fundão, o Paraíba nas enchentes rolava em grandes massas para o sul, forrando os velhos pântanos de novas camadas, e invadindo com seus alúvios o gôlfo da lagoa Feia. Por isso é que existe a península de Ponta-Grossa-dos-Fidalgos, um pequeno delta recente e paralisado, deitado provàvelmente sôbre outro mais antigo, da época anterior.

As águas do Paraíba, pesadas de detritos e canalizadas no leito do Cula, é que continuaram a levantar a vasta zona até a lagoa Feia, para o sul, e para sueste até Santo-Amaro e Boa-Vista, onde as últimas capas de argilas recentes são visíveis.

Numerosos novos caminhos de água foram riscados na planície, e suas relíquias são hoje os velhos "córregos", muitos semi-apaçados e exibindo os leitos em pedaços. Outros ligam ainda rosários de lagoas, em caminhos de água para a Feia.

Ao norte, a influência do Cula ainda é sensível ao longo da sua margem esquerda, mas já alí o Paraíba predomina com as aluviões diretamente saídas do novo leito. É a zona mais fértil da planície com seu espêsso lençol de argilas ao longo das margens do grande rio.

A seu lado e justaposta, todavia, limitando a fartura do bom solo que segura o homem e o impele a uma robusta iniciativa, deita-se a grande zona sáfara das restingas, como a estreitar tôda a sua atividade e a comprimir-lhe tôda a pressão do trabalho numa área restrita, prèviamente demarcada.

O fenômeno geológico das restingas é simultâneo com o das aluviões. Enquanto o rio avança, o mar recua. E recua empilhando na retaguarda praias sôbre praias de areias abandonadas.

Minuciosamente já descrevemos o nascimento das restingas no nosso litoral, e a diferença básica entre estas formações e a das dunas.²² As restingas, tendo origem numa simples praia ou língua de areia paralela a linha costeira, quando adicionadas de outras paralelas, estendem-se em planície onde a topografia primitiva permanece fixa e imutável, contrariamente à duna móvel por excelência.

Em Campos, a ocorrência das restingas desdobra-se com clareza e importância excepcionais, Basta dizer-se que, na margem es-

²² LAMEGO, Alberto Ribeiro: "Restingas na Costa do Brasil". "Bol." n.º 97 do Serviço Geológico e Mineralógico.

querda do Paraíba, das proximidades de Campos à foz do rio, há trinta quilômetros de areais apenas interrompidos de lagoas e brejais paralelos a costa. Tal distância mede a fuga do oceano em tempos recentes.

A formação de uma restinga prende-se a dois fatores principais: abundância de areia no fundo raso de mares litorâneos e presença de correntes costeiras.

Ambos êstes fatores existem nos mares de Campos. As descargas de areia do Paraíba, provinda das rochas cristalinas ácidas da cordilheira, são formidáveis, e tão importante talvez ainda como a contribuição de material é a abrasão da plataforma continental, onde aparentemente predomina superficialmente o arenito dos tabuleiros submersas. De outro lado, correntes costeiras secundárias acompanham o litoral.

Assim, podemos repetir o que dissemos sôbre a origem das restingas: "A corrente batida pelo sôpro do largo contra a massa de água que a separa da praia perde velocidade no contacto, depositando os sedimentos numa fita paralela a linha costeira.

Qualquer dos dois extremos da enseada serve de ponto de apoio para o início da formação da restinga. Um pontal ou uma ilhota de rocha dura vizinha do litoral pode ter idêntica função, visto que a corrente, ao contorná-los, encontra água mais tranquila da outra banda .

Quase tôdas as restingas de Macaé para o sul foram originadas dêste modo, sendo sobremaneira típicas as de Cabo-Frio ao Pico da Marambaia, que isolam do oceano tôda a série de lagoas litorâneas e a enseada de Sepetiba".

Em Campos, entretanto, no litoral fronteiro à maior área de restingas, não existem rochas aflorando entre o cabo São Tomé e Manguinhos. Alí, porém, é explicada similarmente a formação das fitas arenosas.

"Essa grande faixa de restingas que parte da margem direita do Paraíba, e a que lhe fica simétrica na outra margem, indo até o Guaxindiba, mostram que, a minguia de pontos sólidos de amarração, as restingas da planície do Paraíba, dirigindo-se para o norte e para o sul, se apoiaram na própria foz do grande rio. Quer isso dizer que a própria massa de águas da embocadura, penetrando no oceano, teve a mesma função que qualquer ponta de terra firme".²³

Deixando a origem das restingas, acompanhemos rapidamente a sua marcha em Campos.

Nos fins do Pleistocênio, a formação deltaica do Paraíba nessa idade, processada num contínuo afundamento da beira do continente, acabara por nos deixar uma linha costeira de submersão, — *shoreline of submergence* —, segundo a classificação de um dos melhores tratadistas.²⁴

²³ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "Obr. cit."

²⁴ JOHNSON, Douglas Wilson: — "Shore Processes and Shoreline Development", Chapter VI, Nova-Iorque, 1919.

De um rumo geral **retilíneo** entre Manguinhos e Guarulhos, e ao sul de Quissamã, — o que poderia sugerir a hipótese de um vasto desabamento —, todo o litoral era chanfrado de aberturas por onde entrava o mar até vários quilômetros terra a dentro, inundando o leito maior dos cursos de água principais, excetuados naturalmente os que vagavam **sôbre** o delta.

Os córregos da Saudade e da Cauaia, entre outros, no **gôlfo** de Campos, e o baixo curso do rio da Prata e do Macabú no **gôlfo** da lagoa Feia, foram alagados como pequenos fiordes entre tabuleiros.

Foi quando teve início a retirada do oceano. A mais velha **restinga** no **gôlfo** da lagoa Feia começa **já** no Lagamar, próximo a **Ururai**, e daí se alinha para sudoeste, barrando o **Timbó** e outros córregos. De Gurirí para o sul, fecha ela o rio da Prata.

A fuga do mar processou-se rapidamente nessa região. Uma barra arenosa firmada nos recifes da foz do Macabú estendeu-se para sueste até a ponta das Pedras, e daí continuou delimitando ao sul a enseada do **Tatú** na lagoa Feia. Outra restinga paralela a esta elevou o **pontal** de Capivarí, infletindo, porém, precipitadamente para nordeste, dando início à ilha dos Pássaros.

Tôda a enseada do Caboio foi prontamente aterrada de barras arenosas, que deixaram de permeio, nas baixadas, os rios Olhos de Água e do Pensamento, de grande importância no saneamento da Baixada, e formaram por barragem as lagoas de Coqueiros e de Aboboreiras.

A sudoeste do Furado, o **gôlfo** da lagoa Feia foi fechado por **línguas** de areia, e em **tôda** a zona ao sul de Quissamã o mar foi aterrado.

Com suas águas **côr** de mate, a lagoa Feia volumosa dos rios recebidos, buscou saída para o Atlântico no Furado, depositando na faixa litorânea vasta carga de sedimentos argilosos, por onde meandram seus diversos vertedouros.

No **gôlfo** de Campos, o atêrro do mar foi absoluto. Restingas após restingas foram empilhadas, deixando lagunas de permeio. **Estirões** de água de muitos quilômetros foram alinhados paralelamente a costa em contínua retirada, formando baixadas **incontáveis**, dentre as quais podemos destacar a grande lagoa do Campelo e as do canal de Cacimbas.

O recuo do mar, embora contínuo, dá-se por **vêzes rapidamente**, como no caso de Gargaú, em 1926, quando o Atlântico recuou 200 metros em poucas semanas, retificando a costa em vários quilômetros, e criando uma laguna que isolou da nova praia a vila sanjuanense.

E assim também o mar contribuiu grandemente para a formação da planície, embora nos dando uma zona estéril inapta para a lavoura e empecendo as comunicações com a obstrução do **pôrto** do Paraiba.

Um dos fenômenos mais interessantes da geologia dinâmica atual nessa época recente é a luta contínua do grande rio contra o mar.

Em *Restingas na Costa do Brasil*, já o apresentamos pormenorizadamente, frisando as dificuldades decorrentes dêsse fato para a execução de um bom pôrto na foz do rio.

Quem examinar a carta geológica da planície atual, seguindo a marcha do Paraíba desde Campos até o Atlântico, observa que, de Barcelos para nordeste, é a restinga que mantém o rio nessa direção.

A tendência da caudal é de se orientar para leste ou sueste, conforme provam os limites dos depósitos aluviônicos com as restingas na margem sul. Entretanto, vê-se claramente que, após haver o rio cortado transversalmente certo número de restingas, foi várias vezes subitamente desviado para nordeste por nova barragem de areia intransponível. Até a foz atual, em Atafona, o mesmo fenômeno é repetidamente visível.

O efeito principal da formação das restingas e das aluviões deramadas na planície sôbre os velhos cursos de água dos tabuleiros foi o seu represamento. A velha foz de todos os córregos, ribeirões e rios foi completamente obstruída por uma barreira de argilas ou línguas de areias, e destarte se alagou todo o leito maior dos cursos de água quase até às cabeceiras.

Desta maneira, todos êsses longos pântanos que retalham por tôda parte os tabuleiros nada mais são que cursos de água bloqueados pelas formações recentes da planície.

Dentre as *lagoas de tabuleiro* convém destacar, ao norte do Paraíba, as de Cauaia, Saudade, Brejo-Grande, Pedras e Onça. Ao sul do rio, a de Cima, tôda de água limpa, e os vastos pantanais do Timbó, do rio da Prata e do Macabú.

No respectivo à terminologia fisiográfica, além destas, a região de Campos apresenta mais dois tipos: *lagoas de aluvião* e *lagoas de restingas*.

Entre as primeiras, são de notar as de Cacumanga, Piabanha, Perú, Mergulhão, Cambaíba, Restinga-Nova, Saquarema-Pequena, dos Paus, Colomins, Capões, Mulaco, Rasa, Sentinela, Colhereiras, Sussunga, Tambor, Carioca, Frecheiras, Concha, Vermelha e o brejo do Capão-dos-Porcos, além de centenas de baixadas menores, deixadas pelo rio esparsas na planície.

As *lagoas de restinga* são, entretanto, as maiores. Além do Campelo já citado, avultam as do Taí-Pequeno e Grande, e as dos Jacarés, Bananeiras e Salgada, ao norte do velho delta pleistocênico, ao sul do qual as barragens de areia alagoaram ainda as de Coqueiros, Restinga e Abobreira na zona do Caboio, e a da Ribeira, entre outras, ao sul de Quissamã.

Lagoas de restinga enfileiram-se em rosário pela costa até Macaé. Além destas, grandes lençóis de água como as do Paulista, de Carapêbús, de Jurubatiba e de Bananeiras, nada mais são que cur-

so de água vindos dos tabuleiros, os quais, conseguindo varar transversalmente as barras arenosas, estacam a beira mar onde são represados pela praia móvel levantada pelas ondas.

4. — RECURSOS MINERAIS

A geologia econômica de Campos apenas começa a ser estudada. Antes de havermos iniciado o estudo geológico sistematizado do Estado do Rio, era hábito comum dar-se esta zona litorânea brasileira como desprovida de interêsse para a mineração. O pouco que observamos, entretanto, a margem das pesquisas de geologia pura, exclusivas de nossa repartição, e, mesmo contrariando regulamentos que interdizem a intromissão de técnicos oficiais em assuntos afetos a outras Divisões, fomos levados a um juízo bem diverso do que fôra empiricamente generalizado sôbre a pobreza mineral da terra fluminense.

A nosso ver, tem o Estado do Rio muito que esperar de sua economia mineral. No que se refere à planície campista e à zona anexa montanhosa, podemos desde já expor com segurança algumas ocorrências de bastante valor, embora reste muito ainda por fazer no Campo do reconhecimento.

A gipsita da Boa-Vista, nas proximidades do cabo de São Tomé, foi o primeiro mineral que estudamos na região. Com a colaboração auxiliar do Dr. **ALTAMIRO TIBIRIÇÁ DIAS**, foram executadas 462 perfurações na vasta planície desta zona, e conseguida a localização de 16 jazidas, cubando um total de 214.704 toneladas de gipsita.

O mineral é de grande pureza, ocorrendo em pequenos cristais de **selenita** num solo friável, e prestando-se admiravelmente à separação hidráulica.

Nas publicações em que tratamos dessa jazida,^{25 26} e demos a sua origem como explicada pela teoria de **OCHSENIUS**, segundo a qual uma grande laguna isolada no mar por uma restinga e com êle intermitentemente em ligação se teria parcialmente evaporado nessa zona, e seus restos drenados pelos rios que depois lhe invadiram e entulharam a bacia, impedindo a deposição do sal marinho.

Em páginas anteriores, já mencionamos esta laguna deltaica dos fins do Pleistocênio, que se estenderia dos campos da Boa-Vista para o norte, cobrindo as zonas do **Mulaco**, e de Marrecas até o Pau-Grande, onde por tôda parte há indícios de gipsita quase à flor da terra, na vasta planície de solo preto. Um trabalho pormenorizado de pesquisa é ainda necessário a fim de ser completada a fixação de outros depósitos exploráveis que deverão certamente existir, sobretudo em Marrecas.

A superfície das jazidas que não alcançam 1 metro de profundidade, a pureza do mineral, o modo fácil de sua exploração e a pro-

²⁵ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "A Gipsita da Boa-Vista", avulso n.º 16 do Serviço Geológico e Mineralógico.

Idem: "Gipsita da Boa-Vista". Rev. "Mineração e Metalurgia", dezembro de 1938.

ximidade dos centros de consumo do Rio e de São Paulo, que usam gipsita do nordeste com onerosa despesa de estivas e fretes marítimos, dão ao produto de São Tomé alto valor econômico. Na base de 200\$000 a tonelada no Ris-de-Janeiro, somente os depósitos já cubados ascendem a mais de 40.000 contos.

Além da gipsita, há ocorrência de diatomita na lagoa de Cima. Estudando esse produto mineral de empregos tão diversos, o Dr. FRÓIS DE ABREU achou-o impróprio como auxiliar de filtração, mas satisfatório "para uso como isolante do calor e do som, para polimento, carga, etc."²⁷ O nosso reconhecimento superficial da zona diatomácea não revelou, porém, grande volume de minério, sendo de esperar que outros depósitos venham a ser descobertos, sobretudo com o dessecamento parcial da lagoa Feia pelas obras de saneamento.

Argilas plásticas abundam por tôda parte na planície argilosa, como era de esperar, fornecendo material de primeira ordem para numerosas olarias. De sua influência na habitação urbana e rural falaremos adiante.

Em certas zonas das restingas, a areia é tão branca e pura, que possibilita a sua aplicação em indústrias como a do vidro, por exemplo, a qual exige tais requisitos. A areia do Viana, no município de São João-da-Barra e a margem do Paraíba, é uma das melhores exposições conhecidas.

Outro mineral outrora muito procurado, e ainda hoje com saída, é a *monazita*, que ocorre em todo o litoral, entre a foz do Paraíba e a do Itabapoana.

No nosso ensaio sobre as restingas, mostrando-as como uma série de praias sucessivas acompanhando o recuo do mar, indicamos a probabilidade de ser encontrado aquêlê mineral em quase tôda essa vasta zona arenosa, devendo ser as pesquisas orientadas para a margem oriental das elevações.

Em Macaé, em vários brejos de Gurirí e ao redor do Itaoca, há turfa, mas de volume e qualidade desconhecidos.

Na região dos tabuleiros, o que até agora notamos de valor econômico foi um depósito de caulim, na fazenda do Campelo, onde o minério disposto em camada no subsolo chega a quase 10 metros de possança. A *canga* ou "recife" tem provado um bom material para revestimento de estradas de rodagem.

Na região azóica, há excelentes pedras de construção nas rochas gnáissicas e graníticas da cordilheira e contra-fortes. É digno de menção o granito de grã fina do Morro-do-Côeo, para paralelepípedos de calçamento, e meio-fios que já vimos ultrapassando 4 metros de comprimento.

A *grafita* de São Fidelis já tem fama, pois rivaliza com as melhores das importadas. Nas minerações de São Benedito e da Saudade, o produto é sempre cristalino, e aparece intrusivo no gnais

²⁷ FRÓIS DE ABREU, S: "Kieselguhr, no Brasil". Instituto Nacional de Tecnologia, Rio, 1935, pág. 23.

regional, indicando origem magmática. A disposição do minério é em rosário, o que dificulta e encarece a exploração, compensada, entretanto, pela qualidade e alto preço do produto escolhido.

Indícios de grafita existem em vários pontos da região, salientando-se os afloramentos de Itaperuna,

Recentemente, tivemos oportunidade de verificar a existência de veios de grafita em Conceição de Macabú numa aba de serra acessível só por corda, mas de ocorrência idêntica à de São Fidelis. A concessão de pesquisa já foi pedida para essa nova área de filões.

Reconhecimentos para grafita deverão ser executados em toda essa aba da Serra do Mar, particularmente nos vales do Imbê, rio Preto e afluentes onde há probabilidade de ser achada.

É bem possível que as ocorrências de ouro do município de Itaperuna se estendam para o de Campos.

Uma das maiores riquezas minerais do Estado são os mármore brancos do Muriaé.²⁸ Do norte de Itaipavas até São Domingos, sobretudo na margem esquerda, o calcáreo cristalino aflora em vários pontos. Estudamos as principais jazidas, uma das quais, a de São Joaquim, cuba sozinho centenas de milhões de toneladas.

A de Monção, onde já existem pequenas explorações mecânicas em dois pontos, não lhe é inferior, sendo, porém, dificultado o trabalho futuro em grande escala em virtude da quantidade de proprietários.

Na de São Joaquim, grandes blocos de mármore começam a ser talhados, não obstante o entravamento da exploração pela ausência de uma ponte em Paraíso.

Trabalhadas há bastantes anos para o fabrico de cal, devido à percentagem de magnésia relativamente baixa, só agora as pedreiras do Muriaé parecem iniciar, com a extração do mármore, uma grande e nova indústria fluminense, com possibilidade de vir a tornar-se nova Carrara continental.

O mármore comum de São Joaquim é de grã fina e uniforme, e a sua brancura torna-o precioso para construções civis, sobretudo porque a dureza é superior à do produto comum importado. Há na grande massa calcárea zonas de mármore alvo, finíssimo, estatuario de valor inestimável, e milhões de toneladas de calcita, que, além de várias utilizações industriais, poderá ser empregada de mistura com o calcáreo para o fabrico de cal ou de cimento, dado o seu baixo teor de magnésia, que reduzirá a percentagem total. Também para a normalização do solo ácido da planície.

Os calcáreos do Muriaé poderão ser ainda aplicados no fabrico de vidro, em vista da fartura de areias puras de restingas mencionadas acima, sendo ao mesmo tempo interessante um estudo do seu uso no fabrico do cimento, dada a presença de gipsita em Campos.

²⁸ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "Mármore do Muriaé". "Bol." n.º 97 do Serv. Geol. e Min.. Rio. 1940.

Esses calcáreos continuam para sudoeste, onde afloram em Cambucí e Cantagalo.

Na margem direita do rio Preto e na zona do Morro-do-Côco, há *magnetita* de cubagem desconhecida, merecendo estudos pela vizinhança do mar e transporte fácil, tendo-se em vista, sobretudo, a provável reabertura do porto de São João-da-Barra prometida pelo fecundo governô Amaral Peixoto.

Entre as grandes riquezas minerais do norte fluminense, estão sem dúvida as *águas medicinais*. Por tôda parte, novas fontes vão aparecendo, e é provável que nem o sul de Minas com êle possa rivalizar em abundância. Várias se encontram em exploração, sendo já analisadas as do Alecrim, Rapôso, Avaí, Cubatão, Flórida e Salgueiro. Entre tôdas merece destaque a "iodetada" de Pádua, única fonte dêsse tipo nas Américas, embora haja notícia de outra semelhante no vizinho município de Miracema.

Várias fontes salgadas, porém não nicdicinais, emanam dos tabuleiros ao norte da cidade, e foram por nós estudadas com relação ao problema do *petróleo* e analisadas no Laboratório Central de Produção Mineral.

Sôbre êsse combustível líquido, de tão magna importância em nossa economia, já executamos um trabalho oficial, mostrando as possibilidades de sua existência em Campos, o qual aguarda, para ser impresso, permissão do Conselho Nacional de Segurança.²⁹

São êsses no momento os produtos minerais conhecidos, que a natureza espontâneamente oferece a exploração. Estamos certos de que, em face de pesquisas tão precárias até hoje efetuadas, outros surgirão futuramente, com um estudo cientificamente mais aprofundado da crosta terrestre nessa região.

Ao finalizarmos, não deve ser esquecida a energia latente dos rios encachoeirados que se despenham da cordilheira na Baixada, especialmente o Segundo-Norte e o Mocotó, afluentes do Imbê.

Recapitemos, de relance, as formações recentes da planície, tablado que o Paraíba, expulsando o Atlântico, ergueu para a vigorosa evolução histórica do campista.

Os sedimentos recentes, solidificando a planície, é que nos deram o irrealizável solo para a cana. Tôda a grandeza econômica de Campos dêles parte. Tôda a história do açúcar e, conseqüentemente, a própria história social de Campos está enraizada a essa mancha de aluviões recentes, pequena em relação a área total ocupada. Tôdas as grandes repercussões econômicas e sociais, como adiante mostraremos, emanaram diretamente dêsse barro que enterrou o velho delta, dividiu naturalmente a gleba em um

²⁹ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo". "Bol. da Divisão de Geologia e Mineralogia" (inédito).

sem número de lagoas, insinuando a partilha da terra em propriedades médias e pequenas, incentivou lutas tremendas para essa divisão com o atrativo de um solo fertilíssimo e, paradoxalmente e ao mesmo tempo, conduziu *tôda* essa plebe rural, eminentemente individualista, a grande monocultura que destrói a iniciativa particular.

O drama social do campista prende-se inteiramente ao "massapê", como os antigos o denominavam. As condições geográficas do meio, jungidas ferreamente as formações geológicas. A luta pelo solo ubérrimo que, duro de conquista e reclamando o enérgico particularismo de um povo forte, atrai também, com a grande indústria imposta pelo meio, o grande capital destruidor de esforços individuais.

Todo êsse dualismo discordante vem do solo, da base física absolutista. Agarrado ao "massapê" é que o campista nasceu, evoluiu e se firmou. Sem êle, nem canaviais, nem usinas. Apenas um brejal a entrar dezenas de quilômetros pelo oceano. Praias de lama num mar de lama, ou, quando muito, a variedade estéril de areiais inhabitáveis.

Mudando o curso para nordeste, a par da imobilização do litoral, o Paraíba tudo transformou. Escapando a estagnação deltaica de seu leito retorcido, apressou o entulhamento do golfo de Campos e reduziu o da lagoa Feia. Restringiu a morbidez do ambiente palúdico, sepultando sob a terra firme alta percentagem de um país totalizado em brejos. Enterreirou em um solo rico áreas de fazendas futuras, onde a cana viçaria, prenhe de humus fecundante. Multiplicou-se por lagoas inumeráveis, reservatórios para o gado e retentoras de umidade no subsolo.

Mas não completou o trabalho enorme. Possibilitando a vinda do homem, deixou-lhe muito que fazer ainda, para que numa terra predestinada a grandes aglomerações e às culminâncias da economia agrícola brasileira, só pudesse dominar um grupo étnico selecionado.

Eis o caso singular de um determinismo geológico, impondo à História, pelas condições preexistentes na base física, uma inquebrantável orientação cultural, econômica e social. Um simples fenômeno geológico transformou em positivas as possibilidades negativas de civilização.

Mas não foi tudo. Para que êsse homem assimilasse mais ainda uma inquebrável tenacidade, era mister isolá-lo. Tapar-lhe a saída para o mar, para que êle próprio, subjugado o território e bem plantada a sua cultura, buscasse por si mesmo, num esforço derreadeiro, a ligação com o exterior. Dessa tarefa o próprio—ceano se encarregou, murando-o com a restinga.

E que fez o homem para domar a terra grossa e, depois, descartar-se dela, é o que a seguir veremos.

O HOMEM

"As raças são julgadas pela energia, pela ntividade, pelo vigor, pela independência, pelo brio e valor, com que sustentam a autonomia, — pelo conjunto de qualidades que formam o caráter étnico".

ALBERTO TÔRES — O Problema Nacional Brasileiro.

O INDÍGENA

"A Terra Santa-Cruz pouco sabida". — CAMÕES.

— "De que nação és? perguntou-lhe o cavaleiro em guarani.

— Goitacá, respondeu o selvagem erguendo a cabeça com altivez.

— Como te chamas?

— Perí, filho de Ararê, primeiro de sua tribo".

— JOSÉ DE ALENCAR: "*O Guarani*".

O verso da poesia de CAMÕES que prefacia a "História da Província de Santa-Cruz", de GANDAVO, ajusta-se bem a região dos Goitacás ainda em fins do primeiro século da nossa história.

A terra é bravia. As cartas de PÊRO DE GÓIS, expulso do litoral pelos índios, na primeira tentativa de colonização de sua capitania de São Tomé, e datadas de 1545, dão-nos curta e primeira nota da bravura do aborígene.³⁰

Indo-se o branco, por alguns decênios fica tudo abandonado. E, tendo sempre as entradas pela frente a intransponibilidade das cabildas goitacás, pouco nos dizem os cronistas de outras tribos existentes para oeste da planície estéril e costeira das restingas, e da baixada aluviônica e esburacada de lagoas nos abertos da floresta.

Várias nações, entretanto, por alí andam. Em fins de setecentos COUTO REIS nos fala ainda de alguns grupos que se chocam.³¹ Purís, Saruçús, Guanhões e Coropós são mencionados pelo cronista.

Comentando as "Peregrinações" de KNIVET no século XVI, TEODORO SAMPAIO apresenta-nos ainda os Tomiminós ao norte do Paraíba,³² o que contrasta com tôdas as outras fontes e nos parece duvidoso. Embora incontestavelmente valiosa a contribuição do pirata inglês, é comum em suas narrativas tanto o estropiamento do vocábulo indígena como audaciosas fantasias descritivas.

Difícil é de crer, por exemplo, que na expedição de MARTIM DE SÁ, em princípios de 1680, ao rio Paraíba, tenham 500 portugueses e 3.000 índios destroçado e aprisionado 16.000 Tomiminós. Tãmanha população cativa, num só combate, a um reduto indígena revela uma densidade demográfica desconhecida pelos demais cronistas regionais, além de que, ante o poder de tão forte inimigo e tão capaz de se agregar em massa, as esparsas tribos goitacás seriam impotentes para reter as cobiçadas planícies que dominam.

³⁰ PÊRO DE GÓIS: Carta a Martim Ferreira, datada de Vila-da-Rainha, 1545. (Augusto DE CARVALHO: "A Capitania de São Tomé").

³¹ COUTO REIS: "Descrição Geográfica, Política e Cronográfica do Distrito dos Campos Goitacás". 1785. Manuscrito orig. do Arquivo Alberto Lamego.

³² SAMPAIO, Teodoro: "Peregrinações de Antônio Knivet no Brasil no Século XVI". Primeiro Congresso de História Nacional. "Rev. do Instituto Histórico Brasileiro".

Confusões de nomes eram fáceis naqueles tempos de incontáveis tribos que erravam pelas selvas do sertão.³³ Disso temos exemplo mais recente em **COUTO REIS**, que estranhamente nega a existência dos Guarulhos, dos quais já ninguém se lembra no seu tempo, mas cujo nome permanece ainda na povoação que evoluiu da aldeia indígena em frente a Campos, e que prolonga a cidade pela margem esquerda do Paraíba.³⁴

É possível sejam êles os mesmos Saruçús, aldeados segundo o cronista em Nossa-Senhora-das-Neves, na margem esquerda do rio Macaé, onde **CORNÉLIO FERNANDES** coloca uma aldeia de Guarulhos.³⁵

Sobre êsses índios, há uma importante informação na *Storia delle Missioni del Capuccini*, do Pe. Rocco **CESINALE**, que denota ao mesmo tempo o seu remoto aldeamento. "Guarulhos e Guarús erano Indi sulle rive del Paraíba del Sud fra i quali entrati Gio. Battista e compagni come prima posero stanza in Rio-de-Janeiro, furono accolti con umanità, con carità li raccolsero; onde una nuova aldeia intitolata al santo lusitano di fronte a Campo". . . "Accanto ai Missionari francesi troviamo fin d'allora gli italiani. I prima tra i Guarulhos tre anni dopo l'ingresso dei confratelli (1672) in altra aldeia piu a ponente sulle sponde del Muriaé. Altri andarano ai Goitacazi feroci ed antropofagi, per comporne nuove popolazioni. Un p. Paolo assunse poi cura del borgo di S. Salvatore, oggi città di Campos".³⁶

"Os Guanhões — diz **COUTO REIS** em 1785 — de quem hoje só se conservam as memórias, não se sabe para onde os conduziu a desesperação; viviam dominando as terras incluídas entre o rio Imbê e o Paraíba, ao poente da lagoa de Cima; haverá trinta anos que tornaram a aparecer alguns; porém os Coroados, como mais superiores em número, fôrças e valor, os obrigaram a novo retiro; desde então, não se soube mais do seu destino".³⁷

São Miguel-de-Guanhões em distantes paragens mineiras ainda lembra êsse nome.

Vencidos em batalha pelos Goitacás, os Coropós são por êles assimilados, dando-se o fato original, citado por **AZEREDO COUTINHO**, de vencedores e vencidos adotarem conjuntamente o nome de Coroados.³⁸

Os Purís dominam as florestas do Muriaé, indo mesmo às margens do Itabapoana até quase fins do século passado.

³³ O vocábulo "sertão", no norte do Estado do Rio, não tem o sentido nordestino de regiões escassamente arborizadas e pastoris, mas, sim, o de mata virgem bravia e distante.

³⁴ Não obstante a negativa de **COUTO REIS**, **CAPISTRANO DE ABREU** em carta a **ALBERTO LAMEGO** identifica os Guarulhos de Campos aos de São Paulo, que também deixaram povoação do mesmo nome próximo à capital do Estado.

³⁵ **FERNANDES**, Cornélio: "Etnografia Indígena do Rio-de-Janeiro". Bol. do Museu Nacional, vol. II, n.º 4, pág. 18. Rio, 1928.

³⁶ **TEIXEIRA DE MELO**: "Campos dos Goitacases em 1881". Rio, 1886. Pág. 153.

³⁷ Segundo **COUTO REIS**, em fins de setecentos. "os Saruçús ainda existem nas montanhas e vales que medeiam entre os rios São João e Macaé, e se estendem até à margem sul do Macabú, aonde tem algumas aldeias".

³⁸ **AZEREDO COUTINHO**, D. José Joaquin: "Ensaio Econômico", pág. 32.

Muito se tem falado dêles. Além das autoridades nossas, o Príncipe de NEUWIED, MAWE e IDA PFEIFER, com êles tiveram contacto. DEBRET e RUGENDAS também dêles nos legam preciosos traços fisionômicos e cenas de sua vida florestal.

Igualmente já falamos dêses índios "sem tabas", sem leis, sem crenças, erradios em hordas impalpáveis", alcateando sinistramente pelas orlas florestais, em tocaia permanente contra o branco.

Trilhando sendas clandestinas de Cantagalo ao rio Sauanha — em pleno sertão do Espírito-Santo —, raro exteriorizavam seus costumes, do sigilo misterioso de suas selvas. Dos parques aldeamentos, um apenas persistiu. É hoje Itaocara.

Andejos, erravam de contínuo em busca de alimento. Onde havia o côco e o jaracatiá, a grumixama e a jaboticaba, o mel, a caça e a pesca, aí se achavam seus estádios passageiros. Mulheres e crianças iam de roldão no irrequieto nomadismo. Não tinham casas. Algumas varas encostadas a um tronco, cobertas de folhagens, davam-lhes abrigo nas tempestades, pressentidas pelo instinto divinatório do selvagem.

São "audazes, destemidos, vigilantes e de máximas mui atraícoadas", diz COUTO REIS, "inclinados a tôda deshumanidade, dando a morte a qualquer vivente que encontram, seja ou não irracional, ainda que os não ofendam".

Em princípios de oitocentos, o príncipe de NEUWIED ainda encontra nêles a antropofagia. Aliás, a ser-lhes o nome simples apelido posto pelos Tupís, conforme o pensam etimologistas, "puri" é comedor de carne humana (MONTÓIA).³⁹

Dos Aimorés nada ficou. Em seu mapa antropológico do Estado do Rio, CORNÉLIO FERNANDES põe os seus domínios sôbre a cordilheira, numa faixa que, da longitude da Guanabara se aperta entre o rio Grande e o Paraíba, transpõe êste a jusante de Itaocara, e daí continua para o Espírito-Santo. Tôda ela entre territórios goitacás da costa e do alto vale do Paraíba.⁴⁰

Em mapas do século passado, a cordilheira ao poente de Macaé ainda mantinha o nome de Serra-dos-Aimorés.

Os últimos Botocudos, derradeiros descendentes dêses ferozes aborígenes, vegetam hoje aldeados nas proximidades de Colatina, no Estado do Espírito-Santo.

Os Aimorés não descem a planície campista. É que alí os afrontam uma das mais temerosas nações indígenas das terras americanas.

"Eram os mais terríveis índios dos Brasis" — no dizer de SIMÃO DE VASCONCELOS, que tantas tribos descreveu.

Goitacá, Guaitacá, Guatahar, Goitacax, *Guiatacás*, Goiatacás, *Ovaitagnasses*, *Ouetacá*, *Waitacá*, *Eutacá*, Aitacax, *Itacaz* e *Ueta-*

³⁹ LAMEGO FILHO, Alberto: "A Planície do Solar e da Senzala", cap. "O Rio dos Puris", Rio, 1934.

⁴⁰ FERNANDES, Cornélio: Obr. cit., págs. 16-17.

caz são outras tantas denominações recolhidas nos limites de seus territórios, e fora do alcance de suas enormes flechas devastadoras. VARNHAGEN traduz o nome por "corredores", do verbo *guatá*, andar.

MARTIUS, eminente em etnografia, mas lacunoso em linguística, dá-nos o significado de "corredores da mata".

BATISTA CAETANO critica-o, mostrando ser o apelido derivado de *aquã* — *atahar*: "ligeiro marchador", o que confirma a designação de VARNHAGEN.⁴¹

JOSÉ GERALDO BEZERRA DE MENESES, grande conhecedor do *Abãneenga*, mas que infelizmente quase nada nos deixou de sua cultura vasta, dá-nos uma original etimologia da palavra, sendo a que melhor se adapta ao índio.

Explica o vocábulo como oriundo de "gua" ou "aua" ou "aba", *homem, índio, gente*; "ytá", *nadar*; e "quaa" *saber*.

"Índios nadadores" é sua definição, que bem se enquadra ao aborígene das lagoas.⁴²

Seu *habitat* é vastíssimo, não se restringindo a planície do Paraíba, como geralmente se supõe.

Na cobiçada costa brasileira onde somente as tribos mais guerreiras, geralmente tupís, se mantêm à fôrça de batalhas, de Cabo-Frio ao rio Cricaré tudo é dêles.

Um cronista inglês testemunha a sua presença mais ao norte ainda, nas trinta léguas de planuras costeiras em face dos Abro-lhos, destruindo-se mutuamente e destroçando as populações vizinhas.⁴³

Quer isto dizer que suas flechas defendem 100 léguas de praias atlânticas.

Na terra fluminense, pode-se estimar que todo o baixo vale do Paraíba é por êles dominado. É também possível que muito se avizinhassem da Guanabara, visto que GABRIEL SOARES, falando-nos do Macacú, chama um de seus afluentes principais de "rio dos Goitacases".

⁴¹ CARDIM, Pe. Fernão: "Tratados da Terra e da Gente do Brasil". Col. Brasiliana: São Paulo, 1939. Anotações de BAISIA CAETANO, CAPISTRANO DE ABREU e RODOLFO GARCIA, pág. 218.

⁴² BEZERRA DE MENESES, em carta inédita a ALBERTO LAMEGO, diz: "Goitacá" é evidentemente palavra tupi-guarani. e os próprios Goitacases se dariam outro nome. O fato é comuníssimo. Por via de regra, conhecemos os Tapuias, que eram Goitacases, pelos nomes que lhes davam na lingua geral, correspondendo a um epíteto, alcunha ou nota característica da tribo assim designada. Em nosso caso, para não citar outras autoridade, basta a de GALANTI, na "História do Brasil" (1. pág. 123), sobre "diferença específica" dos Goitacases, o qual lhes chama: "Nadadores mui valentes".

Lê-se à pág. 19 da "Terra Goitacá"... "com a velocidade de veados se recolhiam as suas águas e, nadando, se metiam em suas casas..." Pois, é isso justamente que significa "Goitacá": "homem ou gente que sabe nadar", "índios nadadores".

"Goitacá" é corrupção de "Goitacá" ou, melhor, "Guaitacá", corrupção ainda de "Guaitaquas", e decompõem-se em "guá", ou "aua", ou "aba" homem, índio, gente; "ita" = nadar; e "quaa" = saber: portanto, homem, índio ou gente que sabe nadar".

O autor nos previne sobre a possível confusão de "itá", verbo, com outros vocábulos semelhantes, entre os quais "Ita", pedra.

Em outra de suas cartas nos dá êle um significado semelhante, partindo de "Gualtá", índios nadadores, acrescido de "guacú". Teríamos, deste modo, "Guaitaguaçu", nadadores grandes, corrompido em "Guaitaguaço", com deslocção do acento, como em "sanhaçu" e "sanhaço", "saíra" ou "saú grande", e em "Guaitaguas" ou "Guaitacaz...."

⁴³ O GILBY, John: "America". London, 1671, pág. 500.

Na bacia do Paraíba, ainda se alastram pelos sertões de Minas-Gerais.

Sobre a origem dos Goitacás, nada nos dizem os primitivos cronistas. Entre as produções dos etnólogos, não se enquadram êles na divisão por **COUTO MAGALHÃES** de nossos índios em **Abaúna** e **Abajú**. A primeira destas ordens é a do indivíduo escuro e alto. A segunda subdivide-se no índio mais claro e mediano de estatura e no índio claro e baixo peculiar à bacia amazônica.

Segundo o sertanista, "o primeiro é o tronco primitivo; os dois últimos são raças mestiças filhas do cruzamento daquele tronco com o branco".

Não discutindo sua opinião hoje abandonada, vemos, entretanto, que os Goitacás altos e claros, segundo os cronistas, não se enquadram na classificação do ilustre general.

D'ORBIGNY avança um passo, distribuindo os aborígenes em três raças: Ando-peruviana, Pampeana e Brasília-Guaraní. Na Pampeana estão os nossos íncolas tapuios.

MARTIUS, indo além, amplia a classificação, dando ao Goitacá a chefia de um dos grandes grupos étnicos.

Assim, temos:

- 1 — Tupís ou guaraní, os guerreiros.
- 2 — Gês ou Crãs, os cabeças.
- 3 — Guque ou Côco, os tios.
- 4 — Crens ou Guerens, os velhos.
- 5 — Parecís ou Poragís, os de cima.
- 6 — Goitacás, os corredores da mata.
- 7 — Aruaque ou Aroaquiz, a gente da farinha.
- 8 — Linguas ou Guaicurús, os cavaleiros.
- 9 — Índios com transição para a cultura da língua portuguesa.

Aí aparecem os Goitacás como um grupo definido.

Com o avanço de seus estudos etnográficos, **VON DEN STEINEN** refunde a classificação:

- 1 — Tupís.
- 2 — Gês.
- 3 — Carábas.
- 4 — Nu-Aruaque ou Maipura.
- 5 — Goitacás (Waitaka).
- 6 — Panos (Ucayale).
- 7 — Miranhas.
- 8 — Guaicurus (Waikura).

Temos, enfim, como autoridade mais recente **RODOLFO GARCIA**, que assim resume a sua opinião, a par dos conhecimentos atuais: ⁴⁴

- 1 — Tupí-Guaraní.
- 2 — Nu-Aruaque.

⁴⁴ **GARCIA**, Rodolfo: "Etnografia Indígena". "Dic. Hist. Geogr. e Etnogr. do Brasil", Rio. 1922.

- 3 — Caraíba.
- 4 — Gê.
- 5 — Carirí.
- 6 — Pano.
- 7 — *Goitacás e Guaicurus*.⁴⁵
- 8 — Bororos, Carajás, Trumais e Mhambiquaras.
- 9 — Betóias ou Tucanos, Tacanas, Pebas, Cauapanas, Cataquinas e Macús.

Transcrevemos estas classificações para evidenciar a importância que nelas se dá ao índio Goitacá, definido como chefe de grupo étnico.

Em seu estudo sobre a etnografia indígena do Estado do Rio, CORNÉLIO FERNANDES inclui como Goitacás os Guarulhos, Purís, Copós e Coroados, o que, com exceção dos últimos, é ponto discutível, especialmente no que refere aos Purís.

O que se sabe é que se dividiam em Goitacá-Mopí, Goitacá-Jacoritó e Goitacá-Guaçu.⁴⁶

TEIXEIRA DE MELO dá-nos a versão de que o vocábulo indígena "Goitacamopí" tem sido traduzido em "Campos das Delícias".⁴⁷ Talvez reminiscência de "Campos Elíseos", designação usada pelo jesuíta cronista em suas referências à planície.

Na sua *História de Uma Viagem Peita a Terra do Brasil*, em 1578, JOÃO DE LÉRY é o primeiro em falar dêles. Cita os índios *Paraiibes*, ao sul de Itapemirim, que devem ser uma das tribos da mesma nação, e passa em seguida à região dos campos e lagoas.

A terra "é possuída e habitada pelos Goitacases, selvagens tão ferozes e bravios, que não podem viver em paz com outros, e têm sempre guerra aberta e contínua não só com todos os seus vizinhos, mas também com todos os estrangeiros. . .

"Quando são apertados e perseguidos por seus inimigos, os quais ainda não os puderam vencer nem domar, andam tão rápidos a pé, e correm tão ligeiros, que não só dêste modo evitam o perigo da morte, mas também no exercício da caça apanham na carreira certos animais silvestres, espécie de veados e corças.

Andam nus, assim como fazem todos os Brasileiros, e trazem os cabelos coípridos e pendentes até as nádegas, contra o costume mais ordinário dos homens dêsse país, os quais, como já disse, e ainda amplamente o direi, tonsuram o cabelo na frente e o cerciam na nuca.

Em suma, êsses diabólicos Goitacases, invencíveis nessa limitada região, comedores de carne humana como cães e lobos, e possuidores de língua não entendida pelos vizinhos, devem ser consi-

⁴⁵ Privamos pessoalmente com os Guaicurus na serra da Eodoquena, ao sul de Miranda, em Mato-Grosso. Se, pelo arcabouço atlético, e forte, poderiam fisicamente recordar os Goitacás, aquêles índios são, entretanto, de epiderme escura, o que está em desacôrdo com os cronistas ao descreverem o aborígene campista.

⁴⁶ VASCONCELOS, Pe. Simão de: "Vida do Pe. João de Almeida", Lisboa, 1658, cap. XII.

⁴⁷ TEIXEIRA DE MELO, Dr. José Alexandre: Obr. cit., pág. 10.

derados e postos na ordem das nações mais bárbaras, cruéis e terríveis que se possam achar em tôda a Índia ocidental e terra do Brasil".

SIMÃO DE VASCONCELOS é quem melhor nos fala dêles: "Tragadores de carne humana, de cujos ossos fazem grandes montes em seus terreiros".⁴⁸

Habitavam "choças de palha, fundadas cada qual sôbre um esteio de pau metido na areia, por mor segurança dos seus contrários, cercados sobretudo de matas espêssas, rios e charcos inaccessíveis".⁴⁹

A sua antropofagia, que discutiremos adiante, é posta a nu em relevos ásperos. "Tem nos terreiros de suas aldeias, junto às portas de suas mesmas casas, grandes rumas de ossadas dos que mataram e comeram, e disto se jactam; e quanto maior fôr a ruma da ossada dos que mataram e comeram, tanto maior fica sendo a nobreza de cada qual das casas. Êstes são seus brasões e suas proezas. Eram comumente gente agigantada, membruda e forçosa; o cabelo do alto da cabeça rapado a modo de calvos, e o demais crescido até o ombro a modo de Cesarie, todos nus, homens e mulheres, sem pejo algum da natureza".⁵⁰

Dormiam no chão sôbre folhas. "Não tinham rêdes nem cama, nem enxoval, porque tôda a sua riqueza consistia em seu arco. Seu modo de viver era pelos campos, caçando as feras; e pelas alagoas, rios e costas do mar pescando o peixe, e em uma e outra arte erain insignes".

Senhores das lagoas, dos córregos e do Paraíba, só bebiam água de cacimbas. Enterravam seus mortos em *igaçabas*.

GABRIEL SOARES, entretanto, no século anterior, ao ver a terra inteiramente virgem com seus índios, não frisa a antropofagia do Goitacá. "Este gentio tem a côr mais branca que os que dissemos atrás, tamoios, tupiniquins e papanases, e têm diferente linguagem; é muito bárbaro, o qual não granjeia muita lavoura de mantimentos; plantam sômente legumes, de que se mantêm, e da caça que matam as flechadas, porque são grandes flecheiros. Não costumam esta gente pelejar no mato, mas em campo descoberto, *nem são muito amigos de comer carne humana como o gentio atrás*; não dormem em rêdes, mas no chão, com fôlhas debaixo de si. Costumavam êstes bárbaros, por não terem outro remédio, andar no mar nadando, e, em remetendo o tubarão a êles, lhe davam com o pau, que lhe metiam pela garganta com tanta fôrça, que o afogavam e matavam, e o traziam a terra, não para o comerem, para o que se não punham em tamanho perigo, senão para lhes tirar os dentes, para os engastarem nas pontas das flechas".⁵¹

⁴⁸ VASCONCELOS, Simão: "Vida do Venerável Padre José de Anchieta", Lisboa, 1672, pág. 33.

⁴⁹ *Obf. cit.*, pág. 331.

⁵⁰ VASCONCELOS, Simão: "Vida do Pe. João de Almeida", Lisboa, 1658, pág. 148.

⁵¹ GABRIEL SOARES DE SOUSA: "Tratado Descritivo do Brasil", 1578.

Tal era o índio que nos pintam os cronistas, aguardando os colonos primitivos. Será um bárbaro indomável cuja ferocidade indescritível exija total destruição, ou apenas uma expressão mais forte da humanidade indígena das Américas, com seus rudes hábitos generalizados e em mútua colisão continua pela posse do alimento?

A julgá-los pelo canibalismo, o argumento de selvajaria é falho. Ajuizar a cultura e o estágio evolutivo, entre ameríndios, pela antropofagia é hoje erro indesculpável. O costume era geral.

Antropófaga é a maioria dos Tupis-Guaraní, que, por exemplo, na Baía tanto dão que fazer, e comeram o bispo SARDINHA. Antropófagos são os Gês. Os organizados Caraíbas fincam em piques nas caixas os crânios dos inimigos devorados. As peles dos braços e das pernas enchem de cinzas e expõem-nas em renques sinistros pelas ruas de suas cabildas ou nas paredes de seus templos. Algumas tribos esmeram-se em minúcias macabras, de um requinte horripilante, ainda visto em nossos dias entre os Jivaros por UP DE GRAFF.⁵² Retiram cuidadosamente a epiderme das cabeças, secam-nas e enchem-nas. Uma entrada em suas tabas mostra o ineditismo horrível da mascarada lúgubre, oscilando ao vento longas cabeleiras.

Curiosidades desta ordem são, entretanto, pagas em bons esterlinos por escandalizados puritanos londrinos, para os seus museus particulares.

Os prisioneiros entre os Caraíbas são cevados para a matança. CUERVO MÁRQUEZ não hesita com sua grande autoridade em afirmar o fato apavorante de que "al pueblo de Carnicerías, en vecindario de los paeces, le dieron los españoles este nombre porque allí *encontrarom* establecidos matadero e mercado *publicos* de carne humana".⁵³

Aliás entre as tribos caraíbas "casi todas elas eram antropófagas, hasta el extremo de que su único alimento consistia en la carne humana".⁵⁴

Isto para os suaves Caraíbas que espalham menestréis e músicos pelo continente.

Não tem atenuantes a voracidade canibalesca na América do Norte. Canibais são os índios da Flórida e das margens do Ohio.⁵⁵

Os míseros Sampeetche, Payouts e Ampayouts devoram os parentes mortos e comem os próprios filhos. Se os não imitam os fezozes peles-vermelhas da planície, — Sioux, Comanches, Apaches, Pieds-Noirs e Corvos —, é que se lhes depara fortunadamente ali uma dispensa inesgotável nos milhões de bisontes das savanas.

⁵² UP, DE GRAFF, F. W.: "Caçadores de Cabeças do Amazonas".

⁵³ CUERVO MÁRQUEZ, Carlos: — "Estudios Arqueológicos y Etnográficos", Madri. 1920. pág. 153.

⁵⁴ CUERVO MÁRQUEZ, Carlos: Obr. cit., pág. 152.

⁵⁵ MOKE, H. J.: "Histoire Illustrée des Peuples Américains", Bruxelas, 1847.

Mais inesperada, porém, que tais ocorrências entre o índio bravo é a ferocidade **ingênita** dos civilizados nas paragens mexicanas e andinas. A história desses povos tem máculas **inapagáveis** sobre o esplendor dos templos e dos palácios.

São Chibchas colombianos a oferecerem ao Sol o coração dos "Moxas", mancebos virgens, criados para esse fim. O morticínio de inocentes é comum. Além dos Chibchas, os Canãris do Equador sacrificam milhares de crianças a Supay — o gênio do mal —, degolando-as com cutelos de pedra.

Quando o Inca adoecia gravemente, os peruanos repetem o crime, imolando ao deus solar os próprios filhos e devorando-os em seguida.

Na costa mexicana do Pacífico, os Caxas contam a nobreza dos guerreiros pelo número de crânios que se encontram ao redor de suas casas.

Ainda no México, os Tauaras, idólatras da Serpente, queimam vivas as suas vítimas numa fossa envolvida pela imagem colossal do ídolo a morder a própria cauda.

Os adoradores do Jaguar tingem-lhe a estátua de sangue humano.

Nada, porém, ressalta de maneira mais abominável do que a grande civilização asteca de Anahuac. Reavivando-a em páginas incisivas, o clássico historiador PRESCOTT dá-nos um filme a um tempo maravilhoso de adiantamento e repulsivo de atrocidades.

Admiráveis em seus palácios, em seus sagrados teocallis, a cultura do México pré-colombiano é, com o império do Inca, o orgulho da pré-história americana. Escultores e arquitetos, músicos e tecelões, mineiros e mercadores, artistas e guerreiros, os astecas **nobilitam** o continente. A prata, o chumbo, o estanho e o cobre são artificialmente trabalhados. A agave, o aloe, o algodão, o milho, a batata, a mandioca, o feijão e o cacau são cultivados em lavouras irrigadas. O cacau, o estanho, o ouro em pó, são moeda corrente nos mercados. Inigualados no mundo inteiro os seus **rutilantes** tecidos de plumagens, que em trajes, mantos e tapeçarias são levados por todo o Império pelos nobilitados mercadores viajantes. Mas esse povo ordeiro nos seus hábitos, simples em seu viver, incansável no trabalho, macula a grandiosidade de sua raça com o tétrico de seus ritos sanguinários.

O culto do Sol é geral nos povos centro-americanos e vizinhos, e a sua memória avermelha ainda, como um grande clarão de ocaso, o trajeto dessa gente pela história.

Os Toltecas, seus predecessores, ofertam aos deuses as **primícias** de suas flores, de seus frutos e de suas searas. Mas, como o faziam os astecas, a dádiva eram "corações humanos"!

Ao terrífico Mexitli, o deus da guerra, a Tezcatlipoca, "a alma do mundo", o jovem eterno, ao próprio **Quetzalcohuatl**, "o dragão verde", o deus das artes, o meigo pregador da paz, os sacerdotes sacrificam homens.

No santuário dos *teocallis*, a vítima é estirada no altar convexo e monolítico. Imobilizada pelos sacerdotes manchados de sangue, quais magarefes, um dêles desfecha uma brutal cutilada sob as costelas. Enfiando pela abertura a sua mão habilidosa de sicário arranca-lhe o coração, que, ainda palpitante, é ofertado ao deus num prato de ouro.

Conta-nos **PRESCOTT** que o corpo estrebuchante é atirado à face da pirâmide e em baixo recolhido pelos escravos para o preparo de finas iguarias, manjares requintados, ingeridos em banquetes de ambos os sexos.

E não se julgue que é restrito o número de executados. Nos altares de Anahuac, vitimam-se anualmente de vinte a cinqüenta mil criaturas. Homens e mulheres, crianças e anciãos, todos são imolados.

De uma vez, seis anos antes da vinda de Colombo, a matança atinge o acume. Quando foi a sagração do grande templo de *Huitzilopochtli*, na capital do México, em 1486, abrem o peito a setenta mil pessoas. De todos os quadrantes da cidade processionam prisioneiros subindo a pirâmide. E um a um, dias a fio, vão sendo religiosamente trucidados, enquanto a imensa pilha de corações palpitantes cresce aos pés do deus insaciável.⁵⁶

Das carcaças destruídas somente os crâncos se conservam em edifícios próprios para isso. Num só dêles, contam os espanhóis 136.000 caveiras!

Similarmente, os **Maias** do Iucatão, notabilíssimos construtores de templos, são abomináveis nesse culto.

Os **Quetãs** de Costa Rica, os **Cunas** do Panamá, os **Niquirãs** de Nicarágua, os **Pipilas** de Guatimala e Salvador, os **Caraques** do Equador, todos êles sacrificam de maneira idêntica.

O Inca é mais brando. Seus famosos templos ao Sol e a Lua, ao Relâmpago e ao Trovão, silo para os conquistadores minas riquíssimas de ouro e prata, visto que os ídolos gigantescos, as portas maciças, os lavôres das paredes, o vasilhame sagrado, as tubulagens para água, os próprios utensílios de seus jardins, até as flores artificiais tudo é de metais preciosos. No refinamento de uma religião que cultua o Arco-Iris, ofereciam-lhe flores, frutos, sementes, e lhamas.

Mas também, as vêzes, crianças e moças bonitas substituem êstes últimos. E quando morre o Inca, acompanham-no ao túmulo milhares de concubinas.⁵⁷

Outros povos também entretinham ritos sanguinários, e, à semelhança dos primitivos gregos e romanos, na construção de seus

⁵⁶ **PRESCOTT**, William H.: "History of the Conquest of Mexico, with a preliminary view of the ancient Mexican civilisation and the life of the conqueror Hernando Cortez", Londres, 1843. vol. I, pág. 70.

⁵⁷ **PRESCOTT**, William R.: "History of the Conquest of Peru with a preliminary view of the civilisation of the Incas".

templos, os madeiros que servem de colunas se enterravam esmagando os corpos vivos de donzelas escolhidas.⁵⁸

Ainda há mais. O prato de honra nos festins da nobreza asteca consta da carne de um escravo, preparado com todo o requinte da arte culinária.

O exemplo vem do alto. MONTEZUMA e seus avós imperam das maravilhas de seu palácio de Chapultepec, inigualado entre os dos tiranos do velho Oriente. Em baixo, aos pés da montanha real, o lago de Tezenco. E, estendendo-se por várias milhas, os jardins imperiais riscados de alamedas de cedros e ciprestes gigantescos. Estátuas de imperadores espelham-se na piscina real. No jardim zoológico, quase toda a fauna americana. No aviário, as mais ricas plumagens do Globo. No museu vivo, a coleção teratológica de monstros humanos.

As mil mulheres de seu harém tecem-lhe as mais preciosas vestes, mudadas quatro vezes ao dia e usadas uma só vez.

Em seus banquetes, come só, sentado em uma almofada ante uma pequena mesa baixa. A bebida é o chocolate. Centenas de pratos. Das mais raras caças de suas florestas aos mais saborosos peixes do golfo do México, vindos diariamente por estafetas corretores.

É o senhor da América. A expressão mais alta da cultura americana só é igualada pelo Inca. Mas no esquisito de seus manjares, a carne de criança é misturada aos alimentos reais!

Poderíamos continuar a exposição, que já se torna longa. São, porém, mais que suficientes tais exemplos, sem termos de saltar o Atlântico ou o Pacífico, em busca das torturas asiáticas ou de toda a história européia que se desenrola numa contínua sucessão de horrores e morticínios, desde os sacrifícios druídicos nas matas da Gália até os aperfeiçoadíssimos processos de destruição em massa, cientificamente calculados pelos expoentes máximos da civilização atual.

Diante disso, ninguém pode censurar pobres tapuios brasileiros, perdidos em suas selvas, vestidos por tribos guerrilheiras e em luta permanente pela vida.

A totalização completa de seus caracteres físicos e psíquicos integra-se na própria natureza do seu estágio evolutivo. Premeditam de véspera os seus ataques para fins de segurança tribal, num impulso momentâneo e insopitável. Nós hoje em dia os premeditamos de vários anos. . .

Afirmam a supremacia racial com a eliminação de pequenas cabildas vizinhas. Nós, com princípios idênticos, vemos tentar-se o aniquilamento de milhões de seres, usando métodos incalculavelmente mais perfeitos.

Não vivemos nus, porque não temos a sua pureza de intenções em nosso inconsciente saturado de recalques.

⁵⁸ CUERVO MÁRQUEZ: "Estudios Arqueológicos y Etnográficos", vol. II, pág. 30.

Habitamos bangalôs e arranha-céus em lugar de cabanas; andamos sôbre asfalto e cimento em lugar de trilhas; vestimos sêdas e cambraias em lugar de penas. . . Seremos mais felizes?

Não devoramos os semelhantes. Talvez porque tenhamos trigo e carne em mãos de meia dúzia, até para queimar. . .

A antropofagia desapareceu com a crença da assimilação com o próprio corpo das virtudes guerreiras do inimigo. Mas sua permanência é tão arraigada no inconsciente, que até nobres religiões ainda a mantêm, sublimando-a ritualmente no mais elevado de seus sacramentos, que encorpora aos fiéis a carne e o sangue do próprio Deus.

O canibalismo não impede por si só durante mais de um século a entrada do branco na região dos Goitacás. Existente entre os Tupís, vemos que êstes se entregam a mercê dos conquistadores. A própria palavra "canibal" é oriunda dos Caraibas do norte continental, povo comprovadamente Guaraní, segundo uma das maiores autoridades na questão.⁵⁹

Com olhos do tempo em que se combatem índios nos primevos da conquista, o que se vê, não obstante os cronistas atemorizados, é o valor da raça americana a defender a terra contra inimigos melhormente armados e organizados.

O estrangeiro é mais apto a utilizar a gleba. Mais digno de a possuir para a legar ao patrimônio cultural do europeu. Porém indiscutivelmente mais capcioso em seus processos escravizadores e em sua constante quebra de palavra para com a infantil sinceridade ingênua de uma raça ainda criança.

É por isso que as cem léguas de costa do domínio goitacá são o flagelo dos colonos.

BERTONI, grande indianista mas demasiado paraguaio, — povo entre o qual até hoje a língua corrente é o guaraní —, afirma a supremacia dessa raça em toda a costa brasileira, e diz que em todos os casos, "las posesiones territoriales de las tribus tapihihia, — tapuias —, siempre fueron más o menos aleatorias, aun más al interior; así es que el dominio del litoral pertencia por entero a la raza guarani, no obstante las incursiones de aquellas, algo así como solía suceder en todos los grandes imperios, aun los mejor defendidos, como el romano".⁶⁰

A presença de todo o grupo goitacá em 600 quilômetros do nosso litoral por si só contesta a opinião do grande sábio.

Se bem armados guerreiros portugueses não conseguem desalojá-los em século e meio de penetração, como o conseguiriam selvagens guaranís nos duzentos anos que, segundo o autor,⁶¹ haveriam decorrido entre o descobrimento da América e a invasão do Brasil Oriental por êsses índios?

⁵⁹ BERTONI, Moisés Santiago: "La Civilización Guaraní", Puerto Bertoni, Paraguai, 1922, cap. XIX.

⁶⁰ BERTONI, Moisés Santiago: Obr. cit., pág. 400.

⁶¹ Obr. cit., pág. 401.

A alternativa é a de terem os Goitacás expellido aquêles aborígenes, o que certamente prova a sua superioridade batalhadora.

E por que não igualmente étnica e cultural? "Altos e robustos, de côr mais clara que a da maior parte das tribos do litoral, e falando diversa língua"⁶² as vastas cabeleiras a lhes escorrerem pelas espáduas, com suas flechas enormes e seus ataques fulminantes, senhoreiam tôda a planura costeira empoçada de lagoas, que, em parte, ainda lhes herda o nome. "Viviam no campo, e não querem viver nos matos". "Correm tanto, que a cosso tomam a caça".⁶³

Se não erram antropologistas, quando interpretam a habitação lacustre como estágio adiantado na humanidade primitiva, o *modus vivendi* do índio goitacá desmente a supremacia cultural do Tupí-Guaraní sôbre o Tapuio, pelo menos no que se refere ao grupo em assunto.

De nenhum outro povo indígena brasileiro falam cronistas de povoações lacustres no litoral de leste.

"Todo o edifício de suas aldeias vinha a parar em umas choupanas a modo de pombais, fabricadas sôbre um só esteio por respeito às águas; estas muito pequenas, cobertas de palhas a que chamam tabua, com portas tão pequenas, que para entrar nelas era preciso ir de gatinhas".⁶⁴

Aprumar cabanas sôbre um só esteio, com a estabilidade necessária à moradia familiar, demonstra nocões arquitetônicas invulgares e desconhecidas do Tupí-Guaraní. É provável que as próprias árvores com suas copas abrigadoras lhes sugerissem a idéia.

Possuidores de zona privilegiada, com abundância de caça e pesca, é natural que aprendessem a defendê-la contra a rivalidade sôfrega dos vizinhos. Em vez de paliçadas, como nas tabas tupís, têm meio mais seguro de defesa: a água.

Se não nos falha a memória, é THEVET quem diz usarem êles queimar pimenta como defesa contra os atacantes, inaugurando dêste modo os gases asfixiantes, orgulho atual de europeus supercivilizados.

Êstes fatos provam ser a mentalidade do Goitacá não a de um selvagem bronco e primitivo, impassível de ferocidade e a tocaiar pelos matagais. Ao contrário, aparece-nos um cérebro algum tanto superior ao comum dos outros índios, que evoluiu com as contingências da vida sob o determinismo da ambiência.

A sua aversão pelo colonizador deve ter nascido não sômente das tentativas bárbaras de escravização, como também de uma consciência inata de superioridade racial oriunda de predomínios seculares inderrotáveis.

Uma tal consciência acaba em geral por diluir-se com a própria civilização e seus requintes amolecedores, como viria a suceder

⁶² SOUTHEY, Robert: "History of Brazil", 3 vols., Londres, 1810, 1817. 1819.

⁶³ CARDIM, Pe. Fernão: Obr. cit., pág. 179.

⁶⁴ VASCONCELOS, Pe. Simão: "Vida do Pe. João de Almeida", Lisboa, 1658. pág. 148.

mais tarde com êstes próprios índios. Não, porém, quando uma raça forte permanece primitiva, com sua **evolução** praticamente estagnada em costumes espartânicos e onde a vida periférica das cabildas é sempre efervescente entre inimigos impossíveis de conciliar.

Tal é o Goitacá. O terror que suas flechas inspiram e a rapidez atacante dêsses índios corredores dão-lhe fama brutal de unia selvageria sem limites, que não assinamos. E assim também opina TEODORO SAMPAIO, considerando o Tapuío mais dócil, mais sincero e mais civilizado que o Tupí.

Aliás os "civilizados" concorriam para os afastar cada vez mais de seu convívio. Tal, por exemplo, o fato, citado por SIMÃO VASCONCELOS na sua *Vida do Pe. João de Almeida*, de haver um navio naufragado nessas costas, e sob suspeita de haver sido devorada a tripulação, índios do Cabo-Frio e Reritiba unidos e a mando de portugueses marcham para a planície e, "entrando em zêlo, ou por providência particular do Céu, feitos em um corpo, deram sôbre os índios, e os mataram todos; e o que mais é, que, não contentes com esta vingança entraram o sertão até suas aldeias, e a todos os mais que lá acharam, homens, mulheres e meninos deram morte, sem perdoar a sexo nem a idade"... "Verdade é que a presunção dêstes índios vingadores neste caso foi falsa; porque os pobres Boitacases não tinham morto nem comido homem algum dos navegantes"...

É óbvio que tais fatos não propiciam particularmente amáveis vizinhanças. . .

CORNÉLIO FERNANDES diz, ao comparar Tupís, Gês e Goitacás no Estado do Rio: "Dos três grupos foi o Goitacá indubitavelmente o que maior contingente deu para a formação do tipo étnico fluminense, pois que foram os em maior numero aldeados pelos portugueses em núcleos donde saíram cidades como Itaocara (?), Valença, Rio-Bonito, São Pedro, etc..

A razão dêste fato está em serem os Goitacases os mais cultos indígenas do Rio-de-Janeiro, como os descreve NORBERTO DE SOUSA E SILVA a página 125 do tomo 17 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, e o seu espírito de altivez para com os outros são disso prova. . . .⁶⁵

São êsse espírito de altivez pela indomabilidade racial e a superioridade intelectual, demonstrados linhas acima, que nos põe ante o olhar, em princípios do século XVII, já quase tôda a costa brasileira dominada, e ainda a planície do Paraíba inacessível.

Da Guanabara ao Espírito-Santo, só por mar. Duas vêzes é esta capitania destruída. Dois capitães-mores, D. JORGE DE MENESES e D. SIMÃO DE CASTELO BRANCO, trucidados.

Em Vitória, acossados por suas flechas, os habitantes abandonam a vila e vão reconstruí-la na ilha Duarte-Lemos.

⁶⁵ FERNANDES, Cornélio: "Obr. cit., pág. 16.

Contra as suas predações, MEM DE SÁ lança uma armada. Desbaratada pelos índios, nela perde a vida seu filho FERNÃO DE SÁ, no rio Cricaré, atualmente S. Mateus.⁶⁶

Por eles são destroçadas a vila da Rainha e a capitania de São Tomé, de PÊRO DE GÓIS. Por eles despedaçada Santa-Catarina em a foz do Itapemirim, de seu filho GIL DE GÓIS, e definitivamente abandonada a capitania da Paraíba-do-Sul.

Só uma vez alguns procuram o capitão-mor ESTÊVÃO GOMES, em Cabo-Frio. É quando os colonos, desesperados de subjugar-los, empregam um processo desumano para os abater. Deixam em seus territórios roupas de variolosos.

Mas a intratabilidade continua ferrenha, e cresce continuamente a cobiça do colono por aquelas "campinas formosas, terra principal dos Goitacás, Mopís, Guaçús e Jacoritós e seus Campos Elísios, pela sua formosura e fertilidade dêles, de mais de 20 léguas de várzeas a estender olhos, sem altibaixo algum, cercados de arvoredos, entresachados de caça de ave e de peixe, tanto quanto suas frechas pretendem".⁶⁷

Não há como dominá-los. Os trabucos falham. Falha a varíola disseminada. Falha tôda a tentativa de entendimento.

É quando, em 24 de setembro de 1619, partem para a missão dos Goitacás os jesuítas João DE ALMEIDA e JOÃO LOBATO, êste último, com oitenta anos de idade. Já havia realizado a façanha incrível de ir apenas com dois índios do Rio a Vitória, pela cordilheira dos Aimorés.

Os padres partem de Macaé. A presença de ESTÊVÃO GOMES, que acolhera os variolosos, facilita a missão.

Nas margens do Iguassú, futura lagoa Feia, entram em pazes com os Jacoritós. Mais além, nos campos do Paraíba pacificam os Mopís em seus domínios, onde já nas aldeias encontram montes de ossos.

Restam porém, os mais terríveis. Demos mais uma vez a palavra ao cronista: "Mas como faltava ainda tratar o negócio com os Goitacás-Guaçús e êstes habitavam dali algum tanto pelo sertão dentro, tomaram os padres o caminho para êle deixando as campinas e aquêles seus moradores, e a primeira entrada da mata, eis que lhes aparece ao pé de uma árvore um homem esbrugado da carne, e da vida, inteiro na ossada tôda junta e verde ainda, sinais de haver sido comido, pouco havia de algum seu contrário, e perguntando o capitão pela causa, respondeu um dos naturais que levavam: "Não te espantes, que como esta gente que habita os matos anda em guerra com os das campinas, comem os que encontram e põem as ossadas por estas paragens, para espantá-los, e para que não entrem em busca sua".

⁶⁶ GABRIEL SOARES: "Tratado Descritivo do Brasil", edição de 1851, cap. XLII.

⁶⁷ VASCONCELOS, Pe. Simão: "Vida do Pe. João de Almeida", pág. 157.

Diante disto, a esperada acolhida prometia atrativos pouco desejáveis. Mas os jesuítas prosseguem. Varam florestas, atingem as cabildas lacustres. E ao apêlo fascinador dos hábeis filhos de LOYOLA, homens, mulheres e crianças saem a recebê-los com festas, dansas e presentes.

São êstes, afinal, os "mais terríveis índios dos Brasís"! Apenas um exemplar da humanidade primitiva, cujo grau evolutivo permite uma assimilação em massa idêntica à dos Tupís, aos quais sobrepujam em cultura.

O que não conseguira a fôrça, a palavra realiza. Para cessarem suas apavorantes correrias, bastam a voz suave e a atitude conciliatória de dois homens. Porque o índio é, afinal, um homem. Também o *Homo Sapiens*.

Estão, finalmente, abertas as planícies cobiçadas. Os "Sete Capitães" podem vir. Mas, com SALVADOR CORREIA DE SÁ e BENEVIDES e a primeira leva de invasores, começa a escravização, embora atenuada pelo Colégio dos Jesuítas.

Conquanto mais tratáveis, os Goitacás deixam seus campos, desta vez batidos por trabucos e arcabuzes de um inimigo que poussa dentro de casa. Mas não os abandona o seu espírito indômito.

Em princípios de setecentos, conquistam a nação dos Coropós e adotam-nos, unindo-se, como já dissemos, sob a designação de Coroados, pelo fato de tonsurarem as cabeleiras, que lhes estorvam as correrias pelas matas.

Pelos meados daquele século, seu territbrio é vastíssimo. Por mais de cem léguas, espalham-se ainda desde as margens do Paraíba ao Xipotó, na comarca de Vila Rica, em Minas.

Afim de subtraí-los à tirania dos colonos, os jesuítas arrebanham muitos para a lagoa da Carioca,⁶⁸ em Tocos, e depois para as aldeias do Cabo-Frio, São Pedro-de-Aldeia e Macaé. Mais tarde, as cidades de São Fidelis, Pádua e Valença e as vilas de Santo-Antônio-do-Rio-Bonito, Conservatória, e Santa-Rita também surgirão de seus aldeamentos.

Grande número deve, entretanto, permanecer em liberdade. COUTO REIS ainda nos conta da sua fuga perante o colono que lhes torna as terras. "Ouví os Coroados dizerem que muito se descontentavam em ver os brancos irem fazendo roças pela vizinhança da sua nova aldeia, e que aquilo se dirigia a tomarem posse das terras que o Capitão Grande lhes tinha dado: assim como antigamente já tinham praticado com os seus parentes que estiveram na aldeia de Santo-Antônio-de-Guarulhos". Até o vigário de uma aldeia os espolia, seguindo-se "uma total desesperação dos Pndios, de sorte que alguns dêles tomaram por melhor, asilo o deserto das montanhas, e por menor mal abandonar a religião".⁶⁹

⁶⁸ COUTO REIS: Obr. cit.

⁶⁹ COUTO REIS: Obi. cit.

A escusa de não aproveitarem os índios seus territórios diz o cronista: "Eles crimnam os índios do Macaé; porque não dão exercício as terras que possuem; e não reparam estarem, há muitos anos, conservando as suas, que abrangem as margens daquele rio e de outros, sem a menor cultura, como se vê no de São João, distrito do Cabo Frio e, nos campos, o Muriaé, Macabú, Imbé e Sertões das Cacimbas".⁷⁰

No primeiro quartel do setecentos, o capitão-mor DOMINGOS ALVARES PESSANHA consegue amansar Goitacás, ainda apegados à planície, localizando-os em sua fazenda de Santa Cruz. Ali vivem em comunidade construindo uma grande oca "ao gôsto dêles".

A ouvir-se AZEREDO COUTINHO, aquêles "selvagens tão ferozes e bravios, postos na ordem das nações mais bárbaras, cruéis e terríveis que se possam achar em tôda a fndia ocidental e terra do Brasil", adaptam-se perfeitamente a civilização.

Sempre independentes, alugam-se como machadeiros e escolhem como falquejadores de toras. São habilidosos peões, destros no campeio, na arte de laçar e no preparo da carne sêca. Transformam-se de tal jeito, a ponto de serem "cheios de caridade para com os outros, e, ainda, para com os estrangeiros seus amigos. São sumamente agradecidos aos seus benfeitores e lhes tributam uma fidelidade sincera e verdadeira, a ponto de sacrificarem por êles a mesma vida".⁷¹

Em meados de setecentos, o espírito luminoso de um campista acaba por agregá-los. É o padre ÂNGELO PESSANHA, filho do capitão-mor.

Tal o prestígio do missionário por todos os seus domínios, que, em 1758, sendo infestados povoados mineiros com grandes perdas de vidas, os habitantes lhes pedem paz, que só foi aceita pelos índios mediante a presença do padre como abonador.

Em 1767, os Botocudos fazem cruéis estragos no arraial de Antonio Dias, na margem do Piracicaba, em Minas. Os habitantes, auxiliados pelo governador DIOGO LOBO DA SILVA, são destroçados.

A crer-se em AZEREDO COUTINHO, dá-se então um fato não divulgado pelos historiôgrafos e que representa uma das mais notáveis expedições guerreiras continentais.

Impotentes ante a agressividade dos Botocudos, os mineiros lançam um apêlo urgente aos chamados "índios do Padre Ângelo". E sob a voz do missionário, os Coroados se levantam. Varam a floresta e a cordilheira. O velho instinto das cabildas se alvoroça. E os ferozes Botocudos, de mata em mata, de serra em serra, de rio em rio batem de arrancada sertão a dentro até as margens do Meirim, no Maranhão.

Por longo tempo, ali ecoa, na gleba remota, o terror do nome goitacá. E então campistas e mineiros dormem sossegados, sob a

⁷⁰ COUTO REIS: Obr. cit.

⁷¹ AZEREDO COUTINHO: Obr. cit.

vigilância dos arcos dos Coroados, "nossos bons amigos e fiéis aliados".⁷²

De adversários inconquistáveis, transformam-se afinal os Goitacás em protetores do próprio inimigo. De comêço, defendem a terra. Depois, continuam a protegê-la, defendendo o branco e a sua civilização crescente, que acabará por apagar definitivamente no século XIX todo o vestígio da passagem trepidante de suas correrias impetuosas pela terra que foi sua.

Porque, a não ser o nome da planície nada mais lhe lembra o nome. Sumiu-se tudo. Tôda a toponímia de sua áspera linguagem desapareceu. Terá sido influência guaranizante, provavelmente jesuítica riscando e substituindo tôda a nomenclatura de rios, lagoas e montanhas, a ponto de quase tôdas as estações de estrada de ferro de Campos até além de Macaé terem nomes tupi-guaranis?

Ou seriam êstes, sobreviventes batismais de um "pan-guaranismo" lingüístico e contemporâneo a grande invasão continental Karaí-Guaraní?

Neste caso, onde estaria a invencibilidade dessa raça, com todo o seu valor combativo e sua cultura superior cedendo imensa faixa litorânea — entre as mais ricas para as necessidades da vida ameríndica —, a pobres Tapuios canibais de mente atrofiada.

BERTONI diz: "En la prehistoria brasílica TEODORO SAMPAIO despues de insistir en lo muy limitados y vagos que son nuestros conocimientos, indica los grandes lineamentos de tres épocas. La sambaki, la tapuya y la tupi-guaraní. Estamos completamente de acuerdo. Ahora bien — la raza sambaki habiendo casi desaparecido, queãando probablemente de ella solo los Aimoré, con los cuales dificilmente habran tenido cruce los Guaranis — quedaban casi solamente los Tapuyas".⁷³

Temos, pois, de escolher entre as duas alternativas acima alinhadas: ou o Goitacá, embora mais antigo, desceu do interior e es-corraçou os invasores, ou êstes, — o que é mais provável, nunca puderam desalojar os donos da terra que os antecidiam após haver tocado para o refúgio das brenhas da cordilheira os feros Aimorés.

Qualquer das hipóteses vem confirmar a supremacia do Goitacá sôbre o Tupí-Guarani, já evidenciada em páginas anteriores.

O Tapuio apossa-se de uma vasta faixa costeira excepcionalmente cobiçada pelas possibilidades alimentícias de suas matas, de suas lagoas, de seus rios e do oceano, e, do Cabo-Frio ao norte do Espírito Santo, inderrotavelmente a defende contra a cobiça de outros Tapuios, e sobretudo contra as tentativas de guaranização racial das massas aguerridas de invasores.

O Goitacá não se estagna no primitivismo de sua raça. Evolve, ultrapassando os próprios sucessores.

⁷² AZEREDO COUTINHO: "Ensaio Económico", pág. 66.

⁷³ BERTONI, Moisés Santiago: Obr. cit., págs. 381-382.

Qual a causa? Superioridade em atributos étnicos ingênitos? É possível. Mas serão tais atributos bem diferenciáveis na população indígena? O eugenismo tribal, a combatividade heróica, os instintos agudíssimos, todos os fatores determinantes de ascendência racial entre povos primitivos, são comuns no Brasil e uniformemente difusos pelo menos entre os grandes grupos dominadores.

Para nós, o abrolhar de caracteres étnicos, impositivos do domínio dos Goitacás, tem como determinante seletiva a influência de um elemento básico do meio geográfico: a lagoa. Milhares dessas rasas depressões de margens embrejadas se espalham por todo o seu território fluminense e capichaba.

A lagoa ou o brejo, — que se completam e se entretocam em tôda esta faixa litorânea, — fortifica-lhes o valor guerreiro por vantagens estratégicas originais.

"Quando acaso se viam em perigo, acolhiam-se a suas lagoas e, nadando se metiam nas casas, donde nem a pé nem a cavalo, podiam ser acometidos."⁷⁴

"A lagoa já não é só para o selvícola um reservatório alimentício: é um baluarte. As suas tabas neolíticas erguem-se sobre "palafitas". A maior dificuldade em erigi-las tornam-nas preciosas. A posse da lagoa inculca no cérebro do índio nômade a primeira noção de propriedade territorial. Sedentariza-o em parte. E, ao invés das cabanas comunais dos outros aborígenes, o seu minúsculo tejujar diferencia mais acentuadamente as noções elementares de família".⁷⁵

Assim, a evolução do Goitacá ultrapassa a dos outros índios. A par do velho espírito inato de associação tribal, surgem os primeiros vislumbres individualistas. As aldeias goitacás não indicam ainda um senso grupalista em grande escala, como em certas cidades européias descobertas pelos arqueólogos, e onde só em Wangen, no lago de Constança, 40.000 palafitas de uma estearia gigante sustentavam em tablados grande número de cabanas.⁷⁶

Sem dúvida que é apenas um estágio inicial. A própria originalidade de serem as casas plantadas sobre um só esteio, deve ter nascido do refúgio arbóreo nas enchentes bruscas, que afogam a planície. A árvore com seus galhos acolhedores, salvando-lhes consecutivamente a vida em repetidas cheias, teria feito germinar a idéia de cabanas sustentadas por um tronco. A arte de a construir evolveria com o tempo. Dai a transportá-las para o meio das lagoas, com alimento em volta e ao abrigo dos contrários, é um passo a dar. Mas com êle cresce um senso de confiança própria e de intangibilidade. Os ataques são mais seguros com a certeza de um abrigo inexpugnável em caso de derrota.

A audácia natural do índio que, repetindo o cronista, AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE define como reunindo "a um talhe gigantesco uma

⁷⁴ VASCONCELOS, Pe. Simão de: "Vida do Ven. Pe. José de Anchieta", Lisboa. 1672, páq. 331.

⁷⁵ LAMEGO FILHO, Alberto: "A Planície do Solar e da Senzala", Rio, 1934, páq. 165.

⁷⁶ COLOMB ET HOULEBERT: "La Géologie", Paris, páq. 268.

fôrça extraordinária, e sabiam manejar o arco com destreza", vem adicionar-se aos poucos a prudência calculada. Mas viva luminescência lhe aclara o cérebro com um raciocínio mais profundo, enquanto ao redor as tribos inimigas se atocaiam por tras de imensos troncos venerandos, ou circulam impotentes, trilhando sendas na cordilheira, num perpétuo nomadismo pelas seivas infindáveis. . .

Eis a primeira função social do brejo em Campos. Reagindo sôbre o índio, compele-o a melhorar-se. Dando-lhe com as inundações a idéia do pouso sôbre esteios, leva-o à construção de aldeias lacustres. Com estas lhe vem o desenvolvimento de faculdades construtivas, um maior senso de poderio e segurança, e, com a repressão parcial do nomadismo, o primeiro passo para a fixação à terra, porque a casa já não é tão fácil de fazer. O isolamento em pequenas cabanas solidifica a estabilidade de família, devendo mesmo restringir a poligamia.

Já cuidam de uma agricultura rudimentar. As suas igaçabas funerárias são lisas, ovóides e cinzentas. Nada que se quer de leve prenuncie uma alvorada artística. Nenhum traço de ornamentação, já incipiente em outras tribos, e que mesmo levara os nossos índios Aruãs, da ilha de Pacoval, em Marajó, com seus maravilhosos motivos ornamentais e com todo o extraordinário senso de estilização de seus vasos polimorfos, pratos, maracás, tangas e lâmpadas, gravados e pintados de gregas, meandros, ornamentos cruciformes e losangulares, numa firmeza de desenho que denota uma sensibilidade artística admirável a cimos só atingidos possivelmente no passado pelos requintes culturais da Grécia antiga.⁷⁷

O Goitacá, embora rodeado de argilas esplêndidas para a sua cerâmica, é, antes de tudo, um guerreiro. E com êle combatem, suas mulheres, não tendo lazeres para a cerâmica em que se tornou insigne a índia marajoara.⁷⁸ Entretanto, a finura de seus camocins revela grande perícia de oleiros.

Os machados de pedra, encontrados quer nesses vasos funerários, quer em outros pontos da planície, são finamente polidos e nem sempre de material das redondezas. Um dêles, que tivemos em mão, é constituído da mais bela hematita especular das jazidas mineiras.

Os cachimbos de barro são cônicos e grossos. Para alguns colares, os ossos são cortados em anéis.

Como meio de transporte, não usam de canoas, senão de jangadas sólidas, pelo menos na lagoa Feia, que se levanta oceânicamente em grandes vagas com o soprar do sudoeste. É o que nos diz ainda o roteiro dos Sete Capitães: "Neste mesmo lugar, — lagoa Feia —, vimos as suas embarcações de pesca; três traves de paus aguçados nas cabeças, para cortar as águas, atados com umas travessas nas mesmas cabeças, era formada a dita embarcação, a forma de jangada, porém, muito bem organizada. . ."

⁷⁷ ALBERTO TORRES, Heloisa: "Revista Cosmos", julho de 1930.

⁷⁸ RAIMUNDO MORAIS: "País das Pedras Verdes", Rio, 1931, págs. 243-257.

É bem possível que, com tal instrumento de navegação, êsses audazes caçadores de tubarões também se tenham aventurado pelo mar.

Olhando-a, afinal, em seu conjunto, nota-se que a vida social do Goitacá se desnivelara do estádio comum aos outros índios, fôsem eles Tapuios ou Tupis-Guaranis, sobrepujando-os um degrau evolutivo. De importância máxima, sobretudo, são aquêles dois elementos fundamentais precitados, de coesão do senso grupalista: a noção de propriedade individual, e, com esta, a maior unidade da família.

Teriam continuado a progredir sem o descobrimento? Não o sabemos. Mas, não obstante qualquer rumo que siga a humanidade no futuro, foi a partir daqueles dois marcos basilares que nasceram tôdas as civilizações.

Deixemos a vida objetiva do grande ameríndio. Subjetivamente êle não morreu. Vive com a planície que presenciou suas correrias, e cujo progresso crescente amplia cada vez mais seu nome repetido. E vive também nessa vida mais duradoura das obras-primas da literatura e da arte.

Perpetuando a fusão americano-portuguêsa, entre dezenas de tribos afamadas, ALENCAR preferiu justamente a Goitacá para simbolizar os caracteres heróicos do aborígene.

PERÍ, o tapuio, é um chefe goitacá, embora erroneamente apelidado: "O Guarani". Em fecho ao imortal romance é êle que, abraçado à palmeira, com CECÍ sôbre o leito alegórico do Paraíba, desce com a inundação, rumo às cabildas na planície campista, terra entre tôdas eleita pelo idealismo do escritor para base física da primeira geração da grande síntese racial do povo brasileiro. E é com êle, ainda, que o índio americano se eterniza pela música, na grandiosa orquestração de CARLOS GOMES, única epopéia étnica de amplidão continental, em que a ópera sublima pelo himeneu de duas raças o surgir de uma nação.⁷⁹

⁷⁹ Não obstante a completa diferenciação étnica entre o Goitacá e o Tupi-Guarani, tirada dos cronistas e aceita pelos indianistas, — cuja autoridade integralmente respeitamos neste capítulo, — há, éntretanto, de outra parte, uma aproximação notável entre os costumes dos aborígenes de Campos e o de certas tribos amazônicas, a merecer uma atenção que até hoje não lhe foi dada.

através dos autores, catamos o que de comum nos ia aparecendo entre o nosso grupo tapuia e alguns de origem tupi indiscutível, notadamente os Caraibas, e aqui exibimos nossa compilação, para que nela meditem os eruditos no assunto.

É possível que apenas a similitude do meio fluvial e lacustre responda por algumas das tais afinidades. Mas é também possível que causas étnicas profundas, mergulhadas nas idades, escondam consigo uma intimidade racial até hoje não suspeita.

As ligações que anotamos entre o Goitacá e várias tribos tupis amazônicas e caraibas são as seguintes:

- 1 — A jangada de 3 toras.
- 2 — As mulheres goitacá eram combatentes. As caraibas igualmente, quando cercadas.
- 3 — O troféu craniano.
- 4 — As palafitas.
- 5 — O entêrro secundário em urnas.
- 6 — O grande arco, arma principal.
- 7 — O tacape, arma secundária.
- 8 — Cabanas minúsculas caraibas.
- 9 — Os Coroados, descendentes dos Goitacás como os Caraibas, cingiam os pulsos e as pernas com pulseiras de algodão

A CAPITANIA DE SÃO TOMÉ

"Parecem outros Campos Elísios e são chamados os Campos dos Goitacases"...

Porém ainda que estas campinas sejam tão formosas em si sucede-lhes o que aos Campos Elísios atribuíam os antigos: que custava muito grandes trabalhos e perigos o haver de chegar a elles". — Pe. SIMÃO DE VASCONCELOS: "Vida do Pe. João de Almeida", Lisboa, 1658, pág. 144.

"Quem dirá quantas vèzes a nação goitacá levou o fogo a taba dos brancos e venceu os homens do raio?" — JOSÉ DE ALENCAR: "O Guarani".

O homem que desceu das naus e temível.

Saíra das furnas de VIRIATO e, pisando firme em Ourique, marchara por Estremadura, Alentejo e Algarve em passo de vitória.

Após o delfino de Aljubarrota, cai na meditação de Sagres. E esta o entusiasma para o descobrimento.

Com a ciência de JÁCOME e VIZINHO, de ALENQUER e de ZACUTO, do GRÃO PACHECO e de PEDRO NUNES, e, com a espada do LIDADOR e de NUNÁLVARES, Portugal atira-se pelo oceano ao lento bambolear das pandas caravelas.

A glória das descobertas, com o descortínio da Ásia e de mais dois continentes, — a África, a América —, deve-se, antes de tudo, ao INFANTE DE SAGRES — o maior dos portugueses.

Sem êle, talvez Portugal apenas fôsse agora um esquecido, sepultado sob as ogivas da Batalha, nos despercebidos campos de Aljubarrota.

HENRIQUE DE AVIZ, entretanto, ergue-o a imortalidade. Sagres é a matriz de dois continentes. Amestrados na ciência náutica e endurecidos no ascetismo, os noviços de Sagres entram pelo Atlântico. Passam ao Índico e ao Pacífico.

Sobre o mar, Portugal abre tôdas as velas. Os esporões de suas naus alvejam quanta praia houver. Com GIL EANES, DIOGO CÃO, FALEIRO, ESTÊVÃO GOMES e BARTOLOMEU DIAS, avançam até dobrar a África. GAMAS, ALMEIDAS, ALBUQUERQUES, CASTROS e PACWECOS jugulam a Ásia. MASCARENHAS descobre a Reunião. TOME PIRES vai a China. DUARTE COELHO a São. ABREU e SERRÃO a Sonda e às Molucas, VILALOBOS às Carolinas. CÔRTE-REAL desvenda o Canadá, FERNANDES QUEIROZ a Austrália do Espírito Santo e JORGE MENESES a Nova Guiné.

Os maiores navegantes de Espanha, com MAGALHÃES e SOLIS que eram portugueses, e COLOMBO, velejam com a ciência de Sagres.

Tisnados de soalheiras e enrijados no oceano esfarrapado de procelas, os portugueses domam a fio de espada e a tiros de bombardas só reinos trinta e três, e mantêm sobre a Terra, quatrocentas e trinta e três praças de guerra!

É o tombo do Globo que se fazia pela vez primeira. Suas naus, prenhes de audácia, de cobiça e de aventura, ninam sôbre o mar, em seus ventres rotundos, a supergestação de vários novos mundos...

É desta gente e dêsse meio que sai **PÊRO DE GÓIS**.

Guerreiro nato, é um dos moços capitães vindos com **MARTIM AFONSO DE SOUSA**, que, de trinta anos de idade, chefia a frota da colonização em **1530**.

Notabilizando-se pela bravura e capacidade de comando em batidas pelo interior durante aquela expedição, é-lhe doada a capitania de São Tomé, onde, em 1538, finca os esteios do primeiro vilarejo ao sul da barra do Itabapoana.

Levanta a capela de Santa-Catarina em homenagem à rainha de Portugal. De São Vicente traz mudas de cana e cabeças de gado. Inicia lavouras, "para que, quando vier gente, ache já que comer".⁸⁰ Crescem canaviais à medida que sobe o primeiro engenho. E com a casa da Câmara e casebres de taipa, funda-se Vila-da-Rainha.

"Surpreende num soldado, como era o senhor da Capitania da Paraíba, a competência e a solicitude com que delibera e administra. A sua atividade é não menos surpreendente e digna de melhor sorte".⁸¹

A conquista, porém, é muito árdua. Logo após as línguas de areia de praias e restingas, o matagal bravo e espesso, indo até o litoral, e apenas aberto de brejais extensos e insalubres.

Mas, dir-se-ão isolados o esforço e a pertinácia do capitão-mor. Os colonos parecem não secundar sua grande iniciativa.

Qual a causa desanimadora dessa primeira penetração?

Os índios? Provavelmente não, visto depreender-se de suas cartas que, pelo menos de início, colaboram êles na lavoura. O Goitacá, porém, vigia em expectativa. "Depois de me vir e largar no rio da Paraíba a nossa fazenda que fazíamos, determinei ver as águas, que nesta terra onde fico havia, e **LUIZ DE GÓIS** ao presente estava, as quais em andar andei perto de dois meses, por a terra sei cheia de arvoredos, e os índios pouco práticos no que nós queremos nelas"...⁸²

O clima inhóspito pela abundância de paus? A evidência é quase incontestável após as seguintes linhas: "Neste primeiro ano, sempre o gastam em doenças e fazerem-se à terra".⁸³

PÊRO DE GÓIS açula a ambição dos colonos. "Faço eu cá no mar dois engenhos de cavalos, que moía um dêles para os moradores, e outro para nós sômente". Já conta dentro de ano e meio "mandar um par de mil arrobas de açúcar nosso, dêstes engenhos, e dai para diante mais".

⁸⁰ **PÊRO DE GÓIS**: Carta a **MARTIM FERREIRA** em 12 de agosto de 1545, seg. **AUGUSTO DE CARVALHO**: "Capitania de São Tomé". Págs. 54-57.

⁸¹ **MALHEIROS DIAS**. Carlos: "História da Colonização Porsuguêsa no Brasil", vol. III, pág. 257.

⁸² **PÊRO DE GÓIS**: Carta citada.

⁸³ **PÊRO DE GÓIS**: Carta citada.

Não contente com essas fundações costeiras, sobe o Itabapoana, então chamado Managé.

Nas vizinhanças da atual vila de Limeira, "onde o rio começa a cair de quedas", levanta um engenho de água. "Ora não tem mais esta terra senão dez léguas por água, pelo rio, que não lhe faz nada nojo, e obra de sete léguas por terra, onde lhe mandei abrir um caminho, que pode um carro sem molhar pé chegar ao engenho, e cavalos e tudo o que o homem quiser".

Associando-se, por falta de recursos, com MARTIM FERREIRA em Lisboa, pede-lhe sessenta negros de Guiné", "logo neste primeiro ano", e reclama contra a má qualidade da ferragem inútil que o judeu lhe manda.

Mas não obstante seus esforços, a colonização fracassa. Já de regresso de uma primeira viagem ao reino, encontra a capitania desbaratada, "pois tôda a gente que nela tinha deixado havia fugido com o capitão".

Recomeça. Junta novos colonos. Mas um corsário português desembarca em certo ponto da costa, traiçoeiramente prende um cacique goitacá, e, não obstante o resgate obtido, leva-o a outra tribo inimiga, onde o devoram.

Então os índios se levantam. Marcham contra um povoado. Assaltam as fazendas, queimam os canaviais e tomam "tôda quanta artilharia havia", deixando "tudo extruído".

PÊRO DE GÓIS acode com sua gente, mas nada pode contra a massa de índios, visto que "assim no mar como onde eu estava, se via tudo alevantado para me matarem e a tôda a gente", e recolhe-se ao mar.

"Fiquei com um olho perdido, de que não vejo, e bem assim perdidos quinze anos nesta terra: porém mais sinto ainda a perda que dei a homens que em mim confiaram", diz o nobre capitão.

E assim são destruídos Vila-da-Rainha e o engenho de água do Itabapoana, "onde fiz muita boa povoação, com muitos moradores, muita fazenda, a qual, a êles e a mim, custou muito trabalho por ser pela terra dentro".

PÊRO DE GÓIS é pobre. "Eu, Senhor, tenho mãe e três irmãs, que lá deixei, e como nada tenho de meu, nem meus avós me deixaram mais que aquilo que Deus e V. Alteza me fêz mercê, mantenho-as com muito trabalho de minha vida e pessoa".⁸⁴

A míngua de recursos, a capitania é abandonada.

Costumam historiadores atribuir à vitoriosa evolução de Pernambuco e de São Vicente, que contrasta com a derrocada inicial das outras tôdas, ao valor dos respectivos donatários e a — sua capacidade organizadora. A injustiça contra PÊRO DE GÓIS é clamorosa, e, além do mais, esquecida uma das causas principais de seu

⁸⁴ LAMEGO, Alberto: "A Terra Goitacá", Bruxelas, 1913, vol. I, pág. 145.

fracasso. Foi esta a geologia brasileira. As formações litorâneas dessa região impedem a existência de bons portos naturais, o que não acontece com aquelas outras capitâneas, ponto forçado de estadia para as grandes frotas do Reino, que, a par dos recursos bélicos, lhe reavivam continuamente os núcleos de material humano e lhes reforça ao mesmo tempo o contacto com a metrópole.

Em princípios do século seguinte é que GIL DE GÓIS DA SILVEIRA, filho do capitão-mor, retoma a iniciativa. Funda então a vila de Santa-Catarina em a foz do Itapemirim, no limite setentrional da capitania de São Tomé, chamada já então, "em língua de negros", da Paraíba-do-Sul, e que ia até o rio das Ostras, ao sul de Macaé."⁸⁵

Já entrado em anos provavelmente e sem a impetuosa intrepidez do pai, GIL DE GÓIS, porém, herdara dêle o senso administrativo e colonizador. Mas o sensualismo racial do português perde-o em terra virgem.

Afável com os índios consegue domesticar alguns. Entre êsses, acolhe uma menina filha de um cacique e batiza-a com o nome de Catarina. E repete-se o inevitável de quase todo o senhor de engenho ante a graça estranha da mulher diferente.

Vela, porém, a espôsa castelhana Dona FRANCISCA DE AGUIAR MANRIQUE. Durante uma viagem de GIL DE GÓIS, o tronco e o chicote vingam os ciúmes da espanhola arrebatada. A índia foge para as cabildas. Ante seu corpo ensanguentado, os índios se exasperam contra a selvajaria do branco. É por um levante em massa a colônia é inteiramente destruída.

Em 1619, GIL DE GÓIS renuncia à Capitania, que passa ao domínio da Coroa.⁸⁶

O fracasso da capitania de São Tomé mostra-nos mais uma vez o caráter do índio goitacá. Acessível e assimilável pelo colonizador, reage, entretanto, vivamente as primeiras provas de barbaridade. Fácil na amizade com o branco, é, todavia, implacável contra o menor ataque a sua áspera sensibilidade.

Não nos parece isso provar, antes, um adiantamento ou progresso, do que a selvajaria sem limites dêsses gigantes de longas cabeleiras?

Como quer que seja, a capitania de São Tomé desmantela-se abandonada; e a sua curta história tem para nós, já tão distantes, apenas a visão veloz e tumultuária de lampear de espadas entre silvos de flechas e rebôos de arcabuzes.

Brutal e desanimador, porém, como foi seu desbarato, êsse apenas preludia, em desespêro inicial, a obstinada luta do colono que a seguir virá, e que, de mãos crispadas para a terra cobiçada, durante séculos vai bater-se por havê-la.

e- LAMEGO, Alberto: Obr. cit., pág. 33.

⁸⁶ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., pág. 33

OS SETE CAPITÃES

Na obra da colonização do nosso interior sertanejo não há agente mais poderoso e eficiente do que o pastoreio. Ele é a vanguarda da nossa expansão agrícola. O curral precede a fazenda e o engenho. Depois do vaqueiro é que vem o lavrador; o gado preludia o canavial e a plantação cerealífera". OLIVEIRA VIANA: "Evolução do Povo Brasileiro", pág. 60.

Ano de 1632. De São Vicente ao Amazonas já se entranha a civilização em quase todos os núcleos litorâneos que evolucionarão para o Brasil de hoje.

A Baía progressista de VIEIRA bota fora os holandeses. O Ceará surge com a Fortaleza de MORENO. Rio-Grande-do-Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas já são bastante fortes para se unirem contra os batavos que voltam. O paulista, firme em Piratininga, limpa o bacamarte, projetando inconscientemente os limites do Brasil de Oeste. A turbulência dos indígenas do Espírito-Santo serena com ANCHIETA, fundador de cidades.

E quando justamente Pernambuco, o empório açucareiro do Norte, com todo o poder de seus engenhos, vai passar faustosamente ante os palácios e sôbre as pontes de NASSAU, o futuro grande empório do Sul continua em plena selvajaria.

Cariús, Potiguaras, Tabajaras, Caetés, Tupinambás, Tupiniquins, Tamoios, Carijós e Guaianás já cederam o litoral. O Goitacá, porém, ainda é o dono de seus campos.

Qual a causa dessa penetração tardia? De um lado, evidentemente, a fama terrífica do aborígene. A velhice de ANCHIETA, vizinho, mas todo entregue a suas aldeias capichabas, pode haver contribuído para o isolamento e a estabilidade cultural do índio em seu estado primitivo. O motivo principal da indiferença pela grande planície de aluviões deve-se, porém, a nosso ver, as condições geográficas oriundas da própria geologia litorânea.

As formações geológicas de Campos impedem a existência de bons portos de mar e mesmo de simples ancoradouros ao sul do Paraíba. Por isso é que a terra é desconhecida, não obstante haver ANDRÉ GONÇALVES batizado o cabo São Tomé em 21 de dezembro de 1501.

Enquanto ao norte e ao sul a colonização se vai espalhando ao abrigo dos portos de mar, a grande planura excepcionalmente indicada para a cultura do açúcar permanece invisível.

Ao norte da foz do Paraíba, é ainda viva a memória dos infelizes donatários que fundearam nas mesquinhas enseadas. Ao sul do rio, o pavor dos pilotos ante o banco de São Tomé distancia a navegação da planície estéril de areais costeiros que oculta a planície interna de solo ubérrimo. É só com a passagem dos jesuítas, em fins de 1619, e o seu êxito com os indígenas que nasce a cobiça da

terra com o seu conhecimento. E os "Sete Capitães" requerem e obtêm, em 1627, **sesmarias** na capitania abandonada.

São êles **MIGUEL AIRES MALDONADO**, **MIGUEL DA SILVA RISCADO**, **ANTÔNIO PINTO PEREIRA**, **JOÃO DE CASTILHO**, **GONÇALO CORREIA DE SÁ**, **MANUEL CORREIA** e **DUARTE CORREIA**.

O roteiro de suas viagens, escrito por **MALDONADO**, é um precioso documento da região inculta naquela época.⁸⁷

Senhores de engenho na Guanabara, — pelo menos alguns dêles —, lutam contra franceses, **tamoios** e tupinambás no Rio-de-Janeiro, em fins do século **XVI**, sendo então nomeados **capitães** de vários troços. Com a rendição dos europeus, os índios sem comando são destruídos.

MALDONADO rende homenagem a seu valor. "Nós portugueses fomos vencedores, não pela coragem superior a nossos adversários, porém pela vantagem das armas de fogo e disciplina, que nos asseguravam sobre homens nus, que não podiam opor-nos mais que a sua intrepidez; fizemos neles uma grande mortandade, ficando abandonadas as suas povoações: os **tamoios** ficaram de todo aniquilados, e o resto dos tupinambás abandonaram as montanhas vizinhas e seguiram para o norte".⁸⁸

Mais tarde, seguem para São Vicente com um refôrço a socorrer a capitania atemorizada pelos índios. Com sua chegada a **Piratininga**, a ameaça desaparece. Descendo a São Vicente, destroçam os **tamoios**, que num ataque inesperado atacam a colônia com mais de cem pirogas.

E de volta a Guanabara é que se juntam para iniciar a pecuária nos campos dos Goitacás.

Achamos nossas casas atrasadas, nossos engenhos sem as canas do açúcar, tudo paralisado por *falta de gado vacum* para o trabalho da moagem próxima... Compramos pelas nossas vizinhanças alguns touros novos, para podermos aproveitar algumas canas de açúcar, pois não havia de onde viesse gado: então tivemos por notícia que se tinha abandonado uma donataria por dois donatários, **JOÃO GOMES LEITÃO** e **GIL DE GÓIS DA SILVEIRA**, *aonde constava haver no interior grandes campinas*; e como o senhor governador **MARTIM DE SÁ** tivesse recebido de el-Rei uma **Ordem Régia**, para tôdas as donatarias que ficassem abandonadas, concedê-las por sesmaria *segundo a nossa necessidade de gados*, fizemos **uma** petição, pedindo por sesmaria, segundo o que nos informaram, desde o rio Macaé, correndo a costa, até o rio que se chama **Iguassú** ao norte do cabo de São Tomé, e para o sertão até o cume das serras, — a qual nos foi concedida —, a vinte de agosto de mil seiscentos e vinte e sete —, em recompensa de nossos serviços guerreiros, segundo a nossa petição rezava, no decurso de trinta anos de serviços que prestamos ao Estado..."

⁸⁷ CARVALHO, Augusto de: "Apontamentos para a História da Capitania de São Tomé", Campos, 1888, págs. 201-233. "Roteiro dos Sete Capitães".

⁸⁸ CARVALHO, Augusto de: — "Obr. cit.", págs. 202-203.

Começa aqui a verdadeira história da conquista dos Campos, embora já, desde 1622, no **pontal** sul da foz do Paraíba, exista um povoado de pescadores de Cabo-Frio.⁸⁹ A atual vila de Atafona seria **dêste** modo a mais antiga povoação da planície.

Bem descrita é a região no célebre roteiro, onde, na primeira viagem, em 1632, passam por Araruama, Cabo-Frio e Macaé, avançam para nordeste, levando um intérprete **dêste** último povoado.

Fazem pazes com os índios a beira da Lagoa-Grande, "o grande mar de água doce, como êles lhe chamavam pelo seu idioma. . ." "Era um grandíssimo lago ou lagoa de água doce, a qual estava tão agitada com o vento sudoeste, tão crespas suas águas, e tão turvas, que metiam horror, aonde lhe demos o apelido de lagoa Feia".⁹⁰

No cabo de São Tomé, deparam com outra aldeia de Goitacás. Com êles vivem onze naufragos portugueses, sendo quatro marinheiros e sete degredados, primeira raiz da raça branca na região.

Com êstes caramurús completamente americanizados, **já** começara a mestiçagem. No primeiro encontro, diz-nos MALDONADO: "Nisto chegaram todos de arcos e flechas, o seu maioral na frente, acompanhado de quatro homens da nossa massa, êstes nos saudaram junto com o maioral pelo seu, belo modo. . . Nisto o maioral dirigiu ordem para todos recolherem arcos debaixo do braço e todos bateram palmas e abaixaram as cabeças, o maioral se dirigiu ao intérprete, para que nos fizesse saber que não reparássemos em virem de arcos, pois não sabiam se viriam outros que os viessem atacar. . ."

É então que têm os capitães notícia, pelos naufragos, das grandes pastarias nativas que buscam, visto que "o interior era melhor por não ter areais, como cá fora para o sul, e que as campinas iam pelo interior dentro, não muito longe do Rio-Grande, e que eram as mais férteis de erva, que em partes embaraçavam as pernas dos viandantes" . . .

Na segunda viagem, em 1633, começam êles a divisão de seus quinhões, partindo de marcos de pedra fincados na costa, e vão até a serra.

Com os dois currais então levantados, nasce definitivamente a pecuária em Campos. O primeiro, a 8 de dezembro de 1633, em Campo-Limpo, ao norte da lagoa Feia. Levantam uma choupana coberta de palha para o índio VALÉRIO CORSUNGA, vindo com êles de São Vicente, e ao seu cuidado ficam três novilhas, uma vaca e um touro.

A 10 de dezembro, fundam o segundo curral na ponta de São Tomé, com cinco novilhas e um touro, tendo o escravo ANTONIO DIAS como curraleiro. A pouca distância **dêste**, levantam o terceiro, o curral de São Miguel, aos cuidados do índio MIGUEL.

⁸⁹ FERNANDES, José Martins: "História do Descobrimento e Povoação da Cidade de São João da Barra e dos Campos dos Goitacases". Rio, 1868, pág. 45.

⁹⁰ CARVALHO, Augusto de: Obr. cit., pág. 208.

De volta à Guanabara, espalham-se as novas do bom sucesso das primeiras bandeiras. "Nisto se estenderam as notícias pela cidade de São Sebastião do Rio-de-Janeiro, que só se tratava dos Campos dos Goitacases, *em razão de serem as primeiras campinas descobertas, para a criação do cavalariço e vacum, segundo as nossas necessidades*". . .

Ainda não se fala de açúcar, embora na concessão das sesmarias fique estabelecido o pagamento de fôro ao donatário e o dízimo ao Mestrado de Aviz, em caso de levantamento de engenhos.

O fim único da colonização é o abastecimento de gado para o Rio-de-Janeiro, e logo surgem interessados em arrendar pedaços de terra para a criação.

Os dois primeiros que acompanham alguns dos capitães em sua terceira viagem são GASPARE DE SOUSA MONTEIRO e JOSÉ DE BARCELOS VELHO. Já lá encontram os primeiros novilhos nascidos nos Campos.

Morando em seus engenhos da Guanabara e do Cabo-Frio, os capitães arrendam quinhões a quem lh'os pedem. Desta maneira, novos moradores pisam a planície e firma-se alí definitivamente a pecuária.

E novos habitantes vão chegando. O pastoreio estende-se pelo interior sobre campinas abertas entre o matagal da zona de aluviões, onde a erva "embaraça as pernas dos viajantes".

Como provam estatísticas do século seguinte, a multiplicação do gado é assombrosa. E é essa justamente a desgraça dos povoadores.

A organização rude e simples da planície, nascida do interesse coletivo de pequenos proprietários, evolui de normas sociais, que naturalmente se complicam com o aumento da população e a respectiva diferenciação de atividades.

Já o capitão-mor ANDRÉ MARTINS DA PALMA, continuando a obra do padre JOÃO DE ALMEIDA, pacifica os Goitacás, indo-se "meter com eles pelo sertão dentro, pondo-os tanto de paz, que vêm ao resgate, trazendo suas mercâncias de cêra, mel e mais lavouras da terra, a que a sua indústria chega, para com elas levar ferramentas, enxadas, machados, foices para lavrar a terra e fazer roçarias, que é o pão da terra". . .⁹¹

Já farfalham os primeiros canaviais. Já começam alguns habitantes a agrupar-se nas únicas elevações à margem sul do rio, entre a cordilheira e o mar, — único local isolado e singularmente predestinado à cidade futura.

É, porém, de curto prazo o desfrute livre da planície. Com a breve chegada de novos intrusos latifundiários, vai começar a grande luta pela terra.

De um lado os "Hereos", herdeiros dos Sete-Capitães e demais pioneiros, colonos-campeiros e vaquejadores das boiadas primitivas.

⁹¹ TEIXEIRA DE MELO, Dr. José Alexandre: "Campos dos Goitacases em 1881", pág. 160.

Do outro, os grandes senhores que no Rio ou em Lisboa cômodamente usufruem a renda dos territórios usurpados.

Das questões de terras vão nascer despejos, confiscos, conflitos, sublevações e morticínios. Vão começar as devassas, as prisões e os degredos. Mas, paralelamente, vai crescer a resistência. Bastaram poucos anos de contacto, para que entre a terra e o homem se firmasse uma união indissolúvel.

É desde essa época que o campista começa a viver com os olhos fascinadoramente fitos nessa terra de massapês ubérrimos. É sua por direito de posse e lha querem arrebatam. Com o andar do tempo e o desenvolvimento da cana, êsse desejo da terra irá tornar-se uma idéia fixa e perigosamente rotineira.

Mas com êle também nascerá uma indobrável tenacidade para o trabalho. Pelo convívio comum em rivalidade secular com os potentados, irá surgir essa popular solidariedade do campista, essa tenaz pugnacidade coletiva, êsse bairrismo ultramontano e entusiasta, que, dos fins do segundo século a Abolição e as campanhas políticas do liberalismo, caracterizam essa gente, pacata e laboriosa como todo o camponês, mas singularmente explosiva pelo inconsciente saturado de recalques.

*

OS ASSECAS

"Em vão procurou o governador chamar a câmara e moradores à obediência 'aos atos do donatário ou de seus representantes, mas as suas palavras perdiam-se na amplitude das planícies goitacás; êles so ouviam as vozes dos seus corações, que os incitavam à reconquista da sua liberdade e à luta contra o domínio dos Assecas". — AEBERTO EAMEGO: "A Terra Goitacá", vol. III, pág. 312.

"Nada apetezem mais êstes naturais que a liberdade". — COUTO REIS: "Memória Topográfica".

"Aqui, até as mulheres lutam pelo direito". — (Lenda de Campos).

Tamanha é a fertilidade da planície goitacá e tão de pronto alí cresce a população, que tôda a história econômico-social de Campos nesse período se resume nisto: A luta pela posse do solo fértil, das aluviões fecundas, do cobiçado "massapê".

E essa peleja começa logo com o domínio dos ASSECAS.

Complexa de interêsses egoísticos, de sutilezas de juristas sem escrúpulos, de sentenças de juizes venais, de impassibilidades cínicas de régulos mandatários de atos tenebrosos, em tôda ela ressalta, sôbre o fragor das repressões sanguinolentas, sôbre os uivos dos chefes flagelados, sôbre os lamentos das masmorras no destêrro, o brado vivo do povo inquebrantável, unido e ululante contra a tirania num tumultuar consecutivo de motins.

Documentada fartamente, encontra-se ela escrita em *A Terra Goitacá* de ALBERTO LAMEGO. Sendo, porém, de narração difícil pelo entrelaçar dos acontecimentos, nas linhas a seguir, revistaremos em resumo alguns fatos mais notáveis dessa luta que durou cem anos.

1648 — SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, governador do Rio-de-Janeiro, tem notícia dos Campos dos Goitacás. Abusando de seu poder e posição, e de parçaria com jesuítas e beneditinos, compele os capitães ainda vivos a assinarem uma escritura de composição, na qual governador e religiosos são bem aquinhoados na partilha da planície. Promessa de respeito aos herdeiros dos capitães, — "hereos" —, na parte que lhes toca.

1650 — Primeiro engenho, do general SALVADOR.

1652 — 1.^a tentativa de fundação da vila. Crentes na palavra do governador, os moradores da capitania de São Tomé, já então em número de 70, representam ao ouvidor do Rio-de-Janeiro sôbre a conveniência de erigir-se a vila. Petição deferida.

1653 — Os oficiais eleitos da câmara realizam a sua primeira sessão em 1.^o de janeiro. Mas dá-se esta ocorrência incrível: "A notícia da criação da vila chega ao conhecimento dos moradores do Rio que em Campos têm seus sítios e currais, e, homens poderosos, representam ao mesmo ouvidor contra o fato, alegando que "os Campos lhes pertenciam" e pedindo não só que fôsse revogada a ordem que expedira para criação da vila *como a expulsão de todos os seus moradores*".⁹²

Dá ordem sumária aos oficiais da câmara: "Que não usassem mais suas insígnias, que não executassem mais os ofícios, e que *no prazo de 8 dias* despejassem as terras".

"Estava travada a luta, — continua ALBERTO LAMEGO — de um lado os "hereos" e mais povoadores que tinham descoberto os campos e reduzido o gentio ao grêmio da cristandade, e do outro os que não possuíam título algum que justificasse a propriedade".

O capitão-mor ANDRÉ MARTINS DA PALMA, procurador dos cam-pistas, recorre ao vice-rei. Consultado o procurador da Coroa, é anulada a criação da vila, por ser esta "regalia de Príncipes". ANDRÉ MARTINS DA PALMA é assassinado.

Enquanto já por todo o litoral pululam povoados espontaneamente no solo virgem e convidativo a colonização, a semente de Campos já radiculada às margens do Paraíba é impedida de brotar do chão.

1656 — Já começam a fumegar as primeiras chaminés de engenhocas de aguardente. Estimulados pelo êxito da lavoura e necessitados de um centro comercial, tentam de novo os habitantes dar início à vila.

"Com o correr dos tempos, a povoação foi aumentando, e já a margem do Paraíba se contavam algumas casas de palha, quando,

⁹² LAMEGO, Alberto: "A Terra Goitacá", vol. I, pág. 102.

em 1672, os seus moradores fizeram nova tentativa para a criação da vila, mas desta feita pagaram bem caro a sua ousadia".⁹³

Os magnatas latifundiários velam no Rio-de-Janeiro. E sob o fundamento de que as terras "estavam ocupadas por facínoras e soldados fugidos que se sustentavam de suas fazendas e roçarias, e que iam fazendo engenhocas de aguardente, requereram fôsem despejadas de todos os intrusos e vagamundos com pena de 500 cruzados cada um, para as despesas da justiça, e de 6 anos de degrêdo para Angola, se tornassem aos campos"...⁹⁴

Passa-se o mandado de despejo. E o próprio ouvidor de Cabo-Frio dirige-se a Campos com soldados. A notificação é sumária para todos os habitantes, "sem exceção de pessoa alguma, ou fôsse morador em casa própria ou em alheia com o consentimento do senhorio, ou oficial do governador geral, que sem dilação alguma despejassem os campos".

O padre LUIZ CORREIA,⁹⁵ feitor das fazendas de SALVADOR DE SÁ, e o beneditino frei BERNARDO DE MONSERRATE são os principais protagonistas da tragédia, pois que, a frente de grande numero de seus escravos, dão êles comêço a iniquidade.

As casas de pau a pique são logo derrubadas a machado. Espancados e roubados, os moradores são expulsos. Uns vão barra a fora, outros tocam a pé para Cabo-Frio *sobre* os campos alagados pela enchente. Outros, ainda, metem-se pelo mato. Oito principais seguem algemados para as cadeias do Rio.

Ao ter notícias da tirania, o próprio ouvidor do Rio-de-Janeiro, que concedera o mandado de despejo, vai a Campos, e em Cabo-Frio encontra "parte dos expulsos com as suas mulheres inumeráveis e crianças quase tôdas doentes, já tendo morrido muitas".

À custo, e sobretudo com terror dos dois padres facínoras, os habitantes voltam à planície.

Falhara a segunda tentativa. E, não obstante os reparos da justiça, longo tempo continuam ainda os presos "encofrados nas masmorras do Rio, *pelo único crime de quererem erigir vilas*".

1674 — SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES obtêm para seus filhos o 1.º visconde de Asseca, MARTIM CORREIA DE SÁ e JOÃO CORREIA DE SÁ a doação da capitania de São Tomé, sob condição de erigir nas terras doadas "duas vilas, igrejas decentes, casas para reunião de vereadores e para 60 pessoas e tudo o mais que necessário fôsse para a garantia dos habitantes das novas povoações, com a cominação de perderem para a Coroa o que tivessem feito, caso não fôsem estritamente observadas tôdas as cláusulas da referida carta".⁹⁶

⁹⁴ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., pág. 103.

⁹⁵ LAMEGO, Alberto: Obr. cit.

⁹⁶ Tal era a "fôrça" dêsse homem, que, quando ainda secular e tendo culpas em cartório, foi a um tabelião exigir um livro para queimá-lo. Não o conseguindo, usa de processo mais sumário para o mesmo fim. Deita fogo à casa do tabelião, a qual fica reduzida a cinzas.

⁹⁶ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., pág. 120.

Protesto inútil dos “hereos” e demais proprietários que tentam embargar a doação.

Morte do 1.º visconde de **ASSECA**, sucedendo-lhe seu filho **SALVADOR CORREIA DE SA**, e ficando como tutor o general **SALVADOR**.

1677 — 29 de maio. Fundação da vila de São Salvador. Em 18 de junho, fundação de São João-da-Barra. “Na primeira, já existia igreja e achavam-se reunidos 150 moradores, com três companhias de ordenanças, e na última habitavam 24 pessoas, estando em construção a igreja”.⁹⁷

Meia légua quadrada de terras é doada pelo general **SALVADOR** para a vila de Campos.

Administrada por **MARTIM CORREIA VASQUEANES**, na ausência dos donatários, a capitania não progride.

Começa a disputa entre **ASSECAS** e beneditinos.

1679 — O Visconde de **ASSECA** e seu tio representam à Coroa contra os monges. Pendências com o donatário do Espírito-Santo. Marcos divisórios arrancados.

1682 — O vigário de Campos, **FRANCISCO GOMES SARDINHA**, partidário dos **ASSECAS**, representa contra os beneditinos. Denúncia de frades salteadores de estrada, à mão armada.

1689 — Manifestação popular contra o vigário, encabeçada pelos beneditinos. Substituição do vigário por um capuchinho.

Contrariamente às cláusulas de doação, Campos continua sem a casa da câmara e sem cadeia.

1690 — Quezílias com os jesuítas. O governador da capitania, **MARTIM CORREIA VASQUEANES**, e o poderoso proprietário **JOSÉ BARCELOS MACHADO** “mandam destruir um curral dos padres, incendiando casas, matando e ferindo escravos”.

A desordem cresce com o descontentamento e o desgoverno.

1692 — Morre o segundo Visconde de **ASSECA**, sucedendo-lhe seu irmão **DIOGO CORREIA DE SÁ**.

1693 — O administrador dos **ASSECAS** requer contra a câmara e os beneditinos que se apossam de um sítio dos donatários. No dia seguinte, novas queixas contra os beneditinos, por se apropriarem da fazenda alheia, “marcando quanto gado há de vários criadores, com marca ou sem marca; assim gado vacum como cavalgadas”...⁹⁸

1698 — Os oficiais da câmara dirigem-se a el-Rei, narrando que a vila continua sem casa da câmara e sem cadeia.

1704 — **Finta** para se abrirem os caminhos e serventias da vila.

A câmara reparte as terras da vila pelos lavradores que as queiram aforar. Os beneditinos impedem o **trajeto** pela estrada geral que corta suas terras.⁹⁹

⁹⁷ Obr. cit., págs. 138-139.

⁹⁸ FEYDT, Júlio: “Subsídios para a História dos Campos do Goltacases”, Campos, 1900, pág. 65.

⁹⁹ FEYDT, Júlio: Obr. cit., pág. 67.

1706 — Carta régia mandando liberar os índios escravizados pelos beneditinos em suas fazendas.

1707 — Continuando os beneditinos a querer apossar-se das terras de vários moradores da vila, começam os pleitos com a câmara que manda fazer a demarcação. As paredes de adôbe da igreja são levantadas pelos moradores.¹⁰⁰

1709 — O 3.^o Visconde de ASSECA, sem outorga da mulher e sem aprovação régia, vende ao prior DUARTE TEIXEIRA CHAVES tôdas as fazendas livres e de morgado que tinha no Rio e em Campos. A capitania é estimada em 10.000 cruzados.

Mais um magnata a perturbar a evolução da planície. Mais dissídios e entretuchos clandestinos de interesses. A mercê das ambições dos potentados, o povo vai sofrer dobradamente.

Não tendo conseguido vergar os oficiais da câmara na tentativa de usurpação de terrenos doados para a fundação da vila pelo general SALVADOR, os beneditinos tentam lançar a excomunhão sobre os camaristas.¹⁰¹ Amedrontados êstes, cedem-lhes os terrenos, do que resultaram questões de terras que se prolongaram até os dias de hoje. Com tais brigas permanentes, já não sabem os moradores a quem pagar foros.

1710 — Chega a Campos o prior de Chaves, e é empossado pelos camaristas. Todos os rendeiros do Visconde são violentamente despedidos antes da terminação do prazo de arrendamento. Gôvêno curto, mas cruento.

Renova-se a disputa com os beneditinos, que silenciam suas pretensões ao rossio da vila ante indestiutíveis testemunhos.¹⁰²

1711 — Manda o prior prender BARTOLOMEU BUENO FEIO dentro da matriz. Resistência e vivo tiroteio. Um oficial morto e numerosos feridos dentro da própria igreja.

Tendo anarquizado a capitania, o prior de Chaves retira-se para o Rio, vendendo as propriedades a diversos, entre os quais DOMINGOS ALVARES PESSANHA, seu capitão-mor.

O ex-donatário é chamado a Portugal a responder pelos abusos cometidos no Brasil.

1713 — 1.^o sequestro da capitania. Ninguém sabe de quem é a terra nem a quem pagar o arrendamento. Insegurança da propriedade.

1714 — Em Portugal, o prior mantém relações com os compradores das fazendas, assegurando-lhes a validade das vendas. Não tendo sido por êle pago, o Visconde de ASSECA protesta.

Enquanto em Lisboa os dois magnatas, em renhidos pleitos se esmeram em requintes de mútuas velhacarias, há um interregno esperançoso na capitania sequestrada. Com êle cresce um maior preparo a resistência aos intrusos.

¹⁰⁰ FEYDT, Júlio: Obr. cit., pág. 68.

¹⁰¹ FEYDT, Júlio: Obr. cit., pág. 73.

¹⁰² FEYDT, Júlio: Obr. cit., pág. 83.

Mas, ainda quase tôdas as fazendas são de senhores do Rio-de-Janeiro, e tal a pobreza de proprietários indígenas, que na vila a matriz é substituída por um "tejupar de palha".¹⁰³ E isto quando Campos já tinha dois mil fogos!

1725 — Nova carta de doação da capitania ao Visconde de ASSECA. Ante a perspectiva de novas tribulações, exacerbam-se os povoadores.

Chega ao Rio como governador LUIZ VAÍÁ MONTEIRO, o "Onça". É sobrinho do prior de Chaves e inimigo natural dos ASSECAS. Audacioso e destemido, afronta até os poderosos beneditinos, desterrando dois abades para Campos.

Perfazendo um regimento, mais três companhias de ordenanças são criadas para a capitania, tal o número de criminosos e desertores que a ela afluíram com o abandono.

A vila continua sem cadeia e sem a casa da câmara.

1726 — Não bastando a penúria acumulada pelo desassossêgo, desordem e tiranias, entra em ação a própria natureza. A sêca é geral. Grande mortandade de gados. Miséria no Rio-de-Janeiro, em cujo recôncavo moram muitos fazendeiros de Campos. E, como sempre, aparece logo o usurário. Juros de 20%. Engenhos e lavouras são penhorados. Muitas propriedades de Campos, conquistadas após trabalho insano, passam a mãos de agiotas, que as vendem com grandes lucros. Várias são encorporadas aos latifúndios de São Bento.

E quando a crise atinge o máximo, quando os gêneros de primeira necessidade fogem para Minas com os moradores das capitanias atingidas, que imigram com a miragem do ouro, reaparece em Campos o flagelo dos ASSECAS.

1727 — Chegam à capitania os dois filhos do Visconde, MARTIM e LUIZ CORREIA DE SÁ. Começa o período negro. Armados pelo pai de poderes ditatoriais, "podiam prover os cargos de justiça e da milícia, arrecadar a redízima de todos os direitos reais, os dízimos do pescado, os impostos dos engenhos de açúcar e de aguardente, nomear alcaides-mores, dar sentenças, passar cartas de sesmarias, etc."

Começam as perseguições. Prendem e soltam a seu bel-prazer. Julgam as causas cíveis e criminais. Aplicam penas de degrêdo.

E por cima disso tudo, chega a carta régia impondo pesado donativo para o casamento de príncipes espanhóis e portugueses, a qual respondem os camaristas com evasivas, e que logo após a primeira arrecadação se negam os moradores a cumpri-la.

Começa a discórdia entre LUIZ VAÍÁ e os filhos do Visconde.

1728 — Manda o governador afixar editais no Rio, em Campos e em São João-da-Baria,, declarando nulos os provimentos do Visconde e convidando os pretendentes a se habilitarem. E logo segue para a planície, acompanhado de milícia, o padre MANUEL

¹⁰³ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. I, pág. 194.

RAPÔSO, advogado do prior de Chaves. Vai cobrar rendas, e é recebido festivamente pelos amigos do governador.

Já então se conspira contra o donatário. E é em casa de uma mulher que se tornaria famosa, — **BENTA PEREIRA DE SOUSA** —, que se reúnem os inimigos do Visconde.

Vimos que, anteriormente ao açúcar, a pecuária se desenvolveu na planície. E, ainda nessa época, a criação predomina sobre o número pequeno de engenhocas. O gado em tal maneira se reproduzira e de tal modo as questões de terra tornaram incerta a propriedade, que há reses espalhadas por toda parte. E a ordem do Rei é para que se recolha toda essa boiada solta — o gado de vento — para a Real Fazenda.

1729 — **JOÃO ÁLVARES BARRETO** é nomeado capitão-mor pelo governador. **FRANCISCO MANHÃES BARRETO** arremata o contrato de gado de vento. Ambos são filhos de **BENTA PEREIRA**.

Protesto geral dos criadores contra o contrato, que a câmara impugna. O capitão-mor é destituído pelo filho do Visconde, que o substitui por outro. Enquanto isso, **MANHÃES BARRETO** vai ao Rio e volta amparado por soldados, para que se cumpra o contrato.

LUIZ VAÍÁ manda ordens para reposição do capitão-mor. Seu correio é preso em Macaé por apaniguados do Visconde e levado para Campos, onde **BENTA PEREIRA**, filhos e outros vão a seu encontro e o soltam.

Nisto consegue o **ASSECA** de el-Rei a nomeação de **MARTIM CORREIA DE SÁ** para o posto de capitão-mor da Paraíba-do-Sul. Mas o "Onça" exige dêle que de joelhos, lhe venha prestar homenagem antes da posse. O filho do Visconde submete-se a humilhação, mas é retido no Rio, enquanto para Campos segue tropa as ordens do capitão **LEAL**, a fim de ver cumprido à força o "contrato de vento".

Começam então as célebres "mangueaduras" ou campeio de gado, que começa a encher currais. A resistência é geral. Os mais renitentes são os beneditinos e jesuítas que chegam a ser ameaçados pela tropa. O mais rico fazendeiro de Campos, **ANDRÉ DE AGUIAR**, é preso.

Existe já tanto boi solto, que — diz o capitão **LEAL** em carta —, "ainda que corressem os campos todos os dias, o dito contratador não poderia vencer o gado que anda amontoado, em três anos".¹⁰⁴

Vê-se por ai o cipoal em que se debate o homem na planície. Agora é o Rei com seus decretos extorsivos.

Mas os próprios donos de engenhos que os têm "em terras próprias compradas com o seu dinheiro" não estão a salvo da extorsão, porque o donatário que "as que tem he o quinhão que deram aos "hereos" senhores dêstes campos", lhes lança o imposto anual de cinco a sete mil réis sob penas de serem demolidas suas fábricas".¹⁰⁵

¹⁰⁴ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., nota à pág. 407.

¹⁰⁵ Obr. cit., págs. 383-384.

Sem pôrto de mar capaz de a libertar, a planície é feitoria do **ASSECA**. Cada beçada para o Rio paga a saída pela estrada única pesado tributo em Macaé. Ninguém alí passa sem passaporte assinado pelo filho do Visconde.

Verdadeira servidão a um senhor absoluto. Fácil daí o aprehender-se que, na irascibilidade permanente em que vivia aquela gente, a revolta estava latente. E entre os dois patrões a esperança é ainda "**O Onça**".

1730 — 13 de maio. Após a homenagem ao governador, **MARTIM CORREIA DE SÁ** entra em Campos a fim de assumir o cargo para o qual fôra nomeado pelo Rei. Mas a câmara reunida recusa dar-lhe posse. Tumulto. O padre **RAPOSO**, procurador do prior de Chaves, açula os camaristas.

15 de maio. **MARTIM CORREIA** torna a vila, a cavalo, acompanhado dos principais, jesuítas, beneditinos, carmelitas e demais padres, já agora todos de bem. Firmes na câmara, os camaristas ainda recusam dar posse ao **ASSECA**. O tumulto cresce. Sendo presos, os camaristas protestam e exigem a ordem régia para a prisão.

Metidos na enxovia, os atrevidos oficiais da câmara só à força entregam suas insígnias. A violência do **ASSECA** vai até a prisão do **juiz**.

LUIZ VAÍA recebe tarde a notícia, quando algemados, dois a dois, e cobertos de injúrias e maus tratos, já os vereadores se acham embarcados e a caminho do calabouço da Baía. As cartas só lhe chegam pelo estratagemas de **BENTA PEREIRA**, que as enviava dentro de sacos de farinha, visto que as estradas estão fechadas por capangas do Visconde.

Tendo levado os abusos a êsse ponto, **MARTIM CORREIA** intriga o governador com o Rei. Mas aquêle, por sua vez, denuncia o "déspota useiro e vezeiro em assaltar câmaras, prender os seus membros e acorrentar a justiça".¹⁰⁶ E nesse mesmo ano segue para os campos, a fim de devassar os acontecimentos, o famigerado desembargador **MANUEL DA COSTA MIMOSO**.

Recebem-no triunfalmente os **ASSECAS**, tendo sido memoráveis as grandes festas que lhe dedicam os jesuítas no Colégio.

E logo a seguir começa o terrorismo. Estradas sitiadas. Delações. Prisões. Confiscações. Até os juizes são presos e insultados. Há marcos da capitania mudados em benefício do donatário.

BENTA PEREIRA, porém, vela e conspira. Extenso memorial dos acontecimentos que torturam o povo bloqueado segue para o governador dentro de um saco de farinha.

Estoura o furor de **MARTIM CORREIA**, desacatado pelo povo em seu orgulho de fidalgo prepotente: "Se os juizes e oficiais voltarem a seus cargos, ponho fogo nas minhas fazendas, nos engenhos e partidos de canas, reduzindo tôda a capitania a um montão de

¹⁰⁶ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, pág. 98.

ruínas, porque um fidalgo como eu não fica sevandijado pela ralé".¹⁰⁷

Para o fidalgo reinol, o povo de Campos, que, sob todo o pêso da opressão, ainda lhe enche as arcas de milhares de cruzados, não passa de uma ralé.

Entretanto, a fim de ganhar partidários, e com grande alegria dos criadores, o **ASSECA** impugna o "contrato de vento", desacatando o governador e o próprio Rei. De outro lado, porém, continua a violência, sendo sequestrados os bens de **BENTA PEREIRA** e de seu filho **MANHÃES BARRETO**.

1731 — Exhaustos de aturar vilanias, despojados de suas terras e, até, impedidos de saírem da capitania para fundarem a vila em Macaé, os moradores, "não podendo tolerar tantas crueldades dos filhos do Visconde de **ASSECA**", enviam, como procurador a Lisboa, **FRANCISCO MANHÃES BARRETO**, a fim de tudo relatar ao Rei.

É extrema a miséria nos Campos, "pois o senhor absoluto que a governa com uma multidão de escravos insolentes nos arrasta a Última ruína". "Prostrados, pois, aos Reais Pés de V. M., humildemente suplicamos, pelas Chagas de Nosso Redentor, se sirva mandar-nos encorporar na Coroa, e que ordene o despejo de **MARTIM CORREIA**, seu irmão e criados, porque, pelo respeito de suas pessoas e negros insolentes e vadios que protegem, padecemos a última destruição"...

O povo oferece comprar a capitania e doá-la a Coroa.

1732 — **El** rei comove-se e ordena o embarque dos filhos do Visconde. Mas **LUIZ VAÍA MONTEIRO** enlouquece no Rio-de-Janeiro, e a carta régia é criminosamente desviada.

Recomeçam os beneditinos as suas tentativas de usurpação dos terrenos que pertencem a municipalidade e foram vendidos aos moradores.

1733 — Segunda via da carta régia chega às mãos do novo governador **GOMES FREIRE DE ANDRADE**, e é então ordenada a devassa. A capitania é sequestrada pela segunda vez.

1734 — **FRANCISCO MENDES GALVÃO** toma posse como capitão-mor, e, até 1740, a planície goza de paz e ordem. As dissensões entre os irrequietos moradores são apaziguadas. Os criminosos e desertores, presos. Alvorotos são serenamente impedidos. Pela primeira vez a alegria popular explode em festejos públicos, em homenagem ao nascimento de uma infanta portuguesa.

Não desistem, entretanto, de seu intento os pretendentes à escravização da capitania. O primeiro, que nada aliás consegue, é **DOMINGOS ÁLVARES PESSANHA**, que a comprara em grande parte do prior de Chaves. Também êste sempre na brecha, prossegue em Lisboa contra os **ASSECAS**. Finalmente, há o Visconde que se dirige a el-Rei.

¹⁰⁷ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, nota à pág. 127.

E êle próprio involuntariamente nos vem provar não ser a rebeldia oriunda de rivalidades econômicas de fazendeiros ricos, mas, sim, a própria massa popular que se levanta contra seu domínio.

"Se V. M. soubesse que os que assinaram contra meus filhos eram mulatos, índios e criminosos, e para fazerem maior número, os filhos dos mesmos, de menor idade, e que os de maior graduação não passavam de alfaiates e sapateiros, e que os principais e verdadeiros davam graças a Deus, por se verem governados com tanta justiça, seria possível que mandasse retirar daquela capitania e do Brasil os meus filhos?"

Com êsses e outros capciosos argumentos, mais uma vez succumbe a fraqueza real. Em fins de 1739, volta de novo a capitania ao domínio dos **ASSECAS**. Vai mais uma vez desaparecer a tranquilidade na planície, que, todavia, não fôra absoluta, visto que, desde 1733, começara a luta entre jesuítas e beneditinos, a qual irá estender-se até a expulsão daqueles, já então acerbamente perseguidos pelo bispo beneditino do Rio-de-Janeiro, D. ANTONIO DO DESTÊRRO.

Vê-se que a desorganização social e a fervilhante inquietação que agita os Campos não se limitam a revolta do povo contra o donatarismo, mas que entre si também os grandes senhores de terra cobiçosamente se debatem.

Dir-se-ia que, atendendo-se à época, naquela região isolada e essencialmente rural, também se alvoroça, embora comprimida sob o sedentarismo agrícola, a irreprimível inquietação do século, fuzilando em bandeiras pelo continente.

1740 — Com o regresso à tirania dos **ASSECAS**, surgem de novo expectativas enervantes como prelúdio de distúrbios.

A nomeação do sargento-mor PEDRO VELHO **BARRETO** para governar a capitania é mal recebida pelos camaristas. Vendo-se aquêle exautorado, apela para o governador, que lhe ordena o "exercício de sua jurisdição, embora sem prestar juramento perante a câmara, e a prisão dos que levantassem obstáculos ao seu govêrno".

São logo presos e remetidos para o Rio-de-Janeiro o juiz MANUEL **MANHÃES BARRETO**, filho de BENTA PEREIRA, e vários vereadores. Mas os novos oficiais da câmara igualmente não se amoldam às vontades do capitão-mor.

E a discórdia continua, apenas atenuada pela firmeza de caráter do Dr. PASCOAL FERREIRA VERAS, ouvidor geral da capitania do Espírito-Santo, cargo recentemente criado, e ao qual se subordina agora a Paraíba-do-Sul, desmembrada do Rio-de-Janeiro.

Infelizmente é substituído, em 1744, pelo Dr. **MATEUS NUNES JOSÉ DE MACEDO**. Êste vai a Campos, saqueia os cofres públicos e nomeia para ouvidor do donatário em Campos a um "alfaiate de profissão, homem êbrio e de má consciência, com mais inteligência

para a tesoura que para a judicatura",¹⁰⁸ "debochado e traficante", que, afinal, é expulso do cargo pelo governador do Rio-de-Janeiro.

Sob perene desgoverno, vai-se alastrando pela capitania a in-subordinação e a rebeldia. "Da desordem que lavrara na capitania e pelos contínuos sequestros da donataria, pelas pendências com o Visconde e o prior de Chaves, se aproveitam muitos aventureiros que se iam apossando das terras e largando o seu gado nos pastos alheios, do que resultava graves conflitos entre os escravos que os pastoreavam",¹⁰⁹

Além da insegurança territorial dos proprietários que se iam afazendendo entre os latifúndios, surgem agora violentos intrusos atraídos pela fertilidade dos campos e invadindo audaciosamente quinhões alheios.

1740 — Morre o 3. Visconde de **ASSECA**, e o ouvidor **MACEDO** recebe ordem para tomar posse da Paraíba-do-Sul em nome da Coroa. Partidário, porém, de **MARTIM CORREIA DE SÁ**, agora 4.º Visconde, não dá cumprimento a ordem.

1747 — A câmara de Campos, em vista da contemporização do ouvidor relapso, encorpora por conta própria a capitania a Coroa, sendo elogiada pelo governador geral.

O Dr. **MACEDO** vai de Vitória a Campos, prende os oficiais da câmara, algema-nos na cadeia pública e os condena a 5 anos de degrêdo em Angola, remetendo-os escoltados para o Rio-de-Janeiro, onde aguentam 17 meses de masmorra.

Exasperando ainda mais os ânimos, o ouvidor lembra uma sangria de 400\$000 em cada uma das câmaras de São Salvador e São João-da-Barra, a fim de serem reconstruídas a cadeia e a casa da câmara da Vitória.

MACEDO, "por um simulacro de eleição", substitui agora a reação aprisionada por outra composta de partidários do Visconde.

Esgotara-se o cálice. Sem terras próprias para trabalhar, oprimido de iniquidades sob a autocracia reacionária dos **ASSECAS**, abandonado pelo Governo longínquo, o campista isolado em seu infortúnio, vai tentar o recurso extremo.

1748 — Cem anos justamente de despotismo, desde que o general **SALVADOR** usurpara os domínios dos Sete-Capitães. Cem anos de uma gente que crescera lutando agarrada à sua terra e mantendo-se obstinadamente contra a adversidade incessante. Cem anos de agruras e de recalques, mas também, por isso mesmo, de experiência e de enrijamento na predisposição para o combate libertador.

Com a notícia da chegada de **MARTIM CORREIA DE SÁ**, parente, homônimo e procurador do Visconde de **ASSECA**, assanha-se logo a população desesperada.

¹⁰⁸ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, pág. 321.

¹⁰⁹ Obr. cit., vol. II, págs. 322-323.

Corria o mês de abril. A casa de BENTA PEREIRA é o quartel geral da rebeldia. Ali, em agitada reunião, MANUEL MANHÃES BARRETO é escolhido para advogado dos campistas, e apresenta logo à câmara um requerimento para embargar a posse da donataria pelo procurador do Visconde.

Os camaristas, acumpliciados agora com os ASSECAS, indeferem o requerimento e forçam o advogado a abandonar a sala, sob injúrias. MANHÃES BARRETO reúne uma centena de amigos e volta a sala de sessões da câmara.

“E logo, ao mesmo tempo, entraram pela porta da casa da câmara um *borbotão de mulheres*, requerendo-nos que não queriam ao donatário o Exmo. Sr. VISCONDE DE ASSECA, e que lhe mandássemos despejar logo fora da terra ao dito seu procurador”. . . .¹¹⁰

Acovardados, cedem os vereadores. É suspensa a posse, e no dia seguinte adiada, até que venham instruções do governador.

GOMES FREIRE oficia, ordenando a posse do procurador. A leitura da carta na câmara de Campos é interrompida por um *tumulto de mulheres*, acompanhadas de muitos homens”.¹¹¹

Dias após, entretanto, receando o capitão-mor ANTÔNIO TEIXEIRA NUNES uma decisão contrária do governador, planeja dar posse a fôrça.

Secretamente prepara com armas e munições duas companhias de ordenanças e uma de cavalaria. Na véspera de 21 de maio, cêrca de cem homens armados são escondidos na vila, em cujas proximidades a cavalaria se oculta na mata. Com ela estão duzentos escravos e demais foreiros do Visconde, todos armados. Nas imediações da câmara, concentram-se as companhias de ordenanças. Um dos organizadores do golpe de fôrça é o padre LEANDRO DA ROCHA.

Mas a conjuração é descoberta. Espalha-se imediatamente a notícia, e o povo amotina-se.

21 de maio 1748. Mais de 500 pessoas invadem a vila. O capitão-mor tenta em vão atemorizar os amotinados, porém nada consegue, dada a repulsa dos intermediários a quem intercede, e que também mais tarde virão a pagar por isso.

MANUEL MANHÃES BARRETO, seguido dos parentes e inúmeros patriotas, vai à casa do capitão-mor e interpela-o, exigindo as ordens do Rei para a posse do donatário.

A resposta é uma fuzilaria cerrada. Há logo mortos e feridos, entre estes o próprio MANHÃES BARRETO.

E o levante explodiu.

“Em todos os pontos da vila estalavam rixas, se entrechocavam e cruzavam facas e catanas”.¹¹² A tropa a cavalo e a **negraria** do Visconde marcham sobre Campos, onde o povo a esta hora já se debate ferozmente contra as ordenanças.

¹¹⁰ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 194.

¹¹¹ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 195.

¹¹² LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, pág. 349.

Tôda a vila é então um campo de batalha. De um lado, a fôrça do Govêrno, os derradeiros mercenários e a escravaria bem armada dos senhores feudais da Última capitania do Brasil. Do outro, a gente altiva da própria terra, que **sôbre** ela nascera, vivera e se multiplicara sob o constante desespero de seus direitos conspurcados.

No comando dos primeiros, um assalariado dos ASSECAS. A frente dos segundos, uma mulher temível, que há muito conspirava: BENTA PEREIRA DE SOUSA.

Nascera em 1675.¹¹³ Tem, pois 73 anos a formidável veterana, quando, a cavalo pelas ruas de Campos, e "com pistolas nos col-dres", impertérrita dirige o combate.

A sua intrepidez e a furia de seu povo, cavalaria, peões, escravos, os bandos do Visconde, em completo desbarato se dispersam, e, batidos de rua em rua, debandam campo afora, em correria pela vida.

Chefiando um grupo de amotinados, FRANCISCO MANHÃES BARRETO investe a casa do capitão-mor, de onde a fuzilaria redobra.

A casa cai. São presos os sobreviventes, entre os quais o juiz e o próprio TEIXEIRA NUNES, que perde um filho.

É um arsenal duramente conquistado. "23 bacamartes e muitas outras armas de fogo, barris de pólvora, de chumbo, balas, **catanas, etc.**", alí arrebanhados, mostram a energia e o sacrifício dos rebeldes num ataque a descoberto.

O maior feito dêsse dia, porém, ainda está por se dar. É o ataque a casa da câmara e cadeia, transformada em fortaleza.

O forte da tropa alí refugiada e farta de munições faz dela um bastião inatacável. ANTONIO DE OLIVEIRA FURÃO, encabeçando os homens, dirige o ataque. Mas a casa é irredutível. O heroísmo do povo abate-se nas paredes grossas e indesmanteláveis.

Na praça, em volta, ulula a plebe tumultuante. Homens e mulheres desesperados. O grosso da população enfurecida.

De momento porém, há um diferenciar de sexos nessa massa fervilhante. Um reboiço ajuntador de saias. Indo e vindo entre a turba exacerbada, uma mulher agita-se estimulando, impelindo, excitando. . .

E eis que, de repente, um tremendo alarido feminino sobrepuja o clamor da gritaria coletiva. É ela, MARIANA BARRETO, a filha de BENTA PEREIRA, que, à frente das mulheres de Campos e sob um chuvaire de balas, se atira contra a bastilha. . .

Nada resiste ao furor dessas heroínas. A câmara rende-se. MARIANA BARRETO é a primeira a entrar nela, e, por entre os mortos e feridos estirados no soalho, com suas próprias mãos algema os camaristas traidores.

No dia seguinte, PEDRO VELHO BARRETO assume o govêrno da vila e são reempossados os juizes e camaristas do ano anterior.

¹¹³ Obr. cit., vol. II, nota à pág. 367.

Êsses juizes abrem devassa sôbre os acontecimentos, responsabilizam as autoridades prêsas e outras pessoas, "que, carregadas de ferros, foram enviadas para a Baía".

A justiça do povo naquele tempo ainda praticava simplesmente o que a própria custa havia aprendido. É provável que hoje em dia fôsse o processo mais sumário.. .

Não tardaria, porém, o golpe repressivo a rebelião, onde a audácia popular subira a ponto de algemar um capitão-mor, um juiz e vários oficiais da câmara de uma vila, e remetê-los por conta própria para os calabouços da Baía, como um presente ao governador geral!

Sabedor dos fatos, GOMES FREIRE DE ANDRADE manda a Campos o general JOÃO DE ALMEIDA E SOUSA com duzentos soldados e a oficialidade competente, mais "artilharia grossa e munições, 18 caixões de granadas, 12 barrís de pólvora e chumbo".

Já em Macaé se une a tropa a gente do Visconde, enquanto na vila de Campos, em casa de BENTA PEREIRA, MANUEL MANHÃES, ainda ferido, tenta organizar a resistência. A minguá de munições, entretanto, os patriotas abandonam a cidade.

Alguns, porém, recusam deixar o pôsto conquistado. E à frente dêstes cresce mais uma vez a figura extraordinária de uma mulher. É ainda MARIANA BARRETO, que declara ser "desdouro de seu sangue e de seus feitos fugir de medo, e que em sua casa aguardaria a cólera encandecida dos partidários do Visconde!" ¹¹⁴

O general ALMEIDA entra na vila. A soldadesca aboleta-se nas casas abandonadas e saqueia tudo. MARIANA BARRETO é presa com seus companheiros heróicos, e o procurador do ASSECA é empossado pela fôrça que sitia a câmara.

Tempos após, chega também, pela segunda vez, a Campos para a devassa o já conhecido e celerado ouvidor do Espírito-Santo, Dr. MATEUS DE MACEDO, que lança logo uma finta de 14.000 cruzados. As extorsões são iníquas, indo a 500\$000, quantia enorme para a época e igual a receita da vila! Os que não podem pagar têm os bens penhorados e arrematados em hasta pública pelos amigos do Visconde.

BENTA PEREIRA tem 11 pessoas de sua família implicadas no levante. Um genro e um filho, — o valente FRANCISCO MANHÃES BARRETO —, virão a morrer de privações, quase alienados.

E esta foi a sentença da Relação da Baía, digna mais uma vez de ser impressa, para maior conhecimento daqueles patriotas. "A ré MARIANA DE SOUSA BARRETO, por se provar ser irmã dos principais cabeças e que os acompanhava, e era a principal entre outras muitas mulheres, que concorreram armadas naquela sedição, e insultaram os oficiais da câmara, estando juntos em auto de vereança, onde os prenderam ignominiosamente, *condenam que, com baraço e pregão, vá degredada por tôda a vida para o presídio de Benguela,*

¹¹⁴ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, pág. 355.

e na pena pecuniária de 400\$000 para as despesas da Relação; a **ANTÔNIO DE OLIVEIRA FURÃO**, por ser um dos mais apaixonados que mostrava ser entre os outros, proferindo palavras com que os excitava, prendendo e carregando de ferro os oficiais da câmara, *condenam que, com baração e pregão, seja açoitado pelas ruas públicas, e que vá degredado por tôda a vida para o mesmo presídio de Benguela, e pague 300\$000 para as custas da Relação*; a **FRANCISCO VIEIRA, JOÃO DA SILVA RANGEL e TOMÉ ÁLVARES PESSANHA**, que consta foram sócios, sequazes, visto andarem armados naqueles tumultos em companhia dos principais, cabeças, executando as suas ordens, *condenam que, com baração e pregão, sejam açoitados pelas vias públicas, e vão degredados pelo tempo de 10 anos para o reino de Angola, e pagará cada um deles 200\$000 para as despesas da Relação*".¹¹⁵

Isto se dava em 2 de março de 1751. Nos três anos após o levante, mau grado tropas e devassas, a desorganização da planície atinge o auge. "A soldadesca desenfreada ardia em tanto desatino e fúria, que os moradores da capitania não puderam mais suportá-la, e pediram providências a Coroa". "Por piedade, Senhor, ordenai que regressem aos seus quartéis".¹¹⁶

Numerosas mortes e ferimentos graves dizem da vingança dos sequazes do Visconde, impunemente livres. Muitos proprietários "fugiram para os matos com suas mulheres e filhos, seguidos de viúvas e órfãos, que lá adoeceram e morreram". "A miséria reinava em todos os lares, pelo confisco e abandono das propriedades". E, em consequência, a arrecadação dos dízimos começa a decair.

Em Lisboa, entretanto, o advogado dos campistas **SEBASTIÃO DA CUNHA COUTINHO RANGEL** expunha a el-Rei *tôda* a calamidade, mais uma vez suplicando a definitiva incorporação à Coroa, da última capitania brasileira.

E desta vez, não obstante a sinuosa defesa do **ASSECA**, o Rei decide finalmente, em 1752, a compra da Paraíba-do-Sul, tendo para ela concorrido o povo, em sua ânsia de libertação, com 20.000 cruzados.

A carta de alforria expedida para a **Baía já** não encontra, porém muitos dos escravizados, mortos nos cárceres ou no degrêdo.

Porém, termina a tirania secular dos **CORREIA DE SÁ**. Foram precisos para isso mais de cem anos de pugna tenaz e desesperada.. Cem anos de invulgar iniciativa de uma gente acorrentada a grandes senhores, com a posse *aleatória* de glebas aforadas sem garantias de continuidade e a mercê das desavenças políticas entre potentados de ambição desmedida. Cem anos de demandas, de rixas, de motins, de devassas, de repressões, e assassínios, de flagícios, de exílios e sob a rapina das dízimas, das fintas, das derramas e dos

¹¹⁵ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, págs. 512-516.

¹¹⁶ Obr. cit., vol. II, pág. 400.

confiscos oriundos do capricho indiscutível e da vontade momentânea de amos absolutistas.

Os CORREIA DE SÁ deixam de mandar. Ali fica, entretanto, ainda o seu morgado "o mais considerável da Casa **Asseca**", instituído pelo general SALVADOR em 1667. Mais cem anos são precisos para que, com a Independência, definitivamente se apague, pela venda desses bens do fidalgo português, aquele nome na planície, onde apenas o relembra hoje a retalhada fazenda "do Visconde".

Custou caro e demorou muito a liberdade. E, assim mesmo, só foi ela possível com o heroísmo e o sangue daqueles homens, e sobretudo daquelas mulheres, que com **MARIANA BARRETO** e **BENTA PEREIRA** se eternizam na legenda da planície goitacá: *Aqui, até as mulheres lutam pelo direito.*

*

O DOMÍNIO DA COROA

Porém, o que tem inteiramente mudado este País é o **açúcar**, porque a decadência do gado sucedeu quase pelo mesmo tempo em que se foram levantando os engenhos e engenhocas". — **COUTO REIS**: "Memória Topográfica etc". 1785.

"Logo que algum indivíduo está de posse de quatro palmos de terra, por acaso, próprios e comumente aforadas as fazendas mais **notáveis**, levanta de certo um engenho para trabalhar o açúcar, em proveito mais dos mercadores, que o animam com o empréstimo do dinheiro, com a fiança do cobre e dos escravos que o vendem e com as fazendas necessárias de vestir, do que em utilidade própria". — **PIZZARRO**: "Memórias Históricas do Rio-de-Janeiro", Rio, 1828.

A terra é livre, mas inculta ainda. Embora predestinada para a **lavouira** da cana, pelo vasto lençol de argilas **aluviônicas** sob um clima propício, nada faz prever em meados do século dezoito a notável expansão futura da indústria açucareira, que viria monopolizar os quefazeres do habitante da planície.

Já desde anteriormente a vinda dos **ASSECAS**, fôra a gramínea introduzida com êxito. Começara-se com engenhocas de aguardentes e, a seguir, de açúcar. Mas as pesadas taxas dos donatários abafavam a indústria nascente e vários engenhos de "águas ardentes e **méis**" tiveram que fechar.¹¹⁷

Com a grande crise de 1725 a 1730, são outros, como vimos, penhorados por agiotas. Mas, apesar dos obstáculos, os pães de açúcar multiplicam-se. E para isso contribui a **melhoria** nos transportes.

¹¹⁷ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. I. pág. 833.

Em 1737, já pagam direitos ao Visconde 34 engenhos e engenhocas.¹¹⁸

Quando foi da incorporação a Coroa alega o ASSECA 70 embarcações que entravam e saíam continuamente do Paraíba".¹¹⁹

Já longe estamos do "comércio dos Goitacases", que, "nos primeiros tempos de sua povoação, se cifrava na exportação de carne salgada, couros, queijos, algodão e farinha".¹²⁰ Produtos da pecuária ou de lavouras rudimentares.

Em meados do setecentos, com suas "12.000 pessoas de Sacramento",¹²¹ o país onde "as terras são as mais deliciosas, por serem de massapês legítimos, extensas, planas, cercadas de rios e lagoas que facilitam o comércio", já "exportava para o Rio de Janeiro e a Baía só em gado vacum 15.600 cabeças, em cavalar 3.000, em mantimentos 85.000 alqueires de farinha e algumas centenas de caixas de açúcar, no valor de 400.000 cruzados".¹²²

A pecuária é dominante ainda, mas o açúcar tende a sobrepujá-la com o aumento da população rural, a divisão da propriedade e o conseqüente acréscimo dos transportes necessários.

Para que se avalie a extraordinária expansão da indústria açucareira na região de Campos, durante os séculos dezoito e dezanove e anteriormente a construção das usinas modernas, bastam os seguintes dados:

Anos	Engenhos
1737	34 ¹²³
1750	50 ¹²⁴
1769	55 ¹²⁴
1778	113 ¹²⁴
1783	278 ¹²⁴
1819	400 ¹²⁴
1828	700 ¹²⁵

Pelo correr do Império, haverá uma floresta de chaminés sobre a planície. O mapa de COUTO REIS, de 1785, mostra-nos que quase toda a massa de proprietários rurais se encontra acumulada na zona de aluviões entre o Paraíba e a lagoa Feia. Fora dessa zona, escassos são os moradores pela costa, ao norte daquele rio, e pelas margens de outros cursos de águas, incluindo o Ururáí.

¹¹⁸ FERNANDES JOSÉ MARTINS: Obr. cit., págs. 138-139.

¹¹⁹ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, pág. 451.

¹²⁰ FERNANDES JOSÉ MARTINS: Obr. cit., pág. 17.

¹²¹ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, pág. 46.

¹²² LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, pág. 36.

¹²³ FERNANDES JOSÉ MARTINS: Obr. cit., págs. 138-139.

¹²⁴ CARNEIRO DA SILVA, José: "Memória Topográfica e Histórica sobre os Campos dos Goitacases", 2.^a edição do original de 1819, pág. 57.

¹²⁵ MUNIZ DE SOUSA, Antônio: "Viagens e Observações de um Brasileiro", Rio, 1834, pág. 119.

Além da área de massapês, por todo o litoral do Itabapoana a Macaé e, pelo interior, até a cordilheira, ou são as areias despoçadas das restingas, ou são a floresta virgem e os pantanais.

Mesmo nesta privilegiada faixa de argilas do Paraíba onde todos os moradores são discriminados, a mata cobre ainda quase tôda a área.

Já não é possível, como outrora, a expansão da pecuária ante essa aglomeração humana, a não ser nas planícies abertas e incultiváveis das restingas. E é assim que as 15.000 cabeças de exportação dos meados do século baixam então a 6.000. E já em princípios de novecentos, o Visconde de ARARUAMA a da não só como extinta, mas também como já iniciada a importação de Minas "pelo caminho novo que se abriu há pouco tempo: e antes de ter feito esta comunicação, vinha pelo Rio-de-Janeiro com muito trabalho".¹²⁶

De exportadora de milhares de bois para a Guanabara com sua desenvolvida pecuária, Campos torna-se até importadora.

Vê-se por aí a corrida para a construção de engenhos. Tôda a gente está fascinada pelo açúcar. Mas não se deve julgar por isso a criação do gado abandonada. O consumo também sobe. "É certo que, crescendo a população e edificando-se tantos engenhos de açúcar, consome-se na terra muito gado, não só para a fábrica dos mesmos engenhos como para os diferentes açougues que há no país".¹²⁷

De qualquer maneira, porém, os rebanhos diminuem com a mente do lavrador enlevada para o açúcar, "porque se tem ocupado com grande número de engenhocas o melhor campo criador que é o do distrito de Campo-Limpo, que, sendo onde antigamente se criava a melhor e maior quantidade de gados, hoje se acha ocupado com muitas plantações de canas e muitos engenhos".¹²⁸

É a fascinação do homem pela terra, pela qual lutara contra os donatários. Por outro lado, há fome geral de açúcar.

O próprio Couro REIS se espanta: "Duas cousas há que mais faz admirar: uma o grande desenvolvimento que vão tendo os estabelecimentos de açúcar, a maior parte dêles, aonde há poucos anos eram Campos; e a quantidade de açúcar que vão já produzindo".

Comprada ou aforada, a fazenda é garantida. Não mais a iminência de despejos sumários ao simples capricho de grandes senhores, nem o abuso dos tributos escorchantes. E, além disto, conforme Couro REIS, "havendo facilidade em adquirir terras, cada um obtém a que lhe é precisa, e trata logo de montar uma engenhoca".

A obsessão do açúcar é completa com a posse dos "massapês" há tanto tempo desejados, e cuja fertilidade já famosa atrai somente agricultores natos. "As terras", diz PIZARRO, "são flexíveis a

¹²⁶ CARNEIRO DA SILVA, José: Obr. cit., pág. 53.

¹²⁷ CARNEIRO DA SILVA, José: Obr. cit., pág. 53.

¹²⁸ MUNIZ DE SOUSA, Antônio: Obr. cit., págs. 125-126.

intenção do lavrador, não dependem do subsídio do **estrume** nem de multiplicados instrumentos que as forcem a produzir".

A imigração ativada é quase exclusivamente portugêsa até o século XX. O camponês **minhoto**, beirão ou transmontano, impossibilitado de **melhoria** de vida em suas glebas minúsculas, — quando as possuem —, ou cansados de cavar braços de solo exausto entre avassalantes e desanimadoras **penedias** de granito, alí chega e pasma de ver a terra fecunda, de posse e crédito facilitados. E logo também se lança na corrida para o açúcar.

Com tal entusiasmo, unido ao sedentarismo agrícola, cresce rapidamente a população. Além do brasileiro de reprodução acelerada, quem para alí vai fica.

Isso em pleno século da mineração. Diamantina, Vila-Rica, Sabará, Goiaz, Vila-Bela e tantas outras brotam do sertão com suas igrejas buriladas, seus palácios de governadores, seus nababos imponentes de hospitalidade. O ouro e as pedrarias ainda acenam de longe a chusmas de **aventureiros**. Mas já no Reino o português que emigra leva com o destino as aptidões definidas.

Em todos vibra o mesmo desejo de fortuna, o mesmo estímulo, a mesma audácia de pioneiros. Enquanto muitos partem enlevados na miragem de magnificências repentinas, crendo-se já senhores de lavras opulentas, outros, menos imaginativos, porém mais equilibradamente práticos, buscam a riqueza na lavoura e no comércio.

Entre os Últimos estão os que, em chegando à Guanabara, não **tomam** o caminho da cordilheira, repisado de aventuras, sonhando com arrobas de ouro subitamente refulgindo à flor de um solo apenas escarificado, ou enchendo o fundo das **bateias** nos ribeirões prodigiosos.

Grande parte dêles margeia a costa e segue para os Campos, com o mesmo duro intento de cavar a terra nova, mas para fins essencialmente agrícolas.

Nada os **demove** dessa pertinácia, sobretudo depois que chegam verificando logo a assombrosa fertilidade daquele solo, desconhecida em seus torrões cansados de além-mar.

É esse estranho amor à terra, compartilhado desde a chegada com os predecessores que por ela haviam lutado contra os donatários, que ergue a cultura da planície. O homem não a quer apenas para esburacá-la, arrancando-lhe os tesouros das entranhas e abandonando-a logo após, empedrada de montões de catas e rasgada de buraqueiras inúteis. E esse espírito essencialmente utilitário de ferrenhos lavradores chega mesmo a não ser compreendido nesse tempo do esplendor das lavras, quando um boato simples de novas descobertas arrasta levas de aventureiros para o interior.

Por isso é que um manuscrito coevo acoima os campistas de "pusilânimes". Celebrando as minas do Castelo no **Espírito-Santo**, e as das cabeceiras do Muriaé, onde "tem mostrado a **experiência** que em nenhuma parte há minas mais florentes nem de maior lar-

gueza", diz o autor desconhecido: "São os homens **dêste** distrito de Campos tão impossibilitados e sobretudo pusilânimes, que, tendo à porta **êstes** haveres, os não abalam, **podendo** ter a certeza de que, estabelecidas as ditas minas, seria incomparável a utilidade de **tôdas** estas terras circunvizinhas, maiormente as da dita vila de São Salvador" . . .¹²⁹

Mas ninguém se move. Nem um campista sobe os rios para a zona montanhosa. Todos se concentram na planície, no massapê, na terra que produz açúcar como nenhuma outra. E com tal continuidade na crescente produção açucareira, também cresce a população agricolamente sedentarizada na terra fértil.

É êste fim dos setecentos que impele e orienta definitivamente a cultura na planície. O tempo de paz prova mais uma vez que o habitante não se descartara dos **ASSECAS** somente para se livrar da tirania. O que êle quer é a terra. A posse do solo cultivável. E êsse o **tem** êle agora.

A grande missão cultural dêsses fragmentadores de latifúndios não se vai, porém, fazer completamente isenta de empecilhos. **Su-**bir ao pôsto máximo de senhor de engenho é a ambição de todos. Mas a isto se opõem os primeiros chegados, não querendo **igualar-se** aos novos colonos de condição plebéia, e, sobretudo, os negociantes já capciosamente irmanados na execranda monopolização do açúcar.

Assim é que, "em fevereiro de 1777, o major **GREGÓRIO FRANCISCO DE MIRANDA** e mais mercadores da vila de São Salvador **apresentam** ao Monarca contra as pretensões de alguns lavradores pobres, que, possuindo dois ou três escravos, com os quais cultivavam pequeno terreno, armando engenhocas com dinheiro emprestado, onde fabricavam diminuto açúcar, queriam gozar dos privilégios de senhores de engenho"¹³⁰

Mais de duzentos engenhos e engenhocas já possui a planície nessa época. Como, porém, muitos proprietários servem na tropa destacados em Santa-Cruz e outros pontos, começam os agiotas a lhes pôr os bens em praça.

O recurso à Coroa, entretanto, lhes dá ganho de causa, "pois que o açúcar que fabricavam era em maior abundância que o dos engenhos da Capital e seus recôncavos, e serviam para a carga da maior parte dos navios que seguiam para Lisboa."¹³¹

Os senhores de engenho da Guanabara que desdenham os Campos, largando-os a patuléia de agregados foreiros, **já** vêm a sua produção ultrapassada em curto período. E, desta maneira, estende-se a Campos a salutar carta régia do Príncipe Regente, de 1760, ordenando que "não sejam executados os senhores de enge-

¹²⁹ LAMEGO, Alberto: "A Terra Goitacá", vol. II, nota a págs. 280-284.

¹³⁰ LAMEW, Alberto: "O Privilégio dos Senhores de Engenho, nos Tempos Coloniais", "Monitor Campista".

¹³¹ LAMEGO, Alberto: "O Privilégio dos Senhores de Engenho, nos Tempos Coloniais", "Monitor Campista".

nho da capitania do Rio-de-Janeiro, nem se **façam** penhores, por seus credores nas fábricas dos ditos engenhos e das fazendas de cana", lei salvadora contra a ganância inescrupulosa dos agiotas, que só viria a ser repetida mais de cento e setenta anos depois, com o advento do Estado-Novo.

É nesse período que "o impulso do progresso dos **Goitacases** tinha feito com que se importasse então avultada cópia de **escravatura**".¹³²

Com o estímulo extraordinário da lavoura, a planície é tão **instigada** de iniciativas, que, já em 1785, os dados de **Couto Reis** impressionam pelo contraste com os de pouco mais de trinta anos antes.

Assim é que o número de engenhos e engenhocas **já** sobe a 245. Há 218 currais. **Só** de escravos há 12.085, número aproximado ao da população total dos meados do século, quando começara o "Cício do Açúcar".

É a seguinte a estatística extraída do cronista insigne, que nela dá minuciosamente de lavrador para lavrador:

Arrobas de açúcar	128.580
Medidas de aguardente	55.905
Cabeças de gado bovino	55.672
Cabeças de gado cavalari	13.201
Alqueires de feijão	12.032
" " farinha	55.109
" " milho	17.102
" " arroz	4.458
Arrobas de algodão	2.772

O extraordinário é que na terra já tão grandemente dividida se nota a preocupação da oniprotutividade. Os seus 3.160 fazendeiros querem bastar-se tanto quanto possível a si mesmos, num judicioso equilíbrio de economia coletiva.

Os próprios escravos são vestidos com roupas da terra, onde os seus 99 teares tecem 48.000 varas de pano branco, 630 de riscado e 550 trançado.

O número de casas construídas pode ser imaginado pelas 51 olarias, que também fazem tijolos para o gasto e exportação.

Mas **tôda** a civilização de Campos é exclusivamente rural. **Tôda** essa rude sociedade de senhores de engenho mora no campo. A cidade, ainda um vilarejo, continua lentamente a progredir com sua casaria térrea de pau-a-pique e tejos. Dos edifícios dessa época nada resta em pé. Nenhum chegou a nossos dias, denotando opulência e **gosto** arquitetônico, a não ser as igrejas, de que adiante falaremos. A própria casa da câmara e cadeia, demolida em fins

¹³² MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 153.

de novecentos, a estampada numa gravura do vol. II de *A Terra Goitacá*, é um casarão sem qualquer caráter distintivo.

Mas a importância de Campos por êsse tempo já se faz tamanha, que o vice-rei do Brasil, Conde de AZAMBUJA, em 1768, reparte os seus moradores por dois terços, sendo um de auxiliares e outro de ordenanças. O primeiro com 14 companhias, sendo duas de cavalaria, oito de infantaria de homens brancos e quatro de pardos, totalizando 1800 alistados. O de ordenanças com 10 companhias e uma de forasteiros.¹³³

Em 1797, o têrço de auxiliares é transformado em Regimento de Milícias.

Paralelamente à evolução de Campos cresce a outra vila da planície, São João-da-Paraíba-do-Sul, hoje São João-da-Barra.

Única saída para produtos campistas, a navegação se desenvolve nesse arriscado pôrto da foz do Paraíba, como adiante exporemos.

Dêste modo é que, em tôda a vida colonial, as duas vilas se completam. São João depende exclusivamente do comércio de Campos. Quase tôda a geologia superficial de seu distrito ao sul do Paraíba se expõe numa planície de restingas, que na outra margem igualmente se dilata por vasta área até os tabuleiros do sertão de Cacimbas. Daí ser a produção agrícola sanjuanense insignificante. Mas, com o formidável desenvolvimento dos engenhos de Campos após a queda dos ASSECAS, São João-da-Barra vai surgir como escoadouro de tôda a produção de açúcar da planície.

Essa produção acelerada pela divisão da terra não se faz, todavia, sem crises alarmantes, sobretudo originadas pelas enchentes do Paraíba. As de 1728, 1769 e 1779 são verdadeiras catástrofes.

Em 1793, por motivos não esclarecidos, há miséria na planície, e grassa a fome em Campos. Nada, porém, detém essa nevrose do açúcar, que impele todo o mundo para o campo.

Chegamos dêste modo, aos fins do setecentos, com grande área da planície invadida e partilhada. Grande área, porém continua em latifúndios de quatro propriedades principais: o Colégio dos Jesuítas, adquirido agora por JOAQUIM VICENTE DOS REIS, São Bento, Quissamã e, finalmente, o Visconde. Já foi mencionada esta última, estigma deixado pelos donatários, quando deixaram a Capitania. É o morgado dos ASSECAS.

Como sempre, êste nome é pernicioso. Em 1797, é seu administrador alí o coronel LUIZ ÁLVARES DE FREITAS BELO. Com êle, renova-se temporariamente a luta. Sabeis quem o secunda e o instiga no esbulho dos colonos? Nada menos que seu genro, JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS.

De conluio com o ASSECA, flagelo da planície, o delator de TIRADENTES!

¹³³ CARNEIRO DA SILVA, José: Obr. cit., pág. 43.

Refugiado em Campos, daí é que requer à Soberana a recompensa pelo abôrto da Conjuração Mineira. Tantas faz contra os foreiros do Visconde, que os camaristas officiam ao Govêrno relembrando o levante de BENTA PEREIRA.¹³⁴

Não contentes, porém, com extorquir aos pequenos, genro e sogro atiram-se contra o maior dos fazendeiros — JOAQUIM VICENTE DOS REIS. Ê então que, com suas trapaças exibidas em justiça, são ambos expulsos da planície. Não é de admirar, portanto, que, em sua defesa a Coroa, JOAQUIM SILVÉRIO denuncie os campistas que o expeliram como "vassallos infiéis e revoltosos".

E a fome de terra continua insaciável. O povo continua a exigir solo para a lavoura, e para êste fim é que os vereadores, em 1797, escrevem a Rainha.¹³⁵

Com "mais de 300 fábricas de engenhos", a planície" não pode manter o pêso de 30.000 habitantes", quase todos applicados à agricultura. Além de mencionarem os latifúndios já citados, os representantes do povo pedem a partilha das duas léguas de terras da extinta aldeia dos Guarulhos ao norte do Paraíba e as fazendas das freiras da Ajuda.

Contra os beneditinos e o Visconde a carga é cerrada. Aquêles não querem aforar as terras e trazem-nas incultas. E os administradores do ASSECA, fiéis à tradição, violentam direitos de foreiros, expulsando-os. Mais de 70 fazendeiros usurpados pelo Visconde assinam uma representação acompanhada, dos títulos de posse que datam de 80 anos.¹³⁶

Se entramos em pormenores é justamente para mostrar que, com todo o seu extraordinário desenvolvimento industrial em cinqüenta anos livres do donatário, a planície começa apenas a frutificar. Porque somente o oitocentos é que virá provar as possibilidades culturais dessa formidável concentração de lavradores, com a conquista definitiva dos massapês.

Na primeira metade do novo século, continua a crescente partilhas aas fazendas em lotes aforados. Centenas e centenas de novas engenhocas são levantadas. Verdade é porém que a maioria de tais fabricas são primitivas.

"Apesar do brilhantismo da lavoura, observa-se pouco adiantamento a respeito da mecanismo das fábricas de engenhos", diz MUNIZ DE SOUSA. Apenas quatro fábricas a vapor em 1828 e "duas de moinhos e outras ae água tôdas as demais trabalham com quadrúpedes".¹³⁷ Só existe uma bomba em todos êsses engenhos, onde o açúcar é secado em couros de boi. Nada dos "balcões firmados sôbre vigas ou cavilhas, que com facilidade e violência se movem", como na Baía, Sergipe e Alagoas, onde também já se empregam nessa época estufas para a secagem. Tudo é a braço.

¹³⁴ LAMEGO, Alberto: "Mentiras Históricas", Rio, págs. 32-38.

¹³⁵ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., págs. 213-218.

¹³⁶ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., págs. 213-221.

¹³⁷ MUNIZ DE SOUSA: "Vfagens e Observações de um Brasileiro", Rio. 1828, pág. 128.

Nada de venderem "seus méis aos proprietários alambiqueiros". "Cada um de per si os distilam em seus alambiques, que nenhum deixa de ter, ainda que há muito poucos de vantagem".¹³⁸

Nada de ricaços do açúcar nem de solares grandiosos, a não ser o Colégio e São Bento. A luta é individual e aspera. Mas é esta luta justamente que nos mostra o caráter essencial da cultura da planície. A *divisão* da terra. O equilíbrio social com a pequena propriedade. A produção é distribuída entre a população, não obstante "as ciladas", tramas e persuasões dos negociantes", que se assemelham em todos os tempos.

Nada ainda dos poderosos usineiros nababescamente enriquecidos com o labor de turbas imensas de operários nem de açambarcadores de safras inteiras, que, a sombra de créditos bancários negados a lavoura, *exploram* de um só golpe o produtor e o consumidor, como até bem pouco se dava ainda na democracia-liberal.

Mas sem nenhum desses processos atuais de exploração total do capitalismo sem entranhas, já entretanto MUNIZ DE SOUSA se levanta em defesa dos proprietários da terra que "vendem no país suas safras, digo, seus açucares por mui diminuto preço, sujeitando-se a um câmbio exuberante, a uma demora notável, e a receber em pagamento os caros gêneros que os traficantes têm e querem dar: cedendo deste modo aos traficantes o honroso cunho de — lavrador —, com o qual se apresentam na praça comercial do Rio-de-Janeiro, onde, a custa do trabalho do lavrador, se habilitam vulgarizando seu nome, ficando o agricultor em total esquecimento, sem dinheiro e desconhecido".¹³⁹

São ainda tais exploradores que, na ganância do lucro imediato, e "poucos zelosos do bom crédito, desvalorizam o produto, misturando nas caixas tôdas as qualidades de açúcar, "muitas vezes mal sêco, o que os faz degenerar, resultando disto mesmo a má fama do gênero ein desabono da lavoura e dos lavradores".

O lavrador campista sempre teve, até hoje, alguém que o explore e contra o qual tem de lutar.

Com tais empecilhos ao trabalho honesto, o impulso açucareiro, porém, não esmorece, e cada vez mais cresce o número desses rústicos senhores de engenho, cujo orgulho deste título é ilimitado. Para estas centenas de donos de engenhocas, "nada há maior em todo o macrocosmo do que os seus engenhos". Com a sua "orfandade de conhecimentos", não cuidam de reformas nem que sejam elas possíveis.

E a fome de terra continua. Contra ela, porém, se levantam as grandes fazendas já citadas e mais a da Barra-Sêca, as quais, "apoderando-se de vastíssima extensão de terrenos de lavoura, têm de algum modo obstado o passo à vantagem da agricultura".¹⁴⁰

¹³⁸ MUNIZ DE SOUSA: Obr. cit., &S. 120-121.

¹³⁹ MUNIZ DE SOUSA: Obr. cit., págs. 120-121.

¹⁴⁰ MUNIZ DE SOUSA: Obr. cit., pág. 122.

A terra já é pequena para as ambições **particularistas**, e o prestígio do açúcar vai desequilibrar a harmonia quase autárquica da região oniprodutora. Já na aurora do Capitalismo a monocultura tende a monopolizar as iniciativas. "Os lavradores de Campos prestam cega atenção e têm verdadeiro afêro à plantação de cana, que, com efeito, é digna disso; olham com indiferença a cultura de qualquer outro ramo, como mandioca, milho, feijão, café, arroz, etc., por cujo motivo padece o povo da mesma vila não pequenas faltas de viveres".¹⁴¹

Mui longe vão os tempos da pecuária absorvente. "Antigamente, criavam-se muitos gados nas grandes campinas, que têm pela beira-costa, e com tanta abundância, que se exportava algum para o Rio-de-Janeiro, porém presentemente não se exporta mais, mas antes compram muitas boiadas e cavalhadas aos mineiros que anualmente descem".¹⁴²

Tudo isto quer afinal dizer que, abrindo caminho penosamente através de uma história de lutas ferrenhas e contínuas, o campista cobiçosamente em busca da terra conseguiu agarrá-la. É sua. E com isso uma nova era começa na planície.

O "Ciclo do Açúcar", já bem iniciado, absorve tudo e relega a um plano secundário qualquer outra atividade. É o que já vemos neste capítulo.

Encerremo-lo. A parte essencial da história da penetração da terra foi contada, com a dispersão do homem sôbre a gleba. E, ademais, ètnicamente êsse mesmo homem já está quase feito. O índio sumiu-se no tumulto ou no sangue do colono. O negro continua a misturar-se. Mas o imigrante será sempre o português. Nenhum outro povo contribuiu sensivelmente para a atual etnia campista.

O que nos resta, portanto, a incluir nesta parte é sòmente a história.

Mas, embora continue até hoje, por todo o correr do Império e da República, essa história perde a feição batalhadora de gente armada, ostensiva de direitos e de rudes ambições. **Tôda** essa tendência explosiva rugirá por vêzes ainda sob o crescente monopólio da grande indústria, estranguladora do inato instinto **particularista** dessa gente.

Ensaia levantar-se mesmo com os "hereos" ainda em 1877, que tentam apossar-se de terras nos campos da Boa-Vista, reque-rendo vistosa caravana policial, com autoridade e até socorros **médicos** para o caso de um combate imaginário.¹⁴³

Há muito, porém, acabou-se a fase heróica da conquista individual da terra. **Tôda** aquela impetuosa vivacidade de uma psique inteiramente livre a se expandir sôbre uma terra livre foi jugulada sob a pressão capitalista.

¹⁴¹ MÚNZ DE SOUSA: Obr. cit., pág. 122.

¹⁴² MÚNZ DE SOUSA: Obr. cit., pág. 124.

¹⁴³ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., págs. 222-223.

O homem **po**de vencer o homem, porém não quando êste se alia a máquina. E é isto o que vai suceder. Desde o advento dos engenhos a vapor, o que se passa na planície nada mais é que a luta da enxada contra o maquinismo. Do senhor de engenhoca contra o senhor de engenho. **Dê**ste contra o usineiro. E, afinal, de **tô**da a grande massa proletarizada dos descendentes daqueles que invadiram e amansaram a terra, contra umas duas dezenas de ocupantes atuais das grandes fábricas modernas, em sua quase totalidade chegadiços, que enfeudaram **tô**da a planície a desmedidas ambições.

A luta prossegue sempre, e no momento em que escrevemos ela é bem viva no choque entre interêsses dos lavradores e os de uma companhia estrangeira que tenta fugir ao compromisso das cotas individuais de fornecimentos de cana.

Já é, porém, uma pugna **tô**da coletiva de associações de classe. Entre o fazendeiro de antanho e o de hoje se interpõe a grande evolução nos métodos de trabalho, crescentemente complicando a vida social.

Continuar contando simples fatos históricos até a época **at**ual seria ter de repeti-los em face dessa evolução, na parte em que trataremos das repercussões sociais decorrentes da modificação do ambiente pelo trabalho.

Por isso é que interrompemos provisoriamente a narrativa. Voltando aos primórdios, recomeçaremos estudando as mútuas reações entre o Homem e a Terra, nessa profunda simbiose reciprocamente transformadora do meio físico e social sempre a existir em áreas predestinadas, pela constante atividade de grupos eugênicos e audaciosos, que cada vez mais cristalizam a sua autonomia étnica e econômica através de uma cultura permanente e vigorosa.

A CULTURA

"É esta a tarefa que nos propomos: uma narrativa da influência que **mütua-**mente se exercem a Terra e o Homem".

ROY NASH — A Conquista do *Brasil*,
Rio, 1939, pág. 15.

"Vista do alto, em suas relações com o Homem, a Geografia não é outra coisa que a História no espaço, assim como a História é a Geografia no tempo".

ELISÉE RÉCLUS — *L'Homme et la Terre*, tomo I, pág. 4.

O MEIO E O HOMEM

"O meio põe no homem a sua marca". —
ALEXIS CARREL: "O Homem, Esse Desconhecido". Porto, 1938, pág. 251.

Exemplos tão conspícuos como o de Campos, da completa subordinação de fenômenos sociais ao meio telúrico, não serão fáceis talvez de encontrar.

Alí, a pressão da ambiência é decididamente imperiosa. A terra farta se oferece ao homem. Dá-se tôda e lhe dá tudo. Mas jugula-o a seu determinismo imperativo.

Determinismo geográfico e geológico. Dêste se origina aquêlo com tôda a imposição de seus fatores seletivos.

A influência da geologia no destino humano da planície é ampla e integral. Não se cinge a reações de clima e salubridade a se esperar de formações deltaicas nessa latitude. Tão pouco se limita a interferir na ecologia do colono, modificando-lhe as condições biológicas com a assimilação de produtos novos oriundos de um solo novo e tropical. Cabe-lhe função mais vasta ainda.

A geologia determina e dirige a própria história da planície. É ela que, a consolidar suas rochas e a esculpí-las pelo andar das Eras, exhibe afinal os três degraus fundamentais da topografia regional, tão bem definidos e sucessivamente limitantes da ofensiva humana sôbre o território. A planície, o tabuleiro e a montanha não exprimem apenas formações geológicas de idades diversas, onde o relêvo e o solo apresentem possibilidades várias de culturas diferentes atacadas a um só tempo. Definem, como vimos através da parte histórica, fases distintas da evolução social, guiando o homem para estágios gradualmente progressivos.

Mais ainda. Em seu acabamento é a planície dividida em duas faixas justapostas, contemporâneas, mas singularmente contrastantes. As aluviões e as restingas, o barro fecundo e a areia pura e estéril.

A geologia construtora risca-lhe em amplas curvas uma costa lisa e baixa de areais inhóspitos. Nenhuma brecha convidativa a bons ancoradouros. Nem na própria foz do Paraíba. E, litoral a dentro, dilatam-se ainda várias léguas da planura de restingas ocultando os alúvios.

Compondo êstes por sua vez um ambiente excepcional para o indígena, com suas florestas gordas de caça e suas lagoas fartas de pescado, só poderia dêles senhorear-se um povo superior e aguerrido, continuamente a rechaçar as tribos vizinhas da terra cobiçada. Assim, é que nela se firma um índio formidável.

Desta maneira é que a terra goitacá não foi desejada pelos colonizadores desde o descobrimento até meados de seiscentos. Já em pleno "Ciclo do Açúcar", inaugurado com as capitânicas, quando a avidez pelo massapê impele o colono a devassar todo o litoral, a planície é desconhecida. O mesmo PÊRO DE GÓIS não parece haver dela sabido, em vista da sua preferência pelas margens do Ita-bapoana.

É que a própria geologia da planície oculta as aluviões até aos raros nautas que ousam espiar pela arriscada embocadura do Paraíba. E além disso, barrando ainda o acesso ao interior, a formação geológica regional, originando a estrutura geográfica peculiar de um delta oculto, atrai e fixa o misterioso goitacá ali plantado e temerariamente avassalando a gleba inteira.

1. O BREJO E O ÍNDIO

"E a cidade lacustre apoiada **sobre** estacas em choças de madeira e colmo. E primitiva e rude a construção, **são** grosseiras as formas: que importa? O essencial está feito". — OLIVEIRA MARTINS: "Elementos de Antropologia", Lisboa, 1909, pág. 180.

Nota-se, desde as origens, a primeira ação da terra sobre o homem. O meio físico intervém na vida social. Soberaniza o índio nômade e o impele a novas contingências.

Dá-se então um fenômeno extraordinário, desconhecido em todo o resto da população indígena brasileira. Fato mencionado por cronistas, mas ao qual nenhum dos nossos sociólogos ou antropologistas prestou a consideração devida. É o começo da *sedentarização do índio em suas aldeias lacustres. As únicas existentes no Brasil nos tempos do descobrimento.*¹⁴⁴

É a primeira função do brejo e da lagoa sobre o homem. Data da pré-história como um exemplo a prevenir o branco. A terra pega o índio em seu ambiente americano com seus princípios culturais indiferentemente generalizados, e, atraindo-o a um meio especial, amolda-o a novos modos de viver.

Em capítulo anterior, já foi contada a reação do brejo sobre o indígena, o que abreviaremos agora de passagem. São as águas rasas das lagoas que o impelem a construção de aldeias lacustres. É talvez a árvore que o acolhe nas enchentes que lhe faz germinar a idéia de aprumar cabanas sobre um só esteio.

¹⁴⁴ As esteirarias do Maranhão estudadas pelo Sr. RAIMUNDO LOPES são pré-históricas. O autor as considera um tipo *amazônico* bem mais individualizado que o da *civilização de Marajó*, de Chirique e outras *intermediárias* com traços arcaicos. — "La civilisation lacustre au Brésil". Em tempos *históricos*, só temos notícia de habitações lacustres em o *norte* da América do Sul. Tais foram as *encontradas* no delta do Orinoco, na Venezuela, que lhes deve o nome. Mais para nosso dias, KINGSTON descreve os índios Muras residindo em casas lacustres no tempo das águas. — "On the banks of the Amazon". Londres, 1882, pág. 461. COUDREAU também nos fala dos índios Olampis e Emerilions, na *Guiana Francesa*, que habitam casas *sobre* palafitas. H. COUDREAU: "Chez nos Indiens", Paris, 1893.

E com tais agrupamentos sôbre as águas nasce-lhe a noção de segurança. Com a maior confiança própria, arrebatase-lhe a audácia guerreira já aguçada pela inata belacidade. Animados pela invulnerabilidade do reduto inatacável, tomam-se de maior atrevimento nas emprêsas predatórias. Exercita-se-lhes o raciocínio com ardís novos defensivos.

Com a casa mais difícil de ser erguida, germina o primeiro senso de propriedade individual. A aldeia lacustre com o alimento ao redor, infunde e aviva-lhes, com a posse permanente da lagoa, a idéia de propriedade territorial a defender. São os primeiros vestígios da noção de pátria, embora muito vagos.

E é sobretudo com o abrolhar de um grupalismo incipiente a primeira parada do nomadismo, com a mais longa fixação a gleba e a forçosa unificação da família, com a poligamia restrita nos minúsculos tejupares.

Tais efeitos civilizadores, já enunciados pormenorizadamente, atestam a função social do brejo no próprio indígena dos primórdios.

Com a posse da planície empantanada, o Goitacá evolve. A adaptação ao meio lacustre torna-o inderrotável. Robustecido de pelepas seculares, é um altivo que domina o território das lagoas. Defendendo-se, defende-o.

E, assim, continuam os campos desconhecidamente isolados. Porque invisíveis do litoral indesejado por suas estéreis formações geológicas, têm ainda a proibir-lhes a penetração o índio cujo nome aterroriza, com sua vida sobrepujante oriunda da própria ambiência palúdica.

Por isso é que, até aos primeiros três decênios de seiscentos, permanece o Goitacá senhor incontestado da planície, quando já por todo o litoral as outras tribos foram avassaladas, batidas pelos bacamartes.

2. O BREJO E O PIONEIRO

"O outro Sol rompia quando os tapuias estenderam pela campina a multidão de seus guerreiros". — JOSÉ DE ALENCAR: "Ubirajara".

"Enquanto o Sol alumiu a Terra, caminhamos; quando a Lua subiu ao céu, chegamos. Combatemos como Goitacás. Toda a noite foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo. Quando Peri abaixou o arco de Araré, não havia na taba dos brancos uma cabana em pé, um homem vivo; tudo era cinza". — JOSÉ DE ALENCAR: "O Guarani".

As curtas tentativas dos primitivos donatários já permitem avaliar até que ponto o brejo contribuiu para o fracasso da capitania de São Tomé. Quem conhece o litoral dos primeiros engenhos de PÊRO DE GÓIS ao norte do Paraíba, com seus longos pauis em parte ainda hoje murados de florestas, quem cruza por essas largas varjarias inundáveis do Itabapoana, que se rebaizam por toda

parte em pantanais, adivinha logo a dura aclimação do português nesse trecho do Brasil, cavando desde logo a terra num labor tenaz.

Não houve ali a oportunidade inicial da vida mais suave e livre dos vaqueiros, que mais tarde campeariam *sobre* as lezírias do Paraíba. E nessa rude existência de pioneiros numa terra áspera, tanto quanto o indica, o cêrco dos brejais deve ter concorrido para o desbarato da colônia.

O brejo é um empecilho a colonização. E **PÊRO** DE GÓIS, não tendo recursos para dominá-lo, abandona-o. Deixa as "águas sujas com paus e ao presente difíceis de alimparem-se". Foge da planície costeira do Itabapoana, molhada de lagoas e brejais, para os terrenos altos do interior. Não o atrai a região das águas paradas. A maior fertilidade dessas planícies alagadiças prefere a zona menos fértil e de mais difícil penetração, onde, porém, a energia hidráulica para os engenhos dispensa o cavalo e o boi, ainda preciosos demais para serem tirados da tração dos carros e das almanjarras.

Torna-se então o brejo um elemento negativo, de positivo que era para os índios de civilização lacustre. Para o branco plantador de canas as toalhas de água são obstáculos a contornar em seus caminhos para as lavouras nascentes. Lavouras onde a escassez de gado requer estradas curtas para os engenhos. E, de par com tais estorvos, há o clima estranho.

"Neste primeiro ano, sempre o gastam em doenças e fazerem-se a terra" — já escrevemos, copiando o capitão-mor, quando se refere aos colonos. Ora é lógico supor que o maior acervo de fatores nosogênicos deve ter emanado desses amplos aguaçais, em que estacionam os córregos barrados do mar pelas restingas, ou das *rechãs* empantanadas que espaçosamente enquadram todo o baixo Itabapoana por mais de quatro léguas da foz para montante.

Embora *sobre* a planície hoje desflorestada, a varridela contínua dos *alisios* traga um elemento saneador de primeira ordem, naquele tempo de paúis trancados entre matagais, o clima deveria ser maléfico ao estrangeiro.

AFRÂNIO PEIXOTO, desfazendo a noção de "doenças climáticas", capciosamente oriunda de pretensões ridículas européias, diz: "Sobre doenças do Brasil, pode-se dizer que êle não tem nenhuma própria. Nenhuma que ali fôsse achada e daí exclusiva ou exportadora para outras partes".¹⁴⁵

"Foi ela, a Europa, que inventou as doenças tropicais".¹⁴⁶

Tôdas as nossas doenças foram importadas gradativamente, e "apenas a malária, desde os tempos da colônia, e o beri-beri, desde o século passado, constituíram as doenças mais notórias".¹⁴⁷

Isso evidentemente não implica a negação do autor, como de nenhum antropologista, das reações orgânicas no imigrante aos im-

¹⁴⁵ PEIXOTO, Afrânio: "Clima e Saúde", São Paulo, 1938, pág. 160.

¹⁴⁶ PEIXOTO, Afrânio: Obr. cit., pág. 36.

¹⁴⁷ PEIXOTO, Afrânio: Obr. cit., pág. 160.

positivos deterministas da ambiência. GILBERTO FREIRE, entre todos, discute profundamente o assunto em sua Casa Grande e *Senzala*.

Sendo assim, é natural que o colono, embora rude e afeito a trabalhos ásperos, sinta o organismo em choque ao primeiro contacto com o novo meio geográfico. A simples diferença de alimentação basta para um desequilíbrio, pelo menos temporário.

Nada mais fácil que rever o português vindo das serranias da Beira, pedregulhadas de granito, ou das aldeias minhotas, de caminhos fáceis, esfaltar-se desanimado entre os cipós da floresta virgem ou fugir atemorizado aos brejais que vaporizam os "miasmas" temidos. O homem da serra e do clima suave não pode atolar-se na planície e beber a água dos paus sem pagar tributo.

Rápidas demais, entretanto, são as passagens dos dois primeiros capitães pela terra dos Goitacás, e muito escassa a documentação que nos legaram para conclusões ecológicas definitivas daquela época.

O embate entre o colonizador e a terra é desviado para o conflito com o índio, que o vence. Mais tarde somente, com a eficiente colonização, é que o brejo aparece como um fator predominante na evolução histórico-social da planície dos Goitacás.

A floresta é derrubada. O solo, conquistado pela cultura. Mas sobre as planuras enriquecidas das lavouras e sobre os descampados vivos de gadaria, o brejo fica até hoje, através de séculos, em constante desafio ao homem pertinaz, incintando-lhe a iniciativa, moldando-lhe os caracteres físicos e mesma-intelectuais e morais, no combate permanente e surdo com que a terra, erguendo obstáculos a serem subjugados, elege os povos dominadores, tirânicamente impelindo os candidatos ao triunfo ou a destruição.

3. O BREJO E O VAQUEIRO

"Lutar, contra os brejos e as florestas, é uma tarefa dura e difícil, à qual o homem só se decidiu tarde". — VIDAL DE LA BLACHE: "Tableau de la Géographie de la France", p. 32.

"As formas resultantes do modelado terrestre têm uma verdadeira força determinante, dificilmente combatida, e nunca inteiramente aniquilada, sobre a repartição dos homens, sobre o traçado das estradas e sobre o modo de utilização do solo". — CAMILLE VALLAUX: "Géographie Sociale. Le sol et L'Etat", p. 122.

Com o boi é que o domínio da terra principia. De comêço, às poucas reses têm sobrado espaço. Mas por isso mesmo são por demais preciosas e pedem contínua vigilância.

Para o gado, a região é excepcional. Entre as vastas camparias grossas de capim nativo, há água por toda parte. E rapidamente as manadas proliferam nesses priscos anos, mesmo na faixa costeira de restingas.

Embora comporte um número pequeno de cabeças por unidade agrária, esta zona de areias é convidativa à criação. O ar é puro e seco. A vegetação espaçada abriga as reses sobre um chão limpo. O inseto é mais raro que nas planícies alagáveis. E de espaço a espaço, longas tiras de água doce livram os rebanhos de longas caminhadas.

O brejo aparece então como um fator essencial. Como no tempo do índio, a lagoa volta à sua função positiva de auxiliar do homem. Bem diferente, porém, conquanto do mesmo modo continue a dar-lhe o peixe para a alimentação e a tabua para o teto.

Vê-se, pois, que, com a mudança de trabalho, um dos principais elementos geográficos da planície modifica a sua atuação para com a gente. A lagoa já não é apenas um refúgio estratégico utilizado por selvagens. É uma fatalidade natural, a um tempo necessária e perniciososa.

Sem ela, a planície ressequida de areais costeiros seria inabitável. Nessa zona, a única possibilidade de vida ainda hoje depende das inúmeras depressões lacustres deixadas pelo recuo do mar.

“O deserto arenoso das restingas, com sua rala vegetação xerófila ou com seus grandes descampados cobertos de capim rasteiro, não apresenta solos de cultura, a não ser nas margens umedecidas das lagoas, brejais e alagadiços.

Em contraposição, os terrenos secos e varridos do Nordeste, com fartura de água quer nos pauis, quer em bebedouros cavados, onde o líquido aparece a menos de dois metros, são excelentes para a pecuária, dando um gado enxuto e limpo.

O capim ralo, entretanto, não permite a acumulação de grandes rebanhos por unidade superficial. Daí a desvalorização da terra e a escassez de gente. Dois ou três campeiros bastam para centenas de cabeças de gado”.¹⁴⁸

Por trás dessa planície porém, na outra que não o mar, e sim o Paraíba sedimentou, a rede lacustre deixada pelo rio não tem a regularidade singular dessas longas fitas líquidas paralelas ao litoral. É um caos de lençóis de água acumulados a êsmo sobre a região. E sobre a fertilidade prodigiosa dos massapês poucos são os descobertos na mata virgem. Tão poucos, que, em 1785, o minucioso mapa de **COUTO REIS** mostra toda a zona ao sul do Paraíba até a lagoa Feia já povoada, mas em sua maior parte encerrada em florestas.

Alí, porém, sobretudo na zona de Campo-Limpo e redondezas da lagoa Feia, é que estão as famosas campinas, onde a erva "embaraça as pernas dos viajantes".¹⁴⁹ E E para alí que se dirigem os novos povoadores.

¹⁴⁸ LAMEGO, Alberto Ribeiro: "Restingas na Costa do Brasil", "Bol." n.º 87 do Serviço Geológico e Mineralógico.

¹⁴⁹ CARVALHO, Augusto de: Obr. cit., "Roteiro dos Sete-Capitães".

Entretanto, a mata vizinha é inimiga do criador. O gado monta e a onça espreita. Ademais, há o índio incompletamente assimilado, que *tocaia* as vêzes. E de modo geral, *tôda* essa zona de aluviões é intermitentemente *alagada* pelas cheias.

Mas para ela é que afluem do Sul *contínuos* imigrantes. E a dispersividade enorme das lagoas cria *um* ambiente propício à dispersividade humana.

Eis um fenômeno que faz divergir a civilização campista no seu "Ciclo da Pecuária" da *do* resto do Brasil. O *meio impõe de início a subdivisão do solo*.

A terra não foi aberta por *grandes* chefes mandatários. Nada de senhores de clãs, privilegiados monopolizadores incontestes de latifúndios desmedidos, em que manadas inumeráveis se perdem *sobre* imensos *chapações*. Nada dos *GARCIA DE ÁVILA* a invadir sertões e a fundar currais *sobre* territórios que cobriam vários Estados do Nordeste. Nada dos *GUEDES DE BRITO* a ocupar enormes faixas de sertões da Baía.¹⁵⁰ Nada dos *DOMINGOS SERTÃO* nem dos *DOMINGOS JORGE VELHO* a tanger "rebanhos de gado grosso e apoiados em possantes massas de homens de guerra" em busca de latifúndios *sertanejos*.¹⁵¹ Nada dos soberbos campos de Curitiba nem das *colinas* gaúchas, onde a expansão territorial com uma topografia de planalto permite a reprodução livre das boiadas, e onde a pata do cavalo do campeiro bate sempre um solo firme e *sêco sobre* extensões ilimitadas de fazendas despidas de arvoredo.

Nenhuma relação possível entre esta *zona pastoril*, cerrada de matagais, labirintada de barreiras líquidas, entretecida de caminhos atolados, pastosa de imensos tremedais, que induzem ao *esfôrço* particularista de pequenos criadores, e as grandes zonas clássicas do pastoreio das estepes, abertas para todos os horizontes, eom o seu *nomadismo* comunitário grupando em *tôrno* das tendas patriacais a vida *fácil* e pacífica dessas raças a cavalo, paradoxalmente as mais imóveis do ponto de vista *evolutivo*.¹⁵²

Em Campos, nos primórdios, não é "o grande domínio agrícola que, — como diz *OLIVEIRA VIANA* para a sociedade vicentista —, se erige como a causa e o fundamento do poder social".¹⁵³ O que se dá na *planície* e de *tão* profundas conseqüências em *tôda* a sua história é essa iniciativa individual de tipos audaciosos, que pululam da plebe rude e para alí se encaminham com o fito de subir.

Vimos que os primeiros capitães, morando em seus engenhos do Rio-de-Janeiro, *aforam* com facilidade quinhões de terra a quem lhos pede.

Ademais, essa gleba distante e de acesso difícilimo, ensacada entre florestas e brejais, é um refúgio providencial para *tôda* uma

¹⁵⁰ SIMONSEN, Roberto: "História Econbmica do Brasil", Rio, 1937, tbmo I, pág. 231.

¹⁵¹ OLIVEIRA VIANA, Francisco José: "Evolução do Povo Brasileiro", 1.ª edição, pág. 78.

¹⁵² DEMOLINS, Edmond: "Comment la route crée le type social". Paris, 1927, vol. I, cap. I.

¹⁵³ OLIVEIRA VIANA, Francisco José: "Populações Meridionais do Brasil", 3.ª edição, pág. 74.

récua de aventureiros, fugitivos da justiça e desertores, gente própria e destinada para, de tropel com foreiros e sesmeiros da mesma tèmpera de atrevidos, fincarem pé no solo invadido contra os **furtos** usurpadores latifundiários.

E desta maneira a pecuária na planície determinada pelas próprias condições geográficas, tem começo numa penetração isolada de indivíduos quando muito remediados, singularmente ambiciosos e sobretudo pertinazes.

É a lagoa que os dissemina. Muitas secam em tempos de estiagem, e, **sobre** o leito umedecido, que a floresta não tem tempo de vestir, crescem pastos nutritivos. É um convite à penetração do gado que, porém, continua ainda cercado de matagais. Com a repetição e a permanência vem o desbastamento parcial de suas margens como refúgio das inundações.

Não há geralmente propriedades limitadas entre a maioria desses criadores. A própria topografia, ou, melhor, a hidrografia é que irá riscar futuramente com maior visibilidade esses limites.

Pequenas áreas desarvoradas de mato, alagadiças, pereneamente verdes, recantos solitários fáceis de isolar as reses, margens inundáveis de lagoas, banhados secos tomados pela erva, tudo isso vai sendo progressivamente ocupado por esse grupo de proprietários-vaqueiros, tão rudes e primitivos como a própria terra de brejais em que se entranham.

"Os primeiros povoadores apenas tinham levantado uma casa para sua habitação, e não tinham cuidado senão de adquirirem animais para criar, pouco se lhes dando de comprar terras, pois, **como tôdas** as campinas são abertas, cada um criava onde mais conta lhe fazia, pagando pequeno **fôro** se queriam levantar curral.

Esse costume tanto se tem introduzido, que ainda hoje o maior número de gado é do povo, que não tem terras algumas ou muito poucas, do que o das quatro principais fazendas criadeiras; pois indo antigamente trinta e tantas boiadas para o Rio-de-Janeiro, apenas dez eram das quatro fazendas".¹⁵⁴

Isso diz o Visconde de ARARUAMA em 1819. Em pleno século XIX, embora ainda quase **tôda** a planície possuída pelas fazendas de São Bento, do Colégio, de Quissarnã e do Visconde, a maioria da produção individual do gado, como a do açúcar, denota uma assombrosa atividade do pequeno camponês trabalhando em sítios e fazendas arrendadas.

É a transmissão hereditária do temperamento daqueles pioneiros pelo contacto permanente com a terra, lutando ferrenhamente por ela e com ela. Por ela, contra a usurpação secular do ASSECA e de outros latifundiários; com ela, disciplinando-a na luta contra o brejo.

Porque esta começou logo de início. Aquele rude colonizador de vaquejadas, ao colono-campeiro dos longínquos idos de seis-

¹⁵⁴ CARNEIRO DA SILVA, José: Obr. cit., pág. 53.

centos, logo surge a imperiosidade do domínio **sobre** as águas. **Sobre** as águas mortas, atoladiças e pestíferas. **Sobre** as águas desabaladamente **sôltas** nas grandes cheias do Paraíba.

Um simples rêgo para secar uma poça. Valas para esgotar **lagoas** entumescidas nas enchentes. Desentulho de caminhos de água. Barragens de canais inúteis na complexa hidrografia. Desobstrução de rios paralisados por galhadas, coroas e aguapês. Aberturas de fozes fechadas pelas restingas. Conquistas de pastarias alagadas. Tudo isso caminha lentamente com o próprio colono ao andar do tempo. Evolve com as necessidades novas decorrentes da população que cresce e com a expansão dos rebanhos **sobre** a planície.

Justiça é dizer, entretanto, que esta luta contra a água demais não é exclusiva aos povoadores de Campos, mas de modo geral se estende aos fluminenses da Baixada. Em nenhum ponto, porém, ela atinge a intensidade que se vê na planície. Alí é ela um dos fatores primaciais na elaboração do temperamento popular. Irmanar-se a própria luta pela terra. Contribuí não pouco para a fixação dêsses dois notáveis atributos regionais que se destacam em **tôda** a história da planície: a tenacidade no trabalho agrícola e o apêgo a terra.

E a luta contra o brejo se generaliza. Em zonas hoje **inhabitadas**, cuida-se "da limpeza dos rios e canais de que tinham cuidado os nossos antepassados, principalmente os jesuítas".¹⁵⁵

A disseminação do **pastoreio** assim o exige. Não se podendo pensar ainda em dessecar o delta, é necessário, ao menos, manter as águas em equilíbrio.

"Cumprir eliminar para o gado a iminência dos tremedais. Nas secas prolongadas, abrir-lhes tanques para bebedouros. Combater as endemias devastadoras: "o carbúnculo, a tocação, as câmaras e a **morrinha**".¹⁵⁶

Referindo-se a foz do Paraíba, diz **FERNANDES JOSÉ MARTINS** que, "no meado do século, no tempo do descobrimento, tinha esta barra apenas um friso de goberas, que o povo ia desentupindo em épocas de enchentes".¹⁵⁷

Só a lagoa Feia com seus pantanais e baixios periféricos ocupa uma área equivalente a todo o resto da planície **aluviônica**. E nesta em si, pode-se admitir metade da superfície ocupada por lagoas e baixadas alagadiças.

E é preciso penetrar nesse labirinto. Aproveitá-lo para o derame das manadas. E, juntamente com o primeiro risco dos caminhos tortuosos, tateantes, apalpados cautelosamente no barro mole dos atoleiros, os aterros, as valas e as estivas firmam o solo e o dessecam.

¹⁵⁵ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. I. pág. 430.

¹⁵⁶ LAMEGO FILHO, Alberto: Obr. cit., pág. 167.

¹⁵⁷ MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., nota a pág. 6.

O que engravece a primeira expansão do homem, em *tôda* essa fase inicial em que domina a pecuária, é justamente o dar-se ela em partes menos favorecidas da planície. Todo o terreno alto está coberto de mata densa. A não sêr no Campo-Limpo, todo o pastoreio se distende *sôbre* zonas alagáveis. Ninguém vai atacar florestas maciças para estender pastagens *sôbre* jangadas de troncos desconumais, cuja remoção somente se tornará possível posteriormente, com a exportação de madeira e as fornalhas dos engenhos.

A vida é *tôda* a margem das baixadas providencialmente abertas para o gado. Mas com essa entrada na região lacustre dos *alúvios*, o homem começa a pagar o *fôro* da saúde.

Além da contínua defesa do próprio organismo, que a um tempo fenece e se avigora, sucumbe ou vinga nessa terra de lodações, o vaqueiro tem de acudir e amparar o gado que se aclima de maneira idêntica.

"Comunicadas as águas das chuvas com as dos rios e lagoas, inundam-se e alagam as mais baixas planícies dos Campos e retiram-se os gados para as maiores alturas, que ficam descobertas. Elas não têm suficientes pastos, são cobertas de arbustos e muitas ervas, entre as quais há infinidade da perniciosa vassoura: o gado, obrigado pela fome, alimenta-se do que acha; daqui lhe vem o mal. Principia com uma tristeza suma, o ventre a entumescer-se até morrer".¹⁵⁸

O vaqueiro tem de providenciar para a *melhoria* dêsses refúgios. Em prevenção as cheias, começa o preparo dos retiros.

Mas com a volta: de estiagem novos perigos o aguardam. "Despejadas as águas se fertilizam os campos, criando novo capim, descem os gados para os antigos pastos e entram em nova nutrição, **então lhes** sobrevém uma espécie de disenteria tão forte, que morrem muitos ou todos que são tocados".

Vem ainda a *morrinha* e a *papeira*. O carbúnculo é, porém, o **mais** contagioso. "Já tem acontecido, na ação de se querer aproveitar o couro de alguma vaca morta de tal moléstia, ficar infetado quem nêle *pegou*".¹⁵⁹

Assim é que, na conquista da planície goitacá, o campista chega tarde, mas toma a chefia de *tôda* essa árdua luta contra o brejo, que pode bem definir-se como a grande propulsora de *tôda* a brilhante cultura fluminense da Baixada, inexcédível no Segundo Império.

Vinha de longe essa peleja. Dos fundamentos do Rio-de-Janeiro, erguido entre alagadiços. Dos aldeamentos jesuíticos de São Lourenço, Itambí, São Barnabé, São Pedro-da-Aldeia e Macaé, levantados entre pantanais. De Ipuca, Nossa-Senhora-das-Neves e Santa-Rita, nascidas na brejo com os franciscanos. Vinha **da**

¹⁵⁸ CARVALHO, Augusto de: Obr. cit., pág. 254.

¹⁵⁹ COUTO REIS: Obr. cit.

velhíssima Cabo-Frio com sua laguna maravilhosa, molhando-lhe os esteios da caeario primitivo.

Com todos êsses rios que da Serra do Mar se despenham, aos tombos, sôbre a Baixada, para nela se estagnarem, mede-se o homem. O Guandú e o Itaguaí, em Sepetiba; o Pavuna, o Merití, o Iguassú, o Estrêla, o Suruí, o Magé, o Guapí, o Macacú e o Guaxindiba, na Guanabara; o São João, o Macaé e outros menores, todos êles ensaiam a índole pertinaz e a coesão orgânica do imigrante português, com a inércia desanimadora de seus banhados alastrantes.

Mas em nenhum ponto da Baixada o pleito se desdobra com tamanha intensidade e resultados tão positivos como em Campos. Prova concreta é o renitente crescimento da população nessa planície, metade encharcada de lagoas e atascadeiros.

De todos os regimes sociais o pastoril é o que demanda menos gente. Meia dúzia de vaqueiros hábeis zelam e tângem manadas numerosas. E nos primeiros tempos, sobretudo, o indígena, como auxiliar dessas correrias a seu gôsto, torna desnecessário o braço negro, mais adequado a colheita ou a cultura agrária.

Ademais, vimos que tôda a planície possuída por meia dúzia de latifundiários, durante êsse período, não admite o derrame de muita gente nova sôbre essa terra de poucos donos, onde os quinhões aforados não oferecem garantias, e pesados impostos impedem a multiplicação de fazendas e benfeitórias.

Pois assim mesmo os setenta moradores que tentaram a fundação da vila em 1652 se multiplicam de tal-modo, que, um século depois, sobem a 12.000.

Certamente contribuem para êsse aumento dois **fatores**: o isolamento da Capitania e seu respectivo desgoverno. É um *refugium-pecatorum* ideal para, tôda essa malta, em contas com a justiça do Rio-de-Janeiro. Isso não explicará, todavia, o extraordinário acréscimo que daí por diante viria a acentuar-se, tornando Campos em 1920 o município de maior população do Brasil, excetuadas algumas capitais de Estado.

É que, não obstante tôda a sua nosografia desalentadora e o mau nome, que vai longe, de seus habitantes sempre amotinados, segue também com êle a fama da fertilidade dos massapês. E essa é tão grande, que dissimula e rebate os outros fatores negativos de povoamento.

E sempre nova gente chega, querendo terra a todo o preço. É sempre a mesma luta pela sujeição dessa terra que se retrai e periodicamente desaparece sob o lençol das inundações. Mas sempre a farta retribuição no engrossamento do gado.

Dai a peculiar tenacidade do campista. A par da lida pela posseção do solo com a queda dos latifúndios junta-se a peleja contra as águas que desafiam anualmente com as enchentes tôda a tentativa de um equilíbrio salutar; com as águas que, em seus mean-

dros incontáveis na planície, lhe fogem a vontade domadora coleantes como enguias entre os dedos.

Dêsse perene contacto com a gleba, desde os primórdios, é que germinará também essa obstinada persistência na monocultura, de um isolado grupo camponês, coletiva e hereditariamente impellido a mesma faina, como se o obcecasse a idéia fixa de uma obra inacabada, que deseja completar.

Obcecação que, mais tarde, virá mesmo a se manifestar fúnesta, criando um espírito de rotina difícil de abalar, como se a paisagem da planície por êle modificada, com suas reses que se espalham nas pastarias e seus tapêtes uniformes de canaviais, se lhe fixasse hereditariamente no inconsciente, impossibilitando-o de lançar-se a novos rumos de cultura.

Tôda a história política e social de Campos resulta de sua prodigiosa atividade econômica eminentemente agrícola e pastoril. E esta, por sua vez, decorre exclusivamente da exaltada peleja ininterrupta pela posse da gleba apetecida.

A dura conquista histórica do massapê com os latifúndios feitos em pedaços e a luta contra as águas espalhadas na planície concretizarão nesse homem dos canaviais, que vai surgir agora, o legado racial de um forte, que, dos primeiros pães de açúcar de engenhocas primitivas, erguerá vertiginosamente a sua produção aos milhões de sacos das safras atuais.

4. O BREJO E O LAVRADOR

"O fim principal é moer cana e fazer açúcar". — COUTO REIS.

O abraqueiramento do imigrante já está feito. Um século de estadia com sua progênie multiplicada firmou na planície o europeu.

Mas é ainda um tóso apenas falquejado. Nada de polimentos nem de costumes que denotem aperfeiçoamentos culturais. O homem continua, antes de tudo, um vaqueiro.

A cavalo o dia inteiro e em contacto permanente com seu gado, a massa da colônia é rude e áspera. Quase que se não deve diferenciá-la daqueles primeiros camaristas que, ao prestarem juramento na tentativa de fundação da vila, em 1653, dois dêles *assinam* de cruz, entre os quais "o vereador mais velho".

Gente que só quer saber do campo. Lá é que moram em singelos casalejos, de envolta com a própria criação. A vila é apenas para êles o núcleo de resistência ao predomínio dos senhores da terra. Nada de embelezá-la, melhorando-lhe as construções. O que importa é o aumento do gado nessas terras sem limites, onde é tão vaga a definição de propriedade, que nelas vimos as boiadas espalharem-se motivando o "contrato do vento".

Mas, com a nova ordem de coisas, tudo muda. A maior segurança na aquisição de fazendas, mesmo aforadas, cria novo estímulo.

Já é possível ensaiar culturas mais estáveis com o **enraizamento** de imóveis. Até então, a instabilidade domiciliária no campo, em geral, só conduzia ao pastoreio essencialmente movediço. Nada mais fácil que remover pontas de gado em casos de despejo. E essa possibilidade que agora nasce pela vez primeira, leva o boiadeiro **semi-nômade** a fincar-se definitivamente nos massapês com os esteios de suas casas de moradias e de seus engenhos.

Tudo, porém, é ainda **tôsko** e rudimentar nessas construções da miuçalha individualista que invade os massapês.

Das residências de senhores rurais edificadas nessa época dos fins de setecentos, subsiste apenas a Casa do Mato de Pipa, em **Quissamã**, de que adiante falaremos, visto que o Colégio e o Mosteiro de São Bento, além de haverem sido construídos por coletividades religiosas, datam do ciclo anterior da pecuária.

Eis o grande traço fundamental que distingue a civilização campista da de qualquer outra zona açucareira do Brasil. De modo geral, em Pernambuco, em Sergipe, em **Alagoas**, na Baía, na **Guanabara** e em São Vicente, o "Ciclo do Açúcar" **inicia-se** e desenvolve-se com a grande propriedade. São os grandes senhores, que, desde o início, levantam engenhos, fiados em fortes capitais.

ROBERTO SIMONSEN, em sua *História Econômica do Brasil*, dá-nos o motivo da impossibilidade do colonizador copiar as pequenas almanjarras das ilhas portuguesas.

"No Brasil não podia ser assim; eram de tal monta as despesas das instalações coloniais, nas suas terras virgens e num meio hostil, com todo o seu necessário aparelhamento de defesa, cultura, transporte e embarque, que nos primeiros tempos não se justificava a montagem dos então chamados pequenos engenhos. Daí a construção, desde logo, de engenhos médios, produzindo acima de 3 mil arrobas anuais, os quais, a seguir, se foram desenvolvendo pela construção de instalações com produção acima de 10 mil arrobas.

"O engenho representava uma verdadeira povoação, obrigando a utilização não só de muitos braços, como as necessárias terras de canaviais, de mato, de pasto e de mantimentos. Com efeito, além da casa do engenho, da de moradia, senzalas e enfermarias, havia que contar com uns cem **colonos** ou escravos, para trabalharem umas mil e duzentas tarefas de massapês, — de novecentas braças: quadradas —, além dos pastos, cêrcas, vasilhames, utensílios, ferro, cobre, juntas de bois e outros animais".¹⁶⁰

Todo o pesado serviço de transporte exigia a locação dos engenhos nortistas na faixa litorânea, junto aos "pequenos rios" que facilitavam a navegação.

¹⁶⁰ SIMONSEN, Roberto: *Obr. cit.*, tomo I, pág. 149. ❊

Por tais motivos é que "não era possível contar só com o colono europeu para o pesadíssimo serviço da cultura da cana e do trabalho dos engenhos, com suas moendas primitivas e com suas fornalhas de fogo direto".¹⁶¹

Em Campos, todavia, nada disso aconteceu. O "Ciclo do Açúcar" na planície não exige de comêço essa "escravaria numerosa", êsses "grandes canaviais", essa "boiada capaz" e todo o custoso aparelhamento daquelas fábricas. Não existe nenhum dos chamados "engenhos reais" de 40, 50 e 60 mil cruzados. Tão pouco é a construção dos engenhos campistas privativa do homem de cabedal e governo", de que nos fala o minucioso ANTONIL. 1^o.

Alí é, por assim dizer, a mesma plebe rural que amassa com suas mãos o barro e trança o cipó das paredes de suas numerosas engenhocas.

Ainda nos fins do século, **COUUTO REIS** assim descreve essa rusticidade em que evolue a indústria açucareira e que a torna tão diversa da do resto do litoral: "Para a casa da fábrica, que **comu-**mente é a mesma da vivenda, tudo serve. O fim principal é moer cana e fazer açúcar. Há engenhocas que não têm cobertura senão o espaço que ocupam as moendas, cuja cobertura anda à roda, por estar armada por cima das almanjarras, e só mói em tempo de sol; outro há, senhor das tais engenhocas, que não possui escravo algum e se serve com a sua família — filhos, irmãos, mulher e alugados. Faz-se incrível o que se conta de algumas destas fábricas, que assim mesmo fazem muito açúcar, com que se remedeiam os donos, e vão deixando de cultivar outras culturas, a que antes se aplicavam.

"Nesse andar, passam a adquirir melhores utensílios e alguns escravos, já com o produto das suas economias, já com o crédito que lhes facilitam os mercadores, e alguns chegam a montar engenho".

Assim é que nasce em Campos a indústria do açúcar. Da engenhocas de 4 a 6 fôrmas de açúcar diárias é que nasce o engenho de 30 a 40 caixas. Com essa multiplicidade individual de iniciativas é que enxameiam as pequenas fábricas. O desejo da terra acirrado na luta contra os **ASSECAS** é que leva o pequeno foreiro a construir moendas próprias em suas fazendas penosamente adquiridas. Dessa maneira é que, de 1769 a 1783, no *espaço apenas de 14 anos, se levantam na planície 223 novos engenhos e engenhocas.*

No tempo de **COUUTO REIS**, raras fábricas são engenhos grandes. Entre êsses há o do Colégio, de **JCAQUIM VICENTE DOS REIS**, com suas 8.618 arrobas anuais, suas 10.550 medidas de aguardente e seus 1.482 escravos.

A antiga fazenda dos jesuítas é, porém, segundo os dados do cronista, exceção notável nessa época, onde a parcelada produção

¹⁶¹ SIMONSEN, Roberto: Obr. cit., 149-150.

¹⁶² ANTONIL, André João* "Cultura e Opulência do Brasil", Rio, 1837. pág. 7.

é fato conspícuo na história econômica de Campos. Além dos produtos da cana, temos dela ainda:

Gado vacum	9.625	cabeças
Gado cavalari	4.017	"
Algodão	46	arrobos
Milho	380	alqueires
Feijão	260	"
Arroz	300	"
Farinha	331	"
Pano branco	800	varas

O que domina, todavia, é a pequena propriedade. As 128.580 arrobos de açúcar de Campos, em 1783, divididas pelo número de engenhos dêsse tempo, dão-nos de média menos de 500 arrobos anuais por engenho.

Acresce, porém, que, na já mencionada apresentação dos mercadores de Campos ao Rei, em 1777, contra as pretensões dos lavradores aos privilégios de senhor de engenho, apenas 31 fábricas, das 200 então existentes, são consideradas como "engenhos reais" e dignas de tais privilégios pelos peticionários. Disso se deduz que, com o acréscimo em produção a ser adicionada a essa pequena minoria de engenhos médios, a grande totalidade das fábricas da planície eram de duas a três centenas de arrobos de açúcar anuais.

Vemos, pois, numa exceção singular, uma região brasileira vantajosamente prosperar com o domínio da *pequena propriedade* em sua evolução econômico-social sob a indústria açucareira, quando esta justamente obriga todo o resto do litoral ao regime feudal dos grandes latifúndios.

Mais uma vez a imposição do meio geográfico. O desmembramento natural da terra em faixas de terreno entre lagoas condiciona a dispersão do homem. A planície inteira é subdividida em numerosas faixas agrícolas, onde a aluvião cultivável por tôda parte se rodeia de águas paradas. A disseminação do brejo e da lagoa dificultando as comunicações, num ambiente camponês onde a população tende a multiplicar-se, partilha providencialmente o solo para a cultura individual.

E é tão forte a predestinação do meio com suas riquíssimas possibilidades para a lavoura, que, não obstante a existência de quatro grandes senhores donos dessa gleba, o atrativo da terra continua e continuará chamando o colono para o esfacelamento dos latifúndios.

Estranho, contudo, é que, embora unidos para as lutas políticas em defesa da propriedade agrícola, nenhuma associação é possível ainda entre tais ferrenhos individualistas no domínio da produção econômica. Cada um quer cultivar seu sítio, moer a sua cana, fazer o seu açúcar.

Dessa maneira é que as engenhocas continuam a se disseminar e o seu número rapidamente cresce. Crescem as plantações monopolizando as terras altas e tocando as boiadas para os baixios inundáveis.

A lavoura de cana de tal modo já se alastra, que, trinta anos depois da passagem da Capitania para a Coroa, tende a monopolizar toda a atividade.

"O que tem inteiramente mudado este País é o açúcar, — diz **COU TO REIS** —, porque a decadência do gado sucedeu quase pelo mesmo tempo em que se foram levantando os engenhos e engenhocas que há, e aplicando-se quase tudo na plantação de cana, cessou a abundância dos legumes, madeiras, algodões e outros gêneros, de que era feito o País, e principiou a rodar o negócio quase unicamente sobre o açúcar, porque antigamente recebiam os mercadores em pagamento quaisquer efeitos da terra, que mandavam para a Baía e Rio-de-Janeiro, e hoje só recebem açúcar ou tabuado".

O meio geográfico originado pela geognose da planície impele o homem a monocultura. A aluvião predestinada impõe o enfeixamento de todas as iniciativas para um fim único. A própria pecuária, embora já restrita, é cuidada para o consumo imediato dos engenhos.

Partindo dessa nova ordem de trabalho, altera-se completamente toda a vida da planície. Tudo isso devido a base fisiográfica.

Forçara ela primitivamente o homem pelo isolamento a um pastoreio provisório. Agora, porém, com os transportes melhorados pelas necessidades da população, que já se adensa, as possibilidades do comércio tangem o indivíduo para culturas mais remuneradoras. E nessa terra de barro forte, empapaçada regularmente por dilúvios, nenhuma planta responde melhor à ambição de enriquecer o colono do que essa gramínea de caldo açucarado.

"Faz-se incrível a fertilidade das canas e a facilidade com que se faz o açúcar". Esta lavoura, que tem aumentado muito a terra, é que, segundo **COU TO REIS**, modifica todo o ambiente social da planície naqueles fins de século.

¹⁸³⁸ **Ela** é "que tem servido não só de a fazer mais opulenta, mas até de mudar a natureza dos habitantes, pois sendo a terra rústica e de alevantados, hoje se vê quase com a mesma civilidade que o Rio-de-Janeiro, sem diferença no asseio exterior dos homens, grande negócio e muito dinheiro. A vida do lavrador de canas, como requer um serviço mais regular e continuado, e os obriga a atender mais a fábrica que lhe tem custado o seu trabalho do que as paixões, tem desterrado a vadiagem da maior parte dos naturais, em que os punha a criação dos gados, fazendo-os sempre andar a cavalo como por funções de touros e cavalhadas".

A cana modifica tudo. O novo método de vida traz maior convívio e mais frequentes idas à vila pelas necessidades de intercâmbio. "O luxo que tem causado emulação, faz procurar meios para o

tratamento, e tem desterrado a ociosidade". Mas, sob todo êste polimento inicial, existe ainda a pele grossa do vaqueiro.

De modo algum confia neles o govêrno do Rio-de-Janeiro, "porque aquelas gentes ainda estão com as idéias muito frescas da má criação que tiveram", diz o Marquês do LAVRADIO em carta a D. LUIZ DE VASCONCELOS.

Todo o cuidado é pouco com êsse povo que nascera de levantes. Com êle, nada de ensinamentos. Deixá-lo inculco é a melhor arma para governá-lo. Assim é que o ex-Vice-Rei desenganado aconselha ainda a seu sucessor:

"É preciso ter um grandíssimo cuidado em não consentir que para alí se vão estabelecer letrados rúbulas ou outros homens de espíritos inquietos; porque, como aquêles povos tiveram má criação, em aparecendo lá um dêsse, que, falando-lhes uma linguagem mais agradável ao seu paladar, convidando-os para alguma insolência, êles prontamente se esquecem do que devem, e seguem as bandeiras daqueles".¹⁶³

Vê-se que o próprio Govêrno, atemorizado com o ânimo dêsse povo, tenta retardá-lo, impedindo a difusão do ensino.

Para êsses atrevidos, que a qualquer afronta se levantam, eis o corretivo da época, sumário e inapelável: a masmorra.

LAVRADIO, escabreado com tão boa experiência dessa gente, vai logo aconselhando ao novo Vice-Rei o método único de abrandá-la, dando como testemunho o caso de um certo advogado, JOSÉ PEREIRA, fomentador de desordens que até provoca um levantamento: "Eu mandei buscar êsse homem, e aquêles que com êle mais procuravam representar, tive-os por muitos meses reduzidos a uma aspérrima prisão; mascarei-os até o último ponto; e com êste meu procedimento se intimidaram os outros. . ."

É que, não obstante o metamorfismo produzido pelo açúcar, não iam longe os tempos de agitação, quando êsses cavaleiros amotinados que alvoroçavam a planície para dominarem a terra virgem, com ela tinham vivido sempre insolentemente crus, indiferentes a polidez e ao conforto.

"Há poucos anos, não havia asseio nenhum. Selins cobertos de pêlos de carneiro era o ordinário; e no campo não passavam de algodão e baeta. Na mesma vila, os vereadores e principais usavam vestidos de baeta para o comum. Ainda se fala no primeiro que andou de cabeleira".

Isso é de COUTO REIS em 1785! Mas já nesse tempo o açúcar tudo reformara. "Agora, porém, não se vêem senão galões, setins, belas sêdas de veludo e ricos arreios de prata. Naquele tempo, todo o sujeito que tinha algum gado, criação de potros e alguns cercados passava por bem arrumado e rico; hoje, porém, que há muitos que têm dinheiro amodado e bons engenhos, um dos tais se tem certamente por pobre".

¹⁶³ Carta do Marquês de LAVRADIO a seu sucessor D. LUIZ DE VASCONCELOS E SOUSA. -- PIZARRO: Obr. cit., tómo III, pág. 117.

Todo êsse refinamento, entretanto, é quase externo. Não entra na epiderme. Os pés dêesses novos-ricos ainda trazem a lama dos pantanais em que se atolaram, e suas mãos os calos do laço e das enxadas. O rosto é curtido pelas soalheiras nos canaviais e pelo bafo das fornalhas.

Mas o contágio da abastança pelo açúcar tudo invade. Por todo êsse fim de século e princípios do seguinte, as lavouras se deram na planície, e numa extraordinária animação febrilmente se levantam centenas de novos engenhos e engenhocas. Mas é sempre a mesma característica individualista permanecendo intacta. O testemunho de PIZARRO em 1820, dá-nos uma paisagem humana singularmente idêntica à do tempo de COUTO REIS:

"Logo que algum indivíduo está de posse de quatro palmos de terra, por acaso próprios, e comumente aforados às fazendas mais notáveis, levanta de certo um engenho, para trabalhar o açúcar em proveito mais dos mercadores, que o **animam** com o empréstimo em dinheiro, com a fiança do cobre e dos escravos que lhe vendem, e com as fazendas necessárias de vestir, do que em utilidade própria.

A casa de vivenda do novo senhor de engenho é a mesma do engenho onde qualquer madeira serve, cobrindo-a de palha; e, com uma caldeira pequena, com dois **tachos** semelhantes, — que chamam *tachas* —, de cobre, e alguns de barro, com um, até dois carros, oito a doze bois, e com quatro escravos **quando** muito, — *porque o pai, a mãe e os filhos valem por muitos escravos* —, trabalhando com excesso e sendo êles mesmos os mestres das fábricas".¹⁸⁴

Por aí se vê que, já em pleno século XIX, **tôda** a população de 60.000 almas da planície é ainda caracterizada por essa tendência exclusivista do *apêgo ao solo*. Do desejo incontido de possuir algumas braças de terra própria para cultivá-la.

Êsse apêgo é que vai elevar o número de engenhos na planície de aluviões, só neste barro amarelado que o Paraíba e outros rios derramaram **sobre** a região, a cifra incrível de 700! É o que nos diz o refletido MUNIZ DE SOUSA em 1828, não sendo impossível que tal quantidade aumentasse ainda algumas centenas até meados do século.

Mas justamente nessa época um fator novo entra a refrear essas possibilidades dispersivas. Todo êsse enorme esforço individual vai ser pedito. A economia dêesse rústico senhor de engenho, que põe **tôda** a família na enxada e no banguê, não pode lutar contra o novo agente, que, vindo auxiliar o homem, impulsiona o desenvolvimento coletivo, mas restringe e tende a aniquilar a esforçada iniciativa particularista da massa rural: o motor.

Antes, porém, de entrarmos na "Era da Máquina", temos ainda que dizer da vida econômica e social dessa época, e da grande pugna contra os fatores geográficos para o domínio da terra.

¹⁸⁴ PIZARRO E ARAÚJO, José de Sousa Azevedo: "Memórias Históricas do Rio-de-Janeiro". Rio, 1820, tómo III.

De modo geral, na História do Brasil, nas regiões açucareiras, o feudalismo latifundiário dos grandes senhores de terras, diretamente precede o moderno capitalismo.¹⁶⁵ Excepcionalmente, em Campos tal sequência é antecedida de mais um estágio inicial, partindo da pequena propriedade em que se funda ali toda a indústria do açúcar.

É nesta primeira fase de engenhos à tração animal, em vias de declínio agora, que se acentua o contacto vivo entre o homem e a terra, já bem firmado no ciclo anterior da pecuária. O campista já não galopa somente na planície, tangendo o gado. Pára, cavando o chão. Olha com carinho esse barro amarelado que o enriquece. Esse bom barro brasileiro, que, no termo feliz de GILBERTO FREIRE gera em o Nordeste e na Baía não o bairrismo e sim o *barrismo*, e que "foi a base física não simplesmente de uma economia ou de uma civilização regional, mas de uma nacionalidade inteira".¹⁶⁶

Já não é apenas a superfície da planície com seus vargedos pastoris e suas baixadas alagadiças que interessam agora o povoador: é o próprio solo com suas possibilidades de cultura. O seu olhar não mais devaneia em perscrutar distâncias, procurando resses. Desce verticalmente para o solo, onde mergulha a enxada. Fita os brotos novos que emergem. Acompanha dia a dia a maré montante dos canaviais que sobem. E com isso, cada vez mais cresce a tenacidade férrea do *apêgo ao solo*.

O homem estabilizou-se em suas fazendas. O seu mundo é todo ali: a casa de moradia, a família, o engenho, os escravos, o gado de serviço e os canaviais. Uma vez por outra, vai à vila.

Encaixam-se justamente aqui os dizeres de EDMOND DEMOLINS sobre os romanos primitivos com sua "preocupação de envolver a propriedade privada e pessoal de garantias absolutas e supremas.

Explica-se este estado de espírito em homens que atingem rapidamente e pela primeira vez a propriedade plena e individual do solo. Não se trata de uma propriedade qualquer, mas duma terra que eles acabam de disputar penosamente e em meio a dificuldades, às águas estagnantes e à febre. É ao preço de sua vida que puderam, cada um por sua parte, este solo em cultura.

Não podem admitir que se lhes possa fazer perder o fruto de seu trabalho, mesmo que este não seja a sua plena, inteira e indiscutível propriedade; ela lhes pertence por direito de conquista o mais imprescritível, visto que o solo antes d'ele era vago, e eles são os primeiros possuidores".¹⁶⁷

¹⁶⁵ ROBERTO SIMONSEN opina que não o feudalismo, e sim o capitalismo caracteriza o sistema de donatarias no Brasil desde os tempos mais remotos. ("Hist. Econ.", tomo I, cap. IV). Do ponto de vista exclusivamente financeiro, pode ser correto. Considerando-o, porém, integralmente, com toda a sua complexidade de repercussões sociais, mormente as compressivas do pequeno proprietário que se proletariza e a crescente contração do capital em meia dúzia de mãos afortunadas ante a grande massa pauperizada, o verdadeiro capitalismo é um fenômeno que particularmente em Campos, só penetra em nossa civilização rural com o advento dos engenhos à vapor e só atinge mesmo em cheio a indústria açucareira com a elasticidade artificial do crédito bancário durante a Grande Guerra.

¹⁶⁶ FREIRE, Gilberto: "Nordeste", Rio. 1337, pág. 29.

¹⁶⁷ DEMOLINS, Edmond: "Comment la route crée le type social". págs. 448-449.

É esse o mesmo sentimento do campista, ao ver que não é completa ainda a posse do solo desejado, e que os poucos senhores latifundiários se opõem a que essa legião de "lavradores arrendatários levantem novas propriedades, ou as crescentem, que façam bardos ou cercas e outras muitas coisas úteis para o uso e o aumento das fábricas, com cujos tortuosos preceitos fazem frustrar todo o esforço e diligência com que os trabalhadores aspiram a ver prosperar o resultado de seus trabalhos, por isso que jamais excedem de **miseros** e apoucados lavradores, supostos possuidores de fracas e tributárias engenhocas".¹⁶⁸

Por aí se vê que contra todo esse entusiasmo particularista se levanta sempre a inércia do latifúndio. "Estes proprietários de tributárias engenhocas não são proprietários, são uma negaça". Seus açúcares "são vendidos às arrobas aos negociantes da vila de São Salvador por baixo preço, — na Província da **Baía** só os escravos vendem açúcar às arrobas —, com demora de pagamentos e outros prejuízos, de sorte que, quando findam suas safras, se acham sem açúcar, sem dinheiro e **endividados**".

Em **tôda** essa miuçalha de fazendeiros que brotam da plebe, nenhum refinamento é possível. A corrida para o campo é tão intensa e, ao mesmo tempo, tão oscilante a economia coletiva, que não há tempo para que se eduque essa massa atrasada

Isso observa e frisa MUNIZ DE SOUSA: "A mocidade tem sido pouco amante das letras, e por isso é pequeno o número daqueles que as cultivam". É que há muito ainda no campista da velha alma do vaqueiro. "A liberdade em que viviam os primeiros habitantes, — disse **Couto Reis** —, o despotismo e falta de temor das justças, passaram a muitos dos seus descendentes de pais a filhos os perniciosos costumes". E a progênie destemida e rude dos "hereos" acumula e incorpora os atributos raciais dos primitivos cavaleiros fervilhantes de permanente rebeldia. Inteiramente **impossível** finuras culturais nessa peleja diária com a terra grossa, correndo pontas de gado ou tombando reses na alegria bárbara das ferras festejadas. Impossível delicadezas sentimentais no trato diário da vida dos engenhos, onde a própria família do fazendeiro luta rudemente nos misteres mais pesados.

Dêsse modo é que entre os quatro obstáculos que aponta MUNIZ DE SOUSA para Campos "chegar ao auge de sua grandeza e riqueza", "a falta de educação e civilização da maior parte dos fazendeiros, donde nasce a fereza e inhumanidade com que tratam a escravatura" é um dos mais frisados. Raros são os lavradores humanitários com seus negros. "Os escravos são chamados para o serviço às duas da manhã, outros às três e bem poucos às quatro". E após o dia inteiro no eito com escassas refeições, o "bacalhau" trabalha ainda no serão até, por vêzes, meia noite.

Com tal sistema, nada há que se esperar senão grande mortandade entre a **negrada**.

Povo rude. Apenas sitiantes plebeus, e não aristocracia rural. Contra êle e durante a fase posterior dos engenhos, é que a função social dos grandes senhores da terra, longe de nefasta, aparece relevantemente aperfeiçoadora. Já não temos fidalgos do Reino morando em Lisboa e entregando a terra a truculentos administradores. Os grandes fazendeiros, entretanto, começam a surgir. Já não vivem em seus engenhos do **recôncavo** da Guanabara. Habitam os Campos.

Entre os mais destacados, há um — JOAQUIM VICENTE DOS REIS, com suas filhas requintadas, — uma delas casa-se com o Marquês da PALMA —, e cuja ilustre descendência se perpetuaria nos BARROSO, nos CALDAS VIANA, nos SALDANHA DA GAMA, nos NUNES MACHADO. Há um CARNEIRO DA SILVA, 1.º Visconde de ARARUAMA, que continua e consolida as tradições da nobre estirpe de Quissamã.

Raros são, porém, tais elementos distintivos da **luzida** fidalguia da planície no decorrer dos últimos tempos coloniais e do 1.º reinado. A característica essencial da fase das engenhocas é a multidão de pequenos donos de fazendolas, com seu domínio passageiro e aleatório da propriedade e sua opacidade receptiva a influências modificadoras do ambiente social.

Tal modificação só viria a dar-se na segunda fase dos engenhos a vapor, arrasadora de engenhocas, quando a centralização da vida agrária nos grandes focos de irradiação cultural dos solares, com todo o poderio aristocrático dos barões, viscondes e comandadores, dissemina o apuro nos costumes, alhana as asperezas do **campônio** rude, apassiva-lhe a belicosidade inata, induz pelo hábito e arremêdo o exibicionismo de maneiras finas, provoca a fina e protocolar sociabilidade das famílias fazendeiras, renovando de alto a baixo **tôda** a estrutura social do povo da planície.

Por enquanto, porém, na fase inicial da cana, quase nada exprime o sentido espiritual de uma civilização. **O** que há é a luta crua pela terra, o choque do homem contra o meio, o assalto à gleba, aos tropelões, na ânsia desatinada do lucro imediato pelo açúcar.

Como repercussão social, entretanto, a dispersividade anárquica do indivíduo povoou a planície. Polvilhou-a de centenas de núcleos produtores. Tudo isso, todavia, a menoscabo da expressão **mais** alta e definitiva de qualquer traço característico de uma cultura intelectual e de um senso de interesse coletivo.

Com tais falhas, a investida particularista nesse meio físico repartido pela natureza tinha de, necessariamente, fracassar. E fracassar sobretudo porque a geologia regional, contrariando a facilidade de comunicações com o exterior, compele finalmente o lavrador à submissão aos monopolizadores do transporte. Assim é que o vimos atribuladamente explorado pelos traficantes.

Ademais, a excessiva divisibilidade dessa gleba que seduz afunda o homem em si mesmo, em seus interesses exclusivos, em sua egolatria isolacionista. O palco amplo da planície em que se totaliza o bem comum da coletividade é esquecido. Daí a investida do meio contra o colonizador.

O brejo volta a se alastrar. “Os primeiros povoadores dos Campos, aplicando-se mais a criação do gado, tinham o cuidado de conservar sempre limpos, os rios que esgotam a Lagoa-Feia; depois, tornando-se agricultores, pouca atenção já prestam a limpeza dos rios, o que foi causa de inumeráveis pantanais, tornando-se inteiramente inúteis”, diz o Visconde de ARARUAMA.

Com tal imprevidência, crescem naturalmente os empecilhos ao progresso da terra. Porque o Paraíba, sobretudo, guarda sempre o inesperado de transbordamentos formidáveis. E com as passagens fechadas de vegetação, as águas que rolam sobre a planície param nas lagoas sem escoadouros, crescem nos banhados imensos, espalham-se pelas baixadas alagadiças, após haverem devastado canaviais, afogado boiadas e demolido habitações. Paredes, chaminés e fundações de engenhos esboroam-se como pães de açúcar minadas pelas águas tragadoras.

Assombrosos são por vêzes os dilúvios do Paraíba.

A terra que surgiu do oceano com os entulhos do rio ainda não se elevou bastante. É anfíbia. Naufraga e emerge alternadamente. Tudo depende de uma tromba de água ocasional com o rio alto. Nenhuma previsão possível. O Paraíba oculta ciosamente o segredo até o instante em que se despeja assolador. E o senhor de engenhoca desprevenido ante a avalanche está em vias de perder as plantações, o gado, o engenho, quando não a escravaria e, até, membros da família.

A luta contra o brejo é bem mais temível que no “Ciclo do Pastoreio”, dada a imobilidade de seus bens.

Mas não é só a enchente que o flagela. É mais ainda a vazante. O adôbe esburacado ou os tijolos desempilhados da moradia se remendam e se reaprumam. A escravaria e o gado se renovam. A prodigiosa tenacidade qualificativa desse homem não se alui quando se trata de empecilhos palpáveis. Mas contra o invisível, a sua ignorância e incúria o debilitam.

Quando as águas cessam de correr sobre a planície e se imobilizam nas lagoas obstruídas, deixam no rasto a moléstia semeada em charcos, por todo o canto.

Entre as endemias que se entranham na região a malária chega com o primeiro impaludado, e logo explode soberanamente. Para o mosquito, a terra ensopada é um paraíso, que se completa com a inesperada abundância de sangue novo que lhe trazem o branco e seus rebanhos. O brejo assoma com uma nova arma para tolher o esforço humano em submetê-lo. E este grande assalto para o derrubar redobra no homem a luta contra a ambiência mórbida.

O paludismo alastra-se. Torna-se o maior dos fatores patogênicos a invalidarem o grupo étnico em formação. Mas também, por isso mesmo, um violento ativador da seleção telúrica, colaborando com a já tremenda reação do meio físico para a sobrevivência de tipos geneticamente aclimatáveis ao ambiente dos paúis.

Dêsse jeito é que se vai moldando o fâcies étnico do campista. Daí é que sai um povo de camponeses calejado no campo e secularmente a impor-se ao meio relutante.

Ao compará-lo com o da época de **COURO REIS**, o clima de hoje alterou-se, aparentando menos instabilidade nas variações secundárias das duas principais estações. Dar-se-iam em tempos do cronista mais acentuadas oscilações climáticas, chicoteando os organismos com seu inverno "alterado de intempestivos calores" e seu verão com frio extemporâneo, "a qualquer mudança de ventos".

"Destas continuas mutações, juntamente com as infinitas umidades, e intensos ardores do Sol é que se geram as anuais epidemias, que ocasionam tão gravíssimos e mortais estragos entre os moradores.

A proporção que surgem maiores ou menores as inundações, são também mais ou menos violentas as enfermidades, as quais consistem em "febres podres malignas e sezões". Ordinariamente, principiam estas epidemias em fevereiro, e duram até maio, que é quando as enchentes param de vazar. Se a entrada do inverno é mais ou menos repentina faz também mais ou menos graves as moléstias, mais se dilatam, e vêm com acidentes mortais".

Nenhum mal contraria tanto a aclimação como o paludismo. É êle que retarda sobretudo a penetração do Muriaé. As margens do baixo curso desse rio também são forradas de aluviões. Como alhures, há também ali a sedução do massapê. E às apalpadelas nessa terra fôfa e amolecida de alagadiços, onde o anófele enxa-meia, atola o homem progressivamente os pés, mas paga caro.

"Os sertões do Muriaé foram em outro tempo horrorosos por mais pestíferos, — diz ainda **COURO REIS** — porque as suas terras incultas, os altos arvoredos de que se revestiam, os extensos brejais e, últimamente, a falta de fogos e de outros benefícios que agitassem e rompessem livremente o ar denso e carregado, necessariamente haviam de produzir funestas conseqüências. Mas, logo que os homens excitados do interêsse de se aproveitarem das terras incultas desterraram o primeiro terror, apesar de muitas perdas de vidas, e entraram a estabelecer fazendas nos ditos sertões, fazendo fogos, descortinando matos e purificando os ares, ficaram menos rigorosos; porém, ainda assim, tão pouco melhoraram, que se reputam pelos mais pestíferos".

"Carneirada" é o termo de então para as grandes epidemias de paludismo. As carneiradas do Muriaé não obstam, porém, a que o rio seja conquistado e justamente as margens da Lagoa de Cima e as do Paraíba são densamente povoadas, mau grado a reputada insalubridade nessa época.

Dêsse Último rio o trecho mais saudável é o do atual município de Gão-João-da-Barra, que não atrai muitos habitantes, porque alí a faixa de massapês é adstrita às suas margens. Por trás dessas, logo se estende a planície de restingas onde a erva rala conduz a disseminação do gado por grandes extensões, não permitindo a subdivisão do solo nem a cultura da cana.

Outra zona hoje tenebrosamente reputada pela terçã maligna, e que, então saudável, não chama colonos, é a do Macabú. É que alí não há massapês. A vargem do rio é tôda um brejal de vários quilômetros de largura, que se limita bruscamente com terrenos altos.

A ativa nosografia regional não impede, entretanto, a colonização nem refreia a investida humana sobre a nova terra. Por mais pegadiça de maleitas que esta seja, o povoador não retrocede, nem alí atola a sua iniciativa. Sempre adiante, vai subjugando os lamaçais, disseminando a prole e seus engenhos. A planície é tão farta e compensadora de sacrifícios, que a ela se atira êle, com intorcível teimosia de adaptar-se, dominando-a.

É assim que, nessa luta sem descanso contra o meio, o campista marcha através do século dezenove.

Descrever pormenorizadamente os fatos ocorridos até noventa e cinco seria avolumar demais com minúcias históricas o texto deste ensaio. Atenhamo-nos, apenas, à relação de algumas ocorrências mais notórias, que nos permitam confrontar, mais tarde, as repercussões sociais resultantes da modificação do meio físico e econômico pela introdução de novos métodos de trabalho.

É somente neste século, após duzentos anos de enraizamento na planície, que se pode observar o desvio do homem, da conquista material da terra, para as mais altas florações da inteligência cultivada. Mas, para chegar a tanto, põe-se em relêvo um fenômeno social que, aparentando inverter as normas compendiadas da evolução histórica, conduz justamente êsse povo, num arranco decisivo, a clara definição de seus destinos civilizadores. Trata-se da regressão do particularismo ao feudalismo.

Conquanto inverossímil, esta é a verdade. Para explicá-la, não há recursos de qualquer apêlo a fontes imigratórias outras que as que formaram, essa etnia isolada. Nenhuma outra imigração para alí se dirigiu a não ser a mesma que viera desde os primórdios cimentar a massa étnica dos povoadores, isto é, a portuguesa. Tôda a civilização campista, quer em seus elementos dirigentes, quer na quase totalidade de sua massa popular, tem sido conduzida e arquitetada, exclusivamente, ou por descendentes diretos em linhagem próxima, ou afastada de portugueses, ou por êstes mesmos. Nada a notar-se da influência de outras raças tão notórias em nomes de família da civilização pernambucana do açúcar, por exemplo, ou na cafeeira paulista, que frutificou em nossos dias.

Sem qualquer outra ligação terrestre com o resto do Brasil, a não ser a exclusiva estrada litorânea para o Rio-de-Janeiro, vedada a entrada marítima de seu mesquinho pôrto da foz do Paraíba a navios outros que não lusos ou brasileiros, é fácil depreender-se a quase impossível intromissão de um contingente alienígena capaz de perturbar a etnogênese do povo campista, brasileiramente triracial.

Tal ocorrência, de relêvo excepcional em nossa faixa litorânea, onde em certos pontos a unidade étnica fundamental foi particularmente enxertada de outras invasões sanguíneas, facultou-nos a possibilidade de melhor compreensão dos efeitos sociais dessa mistura básica do português, do negro e do índio com indiscutíveis diretrizes lusas ancestrais.

Por isso é que o isolamento histórico-geográfico do campista, ligado ao espantoso desenvolvimento econômico-industrial da planície, deve merecer dos sociólogos a mais interessada investigação. Ali se encontra uma cultura, que, sem quebra de continuidade, foi surgindo e alastrando-se por si só, e sem recursos de outras fontes que o próprio homem enraizado na planície. O meio físico copioso de possibilidades, mas aspérrimo de empecilhos, selecionou e preparou o homem para a luta, permitindo o despontar de grandes atributos hereditários numa fecunda população que vertiginosamente se multiplica.

Só este fato é de sobra para assinalar a necessidade para fins nacionalistas de especializadas pesquisas sociológicas nessa região, conducentes a discenir de sua experiência tão positiva preciosas observações de caráter étnico e de valor imediato.

Qualitativa e quantitativamente, tais e tão patentes resultados clamam por estudos regionais a serem iniciados ainda, no tocante ao mérito da aplicação dos mesmos métodos em outros pontos do País, de condições geográficas semelhantes.

Repassados esses fatos, entremos agora no Império.

Paralelamente a evolução mecânica operada no mundo, subitamente, com as primeiras máquinas, começa a modificar-se toda a estrutura econômica e social da planície.

O primeiro engenho a vapor é noticiado por MUNIZ DE SOUSA, em 1827, e em 1834 mais três já fumegam. Começa a *Idade da Máquina*. As moendas de ferro substituem os rolos de madeira. E contra estas caras instalações o pequeno senhor de engenho vai tornar-se impotente. Toda a sua floresta de chaminés vai ser aos poucos derrubada.

Toda essa multidão de "cozinhas de cozinhar açúcar" já eleva, entretanto, a sua produção a cerca de 10.000.000 de quilos. Nas é uma colmeia comprimida. Só pequena área da região é ainda subdividida. O restante é de proprietários poderosos, que possuem grandes matas desertas, sesmarias "que nem seus netos as povoarão por si". Sesmarias que, embora caducas pelo abandono, são retidas por donos fictícios, que não permitem um palmo de terra

seja cultivado por adventícios. "Tão grandes sesmarias, que seus terrenos podem admitir de 20 a 30 engenhos".

É quase visível que, sem a máquina, tais latifúndios acabariam partilhados entre novos senhores de engenhocas. Tão grandes são as possibilidades do açúcar, que ninguém recua, e, como no passado, nova luta explodiria pela posse do terreno. E, plantados que fôsem novos canaviais, não mais sairia dêles o colono.

Não temos estatística das engenhocas logo nos primeiros anos do aparecimento dos engenhos a vapor. Mas é quase certo haver seu número ainda aumentado umas duas centenas, além das setecentas dos dois lustros a seguir, visto que a produção de açúcar já em 1835 sobe a 12.240.000 quilos exportados, só existindo nesse tempo 4 engenhos a vapor que não podem responder por tal acréscimo.

É de supor que, desde os fins da Regência, o domínio da máquina começe a preponderar em definitivo. Mas é com o advento do Segundo Reinado que prevalece, acompanhando a industrialização crescente do País.

O quadro a seguir, marcando a rápida transição nos métodos de trabalho, mostra-nos bem o declínio definitivo dos pequenos senhores de engenho e o nascimento da nobreza rural.

ANO	Engenhocas	Engenhos a vapor	Total
1827.....	700 (aprox.)	1	700 (aprox.)
1852.....	307	56	363
1861.....	267	68	335
1872.....	207	113	320
1881.....	120	252	372

Reduzidas a cêrca de metade o número de fábricas, a produção, porém, duplica para mais de 20.000.000 de quilos. É o fenômeno claro da concentração do capital, exposto em algumas cifras de uma evidência insofismável. O aperfeiçoamento dos maquinismos e dos métodos de trabalho continua por todo o século a reagir fortemente sôbreo indivíduo e a coletividade, aluindo propensões arcaicas ao individualismo anárquico firmemente enraizado, e transformando completamente a vida social por uma estruturação hierárquica alicerçada em nova base econômica pela redistribuição da fortuna.

Com todo o seu cortejo de cristalizações culturais que analisaremos adiante, tôdaessa mudança, todó êsse progresso, tôdaessa civilização é filiada espontânea e exclusivamente aos novos métodos de trabalho introduzidos com os processos da ciência aplicada à indústria açucareira.

Como tudo que se faz na planície, as reformas custam a chegar. Mas, logo que chegam, prontamente se generalizam.

Em 1847, uma primeira aparelhagem francesa é ensaiada com pouco êxito no Queimado. E é só em 1856 que o tendal de secar e a fôrma dos pães de açúcar começam a ser substituídos pela turbina.

Em 1860, monta-se a primeira caldeira multitubular no engenho do Cupim e, simultaneamente, aparece o "banguê americano" para a evaporação.

Em 1872, inaugura-se a defecação a vapor com caldeiras a serpentina ou a fundo duplo. Em 1877 emprega-se o gás sulfuroso

Em 1881, já todos os bons engenhos têm aparelhagem mista, composta de defecação a vapor, evaporação em bateria americana, cozimento em caldeiras de WETZEL de BOOR e esgotagem na turbina.¹⁶⁹

Em 1875, não existia nenhum vácuo nos engenhos de Campos. Dez anos depois, em 1885, há 31, ao mesmo tempo que 52 caldeiras a vapor já fornecem 2.800 H.P.

Estamos no período áureo dos engenhos, mas justamente por êsse tempo seu declínio vai começar com a ereção das usinas.

O primeiro engenho central construído no Brasil é o de Quissamã, em 12 de setembro de 1877. Segue-se-lhe Barcelos no ano seguinte, inaugurado pelos Imperadores. Entre 1879 e 1880, o do Limão. Em 1880 e 81, os de Figueira, Conceição, Queimado e Cupim. E pouco depois, em 1885, além desses, já se encontram fumegando os de São José, Mineiros, Santa-Cruz, Colégio, Cláudio, Limão, Coqueiros, Fazenda-Velha, Santo-Antônio, São-João e Pedra-Lisa. Ao todo 17 usinas e mais 6 grandes engenhos.

Como se dera com as enghocas e com os engenhos a vapor, as **usinas** aparecem de repente, e em poucos anos transformam de novo a economia regional.

O tempo é o da aristocracia rural enriquecida pelo açúcar. Há cêrca de trinta titulares na planície, entre barões e viscondes. Quatro vêzes visita Campos o Imperador e uma vez os Príncipes Imperiais. Há fartura por tôda parte nas fazendas bem dirigidas, onde os grandes solares irradiam, com a opulência, uma requintada civilização. Velhos retratos dessa fidalguia agrária denotam, a primeira vista, fisionomias levantadas, onde em ressaltado a uma severa dignidade, espontam firmes traços fortes de comando.

São os donos da terra, nela interessados pela fortuna enraizada e pelos desejos de uma longa e heráldica descendência. Governam a planície com o prestígio de seus haveres e com o orgulho de seus nomes respeitadas. Dirigem a economia e a política.

¹⁶⁹ ALVARENGA, João: "Almanaque Industrial, Mercantil e Administrativo da Cidade e Município de Campos". 1881.

Que diferença de 50 anos, quando aquêles enxame de elementos plebeus entravam descontroladamente pela terra, levantando a êsmo centenas de chaminés, com uma audácia acentuadamente particularista, mas incapazes de um aperfeiçoamento cultural coletivo! Agora, porém, já não existem as mesmas possibilidades para o individualismo. A máquina exigiu e favoreceu maior **seleção** de capacidades organizadoras, que aos poucos hierarquizaram **tôda** a população rural da planície. E é justamente essa hierarquia que, recalçando fundamentalmente a inata e agressiva rusticidade do camponês, educa e refina pelo exemplo do poder **tôda** essa plebe rural incapacitada de subir por si.

E é a máquina que se deve tudo isso. As mesmas possibilidades jaziam na cultura da cana anteriormente. A mesma iniciativa na mesma gente apegada a terra. Mas só um fator novo que revoluciona a economia mundial consegue agora derrubar **tôda** aquela anarquia no trabalho que, muito embora desesperado, não conseguira enquadrar-se em normas beneficiadoras da economia coletiva nem transformadoras da mentalidade popular.

Verdade é que **tôda** essa esplêndida floração da aristocracia rural sugava todo o viço da maior massa de escravatura jamais presenciada no Brasil. Só o município de Campos conta mais de 35.000 escravos no tempo da Abolição. **Este** fato não o diferencia de qualquer outro grupo cultural da nossa civilização agrária, mas denota o artificialismo de um estágio evolutivo apenas provisório. Sobretudo porque ao negro repugna a vida rural.

Tal verificação é acentuadamente observada hoje, quando, ao percorrerem-se as lavouras de cana, se pode a Olho desarmado observar a preponderância do trabalhador branco **sobre** os poucos descendentes de africanos, mormente na região das velhas fazendas ao sul do **Paraíba**.

Contudo seria pueril conceituar-se a possibilidade de se haver criado **tôda** essa magnífica organização feudal **dos** engenhos a vapor sem a contribuição do escravo. De um lado, a concepção de propriedade territorial extremamente enraizada ainda no elemento branco popular é **muito** a **malgrado** seu que **êste** se subordina aos grandes senhores. De outro para enquadrar em rígido sistema a crescente monocultura da cana numa região onde a plebe sempre se distinguira tradicionalmente pela indisciplina social, os enérgicos chefes industriais necessitavam de grandes massas de trabalhadores **arregimentáveis** a uma obediência sem apêlo. Só desta maneira foi possível dar-se **um** rumo definitivo a verdadeira indústria, antes dispersada com o extremado individualismo, embora particularista, dos setecentos donos de engenhocas.

Assim é que, em cadência ao acréscimo de engenhos a vapor e a redução das engenhocas, a produção de açúcar passa de um mínimo de 8.982.420 quilos, em 1852, a 16.029.080 quilos, em 1877, quando é montada a primeira usina. Duplica em 25 anos.

É durante êsse período que, não obstante a escravidão, há maior equilíbrio entre as diversas classes sociais da planície. A aristocracia não é sòmente a do dinheiro, mas a da educação e das boas maneiras.

O exemplo da ordem vem de cima. Nomes de responsabilidade assumem a direção dos negócios municipais. No trato mútuo, é sagrado o respeito a palavra dada. As quatro visitas do Imperador a Campos não testemunham sòmente um incentivo a obras de vulto inauguradas, mas também o aprêço do Monarca ao alto nível cultural do meio nobilitado. Cada fazenda é um feudo organizado. Um verdadeiro clã patriarcal, onde o senhor de engenho assume perante a família, a parentela, os agregados e a escravaria o pôsto de provedor das necessidades coletivas. Tudo é delimitado. Cada função é bem delineada. Nenhuma interferência recíproca entre o mandonismo autoritário dêsses grandes senhores reverenciados.

Na cidade que progride, nos canais que são rasgados, nas estradas de ferro que principiam, em qualquer obra progressista efetuada na planície, há sempre o dedo do senhor de engenho, o parecer do senhor de engenho, o incentivo do senhor de engenho. Nada sem êle se faz. Dêle é o capital em tôdas as emprêsas. Nasce, por fim, o espírito de associação, que faltara sempre a essa região predestinada, devido a incoercível inquietação da ousadia individualista. A Côrte, no Rio-de-Janeiro, acata as decisões dêsses representantes e mandatários naturais da terra, de juízo amadurecido na experiência rural.

Mas tudo isso é provisório como a escravidão, como os engenhos, como a própria *nobreza provisória*. Porque novamente vai a planície agora transformar-se com novos métodos de trabalho e, como se deu sempre nas várias épocas econômicas de sua evolução, prontamente é feita essa mudança.

É ainda a mecânica aperfeiçoada e conjugada às descobertas da química que se intromete como agente modificador do ambiente social: a usina. O grande estabelecimento industrial paralisando os engenhos mais modestos pela vantajosa competição. Tal qual se dera a destruição da pequena propriedade industrial dá-se agora a das fazendas médias embora com fábricas a vapor. O senhor de engenho passa a simples lavrador fornecendo canas às usinas. É, enfim, o prelúdio do verdadeiro capitalismo, da grande propriedade industrial, chamando a si tôda organização econômica, açambarcando a produção de fazendas médias e pequenas, impondo preços para a matéria prima, destruindo tôda a hierarquia financeira, intelectual e moral estabelecida.

A nosso ver, nas regiões açucareiras não foi a Abolição nem o descontentamento do Exército que derrubaram o Império. Foi a máquina. Pelo menos, em regiões de intensa economia agrícola industrializada, como Campos, o declínio da nobreza adventícia do senhor de engenho periclitante com o advento das usinas, debilitou

o poder imperial. As 17 usinas e os 6 grandes engenhos de 1885, mastigando em suas moendas quase toda a cana meia dúzia de anos antes distribuída por cerca de 350 fábricas, desprestigiaram para sempre o cobiçado e honroso título de senhor de engenho, aluindo a base econômica de todo o seu prestígio moral.

Foi a República, fenômeno essencialmente de revolta e de inveja cidadina contra a autoridade e a jurisdição rurais, nas quais se firmava todo o poder econômico do Império.

Quebrada a rígida estrutura patriarcal das fazendas, substituído o prestígio individual do senhor de engenho, — que refletia poderosamente na vida urbana —, pelo prestígio exclusivo do capital, é fácil ver-se o desaprumo de todo o feudalismo em Campos.

As campanhas abolicionistas encontram ali terreno fácil a exploração na grande massa de escravaria. Campistas que deixaram nome, como CARLOS DE LACERDA, JOSÉ DO PATROCÍNIO e NILO PEÇANHA, arvoram-se em tribunos libertários. A luta é violentíssima, e em 1884 começam os incêndios de canaviais. Tão forte se torna a propaganda nessa terra explosiva, que antes do 13 de maio já grande número de fazendeiros reunidos em congresso dão liberdade imediata a seus escravos.¹⁷⁰

O grande ato de humanidade da libertação do negro foi porém, tremendo em seus efeitos econômicos, sobretudo para a terra fluminense, visto que nenhuma outra província continha tão grande número de escravos. Foi o colapso da Baixada. Para não exibirmos novo quadro do que se deu, transcreveremos o que já dissemos: "Brilhante pelo correr do Segundo Império, alui-se a pujança da Baixada com a alforria do cativo.

Vem de pancada a Abolição. Os ferros caem. Obra muscular do escravo, todo o mecanismo agrícola se imobiliza. E com declinar o poderio do senhor de engenho, a disciplina social se desmorona.

É o êxodo. Os engenhos param. O mato invade tudo. As lavouras extinguem-se. Definham os canaviais. Entupem-se as valas. Transbordam os córregos. Alastram-se as lagoas. Atolam-se os caminhos. Os banhados invasores estendem preguiçosamente os braços alarmantes. Os solares ruem. As algemas, as gargalheiras, as correntes, oxidam-se com as moendas, os tachos, os alambiques imprestáveis. A sombra Eugidia do negro livre eclipsa o sol do branco. E a Baixada retrocede a barbária inicial, mas levando consigo a tristeza consternadora que deixa a mão do homem por onde passa, acampa e vai-se embora.

Perde-se quase tudo. Quase porque, tirante as salinas do Cabo-Frio um único município escapa, mutilado: Campos. Ali, a rédua da escravaria retirante não tem para absorvê-la a Corte distanciada, insaciável de população.

¹⁷⁰ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 380.

Premida pela miséria, a onda negra reflui em parte **sôbre** as fazendas. E Campos, morrendo no gemido dos engenhos, renasce nos apitos das usinas".¹⁷¹

· Renasce, porém, para uma vida inteiramente nova, aos empurrões de dois fatores estranhos, que desta vez sacodem o Brasil inteiro: a República, de mãos dadas com o Capitalismo.

A depressão na lavoura da cana é sem limites, sobretudo pelos fins do século e princípios do seguinte. Anos há em que, com a baixa de preços, os fazendeiros soltam o gado nos canaviais. Mas, não obstante a situação precária do produtor de matéria prima, avalanches de açúcar descem das turbinas.

Um dos dispositivos peculiares aos processos do Capitalismo é o segredo da produção. Enquanto no tempo dos honrados senhores de engenho há abundância de estatísticas, e mesmo nos longes de setecentos de escassa documentação, dados minuciosos como os de **COUTO REIS** fornecem-nos elementos seguros da produção de açúcar, as cifras dessa época tão perto de nós são por **vêzes** duvidosas.

É que os interesses capitalistas, atuando em grandes cifras no mercado, por sua própria natureza capciosa, de exploração coletiva, tende a ocultar a tonelagem, quer para fins especulativos, quer para a fuga aos impostos.

Por tais motivos há vácuos no gráfico apresentado. Em 1910, quando os efeitos da produção em massa de 30 usinas **já** nos dão um aumento considerável, **47.361.480** quilos de açúcar saem das turbinas em Campos.

Em 1914, agiganta-se a cifra, que **já** pula para 70.952.340 quilos na antiga região dos Goitacás, onde se levantam **33** usinas.

A primeira Grande Guerra abala profundamente a indústria açucareira. Com a paralisação das fábricas européias e as possibilidades de exportação os preços sobem vertiginosamente. O crédito bancário é facilitado e por milhares de contos se compram usinas que anteriormente valiam a terça parte. A especulação é geral.

Até então a maioria das propriedades médias dos antigos senhores de engenho haviam-se mantido independentes, não obstante, a vizinhança ameaçadora das grandes fábricas. Agora, porém, **tôda** essa divisão da terra, efetuada em séculos com tamanhos sacrifícios, vai apagar-se com a miragem do dinheiro. Fazendas e mais fazendas são absorvidas a preços exorbitantes pelas usinas, que se endividam tanto por este fato como pelas grandes reformas em seus maquinismos. E como consequência da opressão monopolizadora do grande capitalismo enfim desenfreado, as pequenas fábricas começam a ser derrubadas. Centraliza-se mais e mais a produção.

¹⁷¹ LAMEGO FILHO: Obr. cit., pág. 177.

Entretantes, volta a paz, e com ela o reinício imediato do **açúcar** de beterraba na Europa. Em Cuba e no Oriente, as grandes emprêsas, tendo igualmente multiplicada a sua produção durante a Guerra, fecham todos os mercados ao açúcar brasileiro. Começam as grandes falências. As pequenas usinas de Campos **continuam** a desaparecer; mas, com as grandes lavouras que se espalharam por **tôda** parte a tonelagem do produto ascende aceleradamente.

A cotação, porém, continua a desabar. A concorrência feroz entre os industriais agrava-se com essa incapacidade histórica do lavrador de abandonar a monocultura da cana. E por outro lado, a salvação provisória do usineiro está na cifra da produção. Só ela pode aliviar compromissos imediatos com bancos e intermediários açambarcadores de crédito facilitado. E é neste círculo vicioso que o campista insolavelmente se debate na maior crise de sua história econômica.

O **jôgo** imoralíssimo na **Bôlsa** do Rio-de-Janeiro desce a cotação na safra a preços mínimos, inferiores ao custo da matéria prima, para logo subirem escandalosamente, quando as usinas deixam de funcionar, explorando por sua vez o produtor. Todo o lucro do trabalho campista escoar-se para as algibeiras dos rapaces intermediários.

Reuniões, conferências e acordos bancários sucedem-se continuamente, mas não salvam o industrial nem o lavrador, porque o comissário do açúcar é sempre o soberano. O desmoralizado Estado liberal dando plena liberdade ao Capital, nada pode contra êsses abutres, que devoram **tôda** a economia de um povo, conquistada a custa de incriveis sacrifícios. A pressão bancária do grande Capitalismo e a **jogatina** dos bolsistas continuam sugando a população inteira do maior município rural brasileiro. E é com **tôda** esta ignomínia do poder do dinheiro de meia dúzia de potentados, desequilibrando **tôda** a vida econômica e social do povo da planície, que chegamos a 1929.

Campos produz 126.121.000 quilos de açúcar, metade de **tôda** a safra do Estado de Pernambuco nesse ano, e a penúria é geral. Tudo tende a desmoronar-se. É inadmissível que a indústria açucareira possa resistir a tamanha assolação. Mas dir-se-ia que **tôda** essa longa e penosa sedimentação histórico-social do homem na planície, enraizou de tal modo o campista na terra, que nenhuma **fôrça** o pode remover dos canaviais.

Enquanto por êsse tempo a crise do café leva o **paulista** poderoso e tão admirado em sua esplêndida iniciativa a meter o machado nos cafêzais, o campista continua plantando cana.

A crise, porém, persiste, e só a Nova República, abatendo os fantoches do liberalismo protetor da nefanda camarilha de **espe-**

culadores do trabalho consegue travar a desabalada corrida para a ruína coletiva.

Com a fundação do Instituto do Açúcar e do Alcool, em 1933, pelo governo Getúlio Vargas, há por fim um órgão oficial fiscalizador da indústria açucareira. A cota de produção é limitada a 1.796.123 sacos, ou sejam 107.767.380 quilos para Campos. Isto não impede, todavia, que, em quase todos os anos seguintes, haja safras ainda superiores às de 1929, sendo que, em 1936, as usinas de Campos produzem 149.389.620 quilos de açúcar!

O aumento na produção de álcool anidro é também enorme nos últimos anos, sobretudo após a construção pelo Instituto da Distilaria Central do Estado do Rio, uma das maiores do mundo, com capacidade produtora de 60.000 litros diários ou cêrca de 22.000.000 de litros anuais.

O seguinte quadro mostra o rápido acréscimo na produção de álcool anidro na região de Campos nos três últimos anos, segundo os dados do Instituto do Açúcar e do Alcool.

PRODUÇÃO DE ÁLCOOL ANIDRO

UNIDADE: LITRO

USINAS	1937	1938	1939
Conceição de Macabú.....	—	—	130 111
Cupim.....	653 735	938 220	965 900
Outeiro.....	685 580	1 009 549	116 139
Queimado.....	1 254 990	383 220	147 461
Santa Cruz.....	2 701 468	3 110 088	2 529 622
São José.....	539 868	4 043 910	2 654 798
Distilaria Central do Estado do Rio.....	—	3 811 897	9 530 508
Total.....	5 835 641	12 296 884	16 074 539
BRASIL.....	16 397 781	31 919 934	38 171 502
% de Campos sôbre o total do Brasil..	35,5 %	38,5 %	42,1 %

Nestes mesmos anos, a produção de álcool de **tôdas** as gradações nas usinas do Estado do Rio sobe de 15.974.994 a 25.044.375 litros, ou seja de um valor de 11.981 contos a 19.034 contos de réis.

Quase todo êsse álcool provém de Campos, que contribui para o total do País com **as** seguintes percentagens:

ALCOOL DE TODAS AS GRADUAÇÕES¹⁷²

UNIDADE: LITRO

ESPECIFICAÇÃO	1937	1939 *
Campos.....	14 759 634	23 657 969
BRASIL.....	15 146 358	96 714 715
% de Campos sôbre total do Brasil.....	24,9 %	24,5 %

O valor da produção de açúcar em Campos nesse mesmo período oscila em tórno de 100.000 *contos de réis anuais!*¹⁷³

O seguinte quadro dá-nos urna idéia exata da capacidade produtora de Campos, limitada pelo Instituto e relacionada com a dos Estados.¹⁷⁴

PRODUÇÃO DE AÇÚCAR DE USINAS

UNIDADE: SACO DE 60 QUILOS. SAFRA DE 1938/39

Pernambuco	4 974 561
São Paulo	2 198 510
Rio-de-Janeiro	2 023 707
<i>Região de Campos</i>	1 889 105
Alagoas	1 588 786
Sergipe	628 486
Baía	586 199
Minas-Gerais	328 240
Santa-Catarina	41 680
Rio-Grande-do-Norte	38 063
Espírito-Santo	36 951
Mato-Grosso	24 583
Ceará	13 195
Maranhão	7 391
Pará	6 251
Piauí	2 620
Goiaz	583

A safra de 1940 para o Estado do Rio-de-Janeiro é estimada pelo Instituto em 2.600.000 sacos ou 156.000.000 **ks.**¹⁷⁵

Finalmente, apresentamos ainda um quadro estatístico que expõe a grandeza econômica de Campos em face dos grandes municípios açucareiros do Brasil.¹⁷⁶

¹⁷² Seção de Estatística do Instituto do Açúcar e do Alcool — "Alcool e álcool-motor". Rio. 1940.

¹⁷³ Seção de Estatística do Instituto do Açúcar e do Alcool — "Açúcar", Rio, 1940.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Seção de Estat. do Inst. do Açúcar e do Alcool, Bol. de junho de 1940.

¹⁷⁶ "Anuário Açucareiro*". 1938. pág. 119.

**RELAÇÃO DOS MUNICÍPIOS MAIORES PRODUTORES DE AÇÚCAR NO
QUINQUÊNIO 1932/33 — 1936/37**

MUNICÍPIO	Estado	Sacos de 60 quilos	Toneladas	% sobre o total do Estado	% sobre o total do Brasil
Campos.....	Rio de Janeiro	6 590 627	395 438	78,4 %	14,3 %
Catende.....	Pernambuco	2 030 991	121 859	11,2 %	4,4 %
Escada.....	»	2 008 410	120 505	11,1 %	4,4 %
Santo-Amaro.....	Baia	1 871 117	112 267	71,3 %	4,1 %
Santa-Luzia-Norte.....	Alagoas	1 455 191	87 311	28,6 %	3,2 %
Cabo.....	Pernambuco	1 391 117	83 467	7,7 %	3,0 %
Piracicaba.....	São Paulo	1 301 426	78 086	17,9 %	2,8 %
São José-de-Laje.....	Alagoas	1 167 699	70 062	22,9 %	2,5 %
São Lourenço-da-Mata.....	Pernambuco	1 139 188	68 351	6,3 %	2,3 %
Atalaia.....	Alagoas	1 068 098	64 086	21,0 %	—
TOTAL r.....		20 023 864	1 201 432		43,5 %
Demais municípios.....		25 988 640	1 559 318		56,5 %
TOTAL DO BRASIL.....		46 012 504	2 760 750		100,0 %

Excetuado o último, nesses quadros em que utilizamos dados oficiais, e no gráfico anexo, onde é compilada a evolução histórica da indústria açucareira, damos sempre o conjunto da produção regional, incluindo, pois na relação as usinas de Quissamã, Carapebús e Conceição de Macabú, do município de Macaé, a de Pureza do de São Fidélis, a de Santa-Maria do de Bom-Jesús-de-Itabapoana e a de São Pedro, recentemente destacada de Campos para Itaperuna com os novos limites municipais.

Tôdas elas próximas, são integralmente unidas ao grupo campista, por terem nascido sob a influência direta da irradiação cultural da planície em municípios desmembrados da primitiva comarca de Campos, cujo centro financeiro ainda hoje dirige a atividade industrial de quase tôdas.

Finalizando o relance de vista sobre a evolução da indústria açucareira nessa velha região dos Goitacás tão duramente conquistada, cumpre-nos advertir de uma grave e nova ameaça que sobre ela divisamos, a exigir medidas combativas urgentes.

A estabilização de preços e da cota de produção resolvem temporariamente a grande crise da lavoura de cana. Temporariamente porque, a nosso ver, não basta a criação do Instituto com amplos poderes de fiscalização. Outro fator agora surge, de perigo incalculável, que requer o cuidado sem demora do nacionalismo do Governo.

Até bem pouco, o capital das usinas de Campos, com exceção de duas, era exclusivamente brasileiro. Recentemente, porém, ou-

tras duas, — as maiores —, foram adquiridas por capital estrangeiro, embora bem acobertado por nacionais. Novas tentativas já têm sido feitas para um domínio mais absoluto da produção açucareira de Campos pela compra de novas usinas por estrangeiros. Em se dando isso, como a tendência do capital é sempre atingir, em *tôda* grande indústria, uma centralização máxima de *atividades*, é de se esperar, infelizmente, que, dentro em pouco, a posse de todo o açúcar de Campos cairá em mãos de estranhos forasteiros, que já usufruem mais de um terço da produção total, em suas fábricas, inteiramente administradas por estrangeiros.

Teremos, então, a maior população de um nosso núcleo rural e o maior município agrícola brasileiro, com *tôda* a sua iniciativa, com todo o seu trabalho e com *tôda* a sua riqueza inteiramente à mercê do capital estrangeiro, não obstante a sua batalhadora formação histórica.

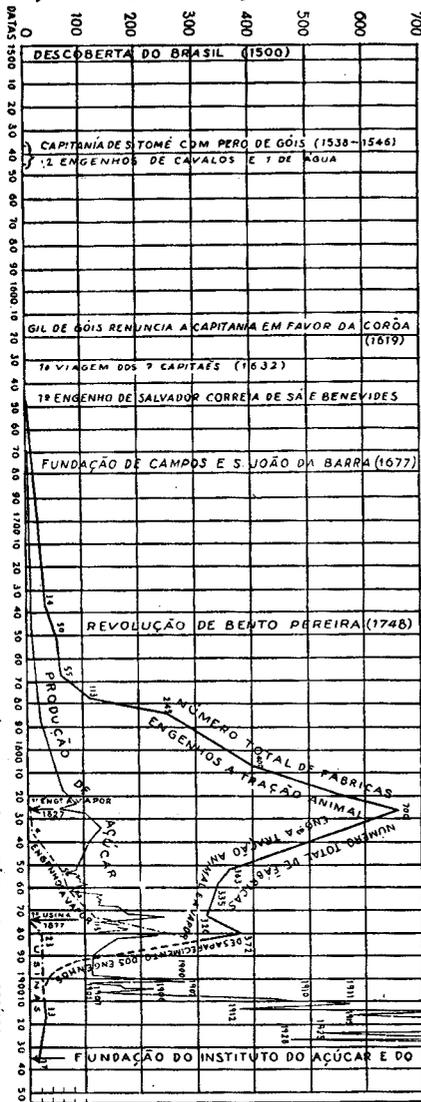
Em boa hora o Governo proibiu a penetração *dêsse* capital na indústria do petróleo. É de esperar que precaução idêntica seja tomada em lei *sôbre* o açúcar. *O* capital vindo de fora que se aplique a novas indústrias, e jamais ao que já foi penosamente *construído* por gerações de brasileiros.

Porque, afinal, a indústria açucareira não é apenas um grande *fator econômico* do Brasil, mas está indelêvelmente enraizada a própria formação nacional. E em Campos sempre foi exclusiva e tradicionalmente brasileira. Custou muito sangue aos nossos antepassados, e não é admissível que, onde a luta para criá-la engoliu seguidas gerações, todo *êsse* resultado gigantesco atingido pelo campista em sua caminhada civilizadora, justamente quando vitoriosa, venha a ser gozado por forasteiros, simples sugadores de todo o seu heróico sacrifício histórico.

O Brasil nasceu com a indústria açucareira. Com ela cresceu, ninado ao canto de suas moendas e de seus carros de bois. Foi ela, mais que tudo, a que lhe deu alento, que o educou e civilizou na fase juvenil e adolescente. Não pode, portanto, ser atirada a mãos profanas de forasteiros, porque seria desprezar a nossa própria História.

A bem do futuro da planície, da incalculável descendência dessa numerosa e forte população, que herdou com o sangue de seus maiores o apêgo ao solo e, por sua vez, dilatou os estupendos resultados de seu trabalho agrícola, Campos espera que o Governo determine o paradeiro dessa absorção dos frutos de uma indústria, tradicionalmente nacionalista, pelo Capitalismo Internacional sem pátria e sem escrúpulos, jungindo a uma escravização definitiva o *esfôrço* trisseccular de brasileiros dos mais dignos.

NÚMERO DE FÁBRICAS DE AÇÚCAR
(Engenhos a tração animal, engenhos a vapor e usinas)



CICLO DA PECUÁRIA

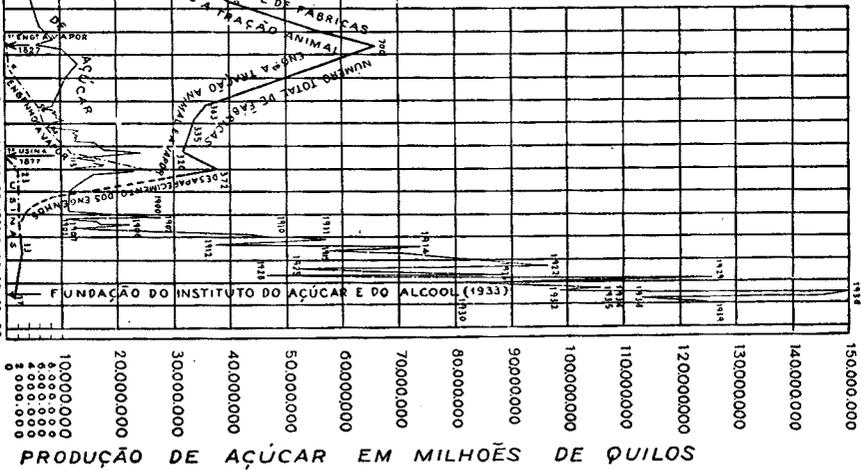
CICLO DO AÇÚCAR

PERÍODO DOS ENGENHOS A TRACÇÃO ANIMAL, PERÍODO DOS ENGENHOS A VAPOR, PERÍODO DAS USINAS

GRAFICO DA HISTÓRIA DO AÇÚCAR EM CAMPOS
ANEXO A "O HOMEM E O BREJO"

ORGANIZADO POR
ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

DADOS DE ALBERTO LAMEGO, COUTO REIS, CARNEIRO DA SILVA, SAINT'HI. LAIRE, MUNIZ DE SOUSA, JULIO FEYDIT, FERNANDES J. MARTINS, TEIXEIRA DE MELO, ELISEU RÉCLUS, RODRIGUES PEIXOTO, ALMEIDA AÇUCAREIRO ETC.



PRODUÇÃO DE AÇÚCAR EM MILHÕES DE QUILOS

5. A CASA E A FAMÍLIA

"A casa, o tipo de habitação, sabe-se que é uma das influências sociais que atuam mais poderosamente sobre o homem... Essa influência, exerceu-a de modo decisivo sobre a família patriarcal, no Brasil, a casa-grande de engenho ou fazenda..." — GILBERTO FREIRE, "Sobrados e Mucambos", pág. 158.

"A cidade contrapôs-se o engenho. Como antigamente o castelo se opunha à vila, o fidalgo ao vilão". — PEDRO CALMON; "Espírito da Sociedade Colonial", Rio, 1935, pág. 38.

Em tôda a planície não há urna pedra. A cordilheira e o Itaoca dão bons granitos e gnaís mas a distância e a carência de transportes não permitem usá-los nos primeiros séculos. Nos tabuleiros há o "recife", — a canga —, em certas partes abundantes. É, porém, fraco substituto, além de rocha fracionada e fora do alcance dos colonos, sendo os melhores afloramentos na margem esquerda do Paraíba.

Mas, em compensação, há barro bom por tôda parte. Admirável barro para teijolos. Tabatingas plásticas, insuperáveis para telhas. Daí a generalização do emprêgo dêsse material na casa.

A argila ubérrima e umedecida, que enriquece o homem com suas pastarias e seus canaviais, também lhe dá a moradia. Também arquitetonicamente, a civilização campista foi argamassada no barro.

Desde o princípio, é êle o primeiro elemento construtivo. Tanto no campo como no povoado, a casa começa com o adobe.

A palmeira e a tábua dão o teto. Tão generalizado é na planície êsse gênero primitivo de construção, que vimos em pleno século XIX a maioria das engenhocas ainda dêsse modo toscamente levantadas. Para o rústico e arrojado particularista assaltante da gleba, é quanto basta. O conforto lhe é indiferente à vida espartânica de pioneiro.

Em 1689, quando foi da visita a Campos do Bispo Alarcão, "todas as construções eram de entulho ou de teijolos crus e cobertas de palhas de pindoba e tabua, sendo raro o sapé que só se dava bem nas terras cansadas".¹⁷⁷

A própria matriz é levantada dêsse jeito, e por muitos anos desmazeladamente assim permanece. Só em 1692 é que o Visconde de ASSECA monta a primeira olaria, a fim de queimar telhas para cobrí-la.

Tão impositivo é, neste ponto, o meio físico por sua riqueza em barro plástico, que, ainda em 1828, MUNIZ DE SOUSA nos diz da vila de Campos que "quase tôdas as casas são de taipa, pela falta de pedra que havia, de sorte que, para se fazerem de pedra e cal as

¹⁷⁷ FEYDT, Júlio: Obr. cit., pág. 63.

poucas que há, vinha **tôda** a pedra do Rio-de-Janeiro e da Província do Espírito-Santo, isto é, da cidade da Vitória".¹⁷⁸

Volvendo o olhar para os idos de seiscentos, notemos mais uma vez a rusticidade coletiva dêsses amotinados fundadores de Campos, com seu extremo individualismo pastoril, com seu desdém pelo **confôrto**, quando no "Ciclo da Pecuária" começava a se moldar no inconsciente popular essa tendência obstinada para um **tôsko** ruralismo, mais tarde ainda imutável na fase das engenhocas.

Para se ter idéia **dêsse** meio social, e do que estava por fazer, basta que se diga o que é a vila de Campos no comêço de setecentos, **quando** o Brasil inteiro vai sendo agitado pela audácia das Bandeiras, e quando por todo o litoral viçam as cidades do açúcar sob o **impulso** do comércio.

Mau grado a população já de milhares, na planície, a vila "*só possuía tres casas de telha e cinco de palha, sendo a cadeia u m tronco com um telheiro por cima, e a igreja uma capela feita pelos Irmãos do Santíssimo*"!¹⁷⁹

"Em 1704, a vila de São **Salvador** ainda não tinha cadeia, e a casa da câmara era **alugada**: os oficiais do senado da câmara determinaram que se fizesse uma e outra coisa, ou ao menos uma casa para guardar o tronco que servia de prisão".¹⁸⁰

Faz-se a cadeia. Uma gaiola, terminada em 1707. "Era ela feita de madeira, **fincada** a um palmo de distância um do outro pau, que servia de grade, só tendo em um dos compartimentos a grade de ferro, que servia de porta". Por cima era **tôda** barrotada para maior segurança.¹⁸¹

Para uma terra continuamente sacudida de tumultos, já é grande a **melhoria**. A matriz, entretanto, fica no telhado. Ainda em 1707 é o vigário quem vai "pedir por mercê aos principais moradores tapassem a igreja que está levantada tomando cada um, ou dois, ou três, como chegar, seu painel que se farão de adobes crus".¹⁸²

Tal é Campos no tempo dos ASSECAS. Uma aldeia de taipa de casaria baixa, onde fervilha um irrequieto povilêu.

Igual, ou talvez, pior é São João-da-Barra, onde só além de meados do século começa a vigorar a ordem, de 1751 "proibindo a coberta de palha das casas do recinto da vila, e que levava anos a fazer persuadir o povo **dêsse** prejudicial costume".¹⁸³

A palha e o adobe na construção da moradia e, até, no edifício público atestam o atraso de Campos em relação as vilas litorâneas dessa época, o que realça mais o salto para os dias de hoje.

¹⁷⁸ MUNIZ DE SOUSA: Obr. cit., pág. 110.

¹⁷⁹ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. I, pág. 381.

¹⁸⁰ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 67.

¹⁸¹ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 145.

¹⁸² FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 68.

¹⁸³ MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 152.

Na zona rural, a não ser o Colégio e o Mosteiro de São Bento, de coletividades religiosas, nada sobrevive desse tempo como testemunho de vivendas particulares. Eis um fenômeno singular, que especifica mais uma vez o espírito da planície.

Em qualquer terra de pioneiro que progride, surge logo a cidade com sua arquitetura, melhorando ano a ano. Em Campos, o progresso econômico é formidável. Cresce com os dias do século. Mas já vimos que, já bem percorrido um quartel do século dezoito, a mesma rusticidade prevalece na construção quer da moradia, quer dos próprios engenhos. É que o açúcar, se traz a fortuna, esta se escoia para a mão dos intermediários, desses finórios traficantes, que já vimos explorando o lavrador.

A indústria é a riqueza da planície. Mas é o comércio que monopoliza os lucros. "O comércio é vantajoso aos negociantes, alguns dos quais são ricos, e quase todos os empregados nêle são portugueses, no que são felicíssimos, apesar de virem para ali na última indigência, principiando, com pequenos abonos, a mascatear missangas, canivetes, carapuças, tesouras, dedais e outras semelhantes bugiangas, e, valendo-se da generosidade dos brasileiros, que lhes franqueiam gratuitamente quanto é preciso para a subsistência, em pouco ajuntam um fundo considerável".¹⁸⁴

A vontade de subir, de melhorar, de enriquecer, projeta centenas de audaciosos para a conquista da terra. Mas, fincando o pé neste barro tão buscado, é como se êle mesmo os atolasse para a vida inteira, algemados a própria incapacidade individualista.

E por ali ficam desesperadamente trabalhando, erguendo a economia da planície, e sempre pobres. Abandoná-la, porém, nunca. Deixar a monocultura, nunca. Destruir êsse apêgo ao solo, nunca.

É que há sempre nesse pequeno lavrador a alma ardente do vaqueiro. A sedimentação do tempo do pastoreio foi por demais profunda. Nada pode apagá-la ainda. Até nos hábitos, nos costumes, tudo indica o vibrante cavaleiro que BENTA PEREIRA acaudilhou.

COUTO REIS, que foi testemunha de seu modo de viver, assim nos diz: "Têm êstes habitadores dos Campos dois usos no vestir: o primeiro é mais antigo, com a simplicidade de se servirem de timões, ou roupões de baeta, em qualquer ocasião, dentro ou fora de suas casas. Com êles vestidos, muito bem suspendidos acima dos joelhos e enrolados no corpo com as pontas encruzadas e voltadas para trás, lhe dão um seguro nó; ficando assim os braços e as pernas desembaraçadas para todos os movimentos que se oferecem; deste modo, montam a cavalo e fazem as maiores viagens, armados de um pau, que trazem seguro no braço direito com um cordel. Eis aqui o estilo generalíssimo de andar no manejo do campo, à

¹⁸⁴ MUNIZ DE SONSÁ: Obr. cit., pág. 129.

imitação do uso do poncho entre os castelhanos chilenos ou dos nossos peões do Rio-Grande".

É o vaqueiro num retrato admirável. Impertinentemente altivo e temperado na rijeza do viver campestre, a psique dessa turba ainda não polida é saturada dos recalques indeléveis que se acumularam apinhados na peleja com os ASSECAS.

"Nada apetezem mais êstes naturais que a liberdade, e estimam tanto, que nem gostam de sujeitá-la a obediência dos mestres, e daqui vem serem pouco inclinados às letras e artes". Não há que se esperar, portanto, primores de cultura nessa gente. Tudo alí se restringe a conquista material da terra. Nenhum letrado, nenhum escritor, nenhum artista. A exceção notável de **AZEREDO COUTINHO**, que nasce nos fins do século deve-se exclusivamente a estranha educação eclesiástica do futuro Bispo de Elvas e de Pernambuco. Em todo o tempo da Colônia e do 1.º Reinado, o que o campista quer é **sòmente** a posse do solo para utilizá-lo.

Daí o alheamento ao resto do mundo, nessa terra isolada. **Daí** o desprendimento pelos vernizes de uma sociabilidade requintada. Daí a incompetência para a fundação de grandes troncos familiares pelo **acúmulo** previdente da fortuna.

Nesse **tôsc**o, refratário ao polimento, o dinheiro, quando chega, dispersa-se logo ao impulso de sua alma explosivamente extremista. Um luxo desmedido e provisório desbarata qualquer economia, visto **que** nenhum senso de equilíbrio regula êsse povo inculto.

"Fazem despesas avultadas, incríveis, para quem os vir envolvidos no primeiro uso, não limitando coisa alguma para ostentação dos faustos, arrojando as mais importantes sêdas, finíssimas, panos e galões, principalmente as mulheres e pessoas mais principais e da primeira estimação; de tal sorte que, nas ocasiões públicas, se apresentam em iguais aparatos aos do Rio-de-Janeiro.

Ainda há poucos anos, não tinham outros vestidos que de algodão e baeta, e os mesmos membros das câmara e dos que serviam os officios públicos não passavam a maiores despesas. Os seus selins eram formados toscos e pobremente arreados: hoje não querem mais que as mais importantes selas ricamente paramentadas; gastando também avultadas quantias em dinheiro nos melhores cavalos, tirados de fora ou de dentro do País, a fim de aumentar a grandeza do tratamento".

Tal prodigalidade e exibicionismo, que irá culminar nos titulares do Segundo Reinado, longe de ser refreada, cresce com a experiência dos anos. Todos os escritores que testemunharam a vida de Campos durante o período das engenhocas são unânimes neste ponto.

O Visconde de **ARARUAMA**, após frisar o espírito sociável do campista, diz: "São inclinados a festas, no que consomem grande parte das suas rendas, são gastadores, e poucos há, naturais do País, que ajuntem riquezas, pela pouca economia que fazem: ao

mesmo tempo que os europeus enriquecem. São poucos os que se inclinam as ciências e, por isso, é pequeno o número daqueles que as cultivam".¹⁸⁵

Também MUNIZ DE SOUSA presencia os mesmos hábitos: "Todos os habitantes de Campos são dotados de um gênio afável, hospitaleiro e liberal, especialmente os honrados lavradores; os indígenas são amantíssimos do seu País natal: amigos de festividades, no que gastam com superfluidade".¹⁸⁶

O que dizem êsses autores é suficiente para que se veja a imprevidência dos partilhadores da planície. Exemplo mais vivo talvez ainda dêsse descuido pelo futuro da família é o que nos mostra a despreocupação pela moradia. Quão longe estamos ainda, nesse período das engenhocas, da poderosa arquitetura maciça dos grandes solares do Segundo Reinado.

Data justamente dessa época a anotação de GILBERTO FREIRE ao ler a obra de NEUWIED: "O Príncipe MAXIMILIANO, viajando em princípios do século XIX pelo interior do Brasil, encontrou nos Campos dos Goitacases fazendeiros ricos, vivendo a mesma vida relaxa que no século XVI. Homens de enviarem para a cidade próxima tropas cheias de produtos, donos de mil e quinhentas cabeças de gado, morando em casebres inferiores aos dos matutos alemães mais pobres. Casas térreas de barro, nem ao menos caídas. Verdadeiros mucambos".¹⁸⁷

GILBERTO FREIRE sugere para tal desleixo a falta da "mulher portuguesa, no sentido da maior dignidade moral e do maior conforto físico da casa, do móvel, da vida doméstica". A nosso ver, porém, a causa é toda do próprio meio geográfico-geológico, permitindo livremente a subida para o engenho dessa multidão de pequenos colonos de baixa educação, que retardam pela extrema subdivisão da terra a formação de fortunas do açúcar, até o período dos engenhos a vapor. Em tal meio social, em torno da vila pequena e ainda inexpressiva, é quase impossível mesmo aos mais afortunados o esquivarem-se da contagiosa negligência circundante.

Vimos, páginas atrás, que, dos tempos da pecuária, nenhum edifício perdurou além dos de duas comunidades religiosas. Podemos acrescentar que, de todo o correr dos fins de setecentos até a ascensão de PEDRO II ao trono, só temos notícia de uma casa de senhor de engenho ainda existente hoje na antiga região dos goitacás: é a residência de Mato de Pipa no morgadio de Quissamã levantada em 1786 por MANUEL CARNEIRO DA SILVA, pai do 1.º Visconde de ARARUAMA.

De um só piso e avarandada, com suas velhas portas arqueadas, seu oratório interno de imagens antiqüíssimas, sua vetusta

¹⁸⁵ CARNEIRO DA SILVA, José: Obr. cit., pág. 61.

¹⁸⁶ MUNIZ DE SOUSA, Antônio: Obr. cit., pág. 113.

¹⁸⁷ FREIRE, Gilberto: "Sobrados e Mucambos". Rio, 1936, pág. 61.

cama de cabiúna com embutidos de pequiá-marfim, a casa de Mato de Pipa, precioso testemunho arquitetônico dessa época e residência de uma das grandes famílias da planície, nada tem que denote luxo e fausto. O que se ali aspira até hoje é o **conforto** hospitaleiro e a **educada** simplicidade.

Nela viveram gerações da nobreza de Quissamã, antes do levantamento de solares magníficos, como os da Machadinha, Mandiquera e Gurirí. A sua estrutura singela e acaçapada indica-nos bem o que teriam sido as outras construções contemporâneas, da classe menos favorecida dessa multidão de pequenos senhores de engenho. Nada surpreende, pois, que tôdas se desmorassem pela antiguidade ou fôessem arrasadas pelos sucessores.

A casa de taipa, muitas vêzes ainda coberta de palha, é a residência dessas centenas de "fazedores de açúcar". Que esperar-se do mobiliário dessa gente desnecessitada de conforto e desconhecadora de qualquer esmêro no viver?

GILBERTO FREIRE, ao comentar a referida citação de NEUWIED, observa, na história social da família brasileira, uma "grande variedade nos contactos de cultura". Essa variedade, — diz êle —, quase sempre, pelo estímulo, raramente pela imposição ou da determinação das condições econômicas, ou de facilidades geográficas. Mas, as vêzes, como no caso de Minas, o fator cultural vencendo a dificuldade geográfica. Outros, como no caso de Goitacases, a segregação social — por motivo ainda a esclarecer: *psicológico*, talvez — criando um gênero de vida que, por imposição do puro elemento econômico, devia ser outro".¹⁸⁸

No que dissemos da formação social dêsse homem da planície parece estar o esclarecimento pedido por GILBERTO.

Até então isolado do mundo pelas comunicações precárias, não conhecera outra vida. Os próprios imigrantes são da mesma classe. E dêste modo é êle sempre o mesmo rústico, o mesmo plebeu que sobe, a mesma alma hereditária do vaqueiro. O tempo do senhor do engenho, do grande sobrado civilizador, ainda não chegou. **Estamos** na época da engenhoca e do casebre de sopo.

Apesar de tudo isso, há em verdade um motivo psicológico firmemente enraizado. Mas não se deve esquecer que êste mesmo fator foi originado, antes de tudo, pelos impositivos geográficos na evolução histórica.

Assim é que, em começos de dezenove, sob o colorido de prestígio transitório que lhe dá o açúcar, ainda há o rebelde sesmeiro dos **ASSECAS**, o levantado seguidor de BENTA PEREIRA.

Sempre o rude assaltador de terras, que, como o romano primitivo, desdenha a cidade tôsca pela vida de seus lotes campesinos. Quase o mesmo que nos princípios de setecentos, ergue o senado de São João-da-Barra, o qual, até meados do século, ainda é coberto

¹⁸⁸ FREIRE, Gilberto: "Sobrados e Mucambos", Rio, 1936. pág. 278

de palha.¹⁸⁹ Do seu inventário, em 1711, consta "em moeda corrente, dous cruzados e, assim, mais um bufete de pau amarelo com seu pano de serafim, 6 tamboretas, meio alqueire, vara e cóvado, uma medida de medir vinho, duas varas usadas de juizes, cinco varas de camaristas tôdas bem pintadas".

Com sua receita de 8\$000 em 1738, e de 17\$000 em 1749, que mais se podia esperar?

Pobreza idêntica revela a casa do Conselho de Campos, em 1707, com seu mobiliário reduzido a dois bancos de espaldar de encôsto, seis tamboretas, além da mesa da câmara com "seus dois panos de serafina, um novo e outro velho."¹⁹⁰

Em meados do século, é ainda em São João-da-Barra que vemos discutida pelo Senado a necessária compra de móveis, "por ser muito conveniente a este Conselho tôda a decência necessária com que se devem tratar os ministros corregedores, quando vierem a esta vila em correição, e por não haver nesta vila pessoas que tenham trastes capazes para estes ministros, por isso que concordavam que o procurador dêste Senado mandasse buscar um catre de jacarandá, por ser pau capaz para tais pessoas, como também mandasse um colchão e dois panos de linho, colcha, traveseiro e, finalmente, dois tamboretas e um banco de estofa, como também uma dúzia de pratos de estanho, meia rasos e meia curvos, e um prato grande para peixe e um tinteiro de chumbo com o seu poedouro".¹⁹¹

A transcrição dêsse documento expõe nuamente os interiores urbanos da planície, onde não há "trastes capazes" para a recepção de autoridades visitantes; e quanto ao mobiliário e serviço de mesa adquiridos para tamanhos hóspedes, — aos quais é tão necessário agradar —, são da maior simplicidade.

Em tal meio, a singela cama de Mato de Pipa e os móveis do Colégio e de São Bento ostentariam pompas palacianas.

Contraste enorme vai, porém, levantar-se, e de repente, com a época dos engenhos a vapor no Segundo Reinado. Só então é que aparece a casa grande, o sobrado, o solar das grandes famílias titulares. Tôdas essas centenas de pequenas engenhocas começando a desaparecer ante a concorrência da máquina, outras tantas centenas de senhores de engenho vão se proletarizar.

As moendas de pau e as taxas e caldeiras de cobre são substituídas pelas de ferro em 1837.¹⁹² As próprias máquinas a vapor começam então a serem construídas em Campos. E o efeito da maior necessidade de capital para montar engenho repercute profundamente na moradia do senhor rural.

¹⁸⁹ MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 75.

¹⁹⁰ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 67.

¹⁹¹ MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 145.

¹⁹² FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 440.

Com a mesma rapidez com que pulularam as engenhocas nos fins do "Ciclo da Pecuária", esvaziavam-se estas para as bagaceiras maiores das novas fábricas. Em Campos tudo ocorre sempre com mudanças bruscas. O gado, logo de início, prolifera aos magotes pela planície. O homem rapidamente se multiplica. As almanjarras se articulam às centenas em alguns decênios, para logo se sumirem perantes novas centenas de engenhos a vapor. E êstes, caem de súbito inutilizados com a edificação das usinas, por sua vez agora ameaçadas por grandes trustes estrangeiros, que se, por desgraça, monopolizarem a indústria açucareira, reduzirão o número das fábricas de Campos a menos de meia dúzia, açambarcando todo o trabalho de uma população numerosíssima.

Voltando, porém, a casa do senhor rural, começa logo esta a se levantar em outros moldes, com a restrição do número de fazendeiros e a sua melhoria financeira individual, pela concentração da indústria em menos mãos.

Assim é que imediatamente com o Segundo Reinado, surgem êsses enormes sobrados campistas, que hoje espantam pela grandiosidade.

Com êle é que se muda bruscamente tôda a vida social da planície. Nasce a verdadeira era patriarcal. Já não se constrói para uma geração apenas de gente rústica. Na imensidade do solar pelo menos filhos e netos caberão.

Quãse dos meados de novecentos é que data a construção dos grandes sobrados rurais de Campos. Em princípios do século XX ainda os há por tôda parte. Cada senhor de engenho erguera o seu, nessa multiplicidade de fazendas médias, geralmente de 50 a 100 alqueires geométricos, onde a assombrosa fertilidade das aluviões permite o acréscimo de fortunas que em outras regiões açucareiras exigiriam grandes latifúndios.

A maioria dos solares desapareceu. Passando a mãos de usineiros, estas grandes minas de tijolos foram demolidas para a construção de senzalas operárias.

Os raros que ainda restam, protegidos pelo "Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", mostram, porém, o que foi essa aparatosa vida do senhor de engenho, com suas idéias de grandeza, seus desejos de predomínio e seus frustrados desvelos por uma descendência nobilitada.

E' o sobrado rural que finalmente modifica tôda a vida da planície. São quase todos desmedidamente vastos. A influência da terra chã que se derrama pelos horizontes parece ter moldado inconscientemente a alma do fazendeiro em busca de poder. Talvez por isso é que os sobrados de Campos se alastram por tão grande espaço.

O barro extraído para tão incalculável massa de tejos deixa por vêzes depressões que, nas águas, se transformam em pequenos lagos. Tal se dá em Airises, que data de um século, de 45 metros de fachada, arquitetura sóbria e equilibrada, único a dominar ainda

imensidões de planuras na margem esquerda do Paraíba. Visconde, com sua grande *fieira* de janelas, pegado ao barracão do velho engenho. Santo-Antônio, um dos mais perfeitos solares do Brasil, obra notável pelo estilo e solidez de algum arquiteto *anônimo*, com seu aspecto, *pátio* e claustro internos, seus magníficos salões de *teto* trabalhado e bellissimo soalho de peroba, com seu quarto nobre todo revestido de jacarahdá. O solar do Braga na Fazenda-Velha, mais leve no acabamento e onde o caráter monumental já cede ao bom *gôsto* apurado dos fins do Império. A casa da Baronesa, no *Muriaé*, que hospedou Pedro II, cuja capela interna é primorosa. Santa-Rosa ainda no mesmo rio, bem conservado tipo de casa grande e engenho num só corpo.

Estamos em plena época dessa "distinção aristocrática" que OLIVEIRA VIANA analisa como um dos traços mais peculiares do grupo fluminense. "É certo que os outros centros, como o *pernambucano* e o *paulista* do segundo e terceiro séculos, também apresentam formas semelhantes de sociabilidade e *gôsto* de *mundanidades*, de refinamentos aristocráticos do viver e podem igualmente exhibir a grandeza e o conforto, o luxo dos interiores e a opulência *arquitetônica* das suas moradas solarengas. O fluminense, porém, pôde, como nenhum outro, dar a esta sociabilidade o apuro, o requinte, que nenhum outro pôde atingir, — e isto pelo fato, muito especial, de ter tido a ventura de estar numa posição geográfica privilegiada para êste fim, para esta receptividade imediata da civilização e dos seus polimentos".¹⁹³

É nesse período que a vida de Campos adquire repentinamente um brilho cultural pelo influxo contagiante da vida solarenga. Os interiores dos sobrados são artisticamente mobiliados com pomposa austeridade. Em alguns mesmo, há suntuosidades dignas de palácios.

O comum, porém, são as grandes cadeiras, e sofás arqueados, as mesas enormes para a família patriarcal, os leitos vastos, às *vêzes* aparatosamente engrandecidos de colunas simples ou em espirais, que sustentam dosséis. Tudo de jacarandá. Somente o precioso cabiúna é digno da soberba do senhor do engenho.

Campos custou atingir os primores da civilização, mas fê-lo de súbito, com a magnificência de seus solares do Segundo Reinado, pesadamente ornamentados de mobílias ricas. São "os bufetes, contadores e arcas de pau-santo; cadeiras de espaldar com costas e fundo de couro lavrado, rodeados de pregões dourados; tamboretos de jacarandá com fundo de couro lavrado, camas de jacarandá com preciosas talhas, com figuras e brasões entalhados, com bilros e dossel; credências e alçados com espelhos em talha dourada; escabelos com gavetas de jacarandá e costas brasonadas; guarda-roupas estilo Império; cantoneiras de portas envidraçadas, estilo francês; *cômodas* de jacarandá com pés de garra; mobília de

¹⁹³ OLIVEIRA VIANA: Prefácio de "A Planície do Solar e da Senzala".

sala de visitas em delicada talha dourada e fundos e costas de sêda carmesim, como a que existia no palácio dos Barões da LAGOA-DOURADA; lindos oratórios com pés torneados ou de garra”.¹⁹⁴

Abunda a prataria maciça em aparelhos de chá, café e mesa, nestas casas nobres. Pendem do teto ricos lustres flamengos com pingentes de cristal. Finíssimos aparelhos de porcelana de Sèvres, da China, da Índia e de Macau, adornados de brasões, enfileiram-se nos guarda-louças espaçosos.

Fazendeiros há, como êsse valentão JOAQUIM JOSÉ NUNES, do Muriaé, que, quando algum viajante em sua casa se hospedava, com tamanha cordialidade era tratado, que, antes de se deitar, "lhe eram pelas mucamas, quase brancas, lavados os pés em bacias de prata".¹⁹⁵

Famosas são as festas dessa nobreza rural. As de casamento duram oito dias com a casa cheia de convidados. As dansas rolam noite inteira. A velha e tradicional "manachica", a "marrequinha", o "barabadás", o "feijão-miúdo" e tantas outras "extravagâncias" populares, nascidas na planície, nunca sobem as escadarias dos solares. Só o que vem da Côrte ou do estrangeiro serve. Assim é que a "Tirana", a "Pureza", o "Rocambole", a "Favorita", as "Delícias da Amizade", a "Guerra Amorosa", a "Perfeita Tranquilidade", entram nos salões. O que impera, porém, desde o minuetto "liso, de corte e afandangado", de 1834, são as pavanais, mazurcas, lanceiros, quadrilhas, shottishes e valsas do fim do século, quando as saias-balão ainda encobriam a "indecência" do vestígio mais leve de um pedaço de pé, não obstante a imensidão dos decotes escancarados.

E' com todo êsse brilho cultural que Campos chega a maioridade. A Província do Rio-de-Janeiro é a viga mestra do Império. E Campos, a viga mestra da Província do Rio-de-Janeiro. Já é o primeiro município agrícola do Brasil. Por sua economia e cultura, é, portanto, a êle mais que a qualquer outra região que se aplicam as palavras com que OLIVEIRA VIANA define o povo fluminense: "O traço característico, o aspecto dominante do nosso grupo, revela-se nas manifestações culturais de sua cultura, naquilo que poderíamos chamar a sua "civilização", no sentido mais espiritual da expressão. Nenhum outro grupo é, sob êste aspecto, mais nitidamente caracterizado, mais ricamente provido; entendendo-se, é claro, civilização como expressão de polimento, de boas maneiras, de bom gosto, de hábitos de conforto, de apuro mundano de viver, de amor do luxo, do faus-

¹⁹⁴ LAMEGO, Alberto: "O Esplendor e a Decadência do Campista". "Monitor Campista", 3 de maio de 1940.

¹⁹⁵ FREYDT, Júlio: Obr. cit., pág. 453.

to, da suntuosidade, da predileção pelas **cousas** do espírito, pelas belas artes, pelas boas letras, pela sociabilidade amável e requintada dos salões".

Tudo isso é verdade no apogeu da cultura de Campos no Segundo Reinado. Apenas devemos adicionar que **tôda** essa civilização só foi possível a par de um espantoso desenvolvimento econômico, e quem **coñoscô** seguiu êste povo através de sua história está apto a entender a extraordinária mutação operada de imprevisto nessa massa de lavradores e vaqueiros renitentemente inculta através de séculos.

Foi a diminuição do grande número de engenhos na entrada da era da máquina que operou repentinamente essa metamorfose, recalcando para o inconsciente do campista os atributos **imorre-douros** do vaqueiro rústico. O novo senhor de engenho, **ambi-eioso** de prestígio, já tenta agaloar-se de algum título. A mulher e as filhas **já** nada têm que ver com a fábrica do açúcar, e muito menos, com a lavoura. Quando muito os filhos, em pequenos, chafurdam ainda na bagaceira, porque, depois de grandes, seguem para o Rio, São Paulo e Pernambuco. E' o tempo das **Si-nhás**, das **Nhanhãs**, das **Senhoras**, das **Sinhâzinhas**, das **Mocinhas**, dos **Nhonhôs**, dos **Sinhôs**, dos **Sinhôzinhos** e de quanto apelido mais houver.

Para a educação das moças, há os professores de piano, de canto e de dança. O senhor de engenho tem capela na fazenda e sobrado na cidade.

Mutação completa sofre a mulher nesse período. No "Ciclo da Pecuária" e na fase das engenhocas, Campos oferecera extraordinária anomalia às normas familiares transportadas com o português para o Brasil. A reclusão da mulher não existira nessa massa em contínua turbulência. Nada de encarceramentos, de recatos acauteladores, de ciumadas doentias e ferozes. A mulher é livre. Tão livre, que os motins em praça pública são por elas encabeçados. E não se trata de classe baixa, de **mulherio** arrua-ceiro. E' a flor da terra. **BENTA PEREIRA**, grande fazendeira, é quem recebe os conspiradores e planeja o levante. Ela e sua filha **MARIANA BARRETO** são quem o chefiam pelas ruas de Campos, à frente do povo amotinado.

Nenhuma reclusão ainda no tempo das engenhocas, quando a mulher do fazendeiro botava cana na moenda, ou mesmo empunhava a enxada. Até na vila de São João-da-Barra, quando em conflitos no tempo da Independência, são elas ainda que ajudam a assaltar as casas de **portuguêses**.¹⁹⁶

Agora, porém, tudo muda. Vieram, afinal, a educação, a necessidade de **confôrto** e o refinamento nos costumes. Mas, com êles, o isolamento da mulher. Já não é pròpriamente uma **clausura**, e sim um afastamento da vulgaridade, da plebe que ficou em baixo.

A mulher campista escapara a tenebrosa reclusão que martirizara e fanara gerações de suas irmãs de sexo em **tôdas** as cidades brasileiras, e que **LUIZ EDMUNDO** tão belamente ilustra no seu *Rio-de-Janeiro* no Tempo dos *Vices-Reis*.¹⁹⁷ E que, tendo passado inculca pela Colônia e Primeiro Reinado, **tôda** esta sociedade de senhores urbanos e rurais só viera brilhantemente a cristalizar-se pelos meados do século XIX, em contacto bem pròximo com a **Côrte** de **PEDRO II**. E na cidade que então sòmente começa a progredir, a fortuna dos fazendeiros de açúcar impõe a necessidade de um convívio social luzido. Mas vive na roça.

Fato expressivo que expõe o pendor ruralista do campista e a febricitante correria para o campo, no tempo **das** engenhocas e engenhos, sem maior necessidade de esclarecimento, é a estatística da população urbana e rural no comêço e quase fins desta primeira fase de expansão da indústria açucareira:

Ano	População urbana	População rural
1752	6.080	12.000
1814	7.000	50.000
1880	9.221	91.880

Êstes dados, extraídos de autores diversos¹⁹⁸ dão-nos por si só eloquente prova da formação rural de Campos. A pequena vila permanece estacionária, enquanto as centenas de engenhos circundantes se multiplicam.

A função social dos engenhos a vapor, estabilizando no campo a riqueza das grandes famílias rurais e refreando a voracidade dos especuladores de pobres donos de engenhocas do período anterior, também concorre para o estacionamento demográfico da cidade. Mas certamente o reflexo da nobreza agrária ilumina a burguesia urbana.

A máquina, chegando em cena, destrói **tôda** a anarquia na produção. Concentra moderadamente o capital, introduzindo com a cultura e a 'educação novos modos de viver, de bem estar e de

¹⁹⁷ EDMUNDO, Luiz: "O Rio-de-Janeiro no Tempo dos Vice-Reis".

¹⁹⁸ A cifra da população urbana de Campos de 1750 é tirada de BALTASAR LISBOA, e a rural de ALBERTO LAMEGO. As de 1814 são do visconde de ARARUAMA, e as de 1880 de TEIXEIRA DE MEM.

conforto, o que beneficia o comércio. A cidade tem as construções melhoradas.

Porém só em fins do século XIX é que em definitivo se acelera o seu desenvolvimento quase paralisado no século anterior. Mas até hoje é ainda o barro das aluviões o material **arquitetônico**. Na vida rural como na urbana, no alimento, na parede e no **teto** o campista continua um filho do Paraíba.

As casas de Campos são, desde êsse tempo, construídas de teijolos, e, embora com excelentes fundações, num subsolo de invejável estabilidade, com seu espesso lençol de areia sob a capa de argila, quase sempre os esteios de madeira de lei relembram o período em que a taipa dominava.

São João-da-Barra, **pôrto** de mar, e mais desvendada a olhos profanos, guarda até hoje como reminiscência dessa época um pormenor encantador em seu baixo **casario** de enormes **tejolões**. É' a rótula, que o ciúme do árabe legou a Península, e por onde a curiosidade feminina espiava a rua, ao abrigo dos olhares indiscretos através de portas e janelas baixas.

Há meia dúzia de anos, inúmeras eram ainda estas portas caprichosamente gradeadas, que hoje vão sendo substituídas por venezianas. Entre os sobrados da cidade, destaca-se a maciça cadeia de pedra e argamassa de óleo de baleia, com 1,20 metros de espessura, de parede no piso térreo, levantada entre esta população pacífica, mais para custodiar campistas turbulentos a espera de embarque para as masmorras da capital.

Recapitulando, vemos que a evolução do povo da planície custa a se pôr em marcha, não obstante enormes progressos no campo industrial e **econômico**. Mas surge o quarto século e Campos se transfigura. Só então a máquina consegue disciplinar a enorme energia dispersa **dêsse** povo agitado. Porém como **tôdas** as repercussões sociais na região, também esta explode repentinamente e se generaliza. Não se dá alí essa lenta evolução **educativa**, que sedimenta aos palmos todo o progresso de outras zonas brasileiras de há muito iniciadas na cultura. Em Campos, tudo se faz aos saltos. **Tôda** a sua história econômico-social simula decalcar a natureza topográfica, na qual, a um relancear de olhos, planície e tabuleiros nivelados nas distâncias, parece aplainarem-se em uma só imensidão, que bruscamente vai morrer aos pés da **cordilheira**. Nada de contrafortes gradativos, que aos recuos vão subindo até aos píncaros.

Tal a natureza, tal o homem. Sai do marasmo rotineiro do trabalho agrícola para os motins. Pula da enxada para o luxo desmedido e recai aos tombos na miséria. Ergue setecentas **enge-**

nhocas na corrida para o açúcar e estas rapidamente se esboroam ante a invasão de centenas de novos engenhos a vapor. Mas êstes ruem por sua vez, em poucos anos dominados por três dezenas de usinas, que já hoje se contam apenas pela metade.

Tal é a psique dessa coletividade expressa em tendências impetuosas e em valores do trabalho. Do individualismo apaixonado e do extremo particularismo, tomba o homem no servilismo dos solares e quase é triturado entre as fauces do Capitalismo.

O fato de ser o maior centro de escravidão do País, talvez o maior foco do abolicionismo, mostra por si só que, sob essa passividade popular na florescência do Segundo Reinado, fervilha como sempre a irrequieta independência da alma do vaqueiro primitivo.

É sempre ela que ainda polariza tôda a atividade criadora da planície. O seu constante desassossêgo pelo recalque trissecular de ambições insatisfeitas, alvoroça-a repetidamente para os gestos bruscos. Enleva-a para os **quixotismos** doutrinários da liberal-democracia, que fazem de Campos na transição perturbadora de quarenta anos de Primeira República um grande centro de politicagem.

São as tendências tão estranhamente paradoxais no espírito de um povo de lavradores, — mas compreendidas através de suas lutas históricas contra o meio geográfico-social —, que explicam a facilidade com que o manejam cabos eleitorais para reajustamentos políticos improvisados.

Daí o fascínio que nêle sempre exerce a oratória de rua, atraindo-o para a exaltação das lutas partidárias. Mas daí também as enormes e imprevistas possibilidades que adormecem no inconsciente coletivo dêsse grupo, quando bem e enêrgicamente orientado, permitindo a sublimação de suas impetuosidades recalcadas para imensos resultados **econômico-sociais**.

É o meio que lhe plasma essa alma. São todos os elementos geofísicos da paisagem, tão simples e unida em seus grandes traços gerais, mas tão complexa e retalhada em sua emaranhada **hidrografia** de pauis, que selecionam os atributos combativos dêsse homem, encaminham e dirigem tôda a sua história, conduzem-no pela atração de uma terra fertilíssima a lutar permanentemente pela sua posse. É por fim a mesma planície que, predestinada a indústria açucareira sempre iniciada no Brasil em grandes latifúndios, contraria as próprias normas sociais de nossa História **Econômica**, e impõe, ativa e acelera, com seus fatores **geológico-geográficos** dispersivos, uma penetração eminentemente **particularista**, onde o fraco se retrai amesquinhado, expulso aos encontros da massa de invasores forte e rude.

6. A CIDADE

"A princípio, com as próprias igrejas e casas de câmaras cobertas de sape, deve ter havido uma certa igualdade de material de habitação nos povoados da costa". — GILBERTO FRÊIRE: "Sobrados e Mucambos", pág. 252.

"Campos ocupa um lugar indicado para o nascimento de uma grande cidade". — ELISEE RECLUS: "Nouvelle Géographie Universelle", Paris, 1894, vol. XIX, pág. 311.

Três são as cidades que a mão do colonizador plantou na velha planície goitacá: Macaé, São João-da-Barra e Campos.

Em precedência cronológica, não se levando em conta a efêmera Vila-da-Rainha de **PÊRO DE GÓIS**, foi na "Paragem do **Mukié**", mais próxima ao Rio-de-Janeiro, que naturalmente o colono primeiro entrou. Desde 1615 que fôra deliberada a sua povoação, afim de impedir a penetração de piratas ingleses que assolavam o litoral em busca de pau de tinta, e que planejavam alí fixar-se com o auxílio de mamelucos.¹⁹⁹ Dessa maneira, nasce Macaé de uma aldeia de índios comandada por um filho do **ARARIBÓIA**, AMADOR DE SOUSA.

Por ali passa o jesuíta **JOÃO DE ALMEIDA** na sua missão aos Campos, e mais tarde, em 1632, os Sete Capitães encontram duas aldeias, uma sem "gente de maior consideração", mamelucos "muitos costeados e agradáveis", que moram em choupanas cobertas de palha, e, mais para o interior, "moradas com alguma consideração", onde já habitava um **DOMINGOS LEAL**, administrador por ordem de Cabo-Frio. Mais tarde, juntam-se alí os Goitacás, sob o domínio dos jesuítas, que nos deixaram a ermida de **Sant'Ana**.

No tempo dos **ASSECAS**, o local cresce de importância por nêle haverem os fidalgos instituído um registro para fiscalização dos habitantes de Campos e cobrança de impostos **sôbre** as boiadas. Macaé abria ou fechava o caminho da planície pela estrada única do litoral.

Geográfica e geològicamente é a pior parte da planície pela escassez de aluviões nas margens do rio empantanado. Na zona costeira, justapondo-se a restinga ao brejo, só para o interior é que a colonização tinha oportunidade de sucesso na zona montuosa **já** mais próxima do oceano. Por isso é que foi sempre reduzido o número de engenhos nas orlas do rio Macaé, não atingindo a uma dezena, quando as centenas se espalhavam êles pelas margens do Paraíba.

Vegetando por 200 anos com sua colônia de pescadores, o comércio de madeiras e sua reduzida navegação, é só com a abertura do canal de Campos que novos horizontes se descortinam à povoação. Os imperativos econômicos da planície exigem que por alí transite todo o açúcar, fugindo ao mau **pôrto** de São João-

¹⁹⁹ CARVALHO. Augusto: Obr. cit., pág. 326.

da-Barra. **É**, porém, somente com a estrada de ferro a Campos que a vila começa a evoluir.

A linda enseada de Imbetiba chegam navios de alto porte. Os sólidos molhes de cantaria, o Grande Hotel Balneário erguido **sobre** a rocha e batido pelas ondas e o edifício em ruínas da Alfândega relembram ainda todo o intenso movimento dessa época. Mas é só.

Embora hoje embelezada de alguns requintes urbanísticos, aliás fáceis de executar em seu magnífico traçado, em **tôda** a cidade, com sua incomparável praia de banhos e esplêndidamente destinada a um futuro grande **pôrto** de mar, raros edifícios testemunham alguma coisa de extintas opulências. Macaé, embora **vivificada** pela nobreza de Quissamã, foi sempre uma vila de passagem. As condições geológicas e hidrográficas da região em **tôrno** não permitem um povoamento intenso a moda de Campos, onde as grandes descargas do Paraíba enxugaram parcialmente os banhados do velho delta.

O pequeno rio Macaé não consegue aterrar o charco, e os **areais** e a montanha não interessam o plantador de canas. **É** afinal sempre a geologia, a função telúrica do meio geográfico influenciando e determinando a cultura e a civilização. Com **tôda** a **fôrça** de seus cafezais dos fins do Império, Macaé não consegue vencer-se a si mesma dominando o brejo, fundamentando por si só os **alicerces** de seu destino claramente previsível: um ótimo **pôrto** de **mar**.

Porque alí, pela primeira vez na planície, as sólidas rochas arqueanas atingem o Atlântico. E esse **determinismo** geológico, ao mesmo tempo que paralisa o movimento das restingas, abre na enseada de Imbetiba, um abrigo seguro à navegação. Mas, para o **bôjo** dos navios, faltou-lhe sempre pela mesma imposição geológica travando o braço do homem **sobre** a terra, a produção agrícola ou industrial em massa, capaz de os alimentar.

Por isso é que São João-da-Barra muito menos favorecida, apresenta-nos ainda **hoje** em plena decadência, vastos sobrados que atestam o esplendor de seus estaleiros.

Cidade pequena e abandonada, gêmea de Campos na fundação imposta em 1677, teve dias de agitação no Império e na colônia com seus navios varando a barra de Atafona.

As imensas restingas que a circundam quase nada produzem. Mas a retaguarda de aluviões campistas onde formiga um povo agitadíssimo impõe a evolução da vila irmã. Seus **areais** descobertos, não são instigadores de levantes para a partilha do solo, como em Campos. Pacífica é sua população, que não tomou parte nos tumultos de setecentos.

Cidade morta. Seus "telhados vastos e acolhedores de beirais salientes, acantoados de biqueiras reviradas, amiúde em forma de aves", suas janelas recurvas, seus gradís rendilhados, suas arandelas nas fachadas para as lanternas das festividades, seus postigos

de que já **falamos**, seus maciços trapiches a beira do cais de alvenaria, tudo isso nos arrasta a extintos dias de grandeza.

O linguajar acentuadamente português num **pôrto** de mar atrai a curiosidade, ao mesmo tempo que reafirma e acentua a exclusiva ascendência lusa do campista fechado na planície interna.

O calmo sanjuanense é um marinheiro em terra. Mais ligado ao rio pela necessidade de transpô-lo em lancha ou em canoa para Gargaú, onde aflui a produção agrícola da parte cultivável do município, **ao norte** das restingas. O tipo louro e dolicocefalo, de olhos comumente claros senão azuis ou verdes, mais disseminado do que em Campos, traduz elos bem cerrados com êsse curioso tipo do *muxuango*, disperso pelas restingas do norte fluminense, que patenteia nítidos caracteres somáticos de povos nórdicos.

A terra madrastra dos **areais** e o navio diferenciam completamente êsse homem pacato e paciente da atividade turbulenta do campista vizinho, sempre às voltas com a terra no contínuo trabalho de seus canaviais.

A zona de tabuleiros ao norte do município oferece boas possibilidades de cultura de cana e inigualáveis condições agrárias para a mandioca. As estradas de rodagem entretanto, evitando a travessia do Paraíba, levam mais e mais **tôda** esta zona a girar em **tôrno** de Campos em detrimento da cidade **praiana**.

Nas três zonas em que se divide a planície primitiva, o crescimento da população que damos num gráfico anexo, basta para evidenciar o determinismo do meio geológico, agindo desde os primórdios **sobre** a mesma gente, filiada ao mesmo tronco e sempre irmanada por contínuos intercâmbios seculares.

O confronto é significativo. A falta do massapê e a água ou a areia excessivas em Macaé e São João-da-Barra levaram a essa chocante disparidade demográfica em regiões anexas dos três maiores municípios fluminenses em extensão territorial. Enquanto as duas cidades litorâneas vegetam, Campos, monopolizadora das aluviões, agiganta-se de ano a ano. Porém lutou muito mais.

Reduzindo à escala municipal a reflexão de CAMILO VALLAUX sobre as "capitais naturais" das nações e as "artificiais", vemos que Campos pertence a primeira categoria. Para o geógrafo e sociólogo francês a esta classe pertenceriam as cidades que "seriam vivas e populosas" em virtude de sua posição como "nós de intercâmbios" industriais, comerciais e agrícolas, mesmo se o Estado não as houvesse transformado em centro de suas **atividades**".²⁰⁰

Ora, Campos é justamente uma destas "cidades naturais". Só podia nascer ali. Nenhum outro local a não ser aquêle, e, não **sò**mente pelas necessidades da lavoura, da indústria e do comércio, mas sobretudo pela coação da geologia regional.

Mais uma vez o determinismo da terra **sobre** o homem. **Não** satisfeito o meio físico de lhe impor ramos de cultura, e pretraçar-

²⁰⁰ VALLAUX, Camille: "Le Sol et l'État", Paris, 1911, pág. 351.

lhe planos de tomada da gleba por uma subdivisão topográfica natural incentivadora do particularismo, indica-lhe o ponto único do entrelaçamento de ideais de onde poderão ser orientadas suas atividades.

Ao descrevermos a geologia da planície, fizemos notar que, na margem sul do Paraíba, na zona de aluviões só existe um lugar alto na inflexão do rio ocupada pela cidade. Só ali é que testemunhos de uma ponta dos tabuleiros do norte afloram **dêste** lado. Só ali, naquele local predestinado, é que, justamente ao centro e ao alto do fértil lençol argiloso, poderia nascer a vila, ao mesmo tempo ao abrigo das enchentes e a beira do caminho líquido para o mar.

Apenas algumas elevações que não atingem 15 metros **sôbre** o nível do Atlântico. O alto centralizado pela catedral, o alto do Liceu e o alto do cemitério. **Êste** último é um primitivo *tibicuera* dos indígenas. Fora dessas pequenas iminências só a ponta da Lapa era inatingível nas grandes cheias.

Com o crescimento, porém, do primeiro núcleo de povoadores, a vila de palhoças desce para as baixadas laterais que as águas devastam periódicamente.

A enchente grande é o maior dos pesadelos do campista. Desde os longes coloniais que o Paraíba intermitentemente agigantado se atira contra a cidade para derrubá-la, buscando os caminhos de água e as lagoas aterradas que deixara outrora entre as elevações dos tabuleiros.

O belo cais ainda não terminado defende hoje as ruas do alude marginal. Porém só com o remate final das obras de saneamento, a cidade ficará protegida contra as águas que lhe vêm por trás.

Guardadas estão algumas datas fúnebres dos tremendos dilúvios despejados contra o esforço encarniçado **dêsse** homem da planície: 1728, 1769, 1775, 1833, 1841, 1855, 1859, 1882, 1886, 1895, 1906, 1917 e **1923!**

Esses números, por si sós, acusam a perene luta do campista contra as águas, realçando o valor da conquista da planície. Registram êles um sem número de lavouras destruídas, de boiadas mortas, de engenhos demolidos nas fazendas que naufragam, e também historiam a submersão periódica da cidade numa pavorosa reincidência de calamidades.

Basta lembrar a enchente grande de 1923, ainda bem perto. A de 1906, que planta nas péssimas condições higiênicas da vazante a medonha epidemia de peste **bubônica**. A de 1855, que devasta com o terror do cólera-morbo. A de 1833, que, na pequena vila de 6 mil almas, arrasa ou arruína nada menos de 198 prédios!

Ê com tamanhos óbices da agressiva natureza, intercadentes com as lutas políticas, que Campos se desenvolve.

O vilarejo de setecentos chega aos meados do século com 6.000 habitantes. **Tôda** a planície de criadores de gado continha apenas o **dôbro** desta cifra, o que é explicável pela desnecessidade de grande população rural no "Ciclo da Pecuária".

Em capítulo anterior, já vimos o que então se passa desde a entrada no "Ciclo do Açúcar", e por **tôda** a época das engenhocas até a instalação dos engenhos a vapor. A corrida para o campo é tão intensa, que a vila de Campos não aumenta permanecendo quase estacionária durante 130 anos, ao fim dos quais já **tôda** a população rural da planície é 10 vezes maior que a urbana. Entretanto, as construções melhoram, sem, contudo, revelarem ainda a solidez que as capacitem de abrigarem gerações.

Ao tratarmos da casa do campista em setecentos, observamos o passo lento em que evoluiu a habitação na planície de tão rudes vaqueiros e camponeses.

Com o seu desprezo pela vida urbana, a vila neste ponto marcha na retaguarda das fazendas que a circundam. As suas palhoças de taipa custam a usar a telha por coberta, e o mais importante de seus prédios de **tôda** a casaria setecentista, demolido em fins do século dezenove, o inestético sobrado da casa da câmara e cadeia basta para um seguro conhecimento do que foram as modestas construções daquela época.

Só as igrejas revelam **caráter** monumental. Deixando de parte a **velhíssima** capela do Saco, levantada pelos **capuchinhos** em 1682, e desfigurada por inovações recentes, o Seminário da Lapa acabado em 1752 e pinturescamente erguido à margem de uma curva do rio, dá-nos, com seu aspecto maciço uma visão bem clara da mentalidade colonial, essencialmente prática e desprovida de requintes artísticos. Elemento decorativo da paisagem urbana e fluvial campista, tudo nêle afirma a simples mentalidade **dêsse** tempo, alheia a devaneios fantasistas e plantando às margens do Paraíba uma rústica civilização.

A igreja de São Francisco, ereta em 1771 pelo mesmo arquiteto italiano, frei **VITÓRIO DE CAMBIASCA**, que, anos depois levantaria a mais notável cúpola do Brasil colonial no majestoso templo de São Fidelis, embora de simples interior, já tem motivos ornamentais em sua fachada de estilo barroco, onde o cajú e o abacaxí destacam o **brasileirismo** incipiente. O templo de Nossa Senhora Mãe dos Homens, unido à Santa Casa, sòmente oferece como elemento denunciador de preocupações estéticas o frontão encimado por enorme coroa metálica.

No aspeto monumental externo transparece o cuidado exclusivo dessa rude população de setecentos, alheia a pendores imaginativos pela dura imposição da luta pela terra crua.

De **tôdas** as igrejas de Campos do século XVIII, a **única** realmente notável em seu interior é a do Carmo, que traz numa **cartela** em cima do portal a data de 1797. Quer na capela-mor, onde se destacam ricos lavrados, sobretudo nas pilastras com relevos a ouro, quer nos altares laterais, nas tribunas e no **côro** de obra de

talha rendilhada, a igreja do Carmo é rica de ornamentos. Suas pias de água benta são duas válvulas de um molusco enorme, tendo de abertura 82 centímetros. Sua bela fachada em barroco apresenta cabeças de índios como elementos decorativos.

Tôda a sua ornamentação interna nos parece, entretanto, haver sido objeto de profunda reforma no período áureo dos engenhos a vapor nos fins do Segundo Reinado.²⁰¹

Em suma, a própria arte religiosa na vila de Campos, durante a Colônia, parece refletir o mesmo desinteresse coletivo já notado quanto ao embelezamento e conforto das moradias dessa época.

Em torno dessas pesadas massas arquitetônicas, mantinha-se quase estável o número de pequenas e térreas habitações da estacionária população, nas quais a palha da cobertura já era substituída pela telha.

Campos só começa a melhorar quando é elevada a cidade, em 1835.

Em 1873, a freguesia de São Salvador conta 3.166 casas térreas e 316 sobrados, 15 templos, 2 hospitais, asilo de órfãos, teatro, gasômetro, 2 bancos, caixa econômica, 5 hotéis, 4 trapiches, 3 jornais diários, 15 estabelecimentos públicos e particulares de instrução, uma biblioteca, 4 fundições de máquinas para a lavoura, 6 cemitérios, uma serraria a vapor, dois curtumes e uma oficina fotográfica. A ponte metálica sobre o Paraíba já fôra construída.²⁰²

Em 1880, em sua população de 19.400 almas, há 11.490 pessoas livres e 7.910 escravos.

TEIXEIRA DE MELO dá-nos ainda, entre outras, a seguinte estatística:

Dos livres dedicam-se:

As ciências, artes e ofícios	2.585
Ao comércio	880
A lavoura	868
São jornaleiros	429
De serviço doméstico	3.743
Não têm profissão determinada	2.895
	<hr/>
	11.400

²⁰¹ No "Almanaque de Campos de 1881", de João ALVARENGA, lê-se à pág. 76 o seguinte anúncio:

"Officina de Entalhador
de
Nicolao Cerbaz
Rua do Ouvidor n.º 27-G

O proprietário dêste estabelecimento encarrega-se de qualquer obra de esculptura, entalhe e ornamento, tanto para igrejas como para casas particulares.

Offerece como garantias dos seus serviços a restauração das igrejas do Carmo e Têrço e todo o serviço de entalho, douramento e pintura da igreja da Misericórdia.

Encarrega-se de trabalhos de autores classicos e faz com perfeição mobilia de todos os feitios. dispondo para esse fim de peritos officaes."

²⁰² TEIXEIRA DE MELO: Obr. cit., págs. 101-104.

Da população escrava, 4.739 empregam-se na lavoura; 591 no serviço doméstico; 509 são artesãos, e 2.074 não têm profissão especial".

Entre os habitantes livres:

Sabem ler	4.860
Analfabetos	6.630

Não se julgue, porém, que *tôda* aquela gente morava na cidade mesma. Estes dados incluem a paróquia de São Salvador, e é ainda **TEIXEIRA DE MELO** quem nos diz: *Da população paroquial, residem na cidade* 9.221, a saber:

Livres	8.000
Escravos	1.221

Isto, quando o total de habitantes do município já de 91.880 é por demais expressivo. Apenas um décimo da população habita a cidade em plena época do senhor de engenho. Em 150 anos, o crescimento urbano é de pouco mais de 3.000 almas, enquanto na zona agrícola a população é 15 vezes maior da dos meados do século precedente.

Nada mais necessário para se avaliar o vigor dessa tendência inata e ancestral do campista: o radicado apêgo a terra. Nem os engenhos a vapor, que abatem o particularismo do camponês, conseguem desviá-lo para os atrativos da vida urbana. Ainda existem possibilidades ao domínio individual da *pequena propriedade*. O apêlo irresistível do campo continua a impedir que a cidade cresça não obstante algumas reformas terem vindo cedo.

Em 1848, a nova iluminação a "gás hidrogênio líquido", que "dava consumo a cal de pedra do Muriaé e à aguardente do município, auxiliando assim a lavoura e a indústria local",²⁰³ substituía os *lampeões* de azeite, que até 1853 prevaleceriam na capital do Império.

Em 1872, é instalada a iluminação a gás, e em 24 de junho de 1883, com a presença do Imperador, Campos é a primeira cidade da América do Sul que inaugura a luz elétrica.

Ao mesmo tempo, *tôda* essa gente que vimos iletrada se põe a ler. É incrível o número de jornais que se imprimem. Desde o *Correio Constitucional*, de 1831, ao *Monitor Campista*, de 1834 — o terceiro em antiguidade dos jornais brasileiros —, já vários tinham vindo à luz. Os jornais políticos, humorísticos e comerciais pululam.

²⁰³ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 398.

Grande é já então a gula dessa gente aguçada na luta, pelos órgãos combativos e sarcásticos. Os nomes de algumas folhas, das que se publicaram até a República, bastam para denunciar o pendor satírico, desabrochado de repente no campista saído daquela massa bruta de cozinheiros de açúcar da época precedente. O recalque contra a restrição material na luta pela terra dir-se-ia sublimado agora em cáusticas ofensivas literárias.

Dêste modo é que surgem entre outros *O Popular* em 1834, *O Descobridor do Mel de Pau*, *O Tanajura*, *O Judas*, *A Abelha*, *O Corisco*, *A Palmatória*, *A Tempestade*, *O Energúmeno*, todos em 1836. *O Correio Comercial*, *O Cruzeiro*, *A Ordem*, *A Alvorada Campista*, *A Regeneração*, *A Verdade*, *O Pais*, *O Futuro*, *O Conciliador* e outros mais, refletem o espírito conservador das classes dominantes. Em 1876, ano em que aparece *A República*, *O Independente* é empastelado, sendo os tipos e as peças mais importantes do prelo atiradas no Paraíba.

O espírito picante de mordacidade, porém, revive com *O Pernilongo*, *A Tesoura*, *O Corsário*, *A Matraca*, *A Bôca do Mundo*, *O Linguarudo*. A transição romântica do século aparece com *O Cisne*, *O Beija-Flor*, *O Florilégio da Mocidade*, *O Zuavo*, *O Pirlampo*, *O Luzeiro*. As campanhas da Abolição e da República aproveitaram-se largamente dessa imprensa livre e audaciosa, com *O Rebate*, *A Gazeta do Povo*, *O Operário*, *A Revolução*, *A Vox do Povo*, onde escrevia **JOÃO BARRETO** e sobretudo êsse grande arauto da Abolição que foi *O Vinte e Cinco de Março*, onde **CARLOS DE LACERDA** agitou tremendamente o seu estandarte libertário.

Com todo êsse alvoroço intelectual, a cidade peca, entretanto, em necessidades mais urgentes. As condições sanitárias deixam a desejar. O homem parece esquecido do meio em que vive, onde a atenção permanente pela saúde é assunto inadiável.

Campos, construída sôbre alguns outeiros baixos, estendeu a maioria de suas casas pelas baixadas vizinhas. Há brejos e lagoas dentro da cidade, alguns só há poucos anos aterrados. As condições geológicas impõem soluções urgentes que retardam.

O maior higienista brasileiro, o engenheiro campista SATURNINO DE BRITO, assim diz: "O sub-solo de grande parte da cidade representa uma conquista aos brejos por meio de aterros com lixo e entulho".²⁰⁴

Os problemas de enxaguamento, esgôto e drenagem requerem atenção cuidadosíssima, mormente após a lavagem das enchentes grandes. Isto feito, Campos tem poderosos auxiliares naturais à salubridade de sua população em luta contra a ambiência. "A intensa iluminação solar sem sombras de montanhas e as correntes de nordeste, sem anteparos e desvios, — eis os dois preciosísimos elementos hígidos desta cidade, que tantos conta de natureza mórbida".²⁰⁵

²⁰⁴ RODRIGUES DE BRITO, F. Saturnino: "Saneamento de Campos", Campos, 1903, pág. 85.

²⁰⁵ RODRIGUES DE BRITO, F. Saturnino: Obr. cit., págs. 101-102.

A crescente população urbana que se nota pelos fins do dezanove e princípios do século vinte, alastra-se por uma cidade ainda desprotegida. E, assim, as grandes epidemias talam devastadamente.

Já falámos do cólera-morbo, que aterrorizava em 1855 e que volta em 1567. Também da peste bubônica, quando as águas da grande enchente de 1906 escorrem das ruas de Campos e a deixam no rasto, ceifando, com inaudita virulência, a já densa população. Houve ainda a febre amarela em 1850.

Mas, sem embargo de tudo isso, o desenvolvimento da cidade se acelera. Obra indireta da usina, do grande estabelecimento industrial do capitalismo invadindo a planície, aniquilando o senhor de engenho e descosendo *tôda* essa trama firme de fazendas enèrgicamente organizadas no período anterior.

- Tamanha é a influência da indústria em grande escala, destroçando a iniciativa agrária dos senhores rurais, que a relação de 1 para 10, notada em 1880 entre a população urbana e rural, sobe a 1 para 2,92 quando a cidade de Campos tem 26.951 almas e a zona rural 78.583, sendo o total de 105.534 no ano de 1892.²⁰⁶

A mesma terra e a mesma gente. Nenhuma imigração sensível. Os mesmos atributos grupais hereditariamente transmitidos. Bastou porém a introdução de novos métodos de trabalho na mesma cultura para a eclosão de enormes repercussões sociais.

É natural que alguma influência tenha surgido da Abolição, com a vinda do negro para a cidade. Tal fato não pode, todavia, ser invocado como causa imperativa do crescimento inesperado da população urbana, visto que a grande maioria de libertos refluí de novo para o campo, em busca de trabalho.²⁰⁷

O que nos parece fatores determinantes de tal fenômeno são, de um lado, a grande indústria açucareira, provocando pelo monopólio capitalista da produção açucareira a baixa do produto e o desinteresse pelas fazendas, e do outro as estradas de ferro. Campos transformada em centro ferroviário tem ativada a sua circulação. O comércio, engrossado, o intercâmbio material e mental com o Rio-de-Janeiro avigorado, novos modos de viver, subtraem ao campo seus elementos dirigentes patriarcais. O norte do município tem, afinal, seu futuro aberto com a construção da ponte de estrada de ferro sôbre o Paraíba.

E conquanto a população rural aumente sempre, seu ritmo de crescimento é superado agora pelo da urbana.

Segundo o recenseamento de 1920 a cidade conta 45.430 habitantes para 128.672 da zona rural e um total no município de 173.102. Quer dizer que a relação entre a gente urbana e a rural

²⁰⁶ Recenseamento de 1892, do "Relatório apresentado ao Vice-presidente do Estado pelo Secretário dos Negócios do Interior e Justiça", Rio, 1893.

²⁰⁷ O decréscimo da população rural deve também em parte ser levado à conta do desmembramento da comarca, para a criação de novos municípios.

já sobe a 1 para **2,83**. Na primeira fase das usinas, a população de Campos duplicou, enquanto a da zona rural é somente 1,6 maior.

Conforme dados obtidos pelo cálculo, a população em 1933 é de 64.614 para a área urbana, e 255.423 para a zona rural, dando um total, para o município, de 325.037 habitantes.²⁰⁸

A serem exatas, tais cifras traduzem uma relação de 1 para **3,95**, mostrando desta vez nova tendência para maior crescimento relativo da população rural, que é **1,98** superior a de 1920, enquanto a urbana cresceu **1,42** no mesmo período.

Aguardamos o atual recenseamento a ser iniciado, para uma prova definitiva de tais resultados. É possível que o confronto com os dados reais de 1940 não os confirme. Devemos, entretanto, salientar que, não obstante a expansão da grande propriedade pelas companhias açucareiras, é bem visível nestes últimos anos um crescente **interêsse** pelo campo, devido sobretudo ao grande **melhoramento** nas vias de comunicações com as novas estradas impostas pelo desenvolvimento automobilístico.

De qualquer maneira, é somente desde a ascendência das usinas e o seu predomínio **sobre** os engenhos, que Campos se torna verdadeiramente cidade. O comando de **tôda** a sua vida cultural passa dos solares rurais para os escritórios urbanos.

Mais um fato que distingue a civilização campista da **pernambucana**, onde o inverso justamente é que se dá com a atual redução das velhas cidades do açúcar, tão concisamente exposta por GILENO DE CARLI.

"Realmente, onde existe a usina, processou-se uma rápida decadência da capital municipal. Goiana, Igarassú, Cabo, **Ipojuca**, Rio-Formoso, Serinhaém, Agua-Preta, Gameleira e Quipapá são cidades que tiveram grande progresso e centralizaram agitada vida social. Em volta dessas cidades se espalhavam centenas de engenhos, onde viviam os senhores de engenhos com suas famílias e agregados. As dificuldades de transporte com o Recife fortaleciam os interesses dos proprietários em **tôrno** da vida social, **econômica** e política do município. As mesmas dificuldades de comunicações forçavam a existência de verdadeiros entrepostos comerciais **nas** cidades do interior, onde os engenhos se abasteciam. Havia, pois, uma série de fatores que determinavam o movimento e a riqueza da cidade. Com o advento das usinas, há a coincidência da construção das estradas de ferro e rodovias. As distâncias tenderam a desaparecer.

A usina raramente é fundada junto a cidade. Em antigos engenhos, perto do traçado ferroviário e as margens de rios perenes, surgem as fábricas de açúcar.

O usineiro é o homem que tem de manobrar o crédito na Capital. Crédito bancário ou com o comissário de açúcar que vive no

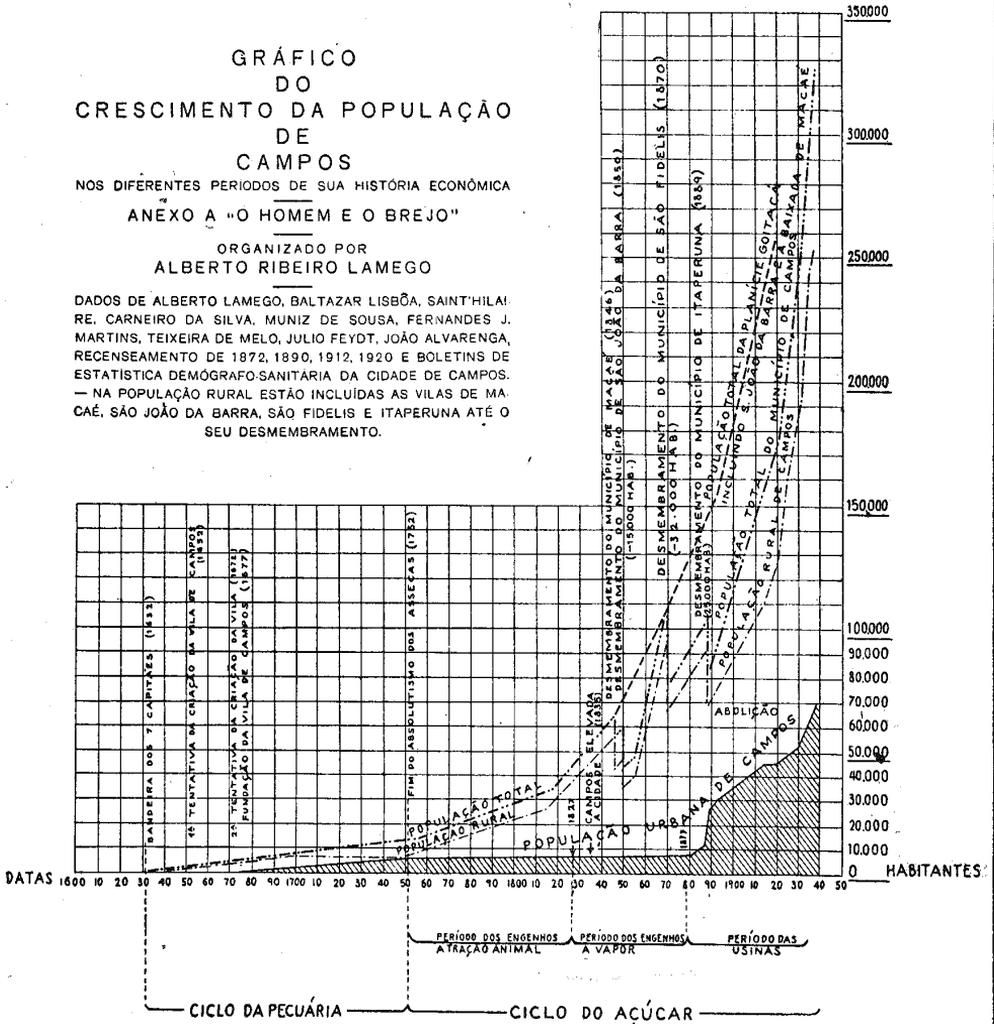
²⁰⁸ "Boletim Mensal de Estatística Demogiafo-Sanitária da Cidade de Campos", janeiro de 1939.

GRÁFICO DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO DE CAMPOS

NOS DIFERENTES PERÍODOS DE SUA HISTÓRIA ECONÔMICA
ANEXO A "O HOMEM E O BREJO"

ORGANIZADO POR
ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

DADOS DE ALBERTO LAMEGO, BALTAZAR LISBÔA, SAINT'HILAIRE, CARNEIRO DA SILVA, MUNIZ DE SOUSA, FERNANDES J. MARTINS, TEIXEIRA DE MELO, JULIO FEYDT, JOÃO ALVARENGA, RECENSEAMENTO DE 1872, 1890, 1912, 1920 E BOLETINS DE ESTATÍSTICA DEMÓGRAFO-SANITÁRIA DA CIDADE DE CAMPOS. — NA POPULAÇÃO RURAL ESTÃO INCLUIDAS AS VILAS DE MACAÉ, SÃO JOÃO DA BARRA, SÃO FIDELIS E ITAPERUNA ATÉ O SEU DESMEMBRAMENTO.



Recife. O açúcar é também diretamente remetido para a Capital. O usineiro instala o barracão, a casa comercial para a venda de gêneros de alimentação aos trabalhadores. Muitas vezes, o barracão vende louça, fazendas e chapéus. Além de armazém de secos e molhados, é armarinho e casa de fazendas de chita e sêda. O barracão central vende para os barracões dos engenhos, tornando-se redistribuidor, substituindo o comerciante da cidade do interior. Veio, portanto, a falência dêste e seu desaparecimento. Tôdas as outras atividades do município se foram assim extinguindo. O senhor de engenho, que tanto movimentava a cidade, emigrou para a Capital, quando a usina começou a adquirir as suas terras. Morreu assim a vida social. Ou, melhor, houve uma descentralização. A usina, com sua vila operária, com a sua atividade espalhada pelos engenhos, fêz criar um outro centro de movimentação econômica e social. A usina substituiu a cidade. Certa a tese de que a cidade é um ser vivo, essas cidades açucareiras de Pernambuco nasceram, viveram e estão — muitas delas — quase a morte. Esse declínio era inevitável, seja por um "determinismo", seja por uma "predestinação".²⁰⁹

Um "determinismo", dizemos nós. O meio geográfico disseminou a cultura da cana ao longo dos "pequenos rios", tão elogiados por GILBERTO FREIRE. Não houve como em Campos uma única centralização das indústrias de uma só planície à margem de um grande rio. Aquí é em tôrno de um só núcleo urbano que engenhocas, engenhos e usinas até hoje se espalharam. Desta maneira, Campos, também apenas cidade municipal, exerce no meio açucareiro fluminense a função de Recife para o de Pernambuco. A função de capital. E assim é que, as grandes usinas, embora muito próximas, vindo até mesmo levantar-se junto ao perímetro urbano, como no caso do Queimado, não têm energia para absorver e descentralizar o crescente poder urbano. Ao contrário, o comércio a varejo é beneficiado, porque é em geral na cidade que compra o roceiro, e também o comércio por atacado, fornecedor de gêneros para as usinas, exceto algumas estrangeiras, que, mais uma vez nocivas, não gastam em Campos um níquel para os seus fornecimentos.

Embora seja contínua a propensão de fuga das fortunas do açúcar para a esplendente vida carioca, alguma coisa fica na cidade. O problema do calçamento vai sendo aos poucos atacado, e novos prédios embelezam as zonas de residência. Entre os novos edifícios, destaca-se o Fôro, talvez o mais belo do Brasil. O grande problema da energia elétrica, obstáculo máximo ao desdobramento das indústrias urbanas campistas, acha-se em vias de solução com a reprêsa já iniciada, obra de grande vulto do interventor AMARAL PEIXOTO, onde o rio Macabú é despejado no São Pedro através de quase cinco quilômetros de túnel.

²⁰⁹ DÊ CARLI, Gileno: "Aspectos Açucareiros de Pernambuco", Rio, 1940, págs. 6-7.

Falta-lhe apenas um pôrto de mar. Com êle, será grandioso o futuro desta cidade, centralizando o mais forte grupo de municípios agrícolas brasileiros, nêles incluindo, além dos fluminenses, os maiores do Espírito-Santo e de Minas-Gerais, os quais, já satélites de Campos pela irradiação ferroviária, buscarão na costa norte do Estado do Rio o escoadouro natural de sua imensa produção.

Ao contrário de quase tôdas as outras cidades da Baixada Fluminense, que tiveram brilho no Segundo Reinado e hoje adormecem decadentes, Campos se firmou. Entre tôdas, a mesma luta contra o brejo foi tremenda. Porém sòmente as condições geológicas da Planície Goitacá permitiram a cristalização de uma cultura sólida e de uma esplêndida civilização, nessa faixa litorânea fluminense. As predestinadas pequenas colinas tão bem escolhidas para o povoado, deram aos antigos fundadores e a seus descendentes a base firme, a cavaleiro das grandes águas, para o futuro crescimento da vila de São Salvador.

Campos não foi uma *cidade nômade*, como tantas outras. Venceu desde o início, porque foi plantada no lugar propício, enquanto em outras zonas da Baixada o homem fracassava em idênticas tentativas. Porque em tôda a região costeira fluminense, já anteriormente à entrada na planície, a luta contra o pantanal se iniciara desde os primórdios com furor idêntico. E é dêsse apalpar de lamaçais, dêsses repetidos ensaios de acomodação ao meio que nascem as vilas nômades.

"Ao entrar de setecentos, é Ipuca impaludada que foge para as brisas salutareas da Barra-de-São-João. Guapimirim, que se transfere dos paludes de Cernambitiba para o Outeiro dos Iguanixamas. Suruí, que vem de Góia para o rio de seu nome. Magé, que do pôrto da Piedade, sobe ao ponto atual, meia légua acima. Itinga, — aldeia indígena fundada por MARTIM DE SA em 1615 —, que se muda para Tinguá e se reafirma em Itaguaí. São Gonçalo, que sai da fazenda de Guaxindiba e Rio-Bonito da de Dona Bernarda. Araruama, que nasce no sítio Paratí. Saquarema, que, levada da capela de Nazaré, acampa no Boqueirão do Engenho e se assenta, afinal, a beira-mar. Quissamã, que nasce no Furado, em 1694, passa por Capivarí, a margem da lagoa Feia, e se consolida, enfim, no local de hoje.

Mesmo nas escarpas do extremo sul, as cidades e vilas nômades vagam de ponto em ponto. Assim é Paratí, abaixo do nível do mar, sujeita a inundações, que se transplanta em 1676. Paratimirim, que se muda da primitiva Mamanguá. Angra-dos-Reis, reconstruída em novo lugar após uma tempestade destruidora. Mangaratiba, que da praia de São Braz vai para o Saco-de-Ingaíba".²¹⁰

Com Campos, nada dêsse vagar em busca de alicerces. Uma vez firmada em suas colinas, embora a população acotovelada se

²¹⁰ LAMEGO FILHO: Obr. cit., pág. 170.

esparrame nas baixadas em redor, ninguém pensa em fugir à fúria do Paraíba, buscando os tabuleiros do norte ou a cordilheira a leste. É ali mesmo que o campista fica. Tão arraigado à sua vila como o camponês a sua terra. O apêgo individual ao quinhão de terra é sempre o mesmo. Por isso é que a marcha civilizadora em Campos avança sem retrocesso, em cadência com o andar dos séculos.

A fim de melhor acusar o predomínio centralizador de Campos sobre toda esta formidável área agrícola regional, pelo determinismo geograficamente natural do meio, basta referir a circunstância de, já em 1885, quando a zona da mata mineira vinha de ser aberta, o Marquês de PARANÁ, Presidente do Conselho de Ministros, leva ao conhecimento da Câmara dos Deputados "a grandiosa aspiração dos campistas de elevar a comarca de Campos a categoria de Província, anexando-lhe alguns municípios próximos da Província de Minas-Gerais e o de Itapemirim, na do Espírito Santo".²¹¹ Entre os mais arrebatados pela idéia, encontram-se os capichabas, que enviam longa representação ao Governo.

A Província de Campos-dos-Goitacases não é, porém, criada. A tremenda epidemia de cólera-inorbo daquele ano, levando a desgraça a quase todos os lares, arrefece o entusiasmo entre os campistas.²¹²

A qualquer que nos tenha acompanhado através da história econômico-social da planície, anotando a expansão desse grupo étnico com todos os seus atributos de espantosa atividade e de extraordinária pertinácia, e que, em luta permanente contra as condições geográficas do meio isolante e mórbido, conseguiu com sua própria gente e com suas próprias energias construir uma civilização excepcional na comunidade brasileira, é claramente previsível o futuro desta cidade.

Com seu talento genial para as repercussões sociais num dado meio, RECLUS já o havia previsto. Nascida obrigatoriamente num centro geográfico, mas premida de empecilhos nosográficos, exigindo para o seu domínio uma invulgar associação de caracteres raciais, Campos começa agora a estirar as suas ruas sobre a topografia aberta da vasta planície circundante.

Dê-lhe o Governo um impulso decisivo, com ajuda financeira que visem aos seus problemas essenciais de saneamento e circulação; dê-lhe o auxílio técnico orientador de seu trabalho pertinaz; dê-lhe reformas legislativas que impossibilitem o aniquilamento da

²¹¹ LAMEGO, Alberto: "A Província de Campos dos Goitacases", "Monitor Campista". 6 de janeiro de 1940.

²¹² Diz ainda ALBERTO LAMEGO: "O que não seria agora a terra goitacá, se naquele tempo fosse criada a Província de Campos dos Goitacases? Hoje, com o surto de progresso em todos os ramos de lavoura, comércio e indústria, com uma população de cerca de 300.000 habitantes, com os impostos federais, estaduais e municipais recolhidos às repartições com patentes que montam a mais de 20 mil contos, certamente seria um dos mais ricos Estados da Federação. É possível que um dia, com a Política do Estado Novo, que pensa em fazer a divisão equitativa e harmoniosa de todas as terras do Brasil, ainda seja criado o Estado dos Campos dos Goitacases".

pasmosa e inata iniciativa dêsse povo, já prognosticável ante a visão ameaçadora de grandes trustes estrangeiros. Dê-lhe sòmente isso em recompensa de suas lutas seculares com tão opulentos resultados para a nossa cultura e economia. E qualquer observador de fenômenos histórico-sociais poderá sem êrro de visão, descortinar o rápido erguimento na planície de uma das maiores cidades da América.

7. TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

“...por uma parte os **cercou** a Natureza de arvoredos espessos, rios medonhos e **alagadiços** incomparáveis... ”

...por outra das espantosas serranias da Corda que já acima pintei... — Pe. SIMÃO DE VASCONCELOS: "Vida do Pe. João de Almeida", Lisboa, 1658, pág. 144.

De todos os problemas impostos ao homem pelo determinismo geológico da planície, é êste um dos de mais difícil solução.

Ao estudarmos a geologia regional, vimos que a fecunda zona de aluviões do Paraíba está cercada de empecilhos. Entre ela e o mar há dezenas de quilômetros de deserto das restingas. E em tôda a costa rasa, alinhada em grandes praias retilíneas, nenhuma brecha nos dá um pôrto bom. Entre Macaé e o Paraíba e entre êste o Itabapoana, nenhum rio tem saída livre para o Atlântico.

O pôrto natural de Campos com a oscilante barra do Paraíba, é raso demais e por demais incerto para a grande navegação permanente. Para o norte o colono primitivo encontra um matagal fechado e intransponível, infestado de Purís e de Aimorés, o qual por centenas de quilômetros avança até Vitória. A oeste, é a Serra do Mar espessamente acobertada de florestas, e ainda o Aimoré. Além de São Fidelis, a navegação do Paraíba é interrompida de itaipavas. E, finalmente, ao sul, a lagoa Feia, com os imensos pantanais de suas margens, só lhe restando como saída o caminho pela costa sôbre areias e pântanos contínuos até a Guanabara.

O campista não tem saída. A natureza deu-lhe uma terra privilegiada, mas bloqueou-o solitariamente. E assim é que não basta essa tremenda luta humana para conquistar a gleba, que vimos ao seguir a sua história. Além do esforço contra o meio seletivo e da pugna heróica contra o donatário, resta ainda a grande tarefa de ligar a terra ao Mundo. De nada vale todo o brilho cultural sem o escoamento para os produtos e sem o intercâmbio com a civilização. É esta a prova final que se antepõe e desafia o ânimo do povoador. E êste põe-se logo a resolvê-la.

Logo nos primórdios, a estrada única é pela costa. Por ela vieram os Sete Capitães a pé, e por muito tempo foi o caminho das boiadas para o Rio. Partindo da vila, seguia a estrada para sueste

até o Furado, e daí marginava sempre o litoral até Macaé, de onde continuava por Cabo-Frio até a Praia Grande.

É compreensível pois que, logo de comêço apareça o cavalo como elemento indispensável ao transporte na planície. Daí a rápida eclosão dessa atrevida raça de campeiros, que tanto contribuiriam para agitações futuras.

Em toda a vida de Campos, até bem pouco, o cavalo está indissolúvelmente ligado ao homem. É o animal por excelência para as rápidas ligações na terra plana. "A cavalo fazem as maiores viagens", diz **COUTo REIS**, e foram "de cavalos" os primeiros engenhos de **PÊRO DE Góis**. A frente de seus cavalarianos é que **BENTA PEREIRA** destroça a cavalaria dos vice-reis.

O cavalo é que permite ao senhor de engenho e a seus administradores a fiscalização das lavouras de cana e, sobretudo, no Segundo Reinado a boa cocheira de animais de trato é parte obrigatória de cada fazenda que se preza. A cavalo é que se vai à cidade, a visitas aos solares vizinhos, a festas e a enterros na roça.

O apuro e orgulho dos campistas em suas montarias já foi mostrado, escrito por **COUTo REIS** ao descrever os arreamentos ricos de seu tempo. Campos foi sempre terra de notáveis cavaleiros e de cavalhadas famosas, impecáveis no traje e no rigor dos lances, como essa do Colégio em 1730, de que até hoje ainda se fala. Grande cavaleiro, entre outros, foi êsse **BARCELOS COUTINHO**, de **Quissamã**, que vai ao Rio especialmente comissionado para dirigir cavalhadas oficiais.

Como meio de locomoção, foi o cavalo que adaptou o homem à planície. "Os cavalos melhores, diz o Visconde de **ARARUAMA**, chegam a um grande preço no País; principalmente aquêles que são andadores, pela inclinação que os habitantes têm a êste gênero de andar".

Além do cavalo, o burro é também utilizado nas almanjarras e condução de cargas. Mas, para a tração, o boi é irrealizável. A influência do boi na civilização campista é tão grande, que a não podemos compreender sem êle.

Toda a evolução da indústria açucareira até hoje é inseparavelmente ligada ao carro de bois. O grande carro de eixo rolante e de rodas de 1.80 m. de diâmetro, a fim de poder varar os atoleiros. O seu canto, que por trezentos anos se espalhou em contínuo crescendo pelos ares da planície, só agora começa a emudecer com os carros de eixo fixo. Mas é sempre o boi a grande força motriz da, cana para as usinas.

Todo o açúcar de Campos, e daí toda a sua economia, todo o seu progresso e toda a sua cultura viajaram sobre a mesa do carro de bois. Com êle, e só por êle é que se deu toda a gigantesca expansão industrial de Campos.

As florestas campistas são ricas de madeiras para a sua construção. A sucupira, para o meão, as caimbras, as chedas e os malhais; o óleo vermelho, para o eixo, as relhas, as cavilhas e os

cocões; o ipê e o roxinho, para o cabeçalho; a copaíba para as tábuas do fôrro; o jenipapo e a muxila, para o chumaço; madeira abundante, e apenas a escolher, há nas matas de Campos para tôdas as partes dêsse veículo forte e pesadão, de formas invariáveis desde os tempos mais remotos, apenas por vêzes substituído por carroções de eixo fixo em restritos misteres das fazendas. Alguns dêsses carroções tinham cobertura de madeira, para uso de famílias em viagens.

Quem percorre hoje o norte fluminense, desde a planície a zona montanhosa, nota a gradual diminuição do diâmetro das rodas do carro de bois, a medida que vai subindo, até atingir minúsculas dimensões nas zonas de Itaperuna e Pádua, de estradas tortuosas e íngremes, a exigirem, para maior segurança e facilidade no manejo, o abaixamento do centro de gravidade.

Aberta e desenvolvida a planície, enfrenta, porém, o campista o grande problema de sua ligação com o exterior. Várias vêzes foi por nós frisado o isolamento da região para com o resto do Mundo, resultante do âeterminismo geológico. Só agora, porém, é que vai êste fato aparecer com tôda a sua fôrça retardatária. E o homem ou vence, integrando a planície na civilização, ou vê perdidos todos os seus esforços e todo o fruto de sua iniciativa.

Dissemos que no tempo da pecuária as boiadas seguiam pela estrada litorânea. Mas começando de se avolumar os produtos da lavoura e fabricação, já não é possível usar-se tal caminho. E, não obstante a má saída para o mar, é só esta ainda que pode conduzir à libertação do meio encarcerador.

“O comércio dos Goitacases, nos primeiros tempos da sua povoação, cifrava-se na exportação de carne salgada, couros, queijos e algodão em caroço”,²¹³ e, embora poucos, tais produtos começam a sair por via marítima.

Mas a foz do Paraíba, como assinalamos, não é francamente navegável. A barra, além de móvel, “seu fundo nunca excedeu a 13 palmos na preamar das marés extraordinárias, pois que geralmente nunca avança a mais de 6 a 7 pés de água”.²¹⁴

A crermos nesse autor, essa embocadura era mesmo quase inacessível à primitiva navegação. Conquanto nos pareça um tanto exagerado o seu informe, damo-lo para mostra das dificuldades que enfrenta o povoador em seu intercâmbio com o exterior. “No meado do 17.º século, no tempo do descobrimento, tinha esta barra apenas um friso de goberas, que o povo ia desentupindo em épocas de enchentes; porque a exportação primitiva era levada à Barra-Sêca, e pela valeta à barra do Assuzinho, em Iguassu, onde, em pequenos barcos, a tomavam de canoas que estacionavam por dentro da dita barra, nos alagados chamados Brejos de Dentro, e con-

²¹³ MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 17.

²¹⁴ MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 6.

duziam para fora o carregamento aos barcos que por êle esperavam 3 a 4 dias".²¹⁵

Exportar a produção de Campos de maneira tão penosa e por tal volta de caminho, só mesmo pela necessidade absoluta de um escoadouro e com uma incrível tenacidade. Admitida ou não o emprêgo desta saída, parece, entretanto, incontestável que o rio Iguassú tinha antigamente muito maior volume de água e correnteza que atualmente.²¹⁶

Ao sul do cabo São Tomé, existe a barra do Furado, intermitentemente aberta, e chave do projeto Saturnino de Brito para o dessecamento da região. Mas também esta "não admite gênero algum de embarcação, por ser estreita e a costa direita de areia solta e sem abrigo".²¹⁷

Daí ser ainda a foz do Paraíba com todos seus defeitos o meio de saída, sem recursos de outra escolha. E desta maneira é que São João-da-Barra se desenvolve como satélite indispensável à vida comercial de Campos. É por alí também que a planície recebe as idéias novas que lhe chegam do Rio e da Baía.

Entretanto, ainda em princípios de setecentos, a navegação é precaríssima. "Só uma lanchazinha cada ano, que apenas carregava dois móios de farinha".²¹⁸

Terra de vaqueiros ainda, quando o gado às manadas seguia para o Rio pela estrada costeira. Mas já em 1730, com o aumento dos engenhos, "passam de 20 embarcações, lanchas grandes, **sumacas** e uma fragata, que continuamente vem ao Rio-de-Janeiro carregar os frutos da terra".²¹⁹

Em sua inquietação de produzir, o homem não espera que lhe venham buscar as sobras. Constrói os próprios navios com as madeiras da terra. Assim é que em São João-da-Barra nascem os estaleiros, de onde, em 1740, desce o primeiro barco, e que incentivam a navegação com suas lanchas "Orelha de Mula" e suas **sumaquinhas** "Cu de Galinha", de 40 a 50 toneladas.²²⁰

BALTASAR LISBOA também refere que, desde 1753, quando começa o "Ciclo do Açúcar", o campista exporta o "que lhe sobrava para a Baía e Rio-de-Janeiro, em embarcações suas próprias: milho, feijão, porcos, queijos, aves, além de açúcar, que por si só se elevou em 1792 a quatro mil caixas, e muita madeira de construção, especialmente tabuado da **tapinhoã**".²²¹

Grande incremento têm os estaleiros de São João-da-Barra durante êste século e quase todo o seguinte. No tempo dos engenhos a vapor, todo o açúcar de Campos, que em 1870 já atinge cêrca de

²¹⁶ ALBERTO LAMEGO: Obr. cit., vol. I, págs. 435-440.

²¹⁵ Idem: Obr. cit., pág. 6, nota.

²¹⁷ CARNEIRO DA SILVA, José: Obr. cit., pág. 13.

²¹⁸ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, nota à pág. 54.

²¹⁹ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. II, nota à pág. 54.

²²⁰ MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 157.

²²¹ TEIXEIRA DE MELO: Obr. cit., pág. 77.

20.000 toneladas, confia exclusivamente nesse **pôrto** para a sua exportação. Não é, porém, só o **açúcar** e Campos que necessitam **dêsse** escoadouro. Para êle também **já** se encaminha a produção de outros municípios. E sob a pressão crescente do comércio, a pequena vila na difícil entrada do Paraíba sobe de importância.

Em 1868 cinco estaleiros constroem vasos de alto porte, incluindo brigues e galeras de 10.000 arrobas.²²² Famosas são as suas madeiras, e de nomeada o risco de seus mestres armadores. Encomendas de navios chegam até do **Rio-Grande-do-Sul**. Daí vão sair mais tarde as primeiras barcas da Cantareira.

Tamanha já se torna a atividade produtora do norte fluminense nessa época, que São **João-da-Barra** com todos os seus obstáculos a navegação é um dos portos de grande movimentação no litoral. Além dos dois municípios da planície, Cantagalo e São Fidelis lhe mandam quase todo o seu café. "Em 50 navios *construídos quase todos no País*", exportam-se anualmente 1.900.000 arrobas de diferentes gêneros".²²³

Para o transporte de mercadorias entre Campos e o pôrto de mar, torna-se necessária uma intensa navegação no Paraíba. Já no Primeiro Império, MUNIZ DE SOUSA noticia a frequência de barcas que transportam até mil arrobas de açúcar e as canoas "de que se coalha o rio". Ainda hoje é grande o tráfego de "pranchas", essas longas embarcações de velas latinas que chegam a mais de dois metros de largura. Gargaú, São João-da-Barra, Cacimbas, São Fidelis e o Muriaé delas se servem para o transporte de lenhas, cereais, farinha, café, açúcar e demais gêneros para Campos. Em 1852 o primeiro vapor de rodas desce até São João-da-Barra. Mais tarde essa navegação se estenderia a São Fidelis e pelo Muriaé até Cardoso **Moreira**.

A produção de Campos, entretanto, continua em acelerado crescimento e a estrangulada foz do rio já não tem capacidade para escoá-la. Há necessidade de grandes navios. Mas êstes só poderão ancorar com segurança muito ao sul, na bela enseada de Imbetiba. Projeta-se então o canal Macaé-Campos, também visando o "dessecamento dos pantanais, que seriam utilizados para a cultura e o saneamento da região que atravessa".²²⁴

A sua inauguração em 1872 começa a atrair a produção que por êle desce em feiras de pranchas e até em vapores. Mas de pouca serventia será o canal que, atravessando restingas e alagadiços, é logo obstruído de periperís, tiriricas e tabúas, ou assoreado de areias. Os seus 109 quilômetros vão ser de pronto inutilizados com a estrada de ferro.

Era de se esperar que nesse imenso banhadal da planície a abertura de canais fôsse um dos principais objetivos dessa gente

²²² MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 15.

²²³ MARTINS, Fernandes José: Obr. cit., pág. 15.

²²⁴ TEIXEIRA DE MELO: Obr. cit.

laboriosa. Realmente o foi, porém com mui fracos resultados. O canal da Onça na lagoa do mesmo nome, utilizado para o transporte de madeira, desapareceu. O do Nogueira, ao norte do Paraíba e pouco abaixo de Campos, ligando o rio a lagoa do Campelo está quase todo sêco. O de Jagoaroaba, sangradouro da lagoa Feia, entupiu-se. Sòmente o de Cacimbas tem servido parcialmente à população do norte sanjuanense.

O fracasso de tôdas essas vias artificiais deve-se, antes de tudo, a inexistência de um estudo de conjunto de tôda essa complexíssima hidrografia da planície, sòmente agora cientificamente estudada pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento. Assim, qualquer canal isoladamente escavado sem obedecer a um plano geral de exaustamento, tendo em vista a circulação natural de tôda a rêde, tende logo a se inutilizar.

Devido a isso é que tôda a região de lagoas, singularmente predestinada ao desenvolvimento das vias líquidas, só pôde fugir ao isolamento pela estrada de ferro.

Como quase todo o impulso progressista na planície, nasce ela da iniciativa particular. A primeira, de Campos a São Gonçalo, inaugurada em 1873, entra numa grande zona de engenhos de açúcar. A segunda, de Campos a Macaé, é dada ao tráfego pelo Imperador em 1875, e logo açambarca tôda a exportação de Campos para o pôrto de Imbetiba.

A um grupo de campistas também se deve a Estrada de Ferro Carangola, principiada naquele mesmo ano. Estrada de penetração, cortada em mata virgem, em 1877 chega a Travessão, no ano seguinte a Murundú, e, daí ruma para o vale do Muriaé, onde, em 1788, se inaugura a estação de Cachoeiro, com a presença dos Imperadores.

Este ano, abre novas perspectivas ao norte fluminense. É o futuro de Itaperuna que se esboça com a linha férrea marginando o Muriaé, o qual, dêste ponto para cima, não é mais navegável. Rasgando a floresta virgem, por onde vagam ainda tribos de Purís, a iniciativa de Campos possibilita a rápida cultura do município de maior número de pés de café em todo o Mundo, e isto, ao contrário do que sucede em São Paulo, *com a pequena propriedade e uma invasão de colonos essencialmente brasileira*.

O velho amor a terra, do campista, parece transplantar-se para Itaperuna, onde, muito embora o contingente mineiro seja grande, a pequena fazenda mostra logo esta tendência a partilhar e aposar-se do terreno: *o vivo particularismo do homem da planície*.

Embora desde os princípios do século tenha o campista começado a invadir as florestas do norte em busca de madeiras de lei, nessas "bandeiras do jacarandá" que foram o sonho dourado dos exploradores, como nos tempos coloniais o foram "as minas de ouro e prata", ²²⁵ sòmente agora, duzentos anos após a sua vinda, é que

²²⁵ LAMEGO FILHO, Alherto: Obr. cit., pág. 134.

êsse homem dos pantanais levanta os olhos de sua planície que o fascinara e invade o matagal dos tabuleiros e das serras, onde as cargas pesadas de cafezais abrem caminho a imensa onda alastrante dos canaviais em marcha para o norte.

Há um rápido acréscimo na produção reativada pelo surto das primeiras usinas. Novas necessidades de transportes logo aparecem. Macaé, sendo ligada a Niterói por via férrea, verá seu porto logo morto. A navegação de São João-da-Barra continua, porém, debilitada. Mingua aos poucos em concorrência com a Leopoldina, que, encampando as estradas de ferro, já é senhora de todo o transporte regional. As tarifas ferroviárias baixam, até que o porto da foz do Paraíba seja aniquilado, e então a companhia inglesa começa a levantar absurdamente, até hoje, fretes e passagens.

Entretantes, enquanto a ligação com o exterior melhora, acompanhando o ritmo da produção, o problema da viação interna permanece estacionário quase até a época atual. Difícil é a conservação de estradas nessa terra de atoleiros, onde as enchentes carregam pontes interrompendo ligações. Fora das aluviões é a areia fôfa das restingas. Ademais, para o carro de bois e para o cavalo, qualquer caminho serve. O tiburí, a aranha e outros carros de cavalos que surgem nas fazendas pelos fins de novecentos e princípios deste século, são apenas utilizados nas viagens à cidade.

É só com o automóvel que as estradas melhoram, e isto mesmo de há meia dúzia de anos para cá. Porque nesse barro pegajoso e transformado em lamaçal com as chuvaradas, manter um leito de estrada é efetuar grandes gastos. Assim mesmo, porém, com seu sistema rodoviário insuficiente, Campos irradia linhas de Ônibus para todos os cantos da planície do mesmo modo que se fez um notável centro ferroviário. A iniciada rodovia de primeira classe para Niterói atualmente em construção é uma das grandes obras que por si só exaltam um governo. Na data em que escrevemos, há no município 444 quilômetros de estradas de automóvel, sendo 332 conservadas pela Prefeitura e 112 a cargo do Estado. O emprêgo atual de máquinas modernas para construção e conservação das rodovias assegura a Campos grandes melhoramentos em seus meios de transporte.

Em grande parte do município de São João-da-Barra, coberta de restingas, são as estradas difíceis de se fazerem. O barro tem de ser de longe transportado para cobrir a faixa de areias. Não obstante essa dificuldade enorme, já existem ali 67,5 quilômetros de vias automobilísticas, das quais 65 abertas pelo atual prefeito moço, Dr. AFONSO CELSO RIBEIRO DE CASTRO, designado para o cargo pelo Interventor AMARAL PEIXOTO, e cujo nome como administrador promete crescer.

Os trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina só no município medem mais de 300 quilômetros, e de mais de 400 quilômetros são as linhas agrícolas das usinas. São, pois, 700 quilômetros de caminhos de ferro na região açucareira!

Com todo seu desenvolvimento gigantesco, continua Campos, entretanto, a debater-se contra a falta de comunicações com o exterior. Conquistando a terra, lavrando-a e a industrializando culminou entre tôdas as regiões agrárias do Brasil. Mas, até hoje, ainda não pôde libertar-se definitivamente. Todo o seu intercâmbio comercial se acha a mercê de uma companhia estrangeira, que lhe entrava o progresso continuo. E para quebrar afinal as cadelas que, não obstante seu espantoso crescimento, vem desde os primórdios impedindo expansão ainda maior, só existe uma solução: um pôrto de mar.

Tudo justifica essa construção. Não é só Campos mas também com êle o maior núcleo de municípios rurais brasileiros, incluindo Itaperuna, Pádua, Miracema, Carangola, Manhuassú e o sul do Espírito-Santo, cuja produção totalizada por êle se escoaria. Todos êles dependentes do pesado frete ferroviário para o Rio-de-Janeiro ou para Vitória, apenas aguardam uma saída franca para o mar, a fim de tresdobrarem sua economia.

Qualquer gasto que se faça para êste fim será, desde logo, amplamente compensado com as várias centenas de milhares de contos da produção atual dessa formidável centralização agrícola, abrangendo zonas de três Estados e focalizada em Campos por suas condições geográficas e suas ligações naturais.

Um pôrto de mar para Campos é uma necessidade orgânica do Estado do Rio-de-Janeiro. Que o façam na foz do Paraíba ou mais ao norte, na calma enseada de Manguinhos, pouco importa, a questão é fazê-lo.

Porque, como já dissemos uma vez, "os fluminenses do norte, que criaram a maior fonte de rendas estaduais, formam hoje um dos grandes núcleos, no sul do Brasil, talvez o único, que, sem, a imigração sistematizada, e lutando contra a indiferença dos poderes, desfila na vanguarda brasileira. É uma exceção etnográfica, para a investigação dos sociólogos.

Êsse povo admirável, ansioso de oportunidades, não pode permanecer num trancamento de iniciativas, pela via férrea umbilical e asfíxiante. A construção do pôrto do Paraíba do Sul, é o problema fundamental anexo ao saneamento da Baixada, e necessário a vida do Estado. Dêle dimanará tôda a expansão das laboriosas regiões do Norte, abrindo possibilidades aos mais fecundos municípios rurais brasileiros".²²⁶

O Império fêz o que era possível em sua época, a fim de auxiliar a produção do fluminense do norte, estimulando-o. A politicagem da 1.^a República abandonou-o a braços com o forasteiro cobrador de juros.

O Estado Novo tem poderes para o libertar.

Eis o que pede o povo da planície como recompensa de trezentos anos de labor ininterrupto, fazendo tanto pela economia e pela

²²⁶ LAMEGO FILHO, Alberto: Obr. cit., pág. 116.

civilização do Brasil. Nada mais justo do que amparar-lhe o Brasil as ambições, o que, aliás, é prever em si mesmo, incalculavelmente multiplicados, os já grandiosos resultados atingidos.

8. O SANEAMENTO

"Com efeito, eles — os romanos — não tiveram outro recurso para viver **senão** efetuar o **dessecamento** dos brejais e de os pôr em cultura". — EDMOND DEMOLINS: "Comment la route crée de type social", vol. I, pág. 442.

"Há no Brasil três problemas fundamentais, dentro dos quais está triangulado o seu progresso: sanear, educar, povoar. O homem é produto do "habitat". Disciplinar a natureza é aperfeiçoar a vida social. Drenar os pântanos, **canalizar** as águas para as zonas áridas, transformando-as em celeiros fecundos, e conquistar a terra. Combater as verminosas, as endemias, as condições precárias de **higiene** e criar o **cidadão** capaz e consciente". — **GETÚLIO VARGAS**: "Manifesto de junho de 1934".

Salienta GILBERTO **FREIRE** a importância dos pequenos rios na civilização nordestina do açúcar.²²⁷

São êles, com seu equilíbrio volumétrico e sem intermitências de alagamentos diluvianos, que permitem a fixação dos colonizados, tornando possível a "sedentariedade rural".

Os grandes cursos de água, "por excelência os rios do bandeirante e do missionário", são os dispersadores do pioneiro heróico, levando-o com a mobilidade de suas massas formidáveis para as entradas defloradoras de ínvias plagas sertanejas.

No Nordeste, os grandes rios "só em parte, e nunca completamente, se prestaram as funções civilizadoras de comunicações regulares e dinamização útil".

"Um rio grande daqueles, quando transbordava em tempo de chuva, era para inundar tudo, cobrindo canaviais e matando gado e, até, gente. Destruindo. Devastando. Lavoura e pecuária eram quase impossíveis às suas margens, porque, tanto tinha de fácil o estabelecimento, quanto de fatal a destruição pelas enchentes, pelas cheias que ou dizimavam as manadas ou lhes corrompiam o pasto, e, em vez de beneficiarem as plantações, destruíam-nas completamente ou em grande parte".²²⁸

Nisto sobretudo é que a civilização açucareira do Norte difere da campista. A base física é diversa. Toda a formação deste grande núcleo meridional se deu exatamente sobre a planície baixa e marginal a um grande rio.

Não basta a luta pertinaz que vimos, do homem contra o homem pela posse dessa gleba a fecundar. Ao mesmo tempo, há

²²⁷ **FREIRE, Gilberto**: "Casa Grande e Senzala", Rio, 1934, págs. 36-37.

²²⁸ **FREIRE, Gilberto**: Obr. cit., pág. 36.

a luta contra o rio. Contra suas tremendas inundações devastadoras. Contra seus brejos, suas lagoas, seus banhados, tremedais e alagadiços disseminados por *tôda* parte, roubando terras de lavoura, obstruindo comunicações, fermentando epidemias explosivas.

Dai precisamente, dessa dupla combatividade do campista contra a natureza e contra os monopolizadores da terra é que lhe veio a construção econômica formidável, com o *apêgo ao solo*, tenazmente cultivado e defendido em peleja hereditária.

Nada dos pequenos rios, que mais uma vez GILBERTO elogia em novo livro, destacando "a importância que tiveram na formação rural do Brasil".²²⁹ O que temos em Campos é uma vasta planície de aluviões alagadiças. Um rio largo, o qual, a não ser na travessia da cidade, onde corta a rocha dos tabuleiros, tem centenas de metros de largura, indo em certos lugares a mais de quilômetro. Rio somente para comércio de pranchas e canoas, onde a navegação de vapores não vingou ainda pela falta de calado. Rio sem porto livre na embocadura, e do qual se tenta fugir para Macaé por 109 quilômetros de um canal aberto a pulso de escravo.

Não existe em Campos esse "complexo do rio" tão desenvolvido entre "a gente mais ilustre do Nordeste".²³⁰ Exclusão feita da cidade, por *tôda* a Colônia e Império até a água de beber é de cacimbas. Segundo os cronistas, os próprios Goitacás só usavam águas de poços.

O Paraíba é sem dúvida útil, com seu transporte de pequenas embarcações. Longe, porém, daquela importância essencial dos pequenos rios nordestinos que o autor iguala a do carro de bois na ligação a indústria açucareira. O rio é, antes de tudo, um inimigo que se espreita, em expectativa de suas periódicas devastações.

É a matriz do pântano que se combate. Mas por isso mesmo é êle a magna causa da formação étnica, econômica, social e psíquica do campista. Com o meio telúrico por êle criado é que "os campistas instalados nas terras de aluvião da caudal paraibana se tornaram empreendedores, ousados e inteligentes, resolvendo os problemas sociais, políticos e econômicos, graças a seus imensos recursos manejados e valorizados por populações que, na luta das competições e das adversidades, aprenderam a combater *sòzinhos*".²³¹

É a pugna incessante contra os sobejos do rio, de par com a luta política, que talha êsse temperamento férreo e imutável no trabalho, na calamidade ou na fartura intermitentemente palpitantes como o Paraíba. "Na quadra dos preços altos, sempre se apresentaram opulentos, generosos e magnificantes; na época dos infortúnios e da depreciação do açúcar se tornaram resignados e confiantes no dia de amanhã".²³²

²²⁹ FREIRE, Gilberto: "Nordeste", Rio, 1937, pág. 45.

²³⁰ FREIRE, Gilberto: "Nordeste". pág. 49.

²³¹ SILVESTRE, Honório: "Aspecto Antropogeográfico do Rio Paraíba do Sul". "Jornal do Comércio", 23 de setembro de 1934.

²³² *Idem*.

Se o Paraíba fecunda o canavial, também reenche a lagoa, afunda o brejal, ensopa o alagadiço. E contra o alagamento é preciso lutar sòzinho.

Em todo o "Ciclo da Pecuária" e em quase todo o período das engenhocas, nenhum auxílio oficial. Desta maneira é que a luta contra o pântano se torna um grande agente diferenciador dos atributos do campista, o qual, não obstante o assíduo ataque patogênico de permanentes endemias palustres mormente arruinadoras da gente rural, legou-nos até hoje a sadia combatividade eugênica de sua prole camponesa.

Na Colônia, o Estado nada faz para ajudá-lo. O **Governo** da Metrópole não pode olhar a longes terras, apenas de sabida existência pela minguada arrecadação e pelas notícias de uma gente alevantada e peculiarmente rude.

É só com a vinda do Regente que, mais de perto, é conhecida a planície de lagoas, tão fértil e tão próxima do mar. **DOM JOÃO VI**, que tantas reformas entre nós inicia, é o primeiro a cuidar dela. Breve atenção de efeitos passageiros, porém assim mesmo de valia, sobretudo porque a planície é beneficiada justamente, quando mais intensa é a disseminação dos levantadores de engenhocas.

A **10** de maio de **1808** é criado o cargo de "Intendente Geral de Polícia da **Côrte** e do Estado do Brasil", e para êle nomeado **PAULO FERNANDES VIANA**, futuro sogro de **CAXIAS**.

A êsse homem quase deslembado cabem funções vastíssimas, além das meramente policiais, de que tanto necessita o Príncipe, em temores dos marechais napoleônicos, amedrontado da maçonaria e das perfídias de **CARLOTA JOAQUINA**, e em custódia da Rainha louca, que assinara a execução de **TIRADENTES**.

PAULO FERNANDES VIANA transforma a esburacada capital do novo reino.²³³ É o primeiro saneador oficial da planície goitacá, e é êle quem manda construir a nova estrada com pontes passando pela foz do **Macabú**, mais curta doze léguas do que a velha e litorânea para o Rio, sendo esta abandonada.

Repetindo o que em longínquos idos fizeram os jesuítas, saneadores de rios, é o capitão **JOSÉ BARCELOS MACHADO**, instituidor

²³³ "E como a cidade do Rio-de-Janeiro carecia de fundas adaptações para servir de sede da **Côrte**, o primeiro Intendente Geral de Polícia, **PAULO FERNANDES VIANA**, foi uma espécie de ministro da capital, sobrecarregadíssimo de serviço com funções que são hoje exercidas pelo chefe de polícia, pelo prefeito e pela magistratura. Com o ordenado de **1:600\$000** anuais, **PAULO FERNANDES VIANA**, benemérito da cidade, delineou os primeiros regulamentos, angariou com amigos os fundos para o sôldo do Corpo da Guarda Real, aterrou e calçou as ruas — **Sabão**; General Câmara; **Inválidos**; **Arcos**; **Matacavalos**; **Riachuelo**; do **Conde**; **Mataporcos**; **Estácio de Sá**; edificou um cais, — **Valongo** —, canalizou o rio **Maracanã** para minorar o eterno problema da falta de água, construiu estradas, — **Niterói** a **Maricá**, **Iguassú** a **São João-del-Rei**, preparou outras — **Tijuca** —, melhorou a **iluminação** — postes de pedra com **lâmpadas** de azeite nas **Laranjeiras** e em **São Cristóvão**, além da **iluminação** circundante ao **Paço** e da **Quinta-da-Boa-Vista** —, construiu casuchas para os pobres, no local onde é hoje a **Escola de Engenharia**, e ainda tem o seu nome ligado à **fundação do Banco do Brasil**, do **Teatro São João** — **João Caetano** —; aboliu as **rótulas** e **gelosias**, manteve sempre festas populares, arborizou parte do **Campo de Sant'Ana**.

Morava na esquina atual do **Campo** com a rua do **Visconde do Rio Branco**, e morreu de desgosto, porque **D. PEDRO**, por picuinha, mandou cortar as **árvores** do seu parque..."
ROBERTO MACEDO: "Na data de hoje, h4 muitos anos". "**Correio de Manhã**", 10 de maio de 1940.

do vínculo de Capivarí, morgadio de Quissamã, que, pela primeira vez em 1688, rasga a barra do Furado,²³⁴ e por sua determinação em 1811, o Visconde de ARARUAMA é encarregado da limpeza e conservação dos rios que esgotam para a lagoa Feia e dela para o mar.²³⁵

É tarefa pesada e, ademais, exige conhecimento da hidrografia regional, mormente complexa nessa última zona de rios, por vêzes reversíveis ao sabor das enchentes e do fechamento de barras, como sucede em alguns na Boa-Vista, de equilíbrio oscilante só hoje bem compreendido com os minuciosos estudos em execução, e dos quais os próprios nomes mudam através do tempo.

Entre todos o Iguassú, cuja confusão em tórno ALBERTO LAMEGO esclarece. Sempre falado na história de Campos, hoje ninguém o define exatamente em todo o seu percurso antigo. É que os próprios rios secundários são provisórios nessa terra inacabada.

Exemplifiquemos, para ilustração da gleba difícil de secar, nesse velho delta abandonado, mas sôbre o qual as águas teimam em passar, aterrando leitos, segmentando cursos, renovando a circulação.

"O rio Iguassú toma o nome de Furado, quando se dirige para a barra nova, aberta pelo capitão BARCELOS, e de Capivara, depois de cortar a costa em direção ao norte, passando pelo cabo São Tomé em demanda da antiga barra, única que existia ao tempo da doação dos Sete Capitães, não admirando, portanto, que tôdas as águas dos rios e lagoas por ela se escoassem quando não existia a primeira."²³⁶

Este rio continua pela costa do norte com o nome de *Capivara*, passando pela ponta de São Tomé até Canzosa, onde faz outra barra no mar, que também se chama barra do *Iguassú*.²³⁷

"Enfim, o que não resta dúvida é que o primitivo Iguassú se separou de lagoas e rios que eram seus tributários, perdeu o nome, se confundiu com outros e tomou diversas denominações".²³⁸

Observação geològicamente exata, ao terem-se em conta as formações do cabo São Tomé, onde, ao despejarem a êsmo novos alúvios sôbre o delta pleistocênico, as águas recentes e erradias se afilam em novos rios tortuosos, aproveitam pedaços de leitos velhos, e, conforme a barragem do mar pela restinga, mudam a direção do curso.

Calha, pois, justamente ao Iguassú, de tamanha importância hidrográfica no passado, e hoje indistinto e parcelado, o dizer do autor que tal rio "bem merece um necrológio".

É com tal hidrografia de rios entulhados, de curso lento e mesmo apagados, que se têm de haver os saneadores. E é com tal

²³⁴ CARNEIRO DA SILVA: Obr. cit., pág. 14.

²³⁵ FEYDIT, Júlio: Obr. cit., pág. 271.

²³⁶ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. I, págs. 437-438.

²³⁷ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. I, pág. 437.

²³⁸ LAMEGO, Alberto: Obr. cit., vol. I, pág. 439.

chave do problema do saneamento de Campos, que, até **SATURNINO DE BRITO**, a engenharia tem de resolver o grande problema do escoamento da planície.

Os estudos atuais de **CAMILO DE MENESES**, completando o plano **SATURNINO DE BRITO**, levam-no a querer modificá-lo. Longe de fazer a lagoa Feia o exclusivo e imenso reservatório das enchentes, ameaçando as baixas planícies circunvizinhas, o novo saneador de Campos indica um canal que recebendo o excesso de águas do Paraíba a montante da cidade, as leve para nordeste até Manguinhos.

Voltando um momento aos princípios de dezenove, sabemos que **3** exaguamento, embora empírico, dá bons resultados.²³⁹

Com o Império, a planície melhora. O próprio **Govêrno** por ela se interessa. Vimos que um dos fins do canal **Macaé-Campos**, embora inoperante pelo próprio traçado, é o saneamento da zona por êle cortada. Mas o **brilho** da vida rural na época dos engenhos a vapor, deve-se em grande parte ao **beneficiamento** da região sanada pelo senso utilitário e prático dessa robusta e equilibrada organização da nobreza agrária.

O braço é o do escravo. Com êle e com essa mútua associação de interesses tão bem compreendida pelo senhor de engenho, muito se faz para enxugar a terra. O individualismo plebeu dos donos de engenhoca fôra infecundo nesse ponto, e a respeito **já** citamos a observação do culto Visconde de **ARARUAMA** em princípios do século passado. Porém, o recíproco entendimento na classe evolvida dos graves fazendeiros do Império respeitosos do prestígio mútuo, cria nesse período, não só em Campos como em **tôda** a Baixada, uma realização esplêndidamente saneadora. Da Guanabara a Campos vários canais contribuem, de par com o melhoramento dos transportes, para encaminhar as águas espalhadas. Mas a grande ação do fazendeiro dessa época para o bem comum, é executada individualmente nas fazendas.

Valas e estivas, estradas e aterros, conservação de caminhos de água de ajuste com os vizinhos, são em tal número e repetidamente efetuados que, a não serem êles é difícil justificar-se o incremento da economia agrícola dêsse tempo.

Por isso é que a Baixada, excluindo Campos, se extinguiu com a **Abolição**, a falta do braço negro que fugiu para as cidades, e o desmoronamento do poder agrário com seus solares arruinados. E **também** a usina, de **comêço** um grande engenho a manter e a

²³⁹ Dis ainda **ALBERTO LAMEGO: AIRES DO CASAL** ("Geografia Brasileira"), **MILLET DE ST. ADOLPHE** (Dic. Geog.) e **PIZARRO** (Mem. Hist.) consideram o Iguassú e Castanheta como o mesmo rio, se bem que o último historiador se mostre incoerente com outra declaração que faz: (t. 3.º, not. 18). "Por diligências do Intendente **Geral** da Polícia, **PAULO FERNANDES VIANA**, desde 1812 se tem melhorado o terreno cios Campos dos **Goitacases**, mandando allimpar os cinco rios principais, da Onça (rio novo do Colégio) **Ingá** (ou Castanheta) **Barro-Vermelho** e **Furado** ou Iguassú, o maior de todos, assim em largura como em comprimento (que é de 7 léguas), os **quais** todos **esgotavam** a Lagoa-Feia e em 1814 **viu acabados** êstes trabalhos". O **Príncipe MAXIMILIANO**, que esteve em Campos no principio do século passado, **designa** o rio Bragança, como um dos escoadouros da Lagoa-Feia. ("Reise nach Brasilien in den jahren 1815 bis 1817").

conservar as tradições rurais do patrimônio, mas a seguir aumentada e transferida ao domínio estranho e amoral do Capitalismo, em surdas e perpétuas lutas recíprocas de ambições incontroláveis, só cuidando em lucro imediato nada fêz neste sentido.

Sôbre isto tudo cai a República de falatórios anarquizantes e de politicagens voracíssimas. O homem disciplinado passa libertariamente a homem "cívico". Está forro, afinal, com dois direitos sagrados e inalienáveis: o de votar. . . e o de morrer de fome. Com tal fartura é mesmo justo que quase sempre só lhe cedam o último.

Pensa-se em tudo, cogita-se de tudo, legisla-se para tudo. Locuções verbosas atroam no Legislativo, onde "expoentes" do País esbordoam-se por vêzes de sinceridades que escapolem; arengadores profissionais **camelotizando** a política, esgotam nos comícios o recheio vocabular doa dicionários, narcisados de transcendentales subtilezas do bem dizer gramatical. Os órgãos da opinião "pública", em defesa do interesse "público", chicoteiam de palavreados "públicos" até honestísimos chefes da Nação.

Enfim o paraíso liberal-democrático dos banquetes eleitorais e dos beatíficos sorrisos de políticos bem cevados. Não fôsse uma insignificante trivialidade, e a excelsitude pousaria sôbre a Terra. Uma falta exígua, quase imperceptível e sucinta por desnecessária, num regime social tão perfeito para a coletividade.

Tão minúscula e imponderável que é quase impertinência tocar nela, em acatamento a justos melindres do tabú legislativo. Trata-se apenas de impedir que o rico oprima o pobre, o magnata cada vez mais farto esmague o pequenino, o Capital aniquile o Trabalho. Que uma insignificante minoria de traficantes empedernidos sugue a massa de **tôdas** as classes trabalhadoras. Porque estas afinal é que são o Brasil e não meia dúzia de ventres ambulantes.

Trata-se apenas de promover com os dinheiros públicos o bein estar comum, com reformas que beneficiem a coletividade produtora e que destruam a infecção social dos parasitas gozadores. Mas sôbre isto ninguém sussurra entre os abnegados panegiristas da liberal-democracia velhaquíssima, ou contemporiza-se com promessas. É o que se dá então com o saneamento da Baixada.

Nomeia-se em fins do dezenove uma comissão chefiada por um engenheiro ilustre: MARCELINO RAMOS. E o que dela fica, na região de Campos, é um bom mapa da faixa de restingas ao sul da lagoa Feia.

SATURNINO DE BRITO, com seu renome universal, além de campista e conhecedor das necessidades higiênicas da planície, retoma os serviços neste século. A sua Comissão trabalha com afinco. Os caminhos de água principais dessa complexa hidrografia são levantados a rigor. O plano de saneamento é traçado pelo mestre. Mas na hora de executá-lo surgem dificuldades.

Diz-se que a politicagem exigiu do grande engenheiro o abandono de seu escritório no Rio, e o vir pessoalmente dirigir os traba-

lhos em Campos. E a obra não se faz. A ser verdade, trata-se de mais um processo recomendável de bem servir o povo, evitando gastos inúteis por certo melhormente aconselháveis em aparatosas loquacidades parlamentares.

Dêste modo, assim chegamos a 1933. A região de Campos surpreende o Brasil por sua extraordinária produção e sua demografia que se adensa num cenário de paúis. É quando o govêrno Getúlio Vargas que no mesmo ano salva da falência o nosso maior município agrícola, criando o Instituto do Açúcar e do Alcool, funda a Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense e a entrega a chefia de um homem que, desde o início vai subindo: o engenheiro HILDEBRANDO DE ARAÚJO GÓIS.

Para organizar e dirigir a Residência de Campos é escolhido o engenheiro CAMILO DE MENESES. E assim é que a planície goitacá são afinal definitivamente abertas novas perspectivas.

Em tôda a região começam logo estudos parciais visando a execução de um plano de conjunto. Levantamentos de precisão e plantas aéreas são conjugadas para a noção exata do trabalho enorme a executar. Para o chefe como para os auxiliares, não há sacrifícios a impedirem a grande obra saneadora. Atolados no solo ensopado dos tremedais, ei-los por tôda parte, reconhecendo, levantando e nivelando.

O que, porém, mais anima e conforta é notar que, desta vez, nada fica em projeto. As obras começam logo a ser executadas.

É construído um dique de alvenaria para reter o Paraíba nas enchentes, o qual de Campos para montante até enraizar-se nas colinas de Itereré, tem cêrca de 16 quilômetros. Da cidade para jusante o dique é de terra e vai findar nas restingas de São João-da-Barra com 7.620 metros já construídos. Os canais de Itereré, da Cacumanga e do Rio-da-Prata são executados. Grande é já a quilometragem das valas abertas para escoamento, devendo mencionar-se as do Timbó e Maricá. O canal Macaé-Campos, assoreado em muitos lugares, é desentulhado até Quissamã. Reaberto o João Duarte, o de Cacimbas e o do Monte-do-Cedro. Entre os cursos de água obstruídos de vegetação e agora limpos, figuram os rios Macabú, do Meio, Imbê, Urubú, do Mundo, Ururaí, Preto, Colégio, Macacuá, os córregos da Cataia, Pau-Fincado, Nicolau e Valão-da-Onça, os vertedouros da lagoa Feia para o Atlântico e os rios das zonas do Caboio, São Martinho e Boa-Vista.

O caminho d'água do Paraíba para o sul, no leito das lagoas do Taí-Pequeno, Água-Preta, Quitunguta e Rio-Doce é reaberto. O rio Andresa, em Santo-Amaro está sendo dragado e canalizado. As barras do Paulista, do Furado e do Assú têm sido repetidamente abertas para o mar que as fecha intermitentemente. Para o importante canal da Flecha, que vai esgotar parcialmente a lagoa Feia para o Atlântico e dessecar áreas imensas pelo Furado, já foi fechada a concorrência, devendo ser as obras iniciadas ainda êste ano. Finalmente, a conservação de todos os serviços executados.

Em resumo, são êstes os trabalhos até agora feitos e que amplamente justificam a iniciativa do Governo:

SERVIÇOS EXECUTADOS PELA RESIDÊNCIA DA BAIXADA DOS GOITACAZES DA DIRETORIA DE SANEAMENTO DA BAIXADA FLUMINENSE DE 1935 A 1939

ESPÉCIE	Unidade	Soma
Limpeza de cursos de água.....	Km	799,334
Conservação de cursos de água.....	»	865,249
Construção manual de cursos de água.....	D	319,787
Dragagem de canais.....	D	18,969
Construção do dique de alvenaria.....	D	15,473
Construção do dique de terra.....	»	7,620
TOTAL.....	Km	2 026,432
Construção do dique de alvenaria.....	M ³	33 888,251
Construção do dique de terra.....	»	149 710,661
Dragagem de canais.....	»	626 509,173
TOTAL.....	M³	810 108,085

A êsses dados podemos adicionar o fato relevante de que, de 1935 a 1938, a média anual de mortalidade pela malária desceu gradativamente de 17,0% a 12,2% sobre o total de óbitos na região.

Em vista dos notáveis resultados atingidos em poucos anos, resolve agora o Presidente **GETÚLIO VARGAS** ampliar a Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense para Departamento Nacional de Obras de Saneamento. A sua missão já era enorme. Basta comparar a superfície da Baixada com a famosa obra dos paludes pontinos da Itália, que **MUSSOLINI** transforma em searas e pomares, para se ver a disparidade entre ambas. Do mapa comparativo organizado por **HILDEBRANDO DE GÓIS** extraímos as seguintes cifras significativas:²⁴⁰

Itália continental	200 000 km ²
Estado do Rio-de-Janeiro	47 000 "
Baixada Fluminense	17 000 "
Agro Pontino	550 "

Quer isso dizer que a obra saneadora a ser realizada pelo Departamento atinge a salubridade e o aproveitamento de uma área 31 vezes maior do que a italiana para o total da Baixada Fluminense, e 15 vezes maior só para a dos Goitacás.

Na área embrejada fluminense, a Baixada dos **Goitacás** entra com 8.300 km².²⁴¹

²⁴⁰ ARAÚJO GÓIS, Hildebrando de: "Baixada Fluminense", Rio, 1939.

²⁴¹ Idem: "Saneamento da Baixada Fluminense", Rio, 1934, pág. 13.

Com a nossa imensidão continental, agora a seu encargo, a obra é gigantesca. HILDEBRANDO DE GÓIS e seus engenheiros vão dilatar a área do Brasil, melhorar o homem pela saúde e engrandecer a nossa economia com o aproveitamento de zonas das mais férteis, porque são justamente as de aluviões à margem ensopada dos grandes rios, onde o humus fecundo aguarda há milênios para subir frutuosamente nas lavouras.

E tôda essa obra de titãs germinou da experiência obtida na Baixada Fluminense, onde afinal o auxílio do Govêrno, com um serviço permanente, socorre o homem na sua histórica luta contra o brejo.

9. CONCLUSOES ECONÔMICO-SOCIAIS

"Em qualquer situação econômica, sempre se mantiveram empreendedores, ativos e independentes.

Pleno equilíbrio psicológico na massa da população de acentuado caráter particularista.

Não são os paulistas nem os ativos **pernambucanos**; são mais do que os filhos da **terra rôxa** ou das praias além cabo **São Agostinho**. São os campistas na expressão máxima do povo que sabe querer. — **HONÓRIO SILVESTRE**: "Jornal do Comércio", 23-9-1934.

"A economia equilibrada não comporta mais o monopólio do **conforto**, dos benefícios da civilização por classes privilegiadas".¹

GETÚLIO VARGAS: Discurso de 11-6-1940.

Nas páginas deste livro há duas realidades vivas continuamente em realce, no complexo panorâmico da paisagem social. Uma, a decorrer da própria geografia: a permanente luta humana contra os fatores nosográficos da planície. Outra a resultar da mesma causa ainda com o convite natural do meio a sub-divisão do solo fecundo e em mãos de gente poderosa, por gerações de **particularistas** audaciosos: a pugna feroz do colono contra os **ASSECAS**, do dono de engenhoca contra os grandes senhores da terra, do lavrador contra a usina,²⁴² do sítio e da fazenda contra o latifúndio.

O labor individual que desde os primórdios tenta beneficiar o meio lacustre e dêle apoderar-se para o cultivar, subjugando os empecilhos a aclimação e construindo a prosperidade econômica da coletividade.

Vimos continuamente o homem desajudado labutar **sòzinho** contra o pântano, enxugando a terra para melhor viver e tendo a esmagá-lo e aniquilá-lo a retrógrada pressão dos potentados.

Donatários, religiosos, grandes proprietários e usinas querem **tudo**. A terra **tôda**. As pastarias **tôdas**. O açúcar todo. Mas até hoje não o conseguiram.

²⁴² Nesta crítica sempre nos referimos a **usina** como fator social, e **não** individualmente ao **usineiro**.

Tentam impedir a criação da vila e expulsar da planície todos os colonos. Não o conseguem. Esmagam-nos de impostos, confiscam-lhes **sumariamente** foros e lavouras, mas não conseguem nada. Masmorras, degredos e assassínios. Nada conseguem, e o povo se levanta com BENTA PEREIRA.

Em todo o período das engenhocas, traficantes e agiotas sugam o labor penoso do conquistador da gleba. Mas a corrida para o campo, para a posse do solo, continua.

Apenas um armistício provisório com a organização superior e equilibrante da patriarquia dos solares. Porém essa mesma artificial, porque havia o escravo. A grande mancha negra continental.

Vem a Abolição e o escravo fica livre. Talvez **fôsse** mais feliz anteriormente porque acreditava na liberdade.

E o velho pleito continua, cada vez mais agravado. Cada vez mais oscilante êsse "processo de equilíbrio de antagonismos" em que GILBERTO FREIRE vê **arquitetada** a formação brasileira. "Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. **O paulista** e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o **pária**. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando **sobre** todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo".²⁴³

Do princípio aos dias de hoje era inevitável essa contenda de interesses inconciliáveis. Necessária mesmo para acirrar a **combatividade** selecionadora de virilidades históricas e de eugenismos raciais. Agora, porém, não. É mais que tempo de acabar. Não mais é possível contemporizar.

Por **tôda** parte, governos fortes remodelam a paisagem social. Por **tôda** parte h2 clangores marciais de povos em cadência. Almas coletivas dramatizadas de opressões seculares que **processionalmente** se erguem na alegria de viver. Desaba por **tôda** parte o artificialismo de contingências **econômicas** que algemam, que exasperam, que esterilizam e que matam.

O tabú da abstração liberal-democrática hoje fora da Lei entre nós e a impiedade ególatra do Capitalismo são varridos para o lixo da História por governos magnânimos e iluminados. **O** homem não **tem** mais direito de escravizar o homem. Mas no Brasil, mau grado imposições hercúleas do Estado Novo, não foi dita ainda a palavra final, mercê, talvez, de tramatas financeiras in-

²⁴³ FREIRE, Gilberto: "Casa Grande e Senzala". Rio. 1933, pág. 83.

ternacionais agrilhoadoras e de voracidades ameaçantes do Capitalismo Internacional, sempre oculto na arapuca dos empréstimos "generosos" ou nos convênios "fraternais e humanitários".

Mas essa palavra certamente virá.

Vivemos um novo prelúdio histórico, e talvez mesmo, como no Passado, a liberdade nos surprese de repente com o sincero desassombro de um decreto.

Há vaticínios claros de sua necessária proximidade nas descabidas exigências de povos surrados e que não pagam suas próprias dívidas; nos cochichos esperançosos da alcatéia plutocrática, que deve fortunas certas a estabilização dos gêneros imposta pelo Governo e que contra êle emboscadamente se arreganha, ganhando encômios num sebastianismo cassândrico, ao "bom tempo" em que era livre de saquear impunemente a coletividade.

Cada qual dessas expressões manifestamente reacionárias revela o lume sob a cinza. A incorrigível politicagem ainda viva, e por isso mesmo a espreita de uma brecha para assaltar o Poder. O processo pouco importa. O essencial é a lucrosa reversão a velha anarquia dos partidos, britadores da coesão nacional pelo mútuo ódio político exasperado, quando não a serviço de trustes e cartéis, impondo leis a um povo em cativo, em proveito próprio e de banqueiros internacionais.

Os tempos são, porém chegados. Tal a mazela, tal a cura. Contra o manhoso banqueirismo internacional, — pois *tôdas* essas demonstrações nada mais são que seus tentáculos —, medidas imperiosas e inapeláveis.

Da análise é que se parte para a síntese. O estudo antropogeográfico de Campos, que acabamos de analisar com sua história econômico-social, orienta-nos para uma sintética elaboração de leis reguladoras das relações entre o Trabalho e o Capital num setor especializado. Trata-se apenas de uma parcela do Brasil. Mas das mais vivas e honestamente laboriosas, onde a vida palpitante e progressista é continuamente perturbada pela potência inescrupulosa do Dinheiro.

Ontem, como hoje, sempre o desequilíbrio. Sempre o desassossêgo. Sempre a luta. Sempre impossível qualquer *acôrdo*, porque o forte explora o fraco, o rico o pobre, a usina a lavoura, o Capital o Trabalho.

Para que se julgue a um simples relance o poder humano dessa grande massa de trabalhadores, que nada usufrui, porque tentam sempre levar-lhe tudo, eis os seguintes dados expressivos:

AREA E POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DESTACADOS DO TERRITÓRIO DA ANTIGA
COMARCA DE CAMPOS²⁴⁴

MUNICÍPIOS	Área em km ²	População em 1939	Número de propriedades	Área média da propriedade rural, em hectares
Bom-Jesús-de-Itabapoana.....	585	42 000	1 166	50,0
Cambucl.....	856	48 000	2 184	39,1
Campos.....	4 774	314 000	18 808	25,4
Itaperuna.....	2 279	160 000	5 219	43,5
Macaé.....	3 211	80 000	3 803	84,5
Miracema.....	361	18 500	665	54,3
Pádua.....	722	50 000	3 096	23,3
São Fidelis.....	1 128	57 000	2 798	40,3
São João-da-Barra.....	1 580	50 000	3 419	46,2
TOTAL.....	15 496	819 500	41 158	45,2

Esses dados são preciosos. Demonstram concretamente que, na zona rural do Estado do Rio, onde o trabalho é mais ativo, a volumosa produção agrícola resulta como sempre no passado, da *pequena propriedade*, cuja área média para o grupo de municípios é de **45,2** hectares, ou sejam **9,35** alqueires geométricos.

Sobretudo em Campos, ela é mínima. Com sua lavoura de cana, que em tôda parte do Brasil e alhures é cultivada por grandes capitais e em grandes propriedades, a área média das 18.808 propriedades rurais registradas é de apenas **25,4 hectares**, ou sejam **5,24 alqueires geométricos!** E esta área média, porém longe de corresponder ainda à realidade, é muito menor, ao levarem-se em consideração as dezenas de milhares de alqueires ocupados no município pelas terras de usinas e de algumas grandes fazendas.

Como no passado, a maioria dos camponeses de Campos é de *sitiantes*. É sempre o mesmo homem que, através da história da planície, se atirou a terra, retalhando a força latifúndios para cultivar os seus quinhões. Nada o afasta *dêsse apêgo ao solo*. E o que produz êsse trabalhador, pode-se estimar pela arrecadação total de impostos no município:

RENDA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS EM 1939²⁴⁵

1. Açúcar

Instituto do Açúcar e do Alcool	6 602:698\$300
Imposto estadual	2 875:018\$100
Taxa municipal	792:782\$000

²⁴⁴ Dados da Agência Estatística Municipal. Para o número de propriedades rurais registradas, foi utilizado o lançamento estadual de 1940.

²⁴⁵ Na renda do açúcar, só foram tomadas em consideração as cifras das usinas dentro

2.	<i>Arrecadação Federal</i>	
	1. ^a Coletoria	3 010:399\$300
	2. ^a Coletoria	2 494:063\$800
3.	<i>Arrecadação municipal</i> — menos taxa do açúcar	3 775:797\$000
4.	<i>Arrecadação da Recebedoria Estadual de Campos</i>	8 483:340\$000
5.	Imposto sôbre vendas e consignações	268:472\$500
		<hr/>
		28 302:571\$000

Superior à arrecadação federal de vários Estados do Norte juntos!

Como principal contribuição para essa quantia enorme, não deve ser esquecido o trabalho contínuo ao sol e a chuva, do fazendeiro com sua multidão de trabalhadores, única base firme e fixa da prosperidade econômica regional, pois em última análise tudo nela se alicerça.

Sôbre êle, ontem como hoje, é que afinal recaem as honras de tal florescimento com os produtos por êle em primeiro lugar extraídos da terra em sua penosa história de conquista agrícola. E é dêsse homem que tanto produziu e tanto produz para o Brasil que o poderio das usinas tenta agora descartar-se.

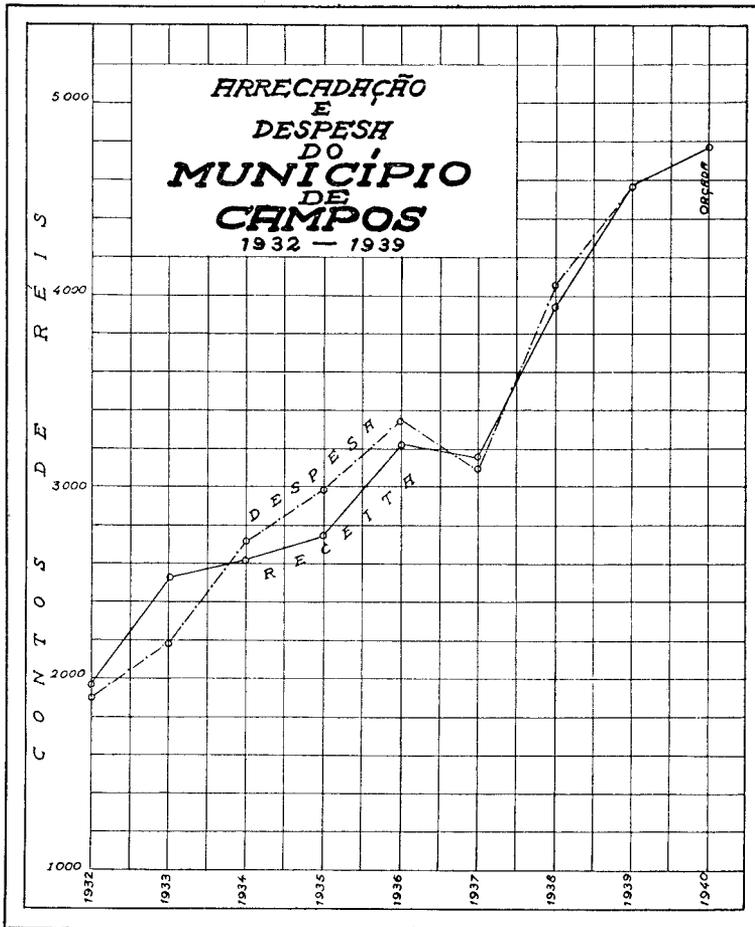
Porque a luta é sempre intensa. Do ponto de vista financeiro, é mais grave hoje do que nunca, visto que desta vez ou a população rural é esmagada, ou definitivamente se levanta, livre da trissecular exploração. Pior que nunca, dada a primeira ameaça de tornar-se a maior zona agrícola do Brasil colônia de estrangeiros, estrangidamente mourejando para a exportação dos lucros de seu trabalho.

A finança internacional descobriu por fim um novo Morro-Velho mais fácil de explorar e sem os riscos da mineração aurífera. E entra logo com seus processos "civilizadores" proveitosamente importados talvez de "outras" colônias. Um dêles, por exemplo, o de legalizar contratos de fornecimento de dezenas de milhares de carros de cana com indivíduos que a não têm, para moer em seu nome as próprias lavouras, livrando-se dêste modo dos fornecedores.

Um inquérito rigoroso ordenado pelo Govêrno por certo revelaria a ocorrência delinquente de certas usinas que, desde a recente criação do Instituto do Açúcar e do Alcool, compram hoje metade das canas de fornecedores do que há apenas cinco anos, substituindo-as por matéria prima própria. Porque a sabida aspiração

do município, cuja safra foi de 1.665.470 sacos nesse ano, com exclusão de tôdas as outras da região.

Os dados são todos oficiais, sendo que o imposto estadual do açúcar e o imposto sôbre vendas e consignações, cobradas pela Estrada de Ferro Leopoldina, nôs foram fornecidos pela Secretaria de Finanças do Estado. As outras cifras foram obtidas nas competentes repartições.



da usina é bastar-se a si mesma. Além do lucro fabuloso da indústria, o lucro no aproveitamento da cana própria. O lavrador e o operário das fazendas, isto é, o grosso da população rural com suas muitas dezenas de milhares de famílias que fique na miséria. Pouco importa. Disso não cogita o Capitalismo empedernido e amoral.

Mais uma vez frisamos que a nossa acusação não fere os industriais, — que os há progressistas e filantropos —, os quais também não passam de simples instrumentos do sistema descontrolado da exploração capitalista da usina, em completa discordância com o meio econômico-social oriundo da formação étnica e histórica do campista. *O que nos interessa é exclusivamente a solução do problema social, partindo dessa formação e dêsse meio, única base digna de cogitação para fins legislativos.*

A lei n. 178, de 9 de janeiro de 1936, que "regula a transação de compra e venda de cana entre lavradores e usineiros", foi e continua a ser burlada pela fábrica, mau grado o esforço e a direção honesta do Instituto. O lavrador planta o seu terreno, e quando chega a moagem, é sempre a mesma disputa para que a usina receba as canas. Muitas vezes se aceita "por favor", *quando se trata de cumprir uma lei.* Disputa onde sempre o fraco é o prejudicado, porque em última análise há sempre a balança da usina "infallível" e os fretes ferroviários a serem "negociados".

Por tudo isso é que a situação requer um definitivo paradeiro. E este só poderá ser justo, quando examinadas profundamente as causas histórico-sociais dêsse desequilíbrio permanente. A formação do campista e a sua rápida evolução econômica. As relações entre o Homem e o Meio, na tremenda pugna mútua e trissecular de um ao outro se adaptarem. A extraordinária capacidade produtiva dêsse mesmo homem peado. O respeito a sua ética de trabalho. Quando se lhe der enfim o maior estímulo possível para que, liberto de opressões, possa êle por si mesmo impulsionar a sua espantosa atividade a bem da maior grandeza econômica e cultural do Brasil.

Em seu discurso em Campos, a 23 de junho de 1936, disse o Presidente GETÚLIO VARGAS: "Campos precisa voltar ao seu esplendor de outrora, ao apogeu dos últimos tempos do Império. Para readquirí-lo, não deve cuidar apenas do aperfeiçoamento dos processos da lavoura açucareira. Precisa desenvolver também a policultura, de tal modo que o futuro da região não repouse num produto único, melhorando, ao mesmo tempo a exploração do solo, não somente quanto a técnica, mas ainda quanto a forma. O cooperativismo de produção, a parceria agrícola, a constituição da pequena propriedade média muito mais apta a realizar o equilíbrio social do que a grande propriedade, a industrialização crescente, são outras tantas etapas do progresso a que estão fadadas as ricas margens do Baixo Paraíba, capazes de produzir tudo em excelentes condições,

e dispondo do mais barato gênero de transporte, que é o fluvial-marítimo".²⁴⁶

Já em 1933, o Presidente faz a apologia da pequena propriedade, "de vantagens sobejamente conhecidas, como fator poderoso de fartura e enriquecimento". É ela que prende o homem ao solo e a sua aquisição por baixo preço deve ser estimulada. "Quem labora cultiva a terra, nela deposita a sementeira e alicerça a casa, — abrigo da família —, deve possuí-la como proprietário".²⁴⁷

Talvez que em nenhuma outra região agrária brasileira os dizeres do Sr. GETÚLIO VARGAS, sejam tão bem exemplificados como em Campos. *Ali a pequena propriedade é um fenômeno social de raízes históricas solidíssimas.* A maioria vem de heranças partilhadas, sobretudo na planície. Apenas a sua aquisição *não foi barata.* Daí seu grande valor hereditariamente estimativo, e seu alto preço inexcusável entre nós, com o alqueire de terra indo até a vinte contos em terras de cana!

Em sua pequena propriedade, entretanto, o lavrador é constantemente ameaçado. O seu direito de domínio e com êle a própria família rural, tendem a desaparecer com a extensão crescente da lavoura de cana pela ambição irrefreável da usina. A policultura em Campos aconselhada pelo Presidente já é incentivada na moderna zona montanhosa. Cremos todavia que, na planície aluviônica do Paraíba seja de todo impossível incuti-la no espírito dêsse povo. Mais forte que as razões econômicas, grita a sequência de impositivos históricos dados neste livro, inarrancáveis da alma coletiva dos hereditários possuidores dessa gleba. A lavoura de cana é o cimento unitivo da estrutura étnica e social do campista. Tirar-lha é destruí-la. É desbaratar toda a sua obra econômica e dá-la a mãos estranhas de chegadiços. Ademais, com o acelerado incremento da população brasileira, o consumo de açúcar tende a crescer e com êle o progressivo aproveitamento das terras mais aptas para essa lavoura, entre as quais primam as de Campos.

Tudo isso prova afinal que, da equação do problema açucareiro em Campos, o primeiro termo, o lavrador, é *invariável.* Nada é capaz de o modificar. E por isso mesmo é êle intangível com seus direitos naturais que afetam a própria vida coletiva de um grande grupo humano. Já o segundo, — a usina —, é por demais amorfo em sua insensibilidade financeira e em seu insignificante número de interessados, para não poder *ad-libitum* ser manejado pelo Governo consoante as conveniências públicas.

Dada a conhecida impossibilidade de um acordo permanente que legitime a reciprocidade de interesses, pela indestrutível tendência da usina a ladear as leis protetoras do lavrador, — o que está provado em contumazes reincidências —, só restam a nosso ver

²⁴⁶ PEREIRA DA SILVA. José: "As melhores páginas de Getúlio Vargas", Rio, 1940, págs. 236-37.

²⁴⁷ Obr. cit., pág. 74.

duas soluções ao até hoje insolúvel e singular problema da indústria açucareira de Campos, sem dano primordial, sempre a ter-se em vista, de sua numerosa população agrária e particularista.

A primeira, que consideramos provisória é a seguinte: *a usina terá função exclusivamente industrial, não podendo ter lavouras próprias*. Bastam de sobra os lucros enormes da fabricação.

Com isto satisfaz-se o estimulável particularismo da massa rural campista, abrindo-se um vasto campo aos impulsos hereditários e indestroçável dêsses prolíficos e incorrigíveis plantadores de canaviais. Reorganiza-se dêste modo para o bem geral a distribuição equitativa de lucros elevando o nível de vida. Além disso, progressivamente diminuídas as lavouras da usina até a desapareição, a percentagem dêsse decréscimo poderá ser calculada anualmente de modo a ser de vez eliminada a superprodução do açúcar além dos limites legais, findando também a causa dos excedentes clandestinos fabricados.

Tal medida, porém, parece-nos incompleta por duvidosamente policiável, dada a imperecível tendência do Capital a evadir-se às leis do Trabalho. Por mais sólidos que os pactos se firmem entre a usina e o lavrador, advocacias subtis tentarão sempre tangenciá-los com a perpetuação dos velhos sobressaltos na economia coletiva perturbada. Já vimos o caso de uma grande fábrica utilizando canas próprias em nome de supostos lavradores.

Ademais, sem o corolário de leis proibitivas da aquisição de usinas de açúcar por capitais estrangeiros, tal decreto apenas resolveria parcialmente a questão angustiosa. Já apontamos a dignidade nacional apelando para tal recurso, a fim de não vermos a indústria açucareira, — o grande monumento histórico-econômico-social do Brasil litorâneo —, passando a mãos alienígenas. Desnacionalizada por aquêles que tudo que por ela fizeram foi tentar destruí-la com suas naus de piratas, como nos ensina a História. Que justamente após a havermos firmemente erigido e alicerçado, venham êles dela apossar-se para que, a fortuna acumulada por milhões de brasileiros reduzidos a *félahs* e *párias*, vá florescer em terras estranhas na opulência de mansões fidalgas, nos aveludados campos de polo e *gôlfo*, ou nos venha de retorno à caça de juros algemantes do próprio povo que a gerou.

Tais motivos é que nos indicam a segunda solução definitivamente salvadora: *O Estado desapropria as usinas e as explora por conta própria, comprando a matéria prima do lavrador*. A base da encampação seria a insofismável declaração de lucros anuais da fabrica, para que o usineiro não seja prejudicado.

Dêsse modo, a renda anual de dezenas de milhares de contos reverteria em benefício público ao invés de se juntar em uns poucos de bolsos, ao mesmo tempo que, tôda a massa de agricultores terá o trabalho garantido e a economia familiar consolidada e a salvo de tribulações.

É a conjugação das tendências atuais da economia política, visando os interesses *reais* do País, *com a realidade dos fatores étnicos e da evolução histórico-social do grupo em estudo*. O estímulo as qualidades inatas e hereditárias do campista e o aproveitamento desses atributos para o bem comum. O perfeito equilíbrio econômico-social contentando a todos com exclusão de minorias mínimas em face da magnitude do problema.

Verdade é que um tremendo reboliço lamentoso logo explodirá, com os surrados argumentos da incapacidade administrativa do Governo em **explorações** industriais. Motivo arguto e ponderabilíssimo usado pela plutocracia em **tôda** parte, contra a nociva gerência governamental em assuntos que só a ela proveitosamente competem. Porém falho em nosso caso, porque só atribuível aos *governos dela*. Ao demo-liberalismo perdulário e burocrático. Aos regimes do Dinheiro e da Miséria, dos bilhões em mãos de particulares e dos milhões de sem-trabalho, do nudismo colonial de servos e das casacas metropolitanas de argentários.

Não a um Governo Século Vinte, pronto a acabar com a exploração dos que trabalham, o qual benêficamente estende o braço férreo e a mão organizadora por todo o País, para que este surja no convívio universal com o rosto altivo e desanuviado de vexames banqueiristas, e com o organismo são e forte, retonificado de uma economia **dirigida** orientadora de um senso espiritual de mútua cooperação e a salvo do execrando e cadaverizante vampirismo da finança internacional acorrentadora de nações.

De tais governos atualizados é que nasce a necessidade construtiva de chamar a si cada vez mais a grande indústria de **interesses** vitais para a Nação. De impedir o ignominioso depauperamento coletivo, com o monopólio de produtos essenciais em mãos de **uns** poucos favorecidos do crédito bancário. De **jungir** a leis de aço os **panegiristas** militantes de regimes caducos, **arrítmicos** com as novas cadências de povos em acelerado, para as supremas harmonias sociais. De extirpar pela organização nacional vigiada e consolidada em todos os recantos, a intromissão do Capitalismo Internacional nas nossas diretrizes. De obstar a formação de **trustes** e **cartéis** monstruosos, esfomeadores de povos e leiloeiros negativos do Trabalho.

Por isso é que um mundo novo põe-se a caminhar com grandes condutores que pulam da plebe e o arrastam para as realidades de uma vida diferente. Vida nova de sinceridades palpáveis e de **objetividades** geométricas, na qual idealismos transcendentales arrebatam multidões que marcham delirantes. Novos rumos. Novas concepções. Novas práticas. A poesia de sublimações milenares iluminando a nitidez de **trajetórias** políticas **matemáticas**. **Concretizações** econômico-sociais robustas cientificamente orientadas por Conselhos Técnicos **especializados**. O Estado em **comunhão** íntima com o indivíduo, **com** a família e com os grupos regionais. E, pela

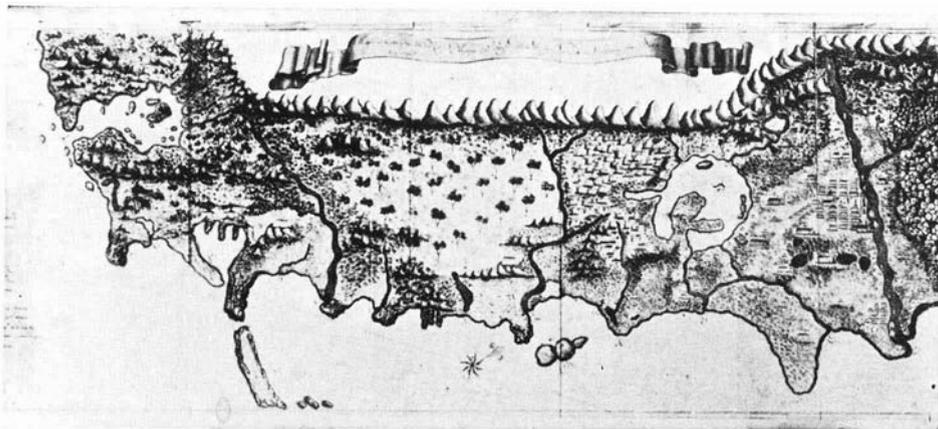


Fig. 1. O mais antigo mapa conhecido da Baixada Fluminense, vindo-se da esquerda para a direita a baía Guanabara, a ponta de Cabo-Frio, os rios São João, Macaé, Assu e Paraíba, as ilhas de Sant'Ana, a Lagoa-Feia, a Barra-do-Furado, o cabo São Tomé, a Barra-do-Assu e as vilas de Campos e São João da Barra.
Data de 1747.

(Arquivo Alberto Lamego)



Fig. 2. O Paraíba ao sair de Campos em busca do mar.

(Aerofoto A. R. Lanego)



*Fig. 3. Foz do rio Paraíba
(Aerofoto Camilo Meneses)*



*Fig. 4 — Aspecto grandioso da serra do Mar na zona do Imbê
(Foto A. R. Lamego)*

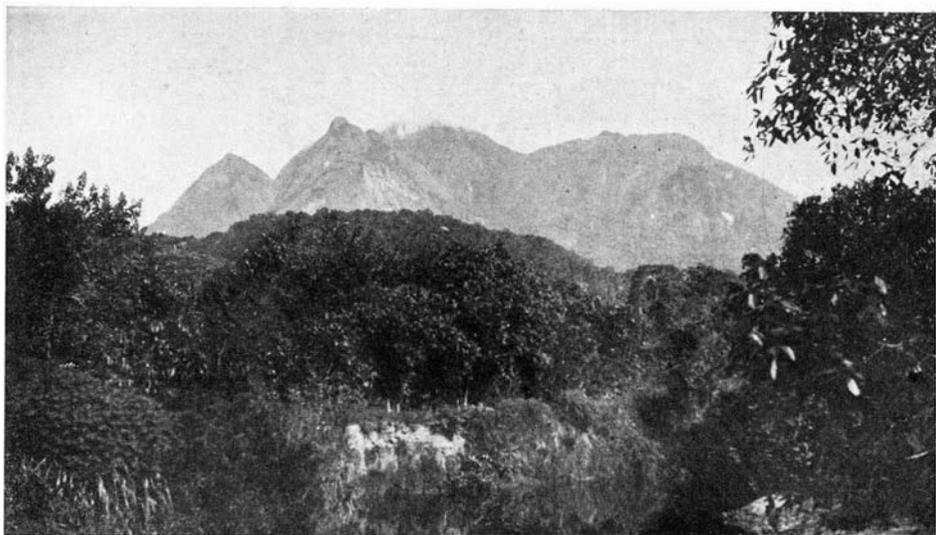


Fig. 5 — A montanha do Mocotó, — 1 650 metros — na serra do Mar, em Campos, vista do rio Opinido

(Foto A. R. Lamego)

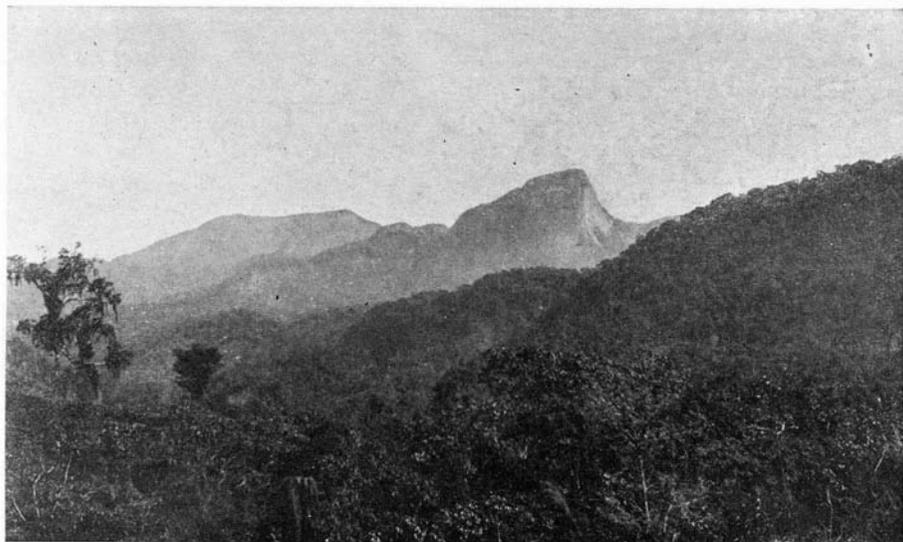
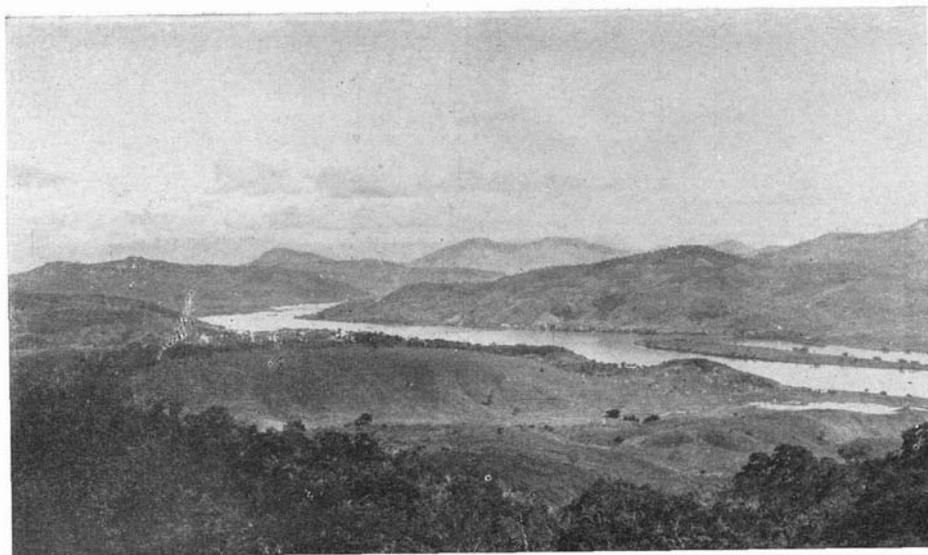


Fig. 6 — A pedra Goivada, na serra do Mar, em Campos

(Foto A. R. Lamego)



*Fig. 7 — O rio Paraíba em São Fidélis, que se vê à esquerda
(Foto A. R. Lamego)*



*Fig. 8 — Fenômenos de erosão no leito **granítico** do rio Segundo-Norte, afluente do Imbé
(Foto A. R. Lamego)*



Fig. 9 — Cachoeira do rio Segundo-Norte, na aba da serra do Mar

(Foto A. R. Lamego)

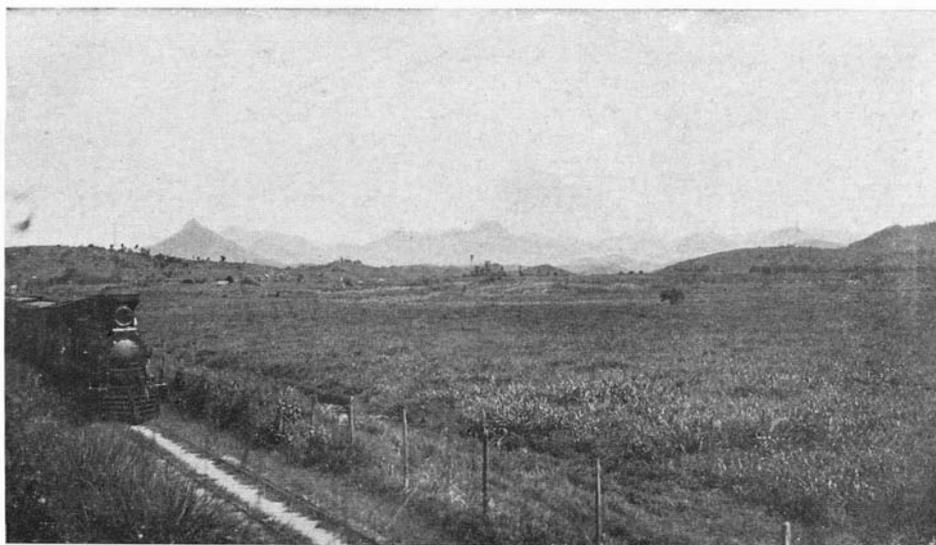


Fig. 10 — O vale do rio Macabú a montante de Paciência. Ao fundo, a serra do Mar

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 11 — Testemunhos do arenito dos tabuleiros nos fundos do balneário de Imbetiba, em Macaé.

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 12 — Região granítica da Baixada ao sul do Itaoca. Ao fundo, o vale do Imbê e contrafortes da serra do Mar

(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 13 — Região de tabuleiros ao norte de *Dores de Macabú*, que se vê ao alto
(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 14 — Meandros do rio Imbê

(Aerofoto Te. Kafuri. Por gentileza do
Dr. Camilo de Meneses, do Departamento
Nacional de Obras de Saneamento).



Fig. 15 — O canal de São Bento na Baixada Campista

(Foto do D.N.O.S.)



Fig. 16 — Delta conjugado do rio Imbê, h direita, e do Urubú, ao desaguar em lagoa de Cima

(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 17 — Nascente do rio **Ururá** na lagoa de Cima
(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 18 — Meandro do rio **Muriaé em Outeiro**. Ao alto, "lagoas de tabuleiro"
A maior é a lagoa da Onça
(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 19 — O rio Muriaé próximo à foz. No primeiro plano, planície de aluviões. Ao alto, tabuleiros com a lagoa das Pedras

(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 20 — Lagoas de tabuleiro ao norte do rio Paraíba, o qual é visto em baixo, a esquerda

(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig 21 — Um trecho da lagoa da Saudade, *embrejada* entre tabuleiros
(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 22 — Uma lagoa de tabuleiro ao norte do Paraíba. No primeiro plano, *nota-se*
a sub-divisão da propriedade, com lavouras de cana
(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)

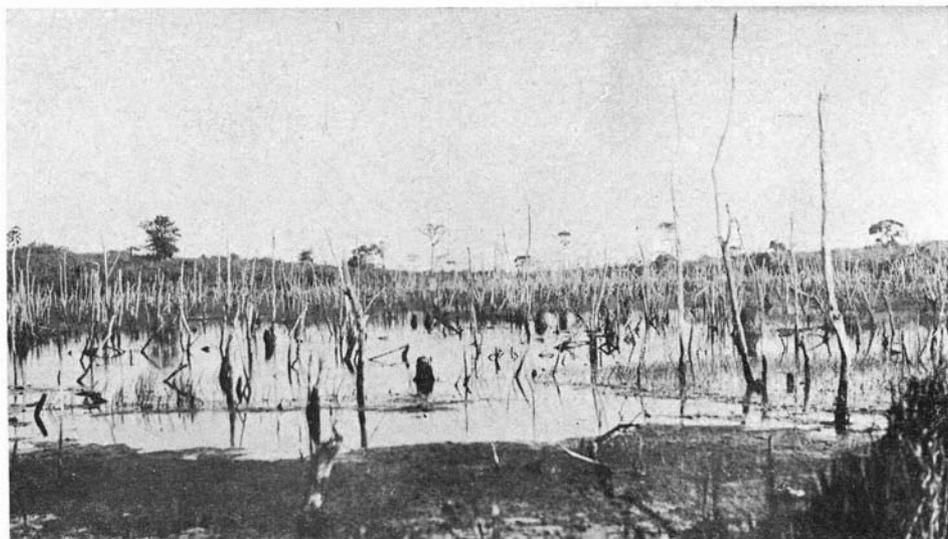


Fig. 23 — Uma lagoa salgada nos tabuleiros, ao norte de Campos

(Foto A. R. Lamego)

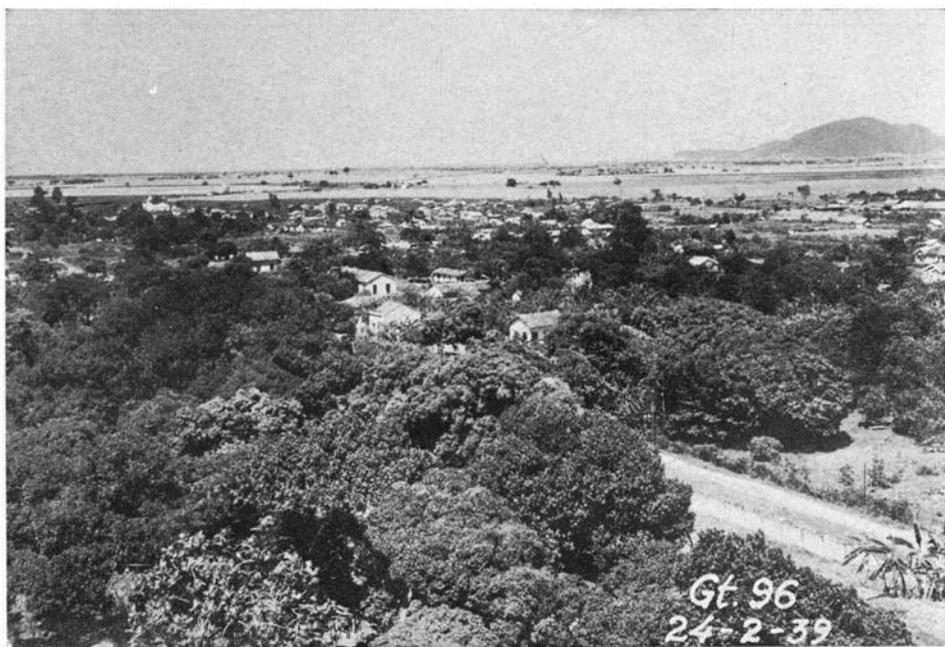


Fig. 24 — A planície de aluviões vista do alto do Liceu de Campos. Ao fundo, o morro do Itaoca

(Foto do D.N.O.S.)



Fig. 25 — Um trecho do canal Macaé-Campos, em Gurirt,. A esquerda o Itaoca
(Foto do D.N.O.S.)



Fig. 26 — O canal Macaé-Campos cortando aluviões da planície.
(Foto do D.N.O.S.)



Fig. 27 — Trecho do canal Macad-Campos atravessando pantanais
(Foto do D.N.O.S.)



Fig. 28 — O velho delta do Furado, barrado do Atlântico por uma língua de areia
(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)

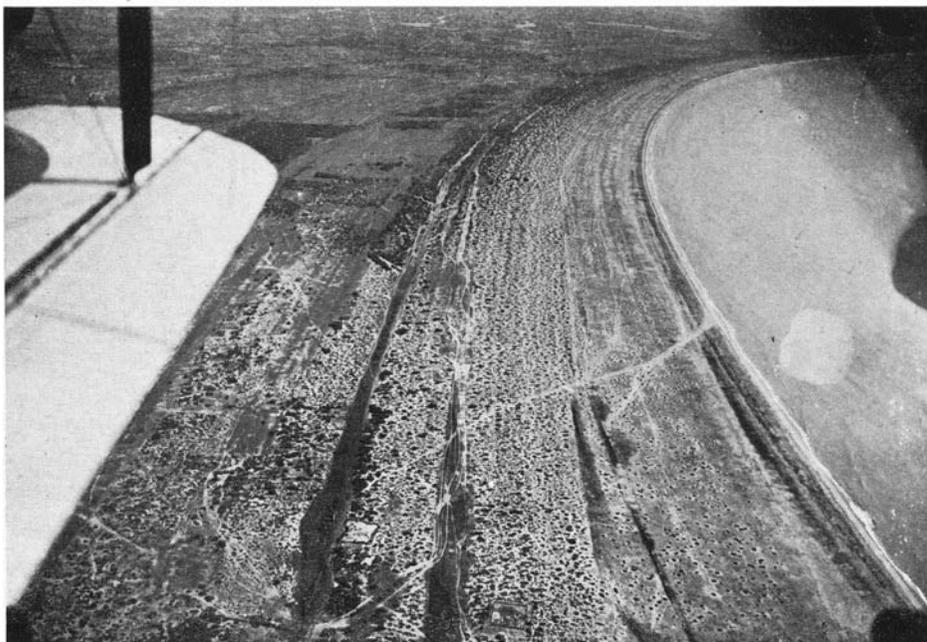


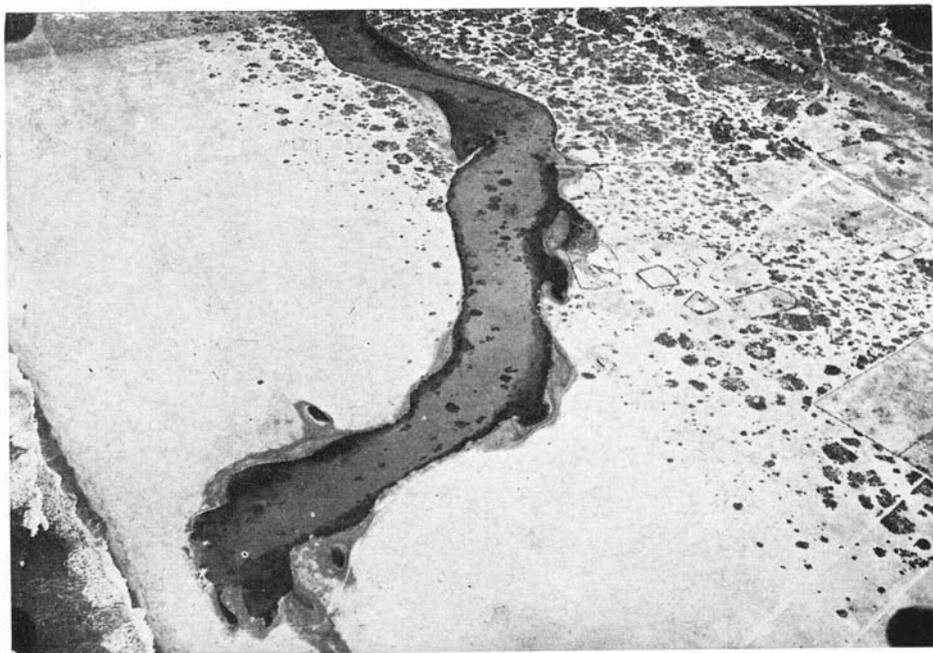
Fig. 29 — Planície de restingas mostrando o recuo do mar, ao norte da foz do Paraíba, na enseada de Gargáú

(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 30 — Meandros do r20 Furado na planície baixa, próximo à sua foz, separada do mar por uma restinga

(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)



*Fig. 31 — Foz da lagoa de Guruçal, fechada pelas areias
(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)*



*Fig. 32 — Planície de restingas ao sul do Paraíba, no município de São João-da-Barra
mostrando claramente o recuo do mar
(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)*



Fig. 33 — Velha planície de restingas na região do Papagaio, nos Campos da Praia, campo natural de aviação. Ao fundo a lagoa do Tal-Grande

(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 34 — Extremo norte da lagoa do Campelo. A direita, restingau. A esquerda, tabuleiros, vendo-se um brejo salgado

(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)



*Fig. 35 — O canal de Cacimbas cortado numa depressão entre restingas
(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)*



*Ffg. 36 — A lagoa de Quipari, uma típica lagoa de restinga, com a salda
para o mar fechada
(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)*



Fig. 37 — A lagoa Salgada entre restingas, nas proximidades do cabo de São Tomé
(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)

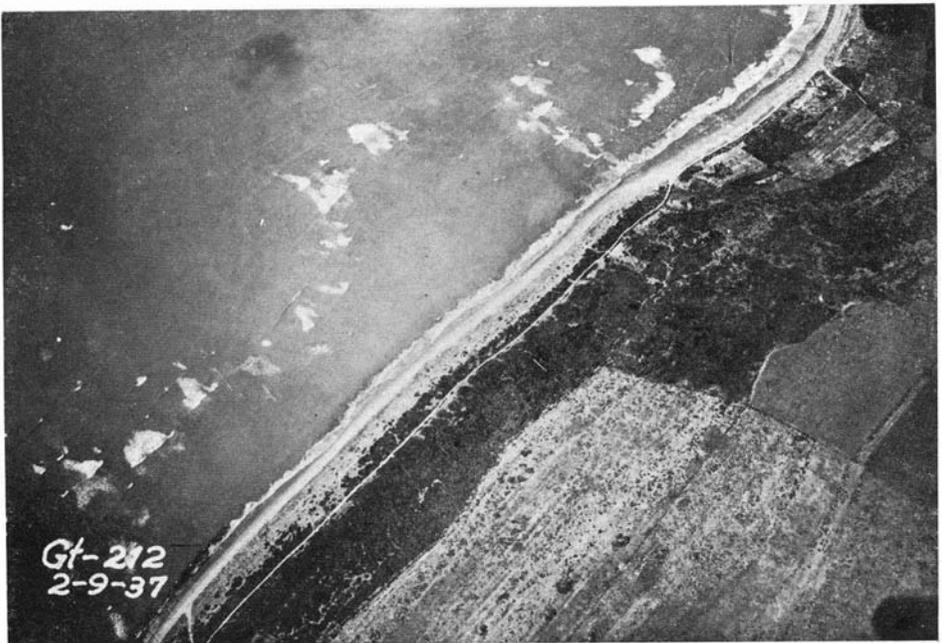


Fig. 38 — Restingas em Manguinhos, na costa norte fluminense. A arrebentação
do mar é devida a afloramentos do arenito dos tabuleiros

(AerofotoTe, Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 39 — O farol de São Tomé sôbre o cômoro que separa do Atlântico a planície baixa da Boa-Vista

(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)

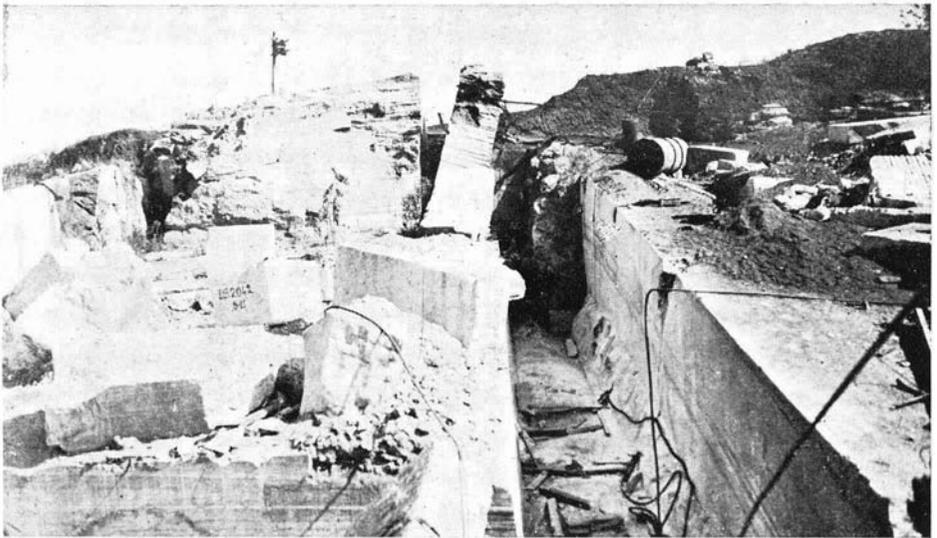


Fig. 40 — Exploração de mármore branco nas jazidas de Monção, no município de Campos

(Foto A. R. Lamego)

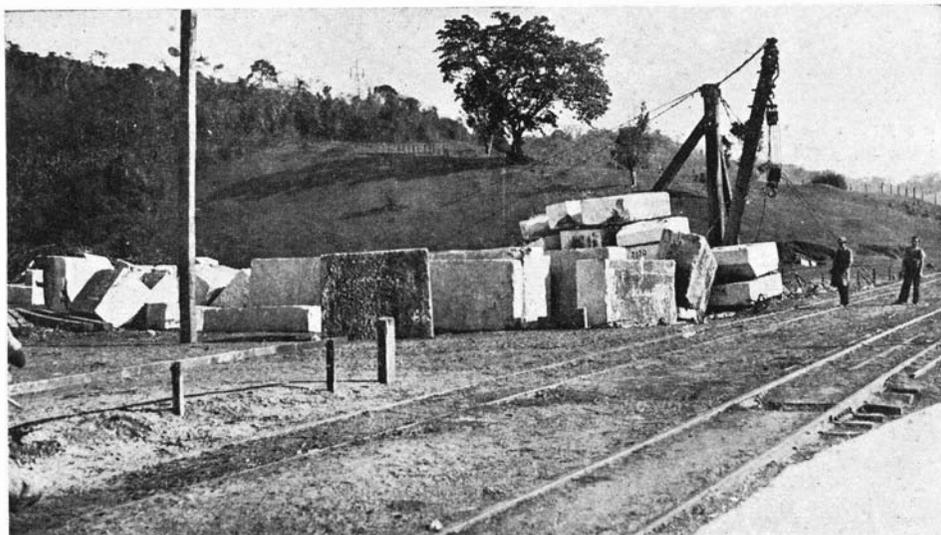


Fig. 41 — Blocos de mármore prontos para embarque em Monção
(Foto A. R. Lamego)

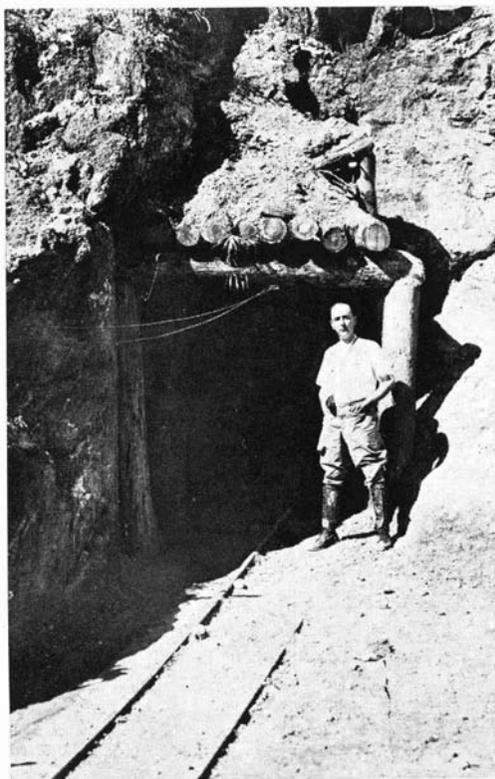
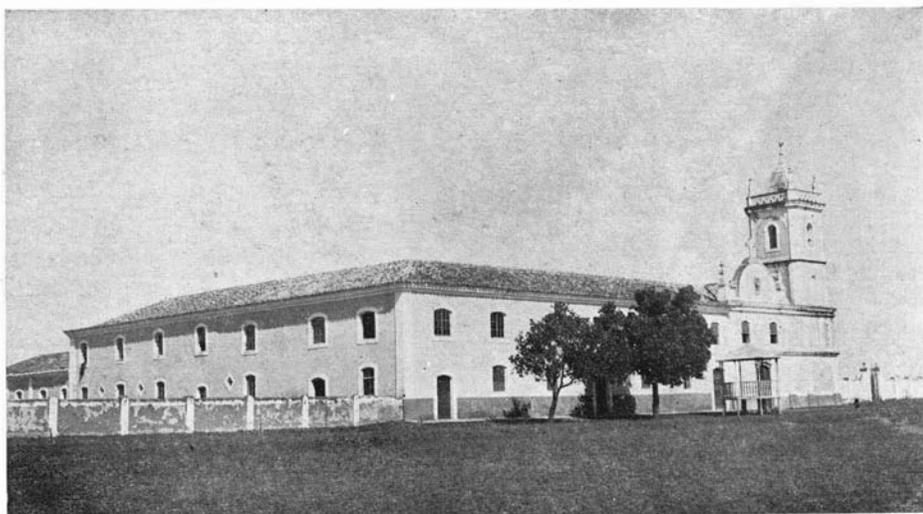


Fig. 42 — Entrada da mina de grajita de São Benedito, em São Fidélis
(Foto Oto Leonardos)



*Fig. 43 — Sambaquí na várzea do rio Itabapoana, a quatro léguas da costa
(Foto A. R. Lamego)*



*Fig. 44 — O Mosteiro de São Bento, em Mussurepe, que data dos primórdios de Campos
(Foto A. R. Lamego)*



Fig. 45 — O Coldgio fundado pelos Jesuítas em fins do século XVII e contemporâneo de São Bento
(Foto A. R. Lamego)



Fig. 46 — Benta Pereira de Sousa, a heroína campista que com 73 anos e a cavalo, chefiou o levante de 1748 contra os Assecas. Nascida em Campos, em 1675, e falecida em 1760.

(Da pinacoteca de Airises)



Fig. 47 — Joaquim Silvério dos Reis, delator da Conjuração Mineira e perseguidor dos campistas



Fig. 48 — Joaquim Vicente dos Reis, coronel de milícias e o maior fazendeiro de Campos nos fins do século XVIII. Senhor de engenho do Colégio e tronco de ilustre descendência.

(Quadro a óleo da Santa Casa de Misericórdia de Campos)



Fig. 49 — José Carneiro da Silva, 1.º Visconde de Araruama. Culto senhor de engenho e chefe da Casa de Quissamã. 1788-1864

(Quadro a óleo, pertence à catedral de Campos)

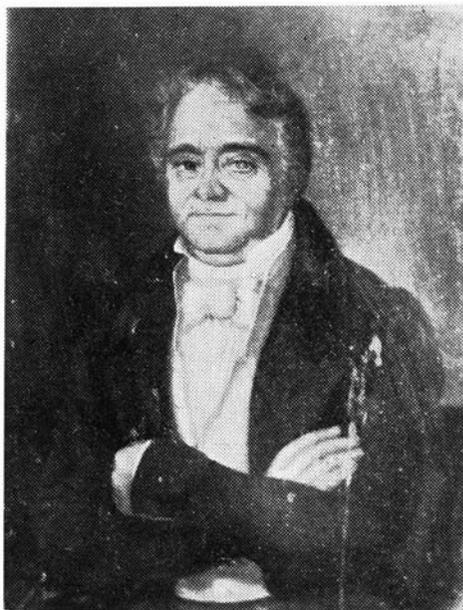


Fig. 50 — Manuel Pereira de Lima, senhor de engenho da Estiva, — Conselheiro Josino —, e tio-tetravô do autor

(Quadro a óleo de Airises)



Fig. 51 — Francisco **Antônio** Pereira de Lima, senhor de engenho em São João e fundador da usina do mesmo nome. Sobrinho do precedente

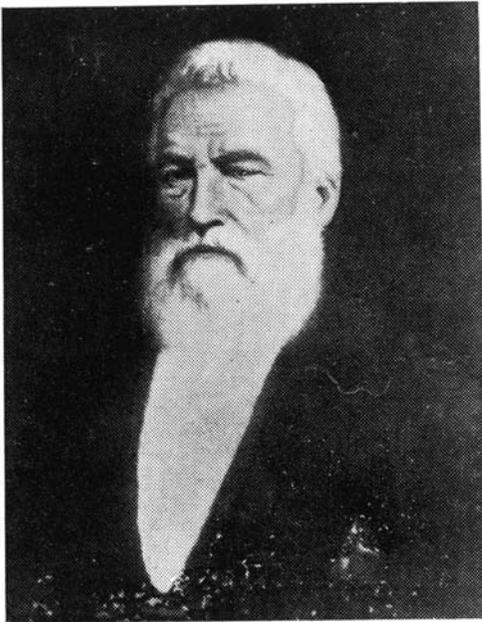
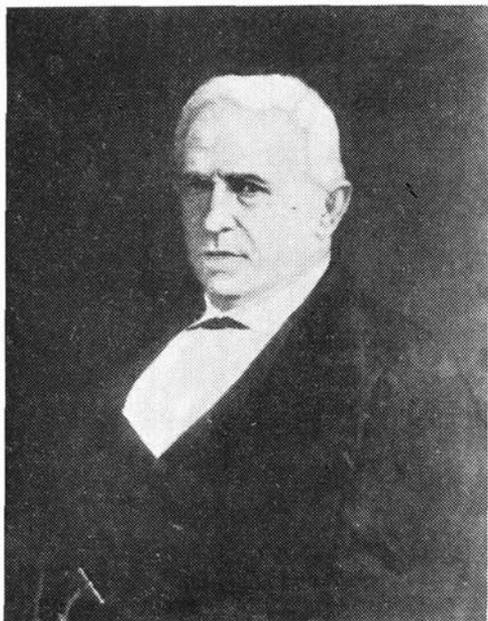


Fig. 52 — Comendador José Cardoso **Moreira** em 1889. Senhor de engenho em Santa-Helena, grande proprietário de terras no Muriaé e um dos fundadores da E. F. de Carangola

(Galeria de retratos a óleo da Beneficência Portuguesa de Campos)



*Fig. 53 — Francisco **Ferreira Saturnino Braga** em 1889. Senhor de engenho em Santa-Ana e Fazenda-Velha, erigindo nesta última o seu solar. Foi um dos iniciadores das estradas de ferro de Carangola e São Sebastião, e fundador da Fábrica de Tecidos de Campos. Patriarca de ilustre descendência*

(Galeria de retratos a óleo da Beneficência Portuguesa de Campos)



*Fig. 54 — Comendador **Feliciano José Maranhães**. Senhor de engenho em Santa-Ana, na margem esquerda do Paratiba, onde tinha o seu grande solar, posteriormente destruído*

(Quadro a óleo de Airises)



*Fig. 55 — Matias José de Freitas Arantes,
grande negociante de Campos no século XIX
(Quadro a óleo do Dr. Olímpio Pinto)*



*Fig. 56 — Pormenores do telhado e do pátio interno do Colégio
(Foto A. Quintela)*



Fig. 57 — Fundos do solar do Colégio

(Foto A. Quintela)

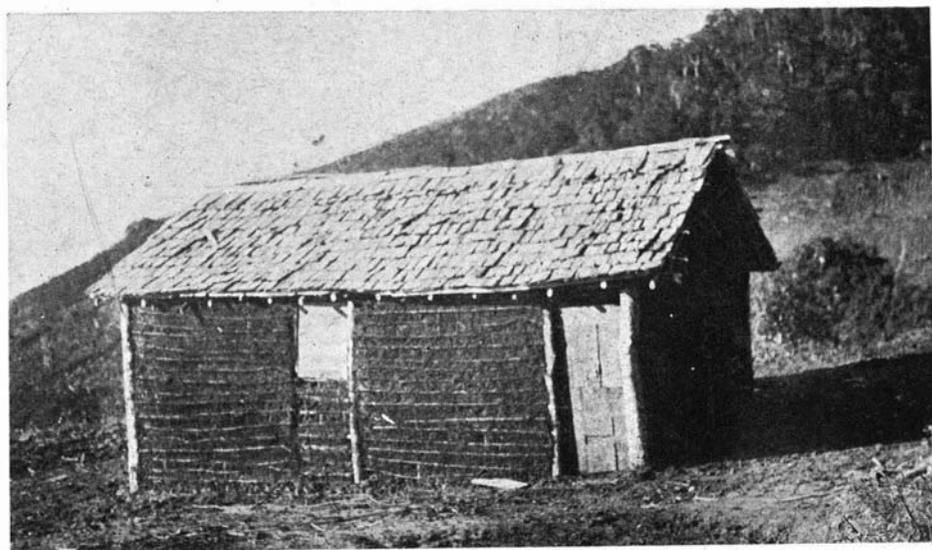


Fig. 58 — Tipo de casa de sitiantes, comum na zona montanhosa e enflorestada do norte fluminense. Paredes de adobe e telhado de tabuinhas de madeira, lascadas a machado

(Foto A. R. Lamego)

Fig. 59 — Grandes talhas de barro para água, de uso geral em Campos no passado.

(Mosteiro de São Bento, em Campos)



Fig. 60 — Asilo de N. S. da Lapa, em Campos, construído para seminário pelo missionário padre Ângelo de Siqueira

(Foto A. R. Lamego)



*Fig. 61 — Portal da igreja da Lapa. Na cartela,
a data de 1755*

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 62 — A Casa de Mato de Pipa em Quissamá construída em 1876 por Manuel Carneiro da Silva, pai do 1.º Visconde de Araruama. É a mais antiga casa existente de senhor de engenho na região de Campos



Fig. 63 — Velhíssima casa em São João-da-Barra, com rótulas nas portas e janelas
(Foto A. R. Lamego)

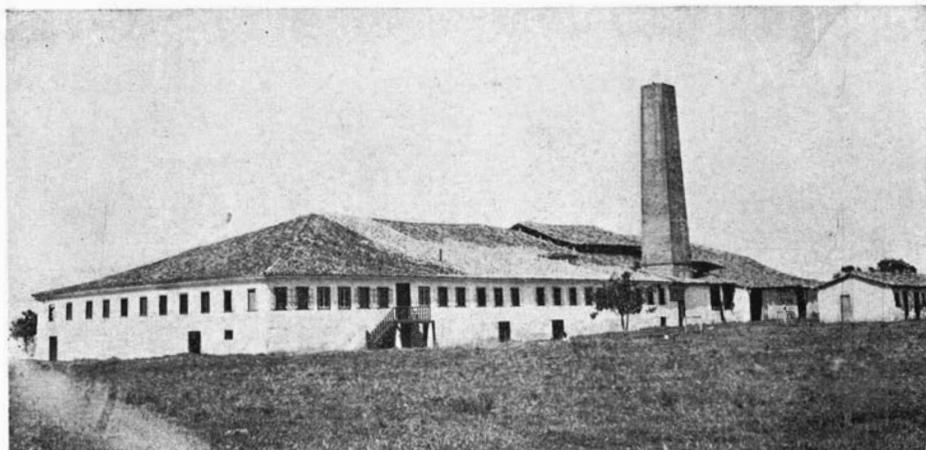


Fig. 64 — Bela varanda ladrilhada de mármore do magnífico solar da Machadinha em Quissamã
(Foto A. R. Lamego)

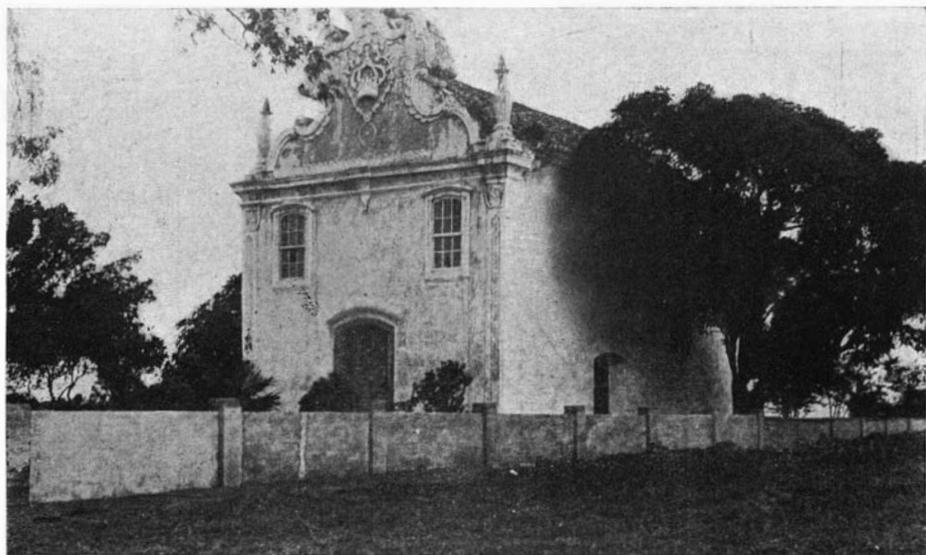


Fig. 65 — Fachada do solar da Machadinha, em Quissamã

(Foto A. R. Lamego)



*Fig. 66 — O "Visconde", tipo de Casa Grande do século XIX, unida ao engenho
(Foto A. R. Lamego)*



*Fig. 67 — Capela de N. S. do Rosário, da Fazenda do Visconde, que data do século XVIII
(Foto A. Quintela)*

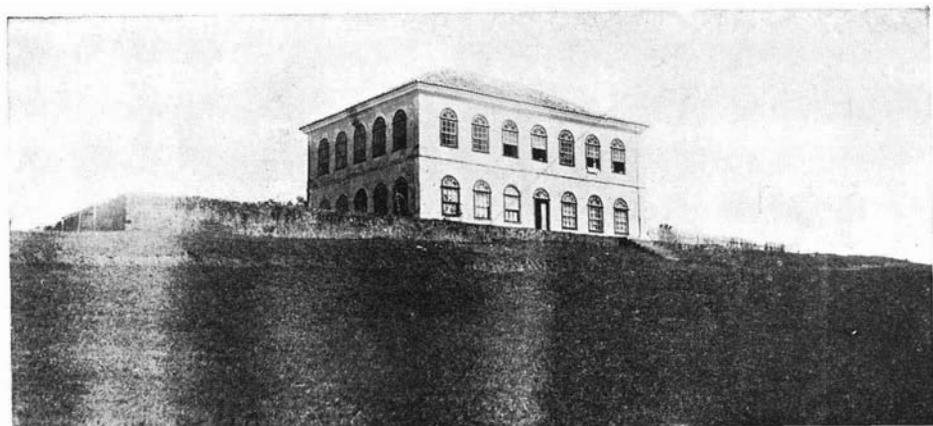


Fig. 68 — O imponente solar de Guriri, construído em 1863 pelo comendador Joaquim Ribeiro de Castro, da família de Quissamã

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 69 — "Atrises". Sobrado centenário, de perfeito equilíbrio arquitetônico em sua fachada de 45 metros

(Foto A. R. Lamego)



*Fig. 70 — Santo-Antônio. Uma das mais perfeitas construções solarengas do Brasil.
levantada por Joaquim Pinto Neto dos Reis, 1.º Barão de Carapebús*

(Foto A. R. Lanego)



Fig. 71 — Outro aspecto do solar dos Carapebús

(Foto A. R. Lanego)



*Fig. 72 — Vista lateral do solar dos Carapebús com a entrada para o pátio interno
(Foto A. R. Lamego)*



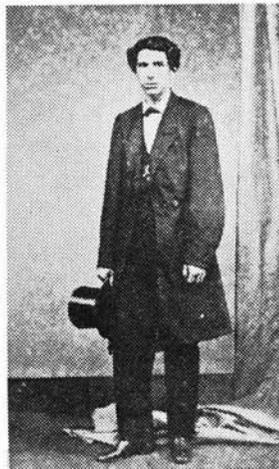
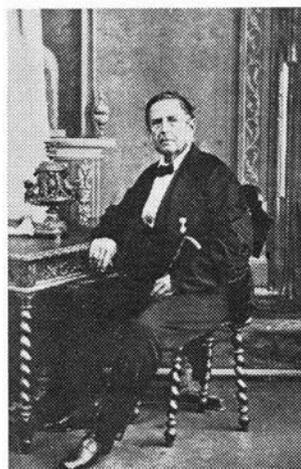
*Fig. 73 — Pátio interno do solar dos Carapebus
(Foto A. R. Lamego)*



Figs. 74 e 75 — Barão e Baronesa da Lagoa-Dourada, ricos titulares do Império, em Campos



*Fig. 76 — Joaquim Manhães Barreto,
senhor de engenho do Cupim*



Figs. 77 a 85 — Uma família típica da nobreza rural campista dos fins do Império. O comendador Crisanto de Miranda Sá, senhor de engenho da Cacumanga, esposa e filhos



Fig. 86 — "Airises", construído há cem anos pelo comendador Cláudio do Couto e Sousa na margem direita do Paratba, em Campos



Fig. 87 — Comendador Cláudio do Couto e Sousa, fundador da Casa de Airises e bisavô materno do autor. 1806-1903.

(Quadro a óleo da Beneficência Portuguesa de Campos)



Fig. 88 — Maria Francisca de Sousa Lima, esposa do comendador Cláudio do Couto e Sousa, e bisavó materna do autor.

(Quadro a óleo de Airises)



Fig. 89 — Carolina de Sousa Lima **Peisoto de Siqueira**, filha do comendador Cláudio e de sua esposa.

(Quadro a óleo de Airises)



Fig. 90 — Maria Francisca de Sousa Lima **Matos Pimenta**, filha do comendador Cláudio e de sua esposa.

(Quadro a óleo de Airises)



Fig. 91 — **Eugênia de Sousa Lima Ribeiro**, filha do comendador Cláudio e de sua esposa, e avó materna do autor

(Quadro a óleo de Airises)

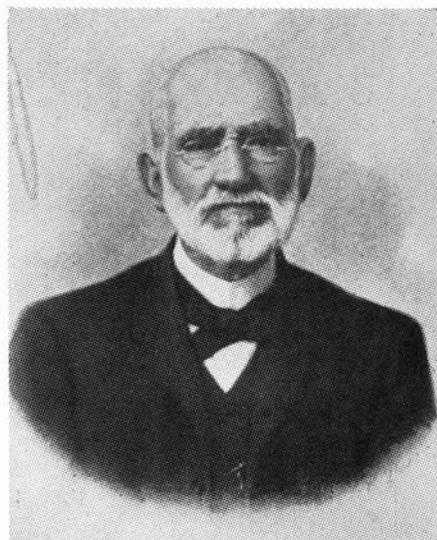


Fig. 92 — **Serafim dos Anjos Sampato Ribeiro** casado com **Eugênia de Sousa Lima** e avó materno do autor



Fig. 93 — **Antônio** do Couto Lima, filho do comendador Cláudio e de sua esposa.

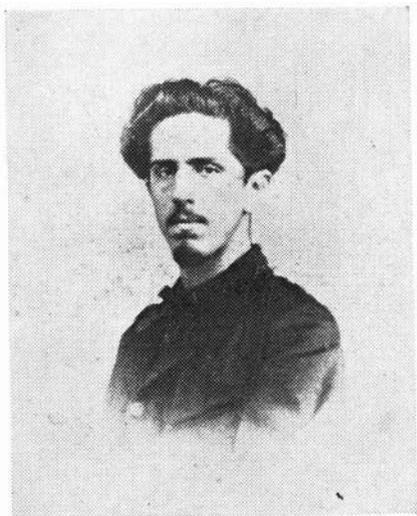


Fig. 94 — **Cláudio do Couto Sousa Lima**, filho do comendador Cláudio e de sua esposa.



Fig. 95 — **Carolina de Sousa Lima** e capitão **Antônio** Peixoto de Siqueira.



Fig. 96 — **Eugênia de Sousa Ribeiro Lima** e **Serafim dos Anjos Sampaio Ribeiro**, avós do autor

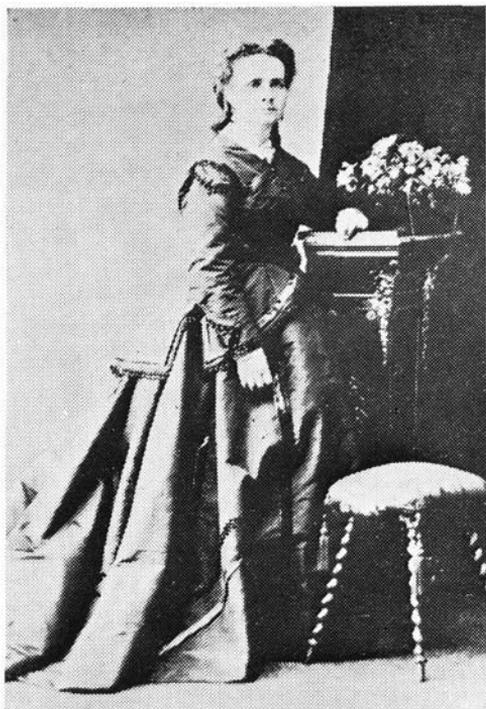


Fig. 97 — Baronesa de São Vicente de Paula, Dona Ana Gregória de Gusmão Miranda Pinto. Benemérita senhora de engenho do "Visconde cuja estação, "Dona Ana", lhe recorda o nome.



Fig. 98 — D. Maria Isabel de Miranda Maranhães Rodrigues Peixoto, esposa do ilustre campista Dr. Manuel Rodrigues Peixoto, senhor de engenho do Cupim



Fig. 99 — Barão de São Fidélis, Antônio Joaquim da Silva Pinto, senhor de engenho do Tai. Patriarca de fina e culta linhagem (Quadro a óleo do Dr. Olímpio Pinto)



Fig. 100 — Sargento-Mor José Alves Rangel, Barão de São João-da-Barra. 1779-1855

(Quadro a óleo de Airises)



Fig. 101 — Baronesa de São Jocio-da-Barra,
Francisca Alves Rangel
(Quadro a óleo de Airises)



Fig. 102 — Almirante Luis Filipe Saldanha
da Gama que simboliza a Marinha Bra-
sileira as tradições cavaleirescas dos so-
lares campistas. (Nascido na cidade de
Campos em 7 de abril de 1846 e morto em
Campo Osório em 1893)



Fig. 103 — Francisco Saturnino Rodrigues
de Brito, glória da engenharia nacional e
membro de tradicional família da planície.
(Nascido na Fazenda Velha, em Campos,
em 14 de julho de 1864 e falecido em
Pelotas em 10 de março de 1929)



*Fig. 104 — A velha matriz colonial de São João Batista, em São João-da-Barra
(Foto A. R. Lamego)*



Fig. 105 — O templo monumental de São Fidélis, erguido por Frei Vitorio de Cambiasca e seus índios Coroados, e que ostenta a mais notável cúpula do Brasil colonial. Começado em 1799 e terminado em 1809



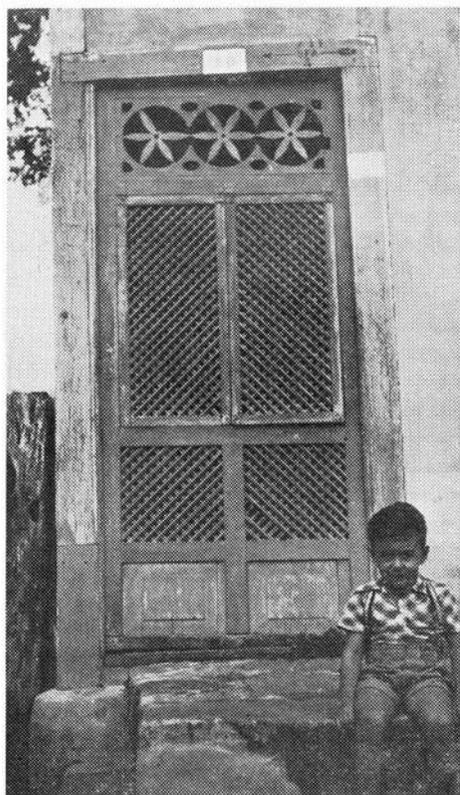
Fig. 106 — A cadeia colonial de São João-da-Barra, com paredes de pedra e cal de 1.20 de espessura

(Foto A. R. Lamego)



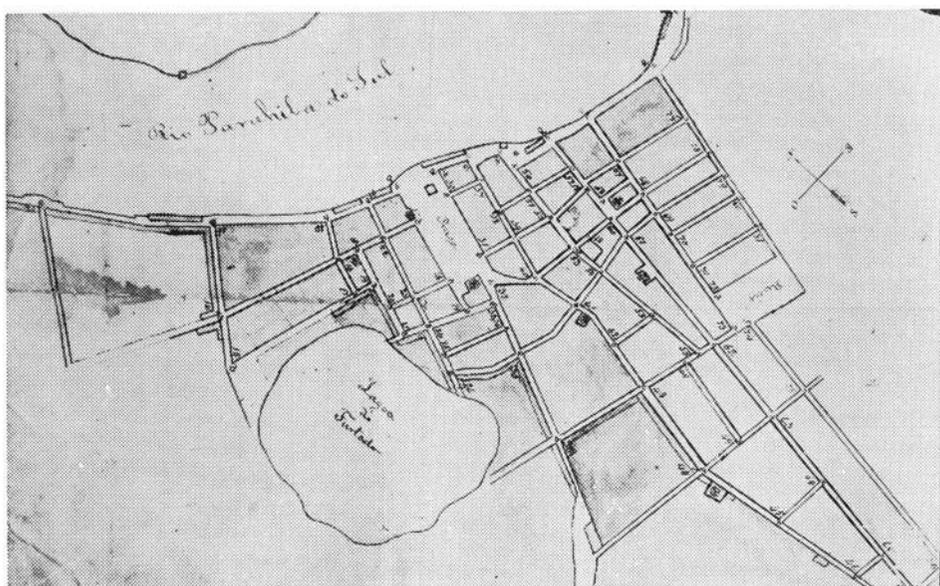
107 — Velho trapiche do tempo da navegação de São João-da-Barra

(Foto A. R. Lamego)



Figs. 108 e 109 — Tipos de portas coloniais com rótulas, ainda comuns em São João-da-Barra

(Foto A. R. Lamego)



*Fig. 110 — Campos em 1835, quando foi elevada a cidade. Os números indicam os
lamepões de iluminação a azeite*

(Do arquivo Alberto Lamego)

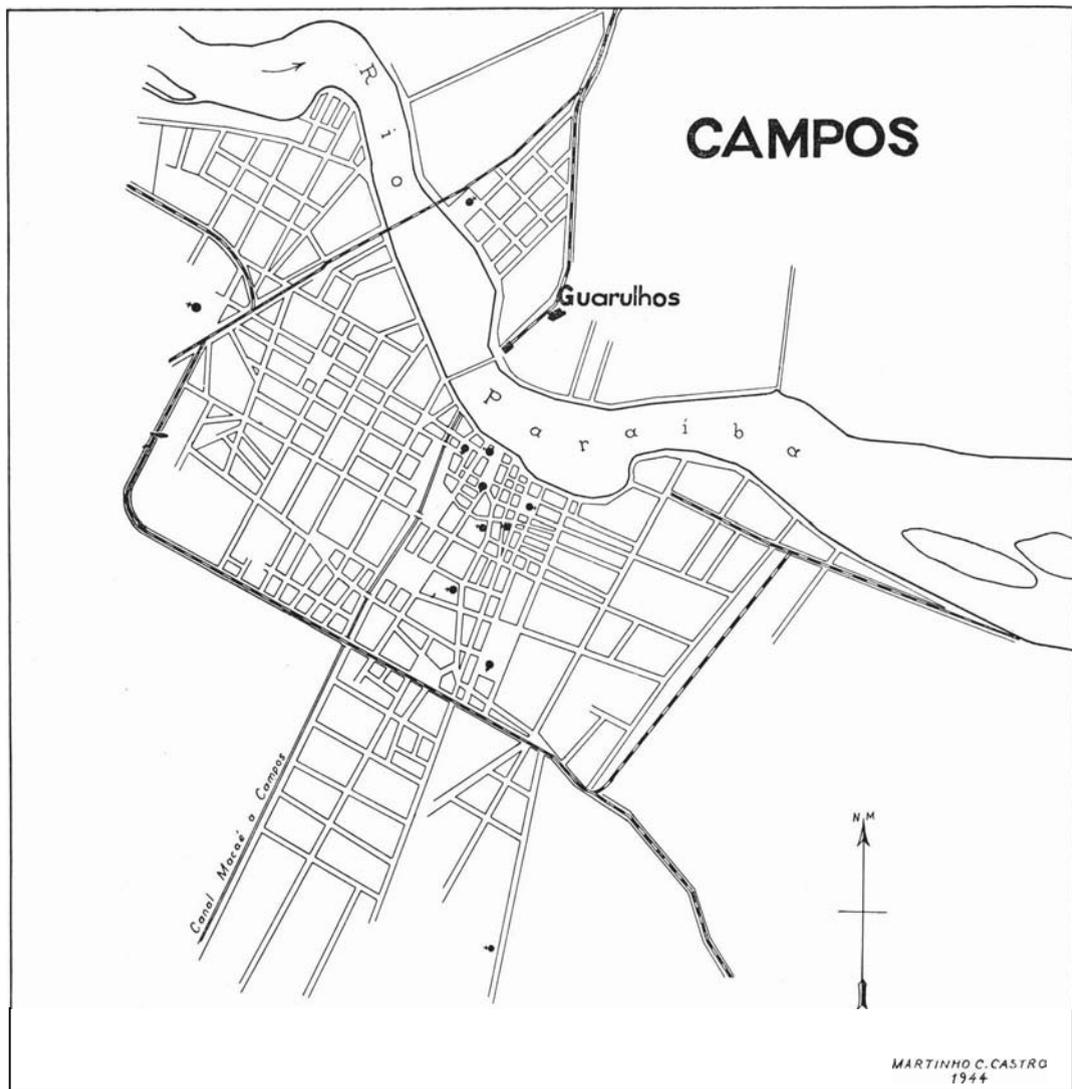


Fig. 111 — Planta de Campos em 1940



Fig. 112 — Fachada da igreja de São Francisco,
em Campos, construída por Frei Vitório
de Cambiasca. 1771
(Foto A. R. Lamego)





*Fig. 114 — Igreja do Carmo, em Campos, que data de 1797
(Foto A. R. Lamago)*



Fig. 115 — Parte posterior e cúpula da igreja do Rosario, em Campos. A fachada foi desfigurada pela reforma recente

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 116 — Igreja de N. S. Mãe dos Homens e Santa Casa de Misericórdia de Campos. Construção do século XIX

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 117 — Interior da igreja do Carmo, em Campos, com belos trabalhos de talha, nos altares laterais e nas tribunas

(Foto A. Quintela)



*Fig. 118 — Igreja de N. S. da Boa Morte, em São João-da-Barra. Século XIX
(Foto A. R. Lamego)*



Fig. 119 — O rio Paraíba ao chegar a Campos. Ao fundo, os últimos lances da serra do Mar



Fig. 120 — O Paraíba atravessando Campos



Fig. 121 — A moderna catedral de Campos



Fig. 122 — O Fôro de Campos



Fig. 123 — O velho carro de bois de eixo móvel que transportou as canas de Campos durante trezentos anos, e que vai sendo aos poucos substituído hoje pelos carros de eixo fixo

(Foto A. R. Lamego)

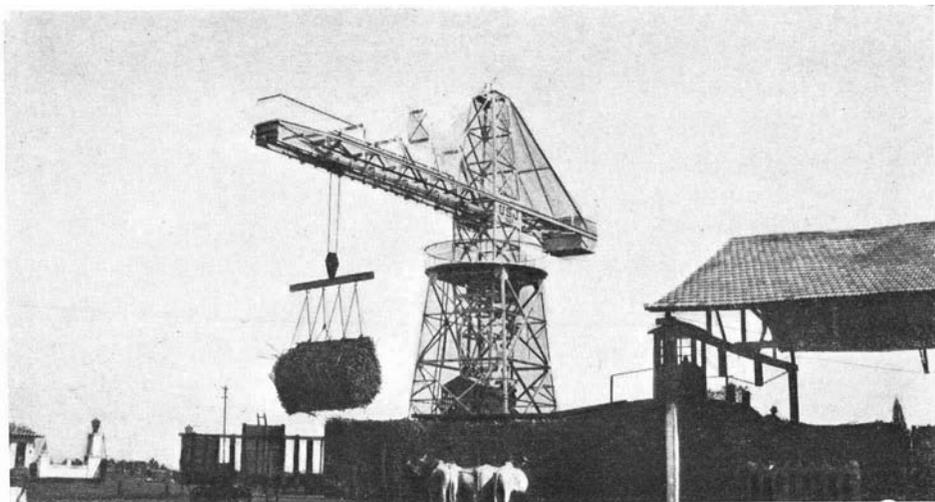
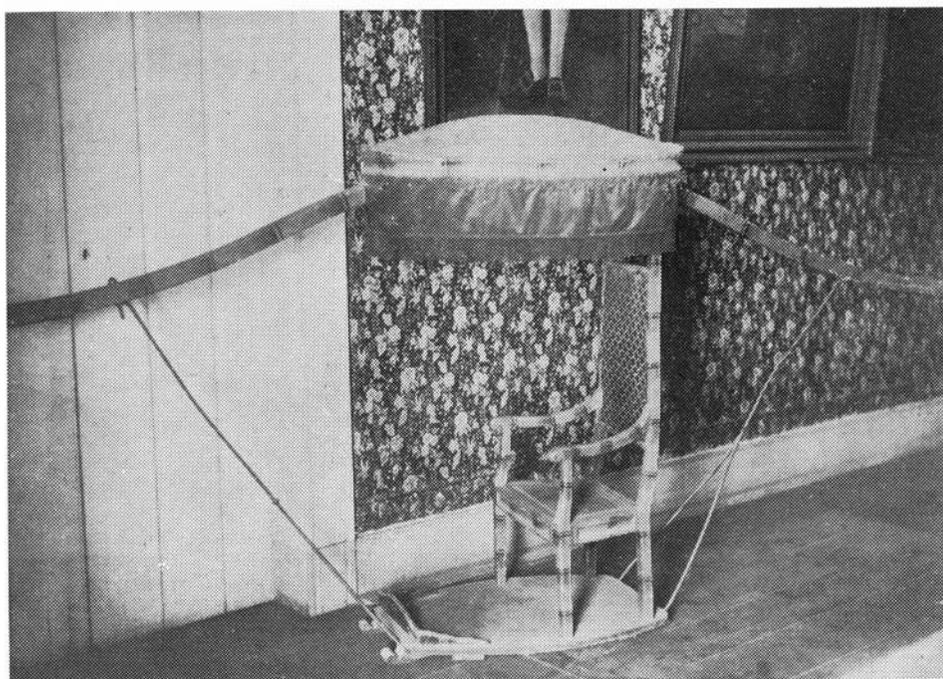


Fig. 124 — Transporte de canas das "grades" da estrada de ferro para a esteira das moendas. Usina de São João. Campos



*Fig. 125 — Cadeirinha usada em Campos nos fins do século XVIII.
(Santa Casa de Misericórdia de Campos)*

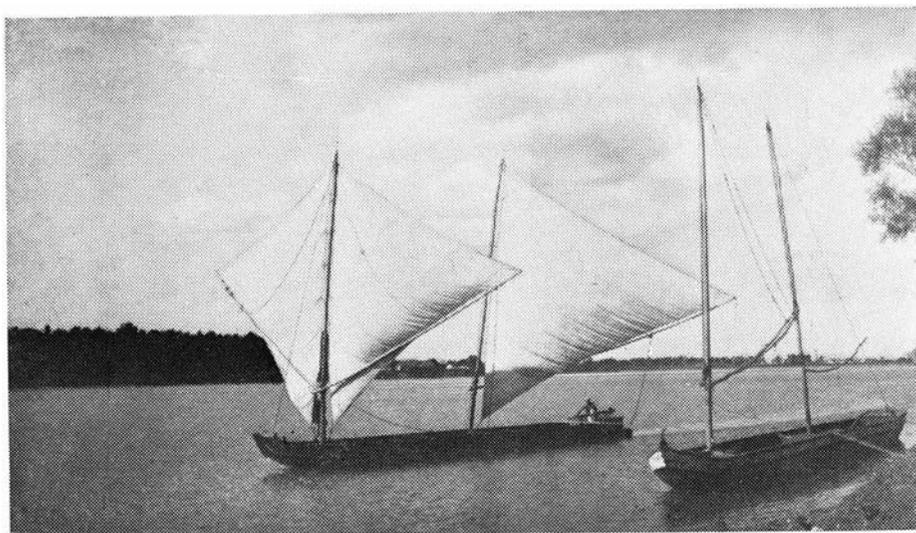


Fig. 126 — As "pranchas" que movimentam o Paraíba, em Campos e o enfeitam de lindas velas brancas

(Foto A. R. Lamego)

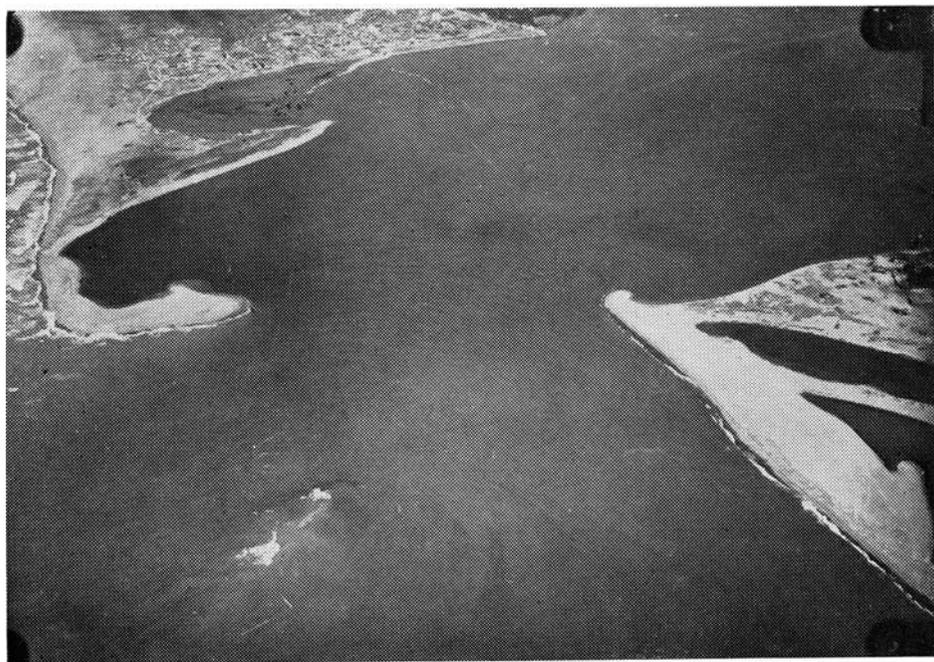


Fig. 127 — Foz do Paraíba, vista do mar. No alto e à esquerda, a vila de Atafona

(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)

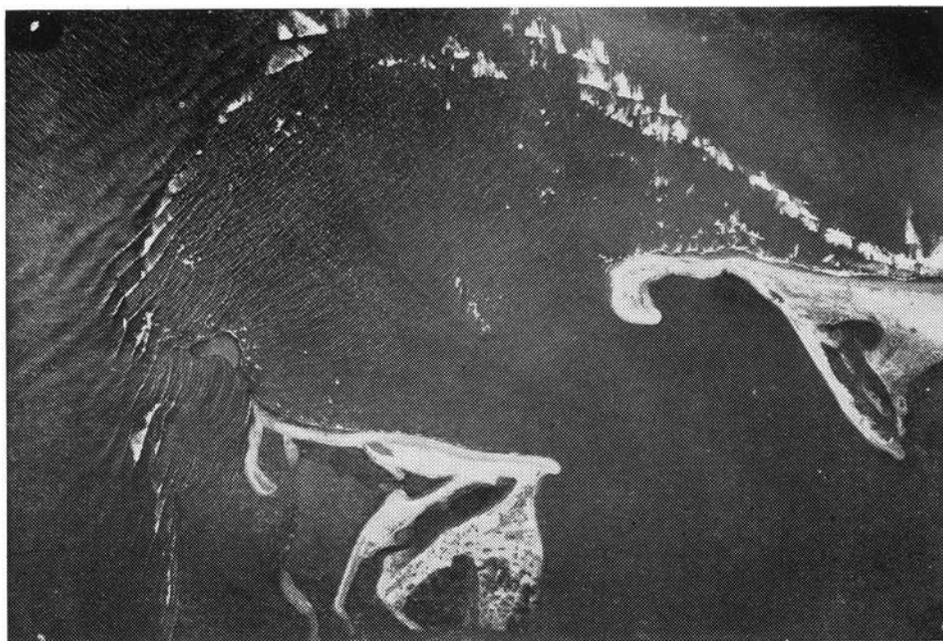


Fig. 128 — A foz do Paraíba em aerofoto vertical. Nota-se a mobilização da embo- cadura com o avanço das restingas para o norte.

(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)

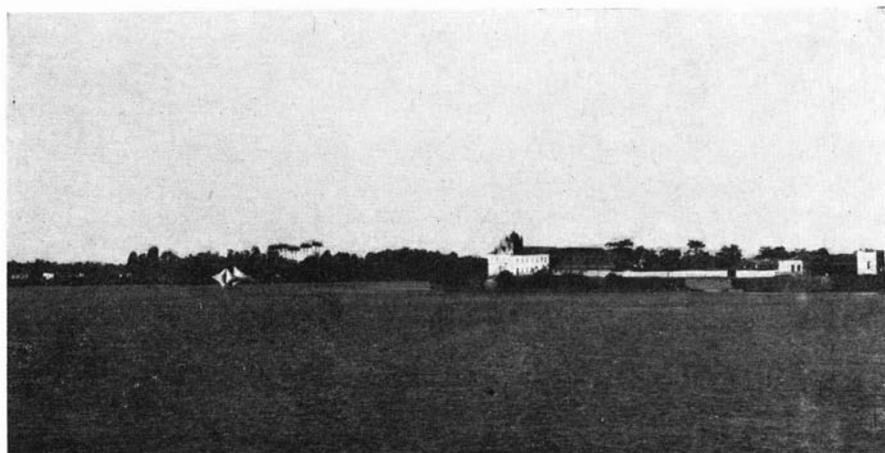


Fig. 129 — A enseada da Lapa, centro do movimento de "pranchas" em Campos. Ao fundo, o Asilo da Lapa.

(Foto A. R. Lamego)

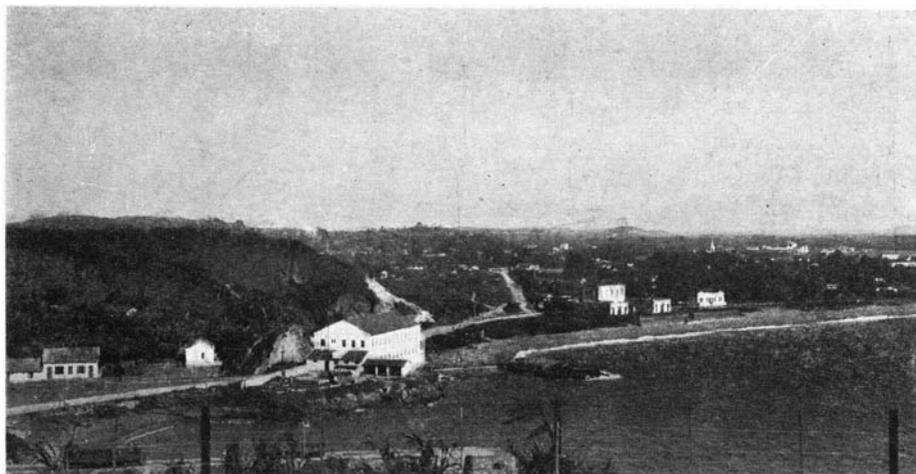


Fig. 130 — A praia de Imbetiba com o Balneário do tempo da navegação. A direita, as ruínas da Alfândega; e ao fundo, a cidade de Macaé

(Foto Cláudio Lamego)



Fig. 131 — Usina do Queimado. Campos

(Foto do D.N.O.S.)

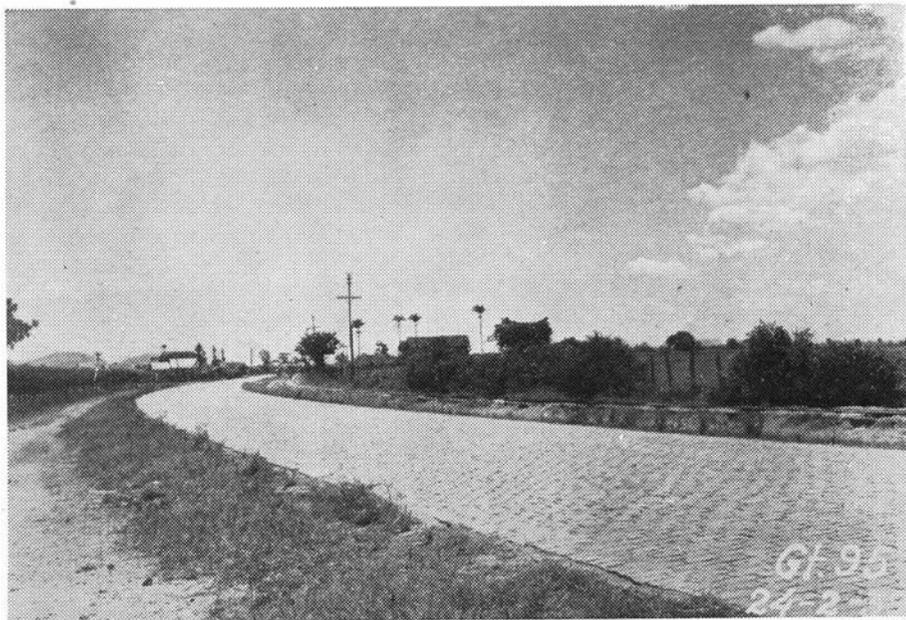


Fig. 132 — Estrada de São Gonçalo, calçada a paralelepípedos numa extensão de 10 quilômetros

(Foto do D.N.O.S.)



Fig. 133 — Várzea do rio do Mundo completamente obstruída pela vegetação. No mesmo estado há um sem número de cursos de água na Baixada.

(Foto do D.N.O.S.)



Fig. 134 — O rio Barro-Vermelho, um dos sinuosos e tranquilos vertedouros da lagoa Feia para o Atlântico, limpos pelo D.N.O.S.

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 135 — Zona de rios apagados na Barra-do-Furado. Ao alto e à esquerda, a praia do Atlântico

(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 136 — Aspecto da zona do Furado alagada pela enchente

(Aerofoto Te. Kafuri, do D.N.O.S.)

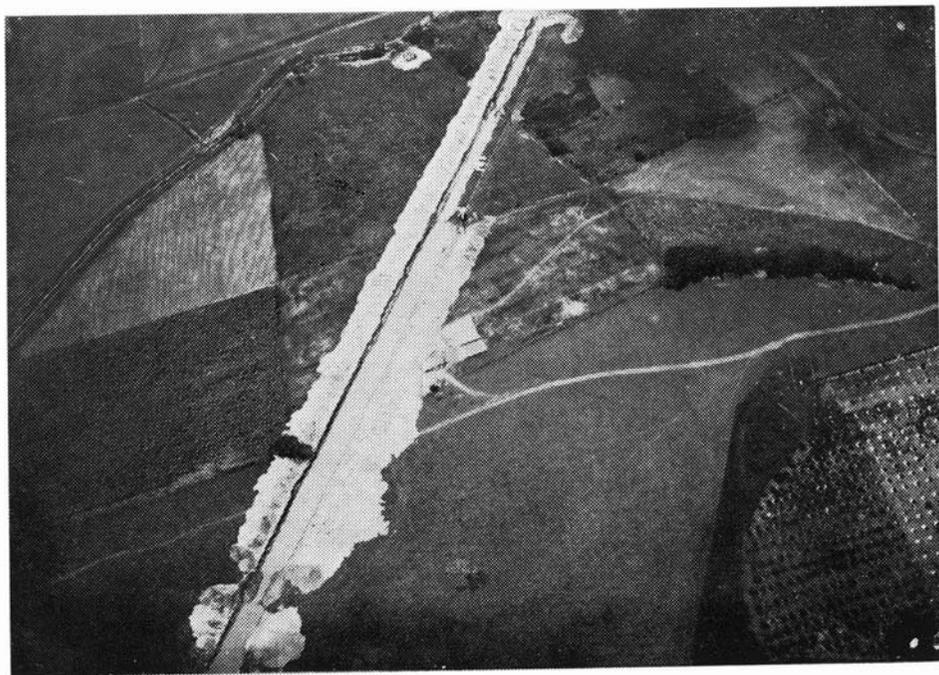
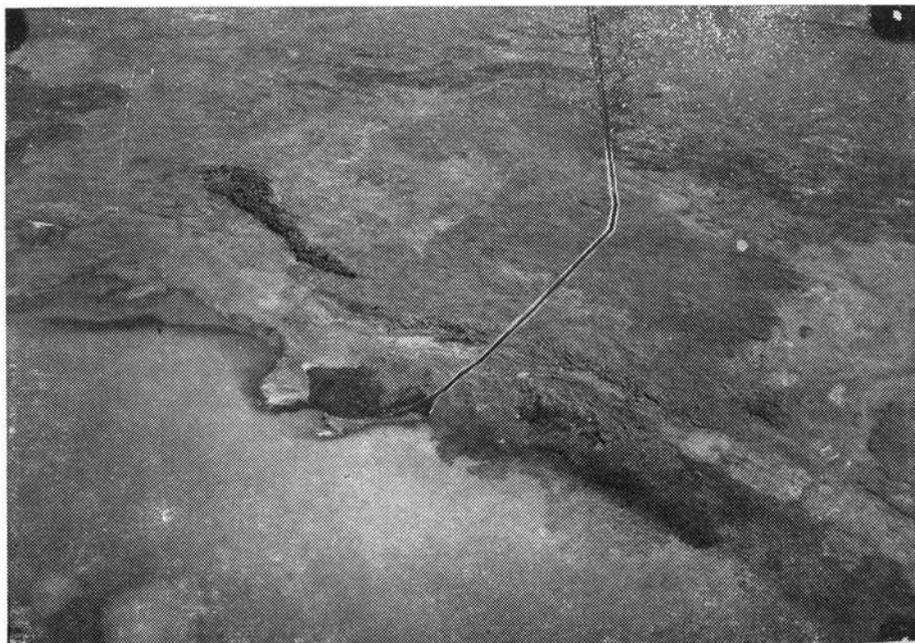


Fig. 137 — Abertura do canal da Cacumanga pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento

(Aerofoto do D.N.O.S.)



*Fig. 138 — Canalização do rio da Prata nos pantanais de Guriri pelo D.N.O.S.
Em baixo, a lagoa Feia*

(Aerofoto do D.N.O.S.)



Fig. 139 — O dique de alvenaria construído pelo D.N.O.S. para reter as enchentes do Paraíba em Campos

(Foto do D.N.O.S.)



*Fig. 140 — Vista aérea de um trecho do dique do Paraíba em Campos
(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)*

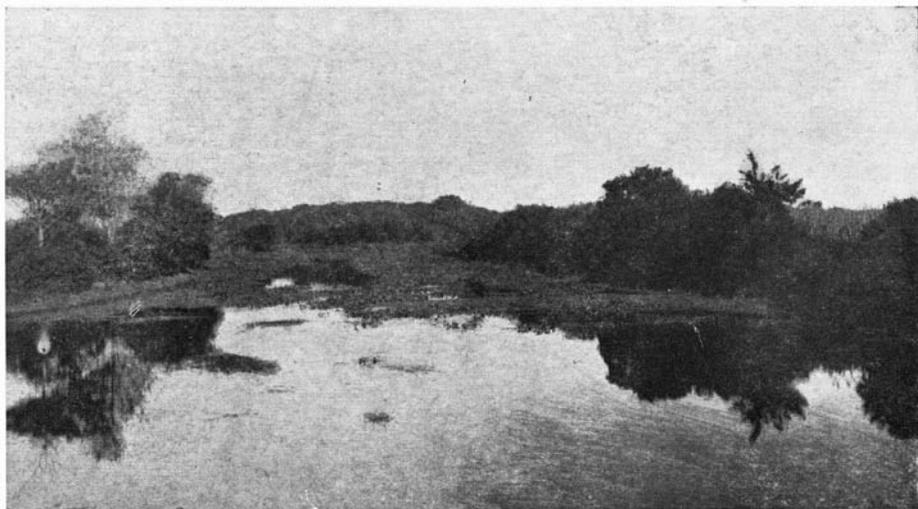


Fig. 141 — O córrego do Pau-Fincado, um dos muitos cursos de água desobstruídos pelo D.N.O.S., em Campos

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 142 — Os famosos robalos da lagoa Feia, que deram origem à colónia de pescadores de Ponta-Grossa-dos-Fidalgos

(Foto A. R. Lamego)



Fig. 143 — Zona de Saturnino Braga com intensiva cultura de cana de açúcar em pequenas propriedades

(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 144 — Zona de Coqueiros. Grande sub-divisão da propriedade no solo de aluviões com intensa cultura de cana

(AerofotoTe. Kafuri, do D.N.O.S.)



Fig. 145 — Uma das centenas de engenhocas do norte fluminense, que ainda hoje afirmam e relembram a formação inicial da indústria açucareira de Campos com a pequena propriedade

(Foto Rafael Blas)

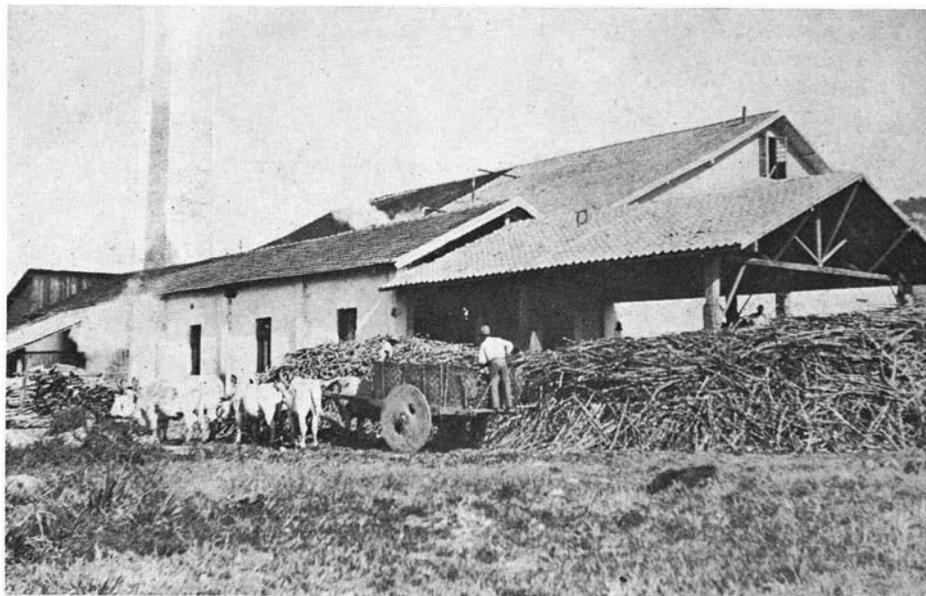


Fig. 146 — Pequena fabrica de açúcar e aguardente da zona montanhosa do norte fluminense, que recorda os engenhos do Império, em Campos

(Foto Rafael Blasl)

coordenação dos interesses grupais, com tóda a Nação integrada em seus valores de Cultura.

O respeito a liberdade espiritual, a disciplina inflexível no Trabalho e a justiça na distribuição de utilidades materiais. A rigidez moral e física da Nacionalidade com o Indivíduo policiado em suas ambições ególatras, e o homem de valor em postos de comando.

Por isso mesmo, também, o Estado colonizador, agrário ou industrial, visando ao bem geral dos magnos agrupamentos, quando nestes falham irremediavelmente tódas as medidas equitativas do Govêrno pela capciosidade interesseira do Capitalismo, insensível e metálico em sua gula molóquica, e renitentemente escorregadio e evasivo as leis invioláveis.

É o caso de Campos. Apenas uma célula do imenso Brasil rural, porém a mais ativa em sua espantosa produtividade econômica. O seu exemplo histórico é mais que digno da atenção do brasileiro. A sua portentosa atividade permanentemente militante modelou no Brasil com o barro da planície fértil, porém dura de conquista, um homem rijo e labutador a extrair da terra uma economia insuperável em nossas zonas rurais, um homem forte e civilizador que isoladamente criou uma Cultura excelsa e própria com suas energias eficazes.

Sòmente agora, em todo o seu viver, é que um Govêrno tenta estimulá-lo com medidas a par de seus esforços. Amplia-lhe a rêde de água e esgotos na cidade que se expande. Dá-lhe o Instituto do Açúcar e do Alcool, controlador de suas atividades agrícolas, e com o novo potencial elétrico, imprevisíveis possibilidades a sua expansão industrial. Dá-lhe com magníficas estradas de rodagem e com a promessa do pôrto de São João-da-Barra, a tão almejada e imprescindível liberdade circulatória, a dilatar-se com os haustos largos do oceano na respiração ampla e livre do comércio pelo novo alento do transporte marítimo.

A bem dessa populosa região, cujo estudo antropogeográfico revela uma singular tenacidade histórica particularista do homem triunfador na formidável luta contra o Meio, — que embora o seleccionasse e o dirigisse vai sendo agora aos poucos jugulado —, dar-lhe-á muito ainda, para exemplo e recompensa do Brasil aos filhos que o engrandecem. A definitiva libertação da dentuça das moendas de apetite insaciável, tornando a usina um *soberano órgão estatal* de congregação de esforços coletivos que regra a equidade econômica de uma poderosa comunidade agrária, e, enxotando trivialidades individuais de minorias imponderáveis em face da multidão. O esconjuro, com a *extinção*, do aviltante pesadelo da escravização premente, ao estrangeiro que nada fêz para o esplendor dessa Cultura, que em nada contribuiu para o enorme acúmulo dessa riqueza de valores étnicos, econômicos, sociais e morais, e que agora, finalizada a obra gigantesca, tenta colhêr tóda a frutificação de trezentos anos de labutas nacionalissimamente fecundas.

E' isto apenas, o que deseja no momento o povo da planície, confiante nas palavras do Presidente Vargas em uma de suas orações, da qual extraímos breves trechos que condensam as aspirações humanas, nos messiânicos tempos já chegados, em que se objetivam esperanças de milênios:

"Atravessamos nós, a Humanidade inteira transpõe, um momento histórico de graves repercussões, resultante de rápida e violenta mutação de valores. Marchamos para um futuro diverso de quanto conhecíamos em matéria de organização econômica, social ou política e sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio. Não é, porém, como entendem os pessimistas e os conservadores empedernidos, o fim da civilização, mas o início tumultuoso e fecundo, duma Era Nova. Os povos vigorosos, aptas à vida, necessitam seguir o rumo das suas aspirações em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruínas. É preciso, portanto, compreender a nossa época e remover o entulho das idéias mortas e dos ideais estéreis".

"A economia equilibrada não comporta mais o monopólio do conforto, dos benefícios da civilização por classes privilegiadas.

A própria riqueza já não é apenas o provento de capitais seni energia criadora que os movimentem: é trabalho construtor, erguendo monumentos imperecíveis, transformando os homens e as cousas, agigantando um objetivo da humanidade, *embora com o sacrifício do indivíduo*. Por isso mesmo, o Estado deve assumir a obrigação de organizar as forças produtoras para dar ao povo tudo quanto seja necessário ao seu engrandecimento como coletividade. *Não o poderia fazer, entretanto, com o objetivo de garantir lucros pessoais exagerados ou limitados a grupos cuja prosperidade se baseie na exploração da maioria*".

Passou a época dos liberalismos imprevidentes, das demagogias estéreis, dos personalismos inúteis e semeadores da desordem. A democracia política substituiu-se a democracia econômica. *E' seu poder emanado diretamente do Povo e instituído por defesa do seu interesse, organiza o trabalho, fonte de engrandecimento nacional e não mero caminho de fortunas privadas*'.

Nestas palavras confia hoje o povo brasileiro. Delas tudo espera, porque exprimem a certeza de normas políticas redentoras de suas angústias, de suas misérias e de suas opressões, sob o ignominioso cativo das forças ocultas e implacáveis do argentarismo perverso.

Confia nelas porque acredita no Bem. E, hoje mais que sempre, esta palavra é necessária. Como jamais, dela necessita a Humanidade ansiosa de paz, de harmonia e de justiça. Mas, para obtê-las, mais que nunca, só com o velho aforismo de ARISTÓTELES

que luz imperecivelmente: "Fim último de t^oda arte e ciência é o Bem, e m^aximamente daquela que está acima de t^odas, *a ciência política*".

Para êste fecho é que se devem sempre orientar as pesquisas científicas em sua mais alta finalidade. Porque a Ciência, na melhor de suas definições até hoje postulada, — a de DARWIN —, "consiste em agrupar *fatos* de modo *que* dêles se possam tirar leis gerais ou conclusões".

BIBLIOGRAFIA

1. — "A Aurora". Campos, janeiro de 1906.
2. — Alberto Tôrres, Heloísa. — Rev. "Kosmos", julho de 1930.
3. — Alencar, José: "O Guarani".
4. — Alencar, José: "Ubirajara".
5. — Alvarenga, João: "Almanaque Industrial, Mercantil e Administrativo da Cidade e Município de Campos", 1881.
6. — Ancel, Jaques: "Géopolitique", Paris, 1936.
7. — Antonil, André João: "Cultura e Oculência do Brasil", Rio, 1837.
8. — "Anuário Açucareiro", 1938.
9. — "Apanhado sôbre o Município de Campos". Exposição Regional de 1916.
10. — Araújo, Elísio de: "Através de Meio Século", São Paulo, 1932.
11. — Araújo Góis, Hildebrando de: "Saneamento da Baixada Fluminense", Rio, 1934.
12. — Araújo Góis, Hildebrando de: "Baixada Fluminense", Rio, 1939.
13. — Aristóteles. — "Ética de Nicômaco", São Paulo, 1940.
14. — Azeredo Coutinho, D. José Joaquim de: "Ensaio Econômico, etc. Lisboa, 1794.
15. — "Boletim Mensal de Estatística Demógrafo-Sanitária da Cidade de Campos", Publ. da Prefeitura Municipal.
16. — Bertoni, Moisés Santiago: "La Civilizacion Guarani", Puerto Bertoni, Paraguai, 1922.
17. — Branner, John C.: "Geologia Elementar", Rio, 1915.
18. — Caetano da Silva: "Corografia Fluminense". Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras., vol. 67 — 1896.
19. — Calmon, Pedro: "História da Civilização Brasileira", São Paulo, 1933.
20. — Calmon, Pedro: "Espírito da Civilização Colonial". Rio, 1935.
21. — Cardim, Pe. Fernão: "Tratados da Terra e da Gente do Brasil", Col. Brasileira, São Paulo, 1939.
22. — Carneiro da Silva, José: Visconde de Araruama: "Memória Topográfica e Histórica sôbre os Campos dos Goitacases", 2.^a edição do original de 1819.
23. — Carneiro da Silva, Dr. João José: "Notícia Descritiva do Município de Macaé", Rio, 1930.
24. — Carrel, Alexis: "O Homem, Esse Desconhecido", trad., Pôrto, 1938.
25. — Carvalho, Augusto de: "Apontamentos para a História da Capitania de São Tomé", Campos, 1888.
26. — Colomb et Houlebert: "La Géologie", Paris..
27. — Comte, Augusto: "Catecismo Positivista", trad. de Miguel Lemor, 3.^a edição, Rio, 1905.
28. — Coudreau, H.: "Chez nos Indiens", Paris, 1893.
29. — Couto Reis, Manuel Martins do: "Descrição Geográfica, Política e Cronográfica dos Campos Goitacases". 1785, manuscrito orig. de arquivo Alberto Lamego.
30. — Cuervo Márques, Carlos: "Estudios Arqueológicos y Etnográficos* Madri, 1920.
31. — Cunha, Euclides da: "A Margem da História", 3.^a edição, Pôrto, 1922.
32. — De Carli, Gileno: "Geografia Econômica e Social da Cana de Açucar no Brasil", Rio, 1938.
33. — De Carli, Gileno: "Aspectos Açucareiros de Pernambuco", Rio, 1940.

34. — Dé Carli, Gileno: "História Contemporânea do Açúcar no Brasil" *Rev. Bras. de Geografia*, n.º 1, Rio, 1939.
35. — Deffontaines, Pierre: "Geografia Humana do Brasil" *Rev. Bras. de Geografia*, n.º 1, Rio, 1939.
36. — Demolins, Edmond: "Comment la route crée le type social", Paris, 1927.
37. — Derby, Orville A.: "The Sedimentary Belt of the Coast of Brazil" *The Journal of Geology*. Vol. XV, 1907.
38. — Dias, Gonçalves: "O Brasil e a Oceania".
39. — Dietrich, Wolfram: "Simão Bolívar", Trad. bras., Pôrto-Alegre, 1937.
40. — Du Toit, Alex. L.: "Our Wandering Continents", Londres, 1937.
41. — Edmundo, Luiz: "O Rio-de-Janeiro no Tempo dos Vice-Reis".
42. — Fernandes, Cornélio. — "Etnografia Indígena do Rio-de-Janeiro". *Bol. do Museu Nacional*, vol. II, n.º 4, 1926.
43. — Feydit, Júlio: "Subsídios para a História dos Campos dos Goitacases", Campos, 1900.
44. — Figueira de Almeida, Antônio: "História Fluminense", Rio, 1930.
45. — Freire, Gilberto: "Casa Grande e Senzala", Rio, 1934.
46. — Freire, Gilberto: "Sobrados e Mucambos", Rio, 1936.
47. — Freire, Gilberto: "Nordeste", Rio, 1937.
48. — Fróis de Abreu, S.: "Kieselguhr no Brasil" *Inst. Nac. de Tecnologia*, Rio, 1935.
49. — Gandavo, Pêro de Magalhães: "Tratado da Terra do Brasil e História da Província de Santa Cruz", edição do Anuário do Brasil, Rio.
50. — Garcia, Rodolfo: "Etnografia Indígena", *Dic. Hist. Geogr. e Etnográfico do Brasil*. Rio, 1922.
51. — Guimarães, Djalma: "Quadro Crono-Geológico do Brasil". Publ. do Instituto Brasileiro de Mineralogia e Metalurgia.
52. — Hartt, Ch. Fred: "A Journey in Brazil", Boston, 1870.
53. — Instituto do Açúcar e do Alcool — Publicações da "Secção de Estatística".
54. — Johnson, Douglas Wilson: "Shore Processes and Shoreline Development". Chapter VI. Nova-Iorque, 1919.
55. — Kingston: "On the Banks of the Amazon", Londres, 1882.
56. — Lamego, Alberto: "A Terra Goitacá", Bruxelas, 3 vols., 1913, 1934, 1925.
57. — Lamego, Alberto: Publicações no "Monitor Campista".
58. — Lamego, Alberto: "Mentiras Históricas", Rio-de-Janeiro.
59. — Lamego, Alberto Ribeiro (Lamego Filho): "A Planície do Solar e da Senzala", Rio, 1934.
60. — Lamego, Alberto Ribeiro: "Teoria do Protognais". *Bol. 86 do Serv. Geol. e Mineralógico*, Rio, 1937.
61. — Lamego, Alberto Ribeiro: "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo". *Bol. da Div. de Geol. e Mineralogia*. (Inédito).
62. — Lamego, Alberto Ribeiro: "O Maciço do Itatiaia e Regiões Circundantes". *Eol. 88 do Serv. Geol. e Mineralógico*, Rio, 1937.
63. — Lamego, Alberto Ribeiro: "Restingas na Costa do Brasil". *Bol. 96 do Serv. Geol. e Mineralógico*.
64. — Lamego, Alberto Ribeiro: "A Gipsita da Boa-Vista". *Avulso n.º 16 Serv. Geol. e Mineralógico*.
65. — Lamego, Alberto Ribeiro: "Gipsita da Boa-Vista". *Rev. Mineração e Metalurgia*, dezembro, 1938.
66. — Lamego, Alberto Ribeiro: "Mármoreos do Muriaé". *Bol. 97 do Serv. Geol. e Mineralógico*, Rio, 1940.
67. — Léry, João de: "História de Uma Viagem Feita a Terra do Brasil", Edição de 1578.
68. — Lisboa, Baltasar da Silveira: "Anais do Rio-de-Janeiro", 1834.
69. — Lopes, Raimundo: "La Civilisation lacustre au Brésil".
70. — Lopes de Sousa: "Diário da Navegação da Armada que foi ao Brasil em 1530".
71. — Macedo, Roberto: "Na data de hoje há muitos anos", *Correio da Manhã*, 10-5-940.

72. — Malheiro Dias, Carlos: "História da Colonização Portuguesa no Brasil", vol. III.
73. — Malte Érun — "Géographie Universelle", 6.a edição, 1859.
74. — Matoso Maia Forte, José: "O Estado do Rio-de-Janeiro", Rio, 1928.
75. — Martins Fernandes José: "História do Decobrimento e Povoação da Cidade de São João-da-Barra e dos Campos dos Goitacazes", Rio, 1868.
76. — Maury, Carlota Joaquina: "American Museum Novitates", Publ. by the American Museum of Natural History Jan. 1935.
77. — Meneses, Camilo de: "Descrição Hidrográfica da Baixada dos Goitacazes", Campos, 1940 (Inédito).
78. — Miranda, Cardoso de: "O Ciclo das Gerações", Rio, 1939.
79. — Moke, H. J.: "Nistoire Illustrée des Peuples Américains", Bruxelles, 1847.
80. — Moraes, Raimundo: "País das Pedras Verdes", Rio, 1931.
81. — Moreira Pinto, Alfredo: "Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil", Rio, 1888.
82. — "Mosteiro de São Bento do Rio-de-Janeiro", Rio, 1927.
83. — Muniz de Sousa, Antônio: "Viagens e Observações de um Brasileiro", Rio, 1834.
84. — Nash, Roy: "A Conquista do Brasil", São Paulo, 1939.
85. — Normano, J. F.: "Evolução Econômica do Brasil", São Paulo, 1939.
86. — Neuwied, Maximiliano de Wied: "Travels in Brazil", edição inglesa de 1820.
87. — Oliveira, Eusébio Paulo de: "Geologia Histórica do Brasil". Avulso do Serv. Geol. e Mineralógico, Rio, 1930.
88. — Oliveira, Eusébio Paulo de: "Geognose do solo brasileiro", cap. de "Geografia do Brasil", edição da Soc. de Geogr. do Rio-de-Janeiro, vol. I, Rio., 1922.
89. — O Gilby, John: "América", 1671.
90. — Oliveira Martins, J. P.: "Elementos de Antropologia". Lisboa, 1909.
91. — Oliveira Viana, Francisco José: "Evolução do Povo Brasileiro", 1.ª edição.
92. — Oliveira Viana, Francisco José: "Populações Meridionais do Brasil", 3.ª edição.
93. — Paiva, Glycon de: "Contribuição para a Geologia do Petróleo do Recôncavo", em colaboração com S. Fróis de Abreu e Irnaque do Amaral, Rio, 1930.
94. — Passarge, Siegfried: "Geomorfologia", trad. espanh. por Gomez Llarena, Barcelona, 1931.
95. — Peixoto, Afrânio: "Clima e Saúde", São Paulo, 1938.
96. — Pereira da Silva, José: "As Melhores Páginas de Getúlio Vargas", Rio, 1940.
97. — Pizarro e Araújo, José de Sousa Azevedo: "Memórias Históricas do Rio-de-Janeiro", Rio, 1820.
98. — Prescott, William H.: "History of the Conquest of Mexico, with a preliminary view of the ancient mexican civilization and the life of the conqueror Rernando Cortez" — Londres, 1843.
99. — Prescott, William H.: "History of the Conquest of Peru, with a preliminary view of the civilization of the Incas".
100. — "Relatório apresentado ao Vice-presidente do Estado pelo Secretário dos Negócios do Interior e Justiça", Rio, 1893.
101. — Recenseamentos municipais ou nacionais de 1816, 1836, 1856, 1873, 1880, 1892, 1912 e 1920.
102. — Réclus, Élisée: "L'Homme et la Terre", Paris.
103. — Réclus, Élisée: "Nouvelle Géographie Universelle", vol. XIX, Paris, 1894.
104. — "Relatórios" anuais da Santa Casa de Misericórdia de Campos.

105. — Ribeiro Sampaio, Francisco Xavier: "Diário de Viagem a Capitania do Rio-Negro em 1774-1775", Lisboa, 1825.
 106. — Robin, Aug.: "La Terre", Paris.
 107. — Rodrigues de Britó, Francisco Saturnino: "Saneamento de Campos", Campos, 1903.
 108. — Rodrigues Peixoto, Manuel: "Discursos pronunciados nas sessões de 9 e 16 de maio de 1884, na Câmara dos Deputados, sobre o orçamento da Agricultura e correrias abolicionistas na cidade de Campos", Rio, 1884.
 109. — Rodrigues Peixoto, Manuel: "A Lavoura em Campos. A Baixa do Açúcar", Campos, 1874.
 110. — Rodrigues Peixoto, Manuel: "Cultura da cana de açúcar e pôrto de São João-da-Barra", Rio, 1908.
 111. — Saint-Adolphe, Milliet: "Dic. Geogr. Hist. e Descriit. do Império do Brasil", Paris, 1863.
 112. — Saint-Hilaire, Auguste: "Voyage dans l'intérieur du Brésil", 1816.
 113. — Salvador, Frei Vicente: "História do Brasil de 1500 a 1627", edição de 1918, anotada por Capistrano de Abreu.
 114. — Sampaio, Teodoro: "Peregrinação de Antônio Knivet no Brasil no Século XVI". Primeiro Congresso Hist. Nacional. Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro.
 115. — Silvestre, Honório: "Aspecto Antropogeográfico do Rio Paraíba-do-Sul". Jornal do Comércio, 23 de setembro de 1934.
 116. — Simonsen Roberto: "História Econômica do Brasil — 1500 a 1820", São Paulo, 1937.
 117. — Soares de Sousa, Gabriel: "Tratado Descritivo do Brasil", ed. de 1851.
 118. — Sousa, Horácio: "Ciclo Aureo", Campos, 1935.
 119. — Sousa e Silva, Joaquim Norberto de: "História das aldeias São Pedro, Ipuca, Nossa Senhora das Neves, Guarulhos, São Fidelis, São José de Leonissa e Santo Antônio de Pádua".
 120. — Southey, Robert: "History of Brazil", 3 vols. Londres, 1810, 1817, 1819.
 121. — Teixeira de Melo, José Alexandre: "Campos dos Goitacases em 1881", Rio, 1886.
 122. — Tôrres, Alberto: "*O* Problema Nacional Brasileiro", Col. Brasiliana, São Paulo.
 123. — Tourville, Henri de: "Histoire de la Formation Particulariste". Paris.
 124. — Twenhofel, William H.: "Treatise on Sedimentation", Baltimore, 1936.
 125. — Up de Graff, F. W.: "Caçadores de Cabeças do Amazonas".
 126. — Vallaux, Camille: "Le Sol et l'état", Paris, 1911.
 127. — Vasconcelos, Pe. Simão de: "Crônica da Companhia de Jesús no Estado do Brasil", Lisboa, 1663.
 128. — Vasconcelos, Pe. Simão de: "Vida do Pe. João de Almeida", Lisboa, 1678.
 129. — Vasconcelos, Pe. Simão de: "Vida do Venerável Padre José de Anchieta", Lisboa, 1578.
 130. — Vasconcelos Sá, Mário: "A Ciência Náutica dos Portugueses e Espanhóis na Época das Descobertas".
 131. — Viana, Hélio: "Formação Brasileira", Rio, 1935.
 132. — Vidal de La Blache: "Tableau de la Géographie de la France".
 133. — Wells, H. G.: "História Universal", Trad. bras., São Paulo, 1939.
 134. — Wegener, Alfred: "La Genèse des Continents e des Océans", Paris, 1937.
-

ÍNDICE ANALÍTICO

- Abajú**, índios, 35.
Abaaneenga, 34.
Abaúna, 35.
"Abelha" "A", 146.
Abobreiras, lagoa, 18 e 22.
Abobreira, lagoa de restinga, 23.
Abolição, 117; campanha da, 146; (A) e o escravo, 169; extinção da Baixada, exceto Campos, com a, 164; ida do negro para a cidade com a, 147; número dos escravos no município de Campos no tempo da, 116; seus efeitos na vida da Baixada, 118.
Abolicionismo, 138.
ABREU, 52.
ABREU, Capistrano, 32.
Abrolhos, 34.
Abstração liberal-democrata, tabu da, 169.
Açu, barra do, 166.
Açúcar brasileiro, "Ciclo do", 80 e 84; fechamento dos mercados ao 120; fome geral de, 77; frutos da abundância por ele trazida, 106; modificador do ambiente social da planície, 104; nascimento de sua indústria em Campos, 102; relação dos municípios maiores produtores no quinquênio 1932/33 — 1936/37, 123.
Açuzinho, barra do, 154.
AFONSO DE SOUSA, Martim, 53.
Africa, 52.
Água, luta contra a, 97.
Água-Preta, cidade de, 148; lagoa, 166.
Águas medicinais, 27; sua ocorrência no norte fluminense, 8.
AGUIAR, André de, 66.
AGUIAR MANRIQUE, D. Francisca de, 55.
Almorés, cordilheira dos, 45; índios, 33 e 48.
Airises, 17; arenito ferruginoso de, 11; solar de, 132.
Alagoas, 56, 82 e 101.
ALBUQUERQUES, 52.
Alcool anidro, aumento na produção do, 121.
Aldeias lacustres, as águas rasas das lagoas impelem à construção de, 90; começo da sedentarização do índio, 90.
Alecrim, fonte do, 27.
ALENCAR, José de, 31, 51 e 91.
ALENQUER, 52.
Alentejo, 52.
Alfândega, edifício em ruínas da, 140.
Algarve, 52.
Aljubarrota, 52.
Alma do vaqueiro primitivo, irrequieta independência da, 138.
ALMEIDA E SOUSA, João de (Gal.) comandante da expedição contra Campos, 73.
ALMEIDA, João de, Jesuíta, 45, 59 e 139.
ALMEIDAS, 52.
Aluviões (As) e as restingas, 89; e restingas recentes, 19.
ÁLVARES BARRETO, João, capitão mor, 66.
ÁLVARES PESSANHA, Domingos, 47, 64 e 68.
ÁLVARES PESSANHA, Tomé, 74.
"Alvorada Campista "A", 146.
AMARAL PEIXOTO, interventor, 149.
Amazonas, 56.
Ambiente social da planície modificado pela lavoura de cana de açúcar, 104.
Ampayouts, peles vermelhas, 38.
América, 52 e 152; descobrimento da, 42.
América-do-Sul, Campos a primeira cidade da... que instala luz elétrica, (1883), 145.
América do Norte, 38.
América, senhor da, 41.
Ampayouts, peles vermelhas, 38.
Anahuac, altares de, 40; civilização asteca de, 39.
Andressa, canal, 18; rio, 166.
ANCKIETA, 56.
Angola, 70; reino de, 74;
Angra-dos-Reis, 150.
Antônio Dias, arraial de, 47.
ANTONIL, 102.
ANTÔNIO DIAS, curraleiro, 58.
ANTÔNIO DO DESTERRO, D., bispo beneditino do Rio-de-Janeiro, 69.
Antropofagia, 33, 37, 38 e 42.
Antropogeografia, pesquisas histórico-sociais no campo da, 3.
Apaches, peles vermelhas, 38.
Apêgo à terra, 145.
Apêgo ao solo, 106, 107, 127, 161 e 171.
Apêlo à Coroa dos moradores de Campos, 74.
Araúama, 58 e 150.
ARARUAMA, visconde-de, 77, 96, 110, 128, 153, 163 e 164.
ARARUAMA, 1.º visconde de, 109.
ARAÚJO GÓIS, Hildebrando de, 166 e 167.
ARCO-Iris, culto do, 40.
Area e população dos municípios destacados do território da antiga câmara de Campos (quadro estatístico), 171.
Argilas plásticas, 25.
Aristocracia rural, 115.
ARISTÓTELES, 178.
Arte religiosa, 144.
Aruãs, índios, 50.
Ásia, 52.
Ascendência lusa, 141.
ASSECA, seus administradores violentam direitos dos foreiros, 82.
ASSECAS, 60, 79, 81, 102 e 168; autocracia reacionária dos, 70; a planície é feitoria dos, 67; domínio dos, 60; início do disputa dos... com os beneditinos, 63; edificações em Campos no tempo dos, 126; morgado dos, 81; peleja com os, 128; posse do procurador dos, 73; rebelde sesmeiro dos, 130; tempo dos, 139; usurpação secular dos, 96; volta da capitania ao domínio dos (1739), 69.

ASSECA, 3.º visconde-de. morte do, 70.
ASSECA, visconde-de, 125.
Associação tribal, espírito de, 49.
Atacas, 39.

Atafona, 23; barra de, 140; vila de, 58.
Atlântico, 5, 8, 14, 16, 22, 23, 41, 52, 140, 142 e 152.

Austrália-do-Espírito-Santo, 52.
Automóvel, conseqüente melhoramento das estradas com o, 158.

Avai, fonte do, 27.
ÁVILA, Garcia de, 95.
AVIZ, Henrique de, 52.

AZAMBUJA, conde de, vice-rei do Brasil, 81.
AZEREDO COUTINHO, D. José Joaquim, 32 e 47.
Azóico brasileiro, conclusões petrogenéticas sobre o, 6.
Azúico, cordilheira, 4; **emprego** do termo, em lugar de arqueano, 4; faixas duvidosas do contacto com o, 10; limites do 14; rochas cristalinas do... na usina do Queimado, 12.

Bacia de Resende, sedimentos terciários da, 12.
Bahia, 38, 73, 82, 101, 104, 107 e 155; calabouço da, 67; progressista de **VIEIRA**, 56; **provincia** da, 108; sedimentos cretácicos da, 13; série cretácica da, 11.
Baixada, brilhante cultura fluminense da 98; colapso da, 118; (a) é granítica ao longo dos rios Prêto e Imbé, no derradeiro trecho da serra do Mar. 9: saneamento da, 22, 159 e 165: sua superfície comparada com a dos paludes pontinos da Itália, 167.
Baixada Fluminense, a região assim denominada não se compõe exclusivamente de terrenos baixos e empantanados, 5: comêço da, 5.
Baixo Paraíba, ricas margens do, 173.
Bananeiras, lagoa de **restinga**, 23.
Bandeiras, audácia das, 126.
"Bandeiras do jacarandá", sonho do passado, realidade do presente, 157.
Bandeira, serra. 5. 6. 8 e 9.
Barcelos, 23; engenho, 115.
BARCELOS COUTINHO, 153.
BARCELOS MACHAW, José, 63 e 162.
BARCELOS VELHO, José de, 59.
Baronesa, casa da, 133.
"Barrabadas", dança popular, 134.
Barra-de-São-João, 150.
Barra do Furado, 15.
Barra do Itabapoana, 9.
Barra-Sêca, fazenda da, 83.
Barreiras, formações do arenito das, 12; formações pliocênicas das, 13; série das 10 e 12.
BARRETO, João, 146.
Barrismo (o) e não o bairrismo, 107.
Barro, base física de uma nacionalidade 107.
BARROSO (Os), 109.
Barro-Vermelho, formações areníticas no leito do rio, 15.
BARTOLOMEU DIAS, 52.
Batalha, ogivas da, 52.
Baús, maciço dos, 5.

"Beija-Flor" "O", 146.
Beira, serranias da, 93.

Benedictinos, não aforam e nem cultivam as terras, 82.
Benguela, presidio de, 73.
BENTA PEREIRA, 66, 67, 71, 73, 82, 127, 135, 153 e 169.
BERNARDO DE MONSERRATE, frei e Pe. Luis Correia, principais protagonistas do despejo dos campistas, 62.
BERTONI, Moisés Santiago, 42 e 48.
BEZERRA DE MENESES, José Geraldo, 34.

Bibliografia, 180.
Bispo de Elvas e de Pernambuco, 128.

Roa-Vista, 20: campos da, 24 e 81; pacotes de sedimentos deltaicos da região de, 18: planície da, 17; região dos campos da, 18; zona de, 166.
"Bôca do Mundo" "A", 146.
Boi, sua influência na civilização campista, 153.
Bolders, grandes, 9.
Bolsa do Rio de Janeiro, jôgo imoralíssimo na, 120.
Bom-Jesus-de-Itabapoana, município de, 123.
Boqueirão do Engenho, 150.
Botocudos, indios, 33 e 47; retirada dos, 17.

Braço negro, fuga para as cidades, 164.
Braga, solar do, 133.
Brasil, 56, 113, 119, 126 e 169; as classes trabalhadoras é que são o, 165; dura aclimação do português nesse trecho do, 92; nasceu com a indústria açucareira, 124.
Brasil de Oeste, 56.
Brasil colonial, mais notável cúpola do, 143.
Brasil litorâneo, indústria açucareira, grande monumento histórico-econômico da, 175.
Brasil Oriental, invasão pelos guaranis, 42.
Brasilico, orogenismo inicial, anterior ao laurenciano, 7.
Brejoinho, vale do ribeirão de, 7.
Brejo (O) e o indio, 90; (O) é o Lavrador, 100; (O) e o Pioneiro, 91; (O) e o Vaqueiro, 93; função social do, 50 e 91; impicilho à colonização, 92; luta contra o, 96 e 110; sua primeira função sobre o homem, 90.
Brejo-de-Dentro, alagados de, 154.
Brejo-Grande, lagoa de tabuleiro, 25.
BRITO, Guedes de, 95.
BRRTO, Saturnino de, 146, 164 e 165.

BUENO FEIO, Bartolomeu, 64.

Cabidas lacustres dos Goitacás-Guaçus, 46.
Cabo, cidade de, 118.
Cabo-Frio, 5, 13, 34, 38, 45, 48, 139 e 153; aldeia de, 46 e 99; distrito de, 47; engenheiros do, 59; indios de, 44; povoado de pescadores de, 58; restingas de, 21; salinas de, 118.
Caboio, enseada do, 17 e 22; zona do, 23 e 166.
Cachoeira, 12.
Cachoeira, estação de, 157.
Cacimbas, até a água de beber é de, 161: canal, 22 e 157; reabertura do canal de, 166; tabuleiros dos sertões de, 166.
Cacumanga, canal de, 166; lagoa de **aluviação**, 23.
Caetá, 11 e 17.
CAETANO, Batista, 34.

Caetés, índios. 56.
CALDAS VIANA, (Os), 109.
CALMON, Pedro, 125.
Câmara dos Deputados, 151.
Cambaíba, lagoa de *aluvião*, 23.
CAMBASCA, Frei Vitório. arquiteto italiano. 143.
Cambuci, 6; afloramentos calcáreos em. 27.
CAMÕES, Luís de, 31.
Campanhas abolicionistas, 118.
Campeiros, eclosão dessa atrevida raça de, 153.
Campelo, fazenda. 25; lagoa do, 22 e 157; lagoa de restinga, 23.
Campista, a lavoura de cana é o cimento unitivo da estrutura étnica e social do, 174; amor à terra do, 157; *brasileiramente* trinacional. 113; *característicos* do, 60; *exclusiva* ascendência lusa do 141; *espírito* sociável do, 128; *habitação* do... em setecentos, 143; *inato instinto* particularista do, 84; *influência* da Geologia no destino humano da planície, 89; *pendor* ruralista do, 136; *um filho* do Paraíba, 137.
Campistas, amor da Liberdade dos, 128; *fácies* étnico dos, 111; *fragmentadores* de latifúndios, 79; *imprevidência* dos, 128; *levantado* dos, 71; *isolamento histórico-geográfico* do, 113; *má criação* dos, 105; *preferem* a lavoura à mineração, no que são seguidos pelos imigrantes, 78; *prodigalidade* dos, 128; *refinamento* dos 105; *testemunho* de PIZARRO dos hábitos, costumes e vivendas, dos, 106.
Campo-dos-Goitacases, Província de, 151.
Campo Limpo, curral de, 58; distrito de 77; zona de, 94.
Camponês, particularismo do, 145.
Campos, 20, 21, 23, 95, 107 e 141; *abertura* do canal de, 139; a *câmara* de ... *incorpora*, por conta própria, a capitania à Coroa, 70; *acelerado* crescimento da produção de, 156; *aldeia indígena* em frente a, 32; *estrada* de ferro de ... a Macaé (1875), 157; a *maioria* dos seus camponetes é de *sitiantes*, 171; *anomalia &* *normas* familiares transportadas das *português* oferecida por, 135; *anulação* da criação da vila de, 61; *área* e *população* dos municípios destacados da antiga *comarca* de, 171; *arenitos superiores* e *horizontais* de, 11; *arte religiosa* na vila de, 144; *ataque à casa da câmara* de, 72; *bacia* de, 9; "*capital natural*", 141; *caráter* brechoso do arenito de, 14; *casas* de, 137; *cavalos* (o) *indissolúvelmente* ligado ao homem em *toda* a vida de, 153; *cidade* de, 15, 139 e 173; *civilização* exclusivamente rural de, 80; *comarca* de, 123; *começo* do terrorismo em, 67; *condições* aa *instalação* de engenhos em ..., *diferentes* das demais do País, 101; *condições sanitárias* de, 146; *construção* de máquinas a vapor em, 131; *contribuição* do álcool de, 121; *cultura* no Segundo Reinado, 135; *desenvolvimento* da cidade de, 147; *distrito* de, 79; *doação* à vila de meia légua *quadrado* de terras pelo Gal. SALVADOR, 63; *edifício* do fóro de, 149; *edificações* no tempo dos ASSECAS, 126; *elevação* à cidade em 1835, 144; *engenhos* de, 115; *enseada* de, 16; *estatística* da população urbana e rural (anos de 1752-1814-1860), 136; *exemplo* de *completa* subordinação de *fenômenos* sociais ao meio *telúrico*, 89; *expedição* repressiva mandada por

GOMES FREIRE *contra*, 73; *finta* de 14 000 cruzados *lançada* *sobre*, 73; *fixidez* de, 150; *fome* em ... e *miséria* na planície (1793), 81; *formação* rural de, 136; *formações* de, 11; *formações* geológicas de, 56; *formações* não absolutamente horizontais de, 11; *formidável* desenvolvimento dos engenhos de ... após a queda dos ASSECAS, 81; *função* social do brejo em, 50; *geologia* econômica de, 24; *golfo* de 22 e 28; *grandes epidemias* de, 147; *grandes melhoramentos* em seus meios de transporte, 158; *grandes sobrados* rurais de, 132; *grandeza* econômica de, 27 e 122; *habitadores* de ..., *usos* no *vestiário* dos, 127; *hábitos* dos habitantes de, 129; *heroísmo* das mulheres de, 72; *história* econômica de, 103; *história econômico-social* de, 60 e 137; *história política* e social de, 100; *história* social de, 27; *igrejas* no século XVIII, 143; *importância* de ... em 1768, 81; *indústria açucareira* de ... foi *exclusiva* e *tradicionalmente* *brasileira*, 124; *influência* da *máquina* em sua vida social, cultural e econômica, 116; *legenda* de, 60; *linha* de ônibus de, 158; *magnificência* de seus solares do Segundo Reinado, 133; *maioridade* do *brilho* cultural de, 134; *mandado* de *despejo* para os habitantes de, 62; *mares* de, 21; *missão* aos ... do jesuíta JOÃO DE ALMEIDA, 139; *monopolizadora* das *aluviões*, 141; *município* de, 26, 118 e 123; *município* de maior população do Brasil, 99; *nascimento* da indústria do açúcar em, 102; *nascimento* da pecuária em, 58; *não* foi uma "*cidade nômade*", 150; *necessidade* da *construção* de um *pôrto* de mar em, 159; *no* meio açucareiro *fluminense* exerce a *função* de Recife *para* o de Pernambuco, 149; *nova tentativa* oara *criação* da vila (1672) de, 62; *número* de *escravos* em ... na época da Abolição, 116; *obstáculos* apontados por MUNIZ DE Sousa, 108; *ocorrência* das *restingas* em, 20; *passa* de *exportadora* de gados à *importadora*, 77; *perigo* da *introdução* do *capital* estrangeiro na indústria açucareira de, 124; *período* de *vida* *solarenga* em, 133; *petróleo* Em, *possibilidade* de sua existência, 11; *planícies* dos, 98; *pontal arenítico* de, 17; *população* *agrária* e *particularista* de, 175; *população* de, 147 e *seg.*; *pôrto* natural de, 152; *possibilidade* da existência de petróleo em, 27; *povoadores* de, 97; *predomínio* *centralizador* de, 151; *presença* de *gipsita* em, 26; *primeira* cidade da América do Sul que *instala* luz elétrica (1883), 145; *primeira sessão* da câmara (1653) de, 61; *primeira tentativa* da *fundação* da vila (1652) de, 61; *primeiros novinhos* nascidos nos, 59; *problema* da indústria açucareira em, 174; *problema* do petróleo em, 14 e 17; *problema* do saneamento de, 164; *problemas* açucareiros, 174; *produção* açucareira em 1929, 120; *produção* do álcool *anidro* na região de (dados estatísticos), 121; *região* de, 23 e 165; *região* de ... *extraordinária* *expansão* da indústria açucareira durante os séculos dezoito e dezenove, 76; *registro* para *fiscalização* dos habitantes de, 139; *relevo*, sua *função* *primordial* em, 4; *renda* do município de ... em 1939, 171; *renitente* crescimento da população de, 99; *representação* dos *donos* de *sítios*, *resi-*

dentos no Rio, contra a criação da vila (1653) de, 61; residência (C.S.B.F.) em 166; rusticidade coletiva dos fundadores de, 126; rusticidade dos moradores de, 127; São-João-da-Barra cidade gêmea de, 140; sedimentação de rochas oleiginosas ao norte de, 10; situação de ..., resultante, sobretudo, de sua geologia regional, 141; sondagens no alto do Liceu de, 12; sua elevação a categoria de Província, aspiração dos campistas, 151; tabuleiros de erosão dos, 13; terraço sedimentar ao norte de, 10; terra das bruscas mudanças, 132; terra de notáveis cavaleiros e de cavalhadas famosas, 153; terras de, 174; transformação de ... no quarto século, 137; transição perturbadora de quarenta anos da Primeira República, 138; verdadeira história da conquista dos, 58; vida de, 128; viga mestra da Província do Rio-de-Janeiro, 134; vila de, 73, 125, 126 e 143; vila de ... no começo de setecentos, 126; vinculação dos fenômenos geográficos, geológicos e fisiográficos da região de, 3; visita do bispo Alarcão à, 125; visitas do Imperador, 115; visitas dos Príncipes Imperiais, 115.

Campos dos Goitacases, 59; SALVADOR DE SÁ tem notícias dos (1648), 61.

Capão-dos-Porcós, brejo dos, 23.

Canadá, 52.

Cana de açúcar, predestinação da planície goitacá para a lavoura da, 73.

Canal Maca&-Campos, causas de sua pouca serventia, 156.

Canaris, indígenas do Equador, 39.

Canaviais, aparecimento dos Imperiais, 59.

Canibalismo entre os pele-vermelhas, 38.

Canga ou "recife", 25.

Cantagalo, 33; afloramentos calcáreos em, 27; município de, 156.

Cantareira, primeiras barcas da, 156.

"Capitais naturais" (As) e as "artificiais" 141.

Capital e Trabalho, 165.

Capital, estrangeiro, perigo de sua introdução na indústria açucareira de Campos, 123; exploração do trabalho pelo, 170; liberdade ao, 120.

Capitalismo, 119, 128 e 173; aurora do, 84; domínio estranho e amoral do, 165; impiedade ególatra do, 169; prelúdio do verdadeiro, 117; pressão bancária do grande, 120.

Capitalismo Internacional, 124, 170 e 176.

Capivari, 150; pontal de, 22; vínculo de, 163.

Capões, lagoa, 18; lagoa de aluvião, 23.

Caraiabas, antropofagia dos, 38.

Caraiabas do Norte, povo comprovadamente Guarani, 42.

Carangola, município, 159.

Carapêbus, lagoa de restinga, 23; usina, 123.

Caraqueus, indígenas do Equador, 40.

CARDIM, Pe. Fernão, 34.

Cardoso Moreira, 8; pôrto de, 156.

Carijós, índios, 56.

Carioca, lagoa, 46; lagoa de aluvião, 23.

Cariris, índios, 56.

CARLOTA JOAQUINA, 162.

Carolinas, 52.

Carmo, igreja, 143.

"Carneirada", como são designadas as grandes epidemias de paludismo, 111.

CARNEIRO DA SILVA, Manuel, 129.

CARREL, Alexis, 89.

Carro de bois, inseparável da evolução da indústria açucareira, 153; as florestas campistas ricas de madeiras para a sua construção, 153; nomenclatura do, 153.

Casa (A) e a família, 125.

Casa do campista em setecentos, 143.

Casa do Mato-de-Pipa, 101.

Casa grande, aparecimento da, 131.

Casa Grande e Senzala, 93.

Casas de Campos, 137.

CASTELO BRANCO, D. Simão, capitão mor, 44.

Castelo, minas de, 78.

CASTILHOS, João de, 57.

CASTROS, 52.

Cataia, córrego, 166.

Cauaia, córrego, 22; lagoa de tabuleiro, 23.

Caulim, depósitos na região dos tabuleiros, 25.

Cavalhadas, impecáveis no traje e no rigor dos lances, 153.

Cavalo, elemento indispensável ao transporte na planície, 153; indissolúvelmente ligado ao homem, em toda vida campista, 153.

Caxas, indígenas mexicanos, 39.

Cazombá, enseada do, 18.

Ceará, 56.

CECI, 51.

Cernambitiba, paludes de, 150.

CESINALE, Roco Pe., 32.

"Ciclo do Açúcar", 84, 101, 102, 143 e 155.

"Ciclo do Pastoreio", 110.

"Ciclo da Pecuária", 95, 126, 135 e 152; desnecessidade de grande população rural no, 142; engenhocas nos fins do, 132.

Cidade (A), 139.

Cidade morta (São-João-da-Barra), 140.

Cima, lagoa, 20 e 32; ocorrência de diatomito na, 25; lagoa de tabuleiros, 23.

"Cisne" "O", 140.

Civilização açucareira do Norte, fatores de sua diferença da campista, 160.

Civilização campista, conduzida e arquitetada por portugueses ou seus descendentes em linhagem, próxima ou afastada, -112; foi argamassada no barro, 125; influência do boi na, 153; sua diversidade da pernambucana, 148; traço fundamental que a distingue de qualquer outra zona açucareira do Brasil, 101.

Civilização nordestina do açúcar, importância dos pequenos rios na, 160.

Civilização, toda a de Campos é exclusivamente rural, 80.

Chapultepec, palácio de, 41.

CHAVES, prior de, donatário, 64.

Chibchas, indígenas colombianos, 39.

China, 52.

China, aparelhos de porcelana da, 134.

Choças de palha, 37.

Clã patriarcal, 117.

Classificação etnográfica de: D'ORBIGNY, 35; MARTIUS, 35; RODOLFO GARCIA, 35; VON DEN STEINEN, 35.

Cláudio, engenho do, 115.

Clima (o) e as epidemias anuais, 111.

Cobiça do colono, 45.

Colatina, cidade, 33.

Colégio, cavalhada do, 153.

Colégio, engenho, 102 e 115; fazenda, 96; móveis do, 131; rio, 5 e 166; solar do, 83; vale do, 9.

Colégio de São Bento, 101.
Colégio dos Jesuítas, 46; latifúndio do. 8i.
Colégio e o Mosteiro de São Bento. 127.
Cólera-morbo, 147.
Coletividade campista, psique da, 138.
Colheiras, depressão da lagoa, 18; lagoa de aluvião, 23. **a**
COLOMBO, 40 e 52 .
Colomins, lagoa de aluvião, 23.
Colônia, 128 e 162; arte religiosa na vila de Campos, no período da, 144; **incultura** da sociedade na, 136.
Colonos essencialmente brasileiros, 157.
Comanches, peles-vermelhas. 38.
"Comércio dos Goitacases", 154.
Comércio, monopolizador dos lucros da indústria, 127.
Comissão do Saneamento **d** Baixada Fluminense, criação da, 166.
Comissário de açúcar, 148.
"Complexo do rio", 161.
Comunicações e transportes, 152.
Conceição de Macabu, veios de grafita de, 26; usina, 123.
Conceição, engenho, 115.
Concha, lagoa de aluvião, 23.
Conchas, depressão da lagoa de, 18.
"Conciliador" "O", 146.
Conclusões econômico e sociais. 168.
Conde-de-Araruama, 14 e 17.
Conforto, desdém pelo ... dos fundadores de Campos, 126.
Conjuração Mineira, 82.
Consciência de superioridade racial, 43.
Conselho dos Campos, pobreza da casa do. 131.
Conselho Nacional de Segurança, 27.
Conservatória, vila de, 46.
Constança, lago, 49.
"Contrato do vento", 100.
Cooperativismo de produção, 173.
Coqueiros, depressão da lagoa de. 18; engenho, 115; lagoa, 23; lagoa de **restinga**, 23.
Cordilheira **azóica**, 2 e 4.
Cordilheira (a), o tabuleiro e a planície, três divisões essenciais da topografia do norte fluminense, 3.
"Corisco" "O", 146.
Coroados, índios, 36, 46 e 47; **protetores** de campistas e mineiros. 48.
Coropós, índios, 31, 32 e 36; conquista da nação dos, 46.
"Corredores da mata", 34.
CORREIA, Manuel, 57.
CORREIA, Pe. Luís, feitor das fazendas de SALVADOR **DE SA**, 62.
CORREIA DE SA, Diogo, sucede ao 2.º visconde de ASSECA, 63.
CORREIA DE SA, Gonçalo, 57.
CORREIA DE SA, João, 62.
CORREIA DE Sh, Martim, parente, procurador e homônimo do Visc. de ASSECA, 70.
CORREIA DE SA, Martim, 1.º visconde **de ASSECA**, 62.
CORREIA DE SA, 4.º visconde de ASSECA, 70.
CORREIA DE SA, Martim, capitão-mor da Paraíba do Sul, 66.
CORREIA DE SA, Martim e Luís, filhos do visconde de ASSECA, 65.
CORREIA DE SA, Martim, recusa da câmara em dar-lhe posse, 67.
CORREIA DE SA, fim da tirania secular dos, 74 e 75.
CORREIA DE SA e BENEVIDES, Salvador, 46, 62; governador do Rio-de-Janeiro, (1648), 11.
CORREIA DE SA, morgado dos, 75.

CORREIA DE SÁ, Salvador, sucessor do 10 visconde de ASSECA, 63.
CORREIA VASQUEANES, Martim, 63.
"Correio Comercial", 146.
"Correio Constitucional", 145.
"Corsário", 146.
CORTE-REAL, 52.
CORVOS, peles-vermelhas, 38.
COSTA MIMOSO, 47 e 128.
COUTINHO, Azeredo, 47 e 128.
COUTINHO RANGEL, Sebastião da Cunha. 74.
COUTO MAGALHÃES, 35.
COUTO REIS, 31, 32, 33, 46, 60, 75, 77, 84, 100, 102, 104, 108, 111, 119, 127 e 153; dados de (1785), 80; mapa de. 76.

Cretáceo, 11.
Cricaré, rio, 34; hoje São Mateus, 45.
Cristalino, contactos com o, 14; elevações do, 10.
"Cruzeiro", 146.

Cuba, grandes emprêsas açucareiras de, 120.
Cubatão, fonte de. 27.
CUERVO MARQUEZ, Carlos, 38.
"Cu de Galinha", **sumaquinhas**, 155.
Cula, córrego, 16, 19 e 31; rio, influência do, 20.
Cultura (A), 87.
Cultura da cana e sua disseminação ao longo dos "pequenos rios", 149.
Cultura e civilização de Macaé. 140.
"Cultura, grandes variedades nos contactos de". 130.
Cuñas, indígenas do Panamá, 40.
Cupim, engenho de. 115; primeira caldeira multitubular e "bangtié americano" no engenho do (1860), 115.
Curitiba, soberbos campos de. 95.

DARWIN, Charles, 179

DEBRET, Jean Batiste. 33.
DE CARLI, Gileno, 148.
DEFFONTAINES, Pierre. 5.
Degraus fundamentais da topografia regional campista, 89.
"Delícias da Amizade". 134.
Delta, banhados do velho, 140; fóssil, 18; fóssil do Paraíba, prova paleontológica de sua idade, 12; pleistocênico. 161 e 163; oculto, estrutura geográfica peculiar de um, 90.
Deltáicas, fimbrias, 17.
Democracia-liberal, 83.
Demo-liberalismo, 176.
DEMOLINS, Edmond, 107 e 160.
Departamento do Saneamento da Baixada Fluminense, 14.
Departamento Nacional de Obras de Saneamento, 157.
Depressão entre Pureza e Cambuci, 7.
DERBY, Orville A., 11 e 12; objeções de. 10.
"Descobridor do Mel de Pau", 146.
Descobrimto (o), 16.
"Determinismo", 149.
Determinismo do meio geológico, 141; geográfico e geológico. 89; geológico, 28; geológico da planície (o) 152; geológico, força retardatária resultante do, 154; geográfico resultante de um determinismo geológico, 4.

Diamantina, 78.
Diatomitas, ocorrência de ... na lagoa de Cima, 25.

Dinheiro e Miséria, regimes do, 176; **potência** inescrupulosa do, 170.
Drogo Cão, 52.
Diretoria do saneamento da Baixada Fluminense, transformada em **Departamento Nacional de Obras de Saneamento**, 167.
Discurso do Presidente **VARGAS** em Campos a 23 de junho, 173.
Disparidade demográfica, 141.
Dispersividade (A) **anárquica** do indivíduo que povoa a planície, 109.
Distilaria Central do Estado do Rio, 121.
Distrito Federal, 4 e 5.
"Distinção aristocrática", 133.
Doenças climáticas, 92.
Dois-Rios, vale, 9.
Domínio da Coroa, 75.
DOM JOÃO VI, 162.
Dona Bernarda, fazenda, 150.
D'ORBIGNY, distribuição dos **aborígenes** em três raças, 35.
Dores-de-Macabu, 14.

Drama social do campista.

DUARTE COELHO, 52.
DUARTE CORREIA, 57.
Duarte-Lemos, ilha, 44.

Economia coletiva, 80.
Econômico-sociais, **conclusões**, 168.

Egolatria isolacionista, 110.

Embasamento cristalino, conservado através do Tempo, pela extraordinária estabilidade continental, 7.

"Energúmeno", 146.
Engenho a vapor, primeiro, 119.
Engenho central, o primeiro construído no Brasil (1877), 115.
Engenho, senhores de, crescem em número, 83; "orfandade de conhecimentos" dos senhores de, 83.
Engenho, verdadeira **povoação**, 101.
Engenhoca, característica essencial da fase das, 109; número de ... e de engenhos a vapor nos anos de 1827, 1852, 1861, 1872 e 1881, **pág.** 114.
Engenhoca, luta do Senhor de ... contra o senhor de engenho, 85.
Engenhos a vapor, função social dos, 136; segunda fase dos ... modificadora do ambiente social, 104.
Engenhos, condições da instalação dos ... no Brasil, 101.
Engenhocas de aguardente, as primeiras (1656), 61.
Engenhos, febre de construção de, 77; metamorfose provocada pela diminuição do grande número de, 135.
Engenhos **nortistas**, localizados na faixa litorânea, junto aos "pequenos rios", 101.
Enxada, luta da ... contra o **maquinismo**, 85.

Epidemias, as grandes que assolaram Campos, 147.

Era Brasileira, 7.
"Era da máquina", 135; suas **conseqüências** na vida campista, 106.
Era patriarcal, nascimento da **verdadeira**, 132.
Era quaternária, 15.

Escravidura, **importação** da ... como conseqüência do grande progresso dos **Goiacás**, 80; maior massa de ... presenciada no Brasil, 116.
Escravidão, maior centro de ... no País, 138.
Escravo, o braço é do, 164.
Escr vos, necessidade dos ... ante a **indisciplina social** da plebe, 116; número dos, no município de Campos no tempo da Abolição, 116; regime de trabalho dos, 108.
Espanha, 52
Espírito de associação, nascimento do, 117.
Espírito-Santo. Estado; 11, 33, 44, 48, 78 e 150; arenitos superiores e horizontais, de 11; rigidos do, 56; **Província** do, 126 e 151: próximo aos limites com o, 5; sertão do, 33; sul de, 159.
Espírito sociável do campista, 128.
Estado, desapropriação das usinas pelo, 175.
Estado do Rio, 6, 7, 9, 24 e 44; costa norte do, 150; etnografia indígena do, 36; mapa antropológico do, 33; zona rural do, 171.
Estado liberal, 120.
Estado Novo, 159 e 169; advento do, 80.
Estaleiro, nascimento dos ... em São-João-da-Barra, 155.
ESTEVÃO GOMES, 45 e 52.
Estrada de Ferro de campos; 48 e 140; a primeira de Campos e São Gonçalo (1873) 157; de Carangola, 157.
Estradas de Ferro, **iniciativa** particular, na construção das, 157.
Estradas de Ferro da Leopoldina, 158.
Estradas de rodagem, dificuldade em sua conservação, 158; seu melhoramento com o automóvel, 158.
Estrada pela costa, percurso da Única dos primeiros tempos da colonização, 152.
Estrangeiro, (O) capciosidade do, 42.
Estrela, rio, 99.
Estremadura, 52.
Estrutura **econômica** social, modificação de toda a, 113.
Estrutura **étnico**-e social do campista, **la**-voura de cana é o cimento **unitivo** da, 174.

Etnia campista, 84.

Europa, 92; açúcar de beterraba da, 120.

Evolução do **Goiacás**, 49.
Evolução mecânica paralela a modificação da estrutura econômica e social da **planície**, 113.

Exercito, descontentamento do, 117.
Expedições guerreiras. uma das mais notáveis, 47.
Exportação, como se fazia a primitiva, 154.
Exportação do campista **embarcações** suas próprias", 155.
Exportação para o Rio-de-Janeiro, em **mita**-dos de setecentos, 76.

FALERO, 52.
Família (A) e a casa, 125; estabilidade de, 50.
Família brasileira, história social da, 130.
Família - unidade de, 51.
Famílias fazendeiras, sociabilidade das, 109.
Fatores determinantes do inesperado **crescimento** da população rural, 147; **geológico-geográficos** dispersivos, 138; **nos**-sográficos da planície, permanente **luta** humana contra, 168.

"Favorita" (a), 134.
Fauna gigantesca, seu desaparecimento, 16.
Fauna terrestre, a era gigantesca da, 16.
Fazenda, feudo organizado, 117.
Fazendas, sua absorção pelas usinas, 119.
Fazenda-Velha, 133; engenho da, 115.
Fazendeiro, sua ação individual no saneamento da Baixada, 164.
Fazendolas, estabilidade do homem nas, 107.
Febre amarela, 147.
"Febres podres, malignas e sezões", 111.
Feia, dessecação parcial da lagoa, 25; grandes baixas entre a ... e o Cula, 238; golfo da lagoa, 20 e 22; lagoa, 17, 20, 22, 28, 45, 50, 70, 94, 150, 152, 157, 163, 164 e 166; origem do topônimo, 58; pantanais da lagoa, 97; região dos vertecios da lagoa, 15; testemunho da profunda penetração do mar, 19.
"Feijão miúdo", dança popular, 134.
Félahs, 175.
Fenômenos sociais, sua subordinação, em Campos, ao meio telúrico, 89; tectônicos e petrográficos, 7.
FERNANDES, Cornélio, 32, 33, 36 e 44.
FERNANDES QUEIRÓS, 52.
FERNANDES VIEIRA, Paulo, 162.
Ferocidade ingênita dos civilizados nas paragens mexicanas e andinas, 39.
FERREIRA VERAS, Pascoal, ouvidor da Capitania de Espírito Santo, 69.
Feudalismo latifundiário nas regiões açucareiras, 107.
Fidalguia agrária, 115.
Figueira, engenho de, 115.
Fisiografia e Geologia, 3.
Flecha, canal da, 166.
Floresta virgem, cobertura outrora da superfície dos tabuleiros, 19.
Flórida, canibais os índios da, 38.
Flórida, fonte de, 27.
"Florilégio da Mocidade", 146.
"Fluminenses do norte", execução etnográfica, 159.
Fome de terra (a) continua insaciável, 82.
Fórcas gliptogenéticas, 3 e 8.
Formação brasileira, 169.
Formações geológicas, condições geográficas do meio jungidas às, 28; pliocênicas de Barreiras, 13.
Formação rural de Campos, 136.
Fortuna, redistribuição da, 114.
Fóssil, nenhum até hoje foi encontrado nestas formações, 10.
Frade, yico, 5.
Frecheiras, lagoa de aluvião, 23.
Freiras da Ajuda, fazendas das, 82.
FREIRE DE ANDRADE, Gomes, 68 e 73.
FREIRE, Gilberto, 93, 107, 125, 129, 130, 139, 149, 160 e 169.
FREITAS BELO, Luiz Alvares de, 81.
FRÓIS ABREU, Sílvio, 25.
Fundão, 19; garganta do, 20.
Furado, 19, 22, 150 e 153; barra do, 155, 163 e 166; proximidades do, 17.
"Futuro", 146.
GABRIEL SOARES, 34 e 37.
Gado, multiplicação assombrosa do ..., desgraça dos povoadores, 59; vacuum, falta de, 57.
Gália, matas da, 41.

GAMAS, 52.
Gamelaire, cidade, 148.
GANDAVO, 31.
Gargaú, 22, 141 e 156.
Garrafão, serrote, 5.
"Gazeta do Povo", 146.
Geografia (A) e a Geologia no conceito de um geógrafo francês, 4.
Geográfica e geologicamente, é a pior parte da planície (Macaé), 139.
Geologia, 3.
Geologia brasileira (A), causa do fracasso de PERO DE GÓIS, 35.
Geologia Histórica do Brasil, 12.
Geoloia, sua influência no destino humano da planície campista, 89.
Gês, 44; antropofagia, dos, 38.
GETÚLIO VARGAS, Presidente, 167, 168, 173 e 174.
GIL EANES, 52.
Gipsita de Boa-Vista, 24; sua presença em Campos, 26; jazidas de, 18.
Gleba, excessiva divisibilidade da, 110; mais longa fixação a, 91; peleja ininterrupta pela posse da, 100.
Gnaisse escuro e milanítico, do tipo Ipanema, 9.
Gnaisse físsil, corte do Paraíba no Sapateiro deu-se em, 8.
Gnaissico granítico, constituição, 5.
Góia, 150.
Goiaba, depressão da lagoa de, 18.
Goiânia, cidade, 148.
Goiás, 78.
GÓIS DA SILVEIRA, Gil de, 45, 55 e 57. renúncia à capitania (1619) 155.
GÓIS, Luis de, 53.
Góis, Pero de, 31, 45, 53, 54, 90, 91, 92, 139 e 153.
Goitacá, 48; (o) antes de tudo um guerreiro, 50; evolução do, 49 e 91; Guaitacá, Guatahar, Goitacaz, Gulatacás, Coitacás, etc., 33; o que maior contingente deu para a formação do tipo étnico fluminense, 44; meio de transporte do, 50; mentalidade do, 43; "modus vivendi" Co, 43; oleiro perito, 50; Dermanee dono dos seus campos, 56; senhor incontestado da planície, 91; supremacia sobre o tupi-guarani, 48; vida social do, 51.
Goitacás, 32, 44, 47 e 139; deixam seus campos, os, 46; entrada do branco na região dos, 42; evolução da indústria açucareira na região dos, 123; evolução histórico-social da planície dos, 93; missão dos, 45; no século XIX apaga-se todo vestígio do passo trepidante de suas carreiras, 48; origem dos, 35; pacificação dos, 59; pecuária nos campos dos, 57; planície dos, 15; predomínio dos ... consequência de um elemento básico do meio geográfico: a lagoa, 48 e 49; protetoras dos próprios inimigos, 48; região dos, 31 e 119; superioridade batalhadora dos, 43; superioridade étnica e cultural dos, 43; terra dos, 93; uso de águas de poços dos, 161.
Goitacases, antropofagia dos, 37; Campos dos, moradia de ricos fazendeiros, 129; "comércio dos", 76; índole, usos e costumes dos, 36; mais cultos índios do Rio-de-Janeiro, 44; rio dos, 34.
Goitacás-Guaçu, 45.
GOMES, Carlos, 51.

GOMES FREIRE, 71.
GOMES **LETTÃO**, João, 57.
GOMES SARDINHA, vigário de Campos, 63.
GONÇALVES, André, 56.
Governo Amaral Peixoto, 27.
Governo Getúlio Vargas, 121 e 166.
Governo Século Vinte, 176.
Governo, suas realizações em Campos e na baixada, 177.
Grafita de São **Fidélis**, 25.
Grande, rio, 33.
Grande Guerra, 119.
Grande Hotel **Balneário**, 140.
Grande obra saneadora, 166.
Grande propriedade, expansão, da, 148.
Grandeza, **relêvos** da, 5.
Granito de grã-fina do Morro-do-Caco, 25.
GRÃO PACHECO, 52.
Grécia, 50.
Grumirim, 6; vale do ribeirão de, 7.
Grupalismo incipiente. primeira paradas do nomadismo, 91.
Gualanás, índios, 56.
Guanabara, 5, 34, 44, 59, 101 e 152; baía, 99; engenhos da, 59; longitude da, 33; reôncavo da, 109; senhores de engenho da, 57 e 79.
Guandu, rio, 99.
Guanhães, índios, 31 e 32.
Guapi, rio, 99.
Guapimirim, 150.
Guarulhos, 22; aldeia dos, 32 e 82; **pontal** dos, 19 e 20.
Guaxindiba, 10 e 21; fazenda de, 150; rio, 99.
"Guerra Amorosa", 134.
Guetás, indígenas da Costa Rica, 40.
GULMARÃES, Djalma, 12.
Guiné, negros de, 54.
Guiriii, 22; brejos de. existência de turfa nos, 25; solar de, 130.
Habitação lacustre, 43.
HARTT, Ch. Fred., 8 e 10.
"Hereos", 61 e 84; herdeiros dos **Sete-captães**, 59.
Hidrografia de rios **entulhados**, 163.
História do Brasil, 107.
História **Econômica**, 138.
História **econômica** (campista) maior crise de sua, 120.
História econômica do Brasil, 101.
História, lixo da, 169; social da **família** brasileira, 130.
Homem (O), 29.
Homem; campista, **137**, homem "cfvico" 165; da planície, **fator** psicológico **oriundo**, antes de tudo, dos impositivos geográficos na evolução histórica do, 130; da planície, formação social do, 130; e o meio, relações entre o, 173; **reações** entre o ... e a Terra, 85.
Homem-Deitado, serra, 5.
Homem **Saplens**, 46.
Holandeses, expulsão dos da Bahia, 56.
Hutzilopochtli, templo de, 40.
Idade da Máquina, comêço da, 113.
Igaraja, cidade, 148.
Igrejas, **caráter** monumental das, 143; de Campos no séc. XVIII, 143.
Iguaçu, 154; margens do, 45; percurso do rio, 163; rio, 57, 99, 155 e 163; toponímia

Ilhéus, 11.

Imbê, rio, 5, 9, 20, 27, 32, 47 e **166**; vale do, 26.
Imbetiba, enseada, 140 e 156; **pôrto**, **157**; Hotel **Balneário** de, 14.
Imboacica, 14.
Imburi, serra, 6 e 9.
Imigração, aumento da, 78.
Imigrantes, predestinação dos, 78.
Império, 76, 113, 159 e 161; bom **gôsto** apurado dos fins do, 133; **cafézais** dos fins do, 140; correr do, 84; graves fazendeiros do, 164; melhora da planície com o, 164; queda do, 117; últimos tempos do, 173.
Inca (o) é mais brando, 40; expressão mais alta da cultura americana, 41; império do, 39; sepultamento do, 40.
Independência, 75; tempo da, 135.
"Independente" "O", 146.
fndia, aparelhos de porcelana da, 134.
fndio, **audácia** natural do, 49; comêço da sedentarização do ... em suas aldeias lacustres, 90.
fndio (O) e o Brejo, 90.
fndios de civilização lacustre, 92
fndios do padre **Ângelo**, apêlo dos mineiros aos, 47.
fndios, levante dos, 54.
Índico, 52.
Indígena, (O), 31.
Individualismo, 138; no **domínio** da **produção econômica**, 103; **plebeu** dos donos de **engenhocas**, 164.
Indústria açucareira, dados da ... nos anos de **1737**, 1750, 1769, 1778, 1783, 1819, 1828, 76; grande momento histórico-econômico-social do Brasil litorâneo, 175; **sua** íntima ligação com o carro de **boi**, 153.
Indústria em grande escala, **influência** da, 147.
Indústrias, uma única centralização das ... de uma só planície à margem de um grande rio, 149.
INFANTE DE **SACRES**, 52.
Instituto do Açúcar e do **Alcool**, 121, 166 e 172.
"Intendente Geral de Policia da **Côrte** do Estado do Brasil". 162.
Ipojuca, cidade, 148.
Ipuca, fuga de, 150.
Irmãos do **Santíssimo**, 126.
Itabapoana, 5, 10, 77 e 152; **às** margens do, 32; destruição do engenho de **água** do, 54; então chamado Mangé, 54; foz do, 25; planície costeira do, 92; primeiro **vilarêjo** ao sul da barra do, 53; **varjarias** **inundáveis** do, 91.
Itaborai, 13.
Itaguaí, 5; cidade, 150; rio, 99.
Itaipavas, afloramento de **calcáreo** cristalino em, 26.
Itália, paludes pontinos da, 167.
Itambi, **aldelamentos** jesuíticos de, 98.
Itaoca, **granitos** e anaisse de, 125; turfa ao redor de, 25; **vizinhanças** do, 16.
Itaocara, 33; cidade, 44.
Itapemirim, foz do, 55; município de, 151; ao sul de, 36; serra do, 5.
Itaperuna, 26; **elevações** de, 8; futuro de, 157; município de, 9, 123 e 159; **município** de maior número de pés de café do mundo, 157; ocorrências de ouro no município de, 26; zona de, 154.

Iteté, 5 e 16; canal de, 14 e 166.
Itinga, aldeia indígena, 150.

Iucatão, **Maias** do, 40.

Jacarei, 12.
Jacarés, lagoa de restinga, 23.
JÁCOME, 52.
Jacoritos, índios, 45.
Jagoaroba, canal, 157.
Jaguar, adoradores do, 39.
Jiváros, minúcias **macabras** dos, 38.

João Duarte, reabertura do canal de, 166
JOHNSON, Douglas Wilson, 21.
Jorge, lagoa do, 18.
JORGE MENESSES, 52.
JORGE VELHO, Domingos, 95.
JOSÉ DE MACEDO, Mateus Nunes, 69.
JOSÉ MARTINS, Feiñandes, 97.

"**Judas**" "O", 146.
Jurubatiba, **lagoa** de restinga, 23.

Karai-guarani, invasão continental dos, 48.

KNIVET, 31.

LA BLACHE, Vidal de, 93.
Laboratório Central de Produção Mineral, 27.
LACERDA, Carlos de, 118 e 146.
Lagamar, 22.
Lagoa (A) fatalidade natural, necessária e perniciososa, 94.
Lagoa (A) ou o brejo, vantagens estratégicas originais, 49.
Lagoa-de-Cima, 111.
LAGOA DOURADA, Barbes da, 134.
Lagoa-Feia, limpeza dos rios que esgotam a, 110.
Lagoa-Grande, 58.
Lagoa-Santa, gruta da, 16.
Lagoas de aluvião, 11; de restingas e de tabuleiro, 23.
Lagoa, sua primeira função **sobre** o homem, 90.
LAMEGO, Alberto, 60 e 61.
Lapa, ponta da, 142; Seminário da, 143.
Latifundiários, chegada dos primeiros, 59.
Latifúndios, 81; inércia dos, 108.
Lavoura de cana, cimento unitivo da estrutura étnica e social do campista, 174; monopolizadora de **toda** a atividade, 104.
LAVRADIO, Marquês do, 105.
Lavrador (O) e o Brejo, 100.

Lei n.º 178, de 9 de janeiro de 1936, burla da, 173.
LEAL, Domingos, 139.
Leopoldina, **encampadora** das estradas de ferro, 158.
LERY, João de, 36.

Liberal-democracia, quixotismos doutrinários da, 138.
Liberdade, amor da ... dos campistas, 128.
Libertação, sua repercussão na economia fluminense, 118.
Licou, alto do, 12 e 142.
LIDADOR, 52.
Limão, engenho do, 115.
Limeira, vila, 54.
"Linguarudo", 146.
Lisboa, 60, 68, 74, 79 e 109; grandes senhores de, 60.
LISBOA, Baltasar, 155.

LOBATO, João, jesuíta, 45
LÔBO DA SILVA, Diogo, 47.
LOYOLA, filhos de, 46.

Lua, templo a, 40.
Luis **EDMUNDO**,
LUND, 16.
Luta contra o brejo, 167.
"Luzeiro" "O", 146.
Luz elétrica. Campos é a primeira cidade da América do Sul que a instala, (1883). 145.

Macabu, 5, 22 e 47; foz do, 22 e 162; pantanos do, 23; reprêsa de, 149; rio, 166; tenebrosa reputação da zona do, 112.
Macacu, 34; rio, 99.
Macacá, 14, 16, 23, 45, 46, 58, 67, 73, 77, 139, 153 e 158; aldeamento jesuítico de, 98; **arenito** de, 14; cidade, 139; **cordilheira** ao poente de, 33; cultura e civilização de, 140; falta do **massapê** em, 141; engenhos nas orlas do rio, 139; índios de, 47; litoral de, 9; margem esquerda **da** rio, 32; município de, 123; nascimento de, 139; ocorrência de turfa em, 25; pequeno rio, 140; restingas, 21; rio, 57 e 99; sul de 55: — **Campos**, canal de, 156, 164 e 166.
Macau, aparelhos de porcelana, 134.
Machadinha, solar de, 130.
Maias, notabilíssimos construtores de **tempos**, 40.
MAGALHÃES, 52.
Ma-jé, rio, 99.
Malária, aparecimento da, 110; declínio da, 167.
MALDONADO, 58; roteiro das viagens dos "Sete Capitães", 57.
MALDONADO, Miguel Aires, 57.
Mamanguá, 150.
"Mana-chica", dança popular, 134.
Mandiqueira, solar, 130.
Mangaratiba, 150.
Manguinhos, 14, 21, 22 e 164; enseada, 159.
MANHÃES BARRETO, Francisco, 66 e 72.
Manhuaçu, município, 159.
Máquina (A), nas regiões de intensa economia agrícola industrializada foi **causa** da queda do Império, 117; sua influência na vida social, cultural e **econômica** de Campos, 116.
Maranhão, Estado, 47.
Maraú, arenitos superiores e horizontais de, 11; série de folhelhos de, 11.
Maricá, vila, 166.
Mármore branco, depósitos de, em Muriaé, 26.
MARTINS DA PALMA, André, capitão **mor**, 59; procurador dos campistas, 61.
MARTINS DE SA, 57; expedição de, 31.
MARTINS FERREIRA, 54.
MARTIUS, 34; classificação **etnográfica** de, 35.
Marrecas, região dos campos das, 18: zona de, 24.
"Marrequinha", **dança** popular, 134.
MASCARENHAS, 52.
"Massapê" (o) no drama social do campista, 28; sedução do, 111.
"Matraca" "A", 146.
MATEUS DE MACEDO, celerado **ouvidor** do Espírito Santo, 73.
Mato-de-Pipa, residência de, 129; singela (a) cama de, 131.
MAURY, Carlota Joaquina, 13.
MAXIMILIANO, Príncipe de **Neuwled**, 129.
MAWE, 33.

Mearim, margens do, 47.
Meio (O) e o Homem, 89.
Meio, rio do, 166.
Meio telúrico, base para o estudo da evolução histórico-social, 4.
MEM DE SA, 45.
MENESSES, Camilo de, 164 e 165.
MENDES GALVÃO, Francisco, 68.
MENESSES, D. Jorge de, capitão mor, 44.
Mergulhão, lagoa de aluvião, 23.
Meriti, rio, 99.
Mestrado de AVIZ, 59.
Metrópole, Governo da, 162.
México, 39; capital do, 40; cultura do ... pré-colombiano, 39; peixes do golfo do, 41.
MEXITLI, deus da guerra, 39.
MIGUEL, índio, 58.
Minas Gerais, Estado de, 47; Província de, 151; sertões de, 35.
Minas, sul de, 27.
Mineiros, engenho, 115.
Mineração, século da, 78.
Miocênio, 12 e 13.
Miracema, município de, 27 e 159.
MIRANDA, Gregório Francisco de, 79.
Mocotó, 5 e 27; leito do, 9.
Molucas, 52.
Monarca, 79.
Monazita, ocorrência de ... no litoral entre a foz do Paraíba e do Itabapoana, 25.
Monção, jazida de, 26.
"Monitor Campista" (1834), 145.
Monocultura da cana, incapacidade histórica do lavrador de abandoná-la, 120.
Monocultura, monopolizadora das iniciativas, 84; o homem impelido para ... pelo meio geográfico, 104; persistência na, 100.
Monopolizadores dos transportes, 109.
Montarias, apuro e orgulho dos campistas, 153.
Monte-do-Cedro, reabertura do canal, 166.
Monte-Verde, serra, 6.
MONTEZUMA, 41.
Mopis, pacificação dos, 45.
Moradia do senhor rural, repercussão na ... da necessidade de maior capital para montar engenho, 131.
MORENO, Fortaleza de, 56.
Morro-do-Côco, existência de magnetita na zona do, 27; granito de grã-fina do, 25.
Morro-Velho, 172.
Mosteiro de São Bento, 27.
Mulaco, lagoa de aluvião, 23; região dos campos do, 18; zona do, 24.
Mundo, rio, 166.
Muriaé, 5, 6, 47, 133 e 134: baixo, ocupando atualmente o leito do Paraíba, 8; cal de pedra do, 145; calcários do, 26; "carneiradas" do, 111; estado sanitário dos sertões de, 111; florestas do, 32; linha férrea marginando o, 157; mármores brancos do, 26; médio, 9; minas das cabeceiras do, 78; pedreiras de, 26; penetração do, 111; rio, 5, 16, 19, 156 e 157.
Murundu, 9 e 157.
Muxuango, 141.
NASSAU, 56.
Natureza campista, 137.
Navegação em 1730, 155; em principio de setecentos, no Paraíba, 156.
Nazaré, capela de, 150

Negro, ogerisa do, à vida rural, 116.
Nhonhós, tempo dos ..., dos Sinhós, dos Sinhózinhas, 135.

Nicolau, côrego,
NILO PEÇANHA, 118.
Niquirás, indígenas da Nicaragua, 40.
Niterói, 5 e 158.

Nobreza agrária, 136 e 164; provisória, 117; festas da, 134.
Noção de pátria, primeiros vestígios da, 91.
Nogueira, canal do, 157.
Nordeste, 107 e 160; terrenos secos e var-Norte fluminense, ocorrência de águas medicinais no, 8.
Nosografia realional (a) não refreia a investida do homem sobre a nova terra, 1 u.
Nossa-Senhora-das-Neves, aldeia, 32 e 98.
Nossa Senhora Mãe dos Homens, templo de, 143.
Nova-Guiné, 52.
Nova República, 120.
Novo, formações areníticas no leito do rio, 15.

NUNÁLVARES, 52.
NUNES, Joaquim José, 134.
NUNES MACHADO (OS), 109.

OCHSENIUS, teoria de, 24.

Ohio, margem do, 38.

Olaria, montagem da primeira em 1692, 125.
Olhos-de-Água, rio 22.
OLIVEIRA, Eusébio de, 12.
OLIVEIRA FURÃO, Antônio, 72 e 74.
OLIVEIRA MARTINS, 90.
OLIVEIRA, Paulo de, paleontologista, 19.
OLIVEIRA VIANA, 56, 95, 133 e 134.

Onça, canal, 157; formações areníticas no leito do rio, 15; lagoa de tabuleiro, 23; seixos rolados nos tabuleiros da margem esquerda da lagoa, 14; serra, 5, 8 e 9.
Onibus, linhas de, 158.
Oniprotividade, preocupação do campista, 80.

"Operário" "O", 146.

Oração histórica do Presidente GETÚLIO VARGAS, em 11 de junho de 1940.
Oratória de rua, 138.
"Ordem" "A", 146.
"Orelha de Mula", lanchas, 155.
órgãos, crista angulosa da serra, 5.
Oriente, grandes empresas açucareiras do, 120.

Ostras, rio das, 55.

Ourique, 52.
Ouro, ocorrência de ... no município de Itaperuna, 26.
Outeiro, 8; usina, 14.
Outeiro dos Iguanamixamas, 150.

PACHECOS (Os), 52.
Pacoval, ilha, 50.
Pádua, cidade, 46; fonte "iodetada" de, 27; município, 9 e 159; zona de, 154.
"Pais" "O", 146.
Paisagem social, realidades vivas da, 168.
PARVA, Glycon de, 12.

Paleogeografia pleistocênica **regional**, 12.
Palha, serra, 6.
PALMA, Marquês da, 109.
"Palmatória" "A", 146.
Paludismo, ativador da seleção telúrica, 111.
"Pan-guaranismo" linguístico, 48.
Pantanal, luta contra o, 150.
Paraíba, 5, 6, 10, 56, 152 e 161; afloramentos de "recife" na margem esquerda do, 125; águas do, 164; alto, 8; a mesma calha de **protognaisse** orienta-o até **Cam-buci**, 7; ao norte do, 23, 56 e 91; are-nitos ferruginosos no leito do, 14; **baçia** do, 35; caminho d'água do, 166; campos do, 45; cortes do, 5; corte do ... no Sapateiro, 81; cheias do, 97; delta fóssil do, 12; descargas de areia do, 21; descargas do, 140; despêjo de sedimentos no mar de Campos, 16; desvio do, 18; dilúvios do, 110; dique de alvenaria para reter o, 166; duas fases distintas caracterizam o seu avanço **sobre** o Atlântico, 15; embocadura do, 90; enchentes do (1728, 1769 e 1779), 81; **extraordinário** rebaixamento na margem esquerda do, 6; fazendas ao sul do, 116; faixas de argilas do, 77; **formação deltáica** do, 21; foz do, 25, 58, 89, 97, 154, 155 e 159; grande parte do alto curso do, 6; grandes enchentes do, (1728, 1769, 1775, 1833, 1841, 1855, 1858, 1858, 1882, 1895, 1906, 1917 e 1923), 142; inesperados transbordamentos do, 110; leito alegórico do, 51; **lezírias** do, 92; marcha do, 23; magna causa da formação étnica, social e **psíquica** do campista, 161; **margem direita** do, 21; **margem** esquerda do, 6 e 32; **margem** do, 8, 11, 46, 111 e 139; mudança do curso do ... para Iterere, 8; **navegação** do, 152 e 156; norte do, 31; obstrução do **pôrto** do, 22; o campista continua sendo um filho do, 137; onde morre a cordilheira do Mar **própriamente** dita, 5; oscilante barra do, 152; planície do, 34 e 44; planície sedimentada pelo, 34; ponte de estrada de ferro **sobre** o, 147; ponte metálica sobre o, 144; **pôrto** da foz do, 81, 113 e 158; restingas da planície do, 21; rio, 16, 19, 20, 32, 33, 76, 106 e 151; rústica civilização plantada às margens do, 143; senhor da capitânia do, 53; seu predomínio na **zona** mais fértil da planície, 20; solar de **Airises** à margem esquerda do, 133; sua **luta** contra o mar, 23; suas enchentes, pesadelo dos campistas, 142; travessia do, 141; vale do, 7, 33 e 34; zona ao sul do, 94; wna de aluviões do 142 e 152.
Paraíba-do-Sul, abandono da Capitania de, 45; Capitania de, 35; compra da Capitania para a Coroa, 74; ordem ao ouvidor **Macêdo** para tomar posse da, 70.
Paráibos, índios, 36.
Parceria agrícola, 173.
"Paragem do Mukié", 139.
Paraíso, ausência de uma ponte em, 26.
Paraíso liberal-democrático, 165.
PARANÁ, Marquês de, 151.
Parati, cidade, 150; sítio, 150.
Paratimirim, 150.
Particularismo, 138; do camponês, 145; do homem da planície, 157; sua **regressão** ao feudalismo, 112.
PASSARGE, Siegfried, 4.
PÁSSAROS, ilha, 22.
Patriarquia dos solares, 169.
PATROCÍNIO, José do, 118.

Paulista, barra ao, 166; lagoa de restinga, 23.
PAU-FINCADO, córrego, 166.
PAU-GRANDE, 24.
Paus, lagoa de **aluvião**, 23.
Pavuna, rio, 93.
Payouts, **peles-vermelhas**, 38.
Pecuária, dificuldades e moléstias da ... nas **planícies** campistas, 98; na planície tem começo numa penetração isolada de **indivíduos**, 96; tempos da, 84.
Pedra-Lisa, 9, 10 e 17; engenho, 115; **serrote**, 5.
Pedras de construção na **região** azóica, 25.
Pedras, lagoa de tabuleiro, 23.
Pedra-do-**Elefante**, 9.
Pedra, sua ausência, na planície, 125.
Pedras, ponta das, 22.
PEDRO NUNES, 52.
PEDRO II, 123 e 133; cbrte de, 136.
Peito-da-Madama, 9.
PEIXOTO, Amaral, 158.
Penetração eminentemente particularista, 138; primeiras estradas de, 19.
Península, de rochas cristalinas, existência de uma antiga ... no divisor entre o Paraíba e o Itabapoana, 10; (Ibérica), **rótula**, legado de **ciúme árabe** à, 137.
Pensamento, rio, 22.
Pequena propriedade, 107, 145 e 173; apolo-gia da, 174.
Pequenos rios, disseminação da cultura de cana ao longo dos, 149.
"Perfeita Tranquilidade", 134.
PERI, Chefe **gotacá**, 51.
ridos do, 94.
Pernambuco, 56, 101, 120 e 135; empório **acucarífero** do norte, 56; revolução de, 54.
PEREIRA, José, 105.
"Pernilongo" "O", 146.
Peru, lagoa de aluvião, 23.
Pesquisas **sociológicas**, necessidade de ... para fins **nacionalistas**, 113.
PESSANHA, Pedro Angelo, 47.
Peste bubônica, 147.
Petróleo, possibilidade de sua existência em Campos, 11 e 27.
Petrópolis, região de, 9.
PFEIFER, Ida, 33.
Piabanha, lagoa de aluvião, 23.
Pico da Marambaia, restingas do, 21.
Piedade, **pôrto** da, 150.
Pieds-Noirs, **peles-vermelhas**, 38.
PINTO PEREIRA, Antônio, 57.
Pioneiro (O) e o Brejo, 91.
Pipilas, indígenas de Guatemala e de **Salvador**, 40.
Piracicaba, **margens** do, 47.
Piratas **inglês**es, penetração dos, 139.
Piratinga, 56 e 57.
"Pirilampo" "O", 146.
PIZARRO, 75 e 77; seu **testemunho** sobre **hábitos**, costumes e vivenda dos **campistas**, 106.
Planície atual, carta geológica da, 23.
Planície **Gotacá**, condições geológicas da, 150.
Planície quaternária, 3, 10 e 15.
Pleistocênio, 3 e 12; **começos** do, 15; fins do, 21 e 24; **gênero** Dentalium distintivo do, 19; litoral **fluminense** nos **começos** do, 16; mapa geológico dos fins do, 16; **mergulho** do bordo continental durante o, 13.
Pleistocênico, delta, 16.

Plipicênio, 12; inadmissibilidade da **sedimentação** ic ↓ □ ante (12; período de levantamento tinent 13. Plutocraclá, 176.

Poço-Gordo, zona de. 17.
Policultura, necessidade da, 173.
Ponta-Grossa-dos-Fidalgos, 17; península de, 20.
População, agrária e particularista de Campos, 175; rural. **fatores** determinantes do seu inesperado crescimento, 147; urbana, crescimento inesperado da, 147.
"Popular" "O", 146.
Pôrto de mar, necessidade da construção dum em Campos. 159; necessidade **orgânica** do Estado do Rio-de-Janeiro, 159.
Pôrto-Novo-do-Cunha, 7.
Portugal, 52.
Portuguêses, ou descendentes de, sua influência na civilização campista, 112.
Potiguara, índios, 56.
Povoador. dificuldades enfrentadas pelo ... em seu intercâmbio com o exterior, 154.

Praia-Grande. 153.
"Franchas", 156.
Prata, rio da, 22; pantanais do rio, 23.
Prêto, rio, 5, 9, 26 e 166; ocorrência de magnetita, 27.
Primeira **República**, 138 e 159.
Primeiro **Império**, 156.
Primeiro Reinado. tempo do, 128; **incultura** da sociedade no, 136.
Príncipe Regente, carta régia do. 79.
Problema da indústria açucareira em Campos, 174.
"Processo de equilíbrio de antagonismo", 169.
Processos "Civilizadores", 172.
Produção de açúcar de usinas (safra de 1938-39), 122.
Projeto de Saturnino de Brito, 155.
Propriedade, a pequena ... estabelecendo o equilíbrio social, 83; individual, primeiro senso de, 91.
Proprietários-vaqueiros, 96.
Protognaisse, rocha superficial **plagioclásica** e de origem **pré-aquática** que batizamos de, 7.
Pseudo cordilheira no sentido **estratigráfico**, 4.
Psicológico, possível motivo da segregação social. 130.
Psique da coletividade campista. 138.
Pureza, 6; usina de. 123.
"Pureza", dança, 134.
"Puri", comedór de carne humana, 33.
Puris, índios, 31, 32, 36, 152 e 157.

Quaternária, Era, 15.
Quaternário, limites do, 14.
Queimado, engenho, 115; usina, 12 e 149.
Questões de terras que se prolongam até aos dias de hoje, 64.
QUETZALCOHUATL, "o dragão verde", deus das artes, 39.
Quezílias com os jesuítas, (1690), 63.
Quicamã, 22, 23, 101 e 150; fazenda, 96; latifúndio, 81; morgadio, 129 e 163; **nobre** estirpe de, 109; nobreza, 130 e 140; **pontal**, 16; usina, 123.
Quipapá, cidade. 148.
Quitinguta, lagoa, 166.

Raça, americana. valor da ... na defesa da terra, 42; branca. primeira raiz ca ... na região, 58.

Rainha, vila, 45.
RAMOS, Marcelino. 165.
Rapôso, fonte do, 27.
Rapôso, Pe. Manuel, advogado do Prior de Chaves, 66 e 67.
Rasa, lagoa de aluvião, 23.

"Rebate" "O", 140.
Recenseamento de 1920, 147.
Recife. 148.
"Recife" — a canga, 10.
RECLUS, Elisée, 139 e 151.
Recursos minerais, 24.
Refúgio peccatorum, 99.
Regência, 114.
"Regeneração" "A", 146.
Regente, vinda do, 162.
Regimento de Milícias. 81.
Regressão do particularismo ao feudalismo, 112.
Reino, fidalgos do, 109.
REIS, Joaquim Vicente dos, 81, 102 e 109.
Relação da Bahia, sentença da, 73.
Relação dos municípios maiores produtores de açúcar no quinquênio de 1932-33 e 1936-37.
Relâmpago, templo do, 40.
Relêvo, **função** primordial do ... em Campos, 4.
Renda do município de Campos em 1939, 171.
República, 5, 84, 118, 119 e 165; campanhas da, 146.
"República" "A", 146.
Reritiba, índios, 44.
Resende. 13; sedimentos terciários da bacia do, 12.
Restingas. e as aluviões, 89; **fatores** principais de sua formação, 21; lagoa de, 23; no geológico das, 20; ocorrência em Campos, 20; origem das, 21; zona das, 20.
Restinga-Nova, lagoa de aluvião, 23.
Reunião, 52.
"Revolução" "A", 146.

Ribeira, lagoa de testinga, 23.
RIBEIRO DE CASTRO, Afonso Celso, 158.
Rio-Bonito, cidade, 44; sai da fazenda de Dona **Bernarda**, 150.
Rio, caminho das boiadas para o, 152; centro de consumo, 25.
Rio-de-Janeiro, 25, 57, 59, 104, 117, 139 e 155; engenhos de, 95; estrada litorânea para, 113; exportação do gado para, 84; fundamentos do, 98; governo do, 105; Ideias novas do. 155; **magnatas** latifundiários requerem o **despêjo** dos campistas, 62; **ouvidor** do (1652), 61; praça comercial do, 83; pedra do, 126; Província do ... viga mestra do Império, 134.
Rio-de-Janeiro no tempo dos Vices-Reis, 136.
Rio-Doce, lagoa, 166.
Rio-Formoso, cidade, 148.
Rio-Grande, 58.
Rio-Grande-do-Norte, 56.
Rio-Grande-do-Sul, 156.

ROBIN, Aug., 4.
"Rocambole". 134.
ROCHA. Pe. Leandro da, 71.

Rochas, mais antigas do Planeta, grande calha de um sinclinal das, 6; **metamórficas**, aparecimento de tipos secundários de, 7; **mesozóicas** sob os tabuleiros, probabilidades de sua existência, 14; **oleíginosas**, sedimentação de, ao norte de Campos, 10.

RODOLFO GARCIA, classificação etnográfica de, 35.

Rótula, legado do ciúme **árabe** a **Península**, 137.

RUGENDAS, 33.

Sabará, 78.

Saco-de-Ingaíba, 150.

Saco, velhíssima capela, 143.

Sacramento, pessoas de, 76.

SÁ, Fernão de, filho de **MEM DE SÁ** 45.

Sagres, 52; ciência de, 52.

SAINTE-HILAIRE, Augusto de, 49.

SALDANHA DA GAMA (OS), 109.

Salgada, lagoa de restinga, 23.

Salgueiro, fonte, 27.

Salvador, cidade de, 13.

SALVADOR, General, primeiro engenho (1656), 61.

SÁ, Martim de, 150.

SAMPAIO, Teodoro, 31. 44 e 48.

Sampetches, peles-vermelhas, 38.

Saneamento (O), 160.

Sanjanuense, é um marinheiro em terra, 141.

Sant'Ana, ermida, 139.

Santa Casa, 143.

Santa-Catarina, 4; capela de, 53; em a foz de Itapemirim, 45; vale, 55.

Santa-Cruz, 79; engenho, 115; fazenda, 47.

Santa-Rita, aldeia, 98; vila, 46.

Santa-Rosa, tipo de casa-grande e engenho num só corpo, 133.

Santa-Maria, usina, 123.

Santo-Amaro, 20 e 166.

Santo-Antonio de Guarulhos, aldeia, 46.

Santo-Antônio-do-Rio-Bonito, vila, 46.

Santo-Antônio, engenho de, 115; solar de, 133.

São-Barnaabé, **l** jesuítico, 98.

Sãc **l** **minerações c** !!

São-Bento, Colégio e Mosteiro de, 127; fazenda de, 96; latifúndio de, 81; móveis de, 131; solar de, 83.

São-Braz, praia de, 150.

São-Domingos, afloramento de calcáreo cristalino em, 26.

São-Fidélis, 5, 6, 7, 9, 26, 152 e 156; cidade, 46; grafita de, 25; majestoso templo, 143; **município** de, 123 e 156; zona de, 6.

São-Gonçalo, sai da fazenda **Guaxindiba**, 150.

São-Francisco, igreja de, 143.

São-João-da-Barra, 140 e 156; câmara de, 70; cidade, 139; escoadouro de **tôda** produção de açúcar da planície, 81; estado das construções em, 126; **fundação de** (1677), 63; **mau pôrto** de, 139; **mobiliário** do 131; **município** de, 112 e 158; nascimento dos estaleiros de, 155; navegação de, 158; **pôrto** de, 27 e 137; **restingas** de, 166; satélite indispensável a vida comercial de Campos, 155; senado de, 130; vila de 135.

São-João-da-Paraíba-do-Sul, hoje **São-João-da-Barra**, evoluiu paralelamente a Campos, 81.

São-João, dependência exclusiva do comércio de Campos, 81; engenho, 115; rio, 46 e 99.

São-Joaquim, mármore de grã-fina e uniforse, 26; jazidas de, 26.

São-José, calcáreo de, 13; engenho de, 115. **São Lourenço**, aldeamentos jesuíticos de, 98.

São-Martinho, zona de, 166.

São-Mateus, relêvos de, 5.

São-Miguel, curral de, 58.

São-Miguel-de-Guanhães, 32.

São-Paulo, 135; centro de consumo, 24.

São-Pedro, cabeceiras do, 5; cidade de, 44; rio, 149; usina de, 123.

São-Pedro-de-Aldeia, aldeias de, 46; **aldeamento** jesuítico de, 98.

São-Salvador, câmara de, 70; edificações na freguesia de, em 1873, 144; fundação da vila de (1677), 63; mercadores da vila de, 79; paróquia de, 145; vila de, 79, 108 e 150; vila de, em 1704, 126.

São-Sebastião-do-Rio-de-Janeiro, 59.

São-Tomé, 19; antiga laguna de, 18; banco de, 56; cabo de, 11, 12, 17, 21, 24, 56 a delta do ..., prova do mergulho do bordo, continental durante o Pleistocênio, 13; disposição dos sedimentos deltaicos de, 12; doação da capitania à **MARTIM e JOÃO CORREIA DE SÁ (1674)**, 62; formações do cabo de, 163; formações do delta de, 8; fracasso da capitania de, 55 e 91; gipsita de, 25; laguna de, 18; moradores da capitania de (1652), 61; nova carta de doação ao **Visconde de ASSECA (1725)**, 65; parcséis de, 18; ponta de, 58; 1.º sequestro da capitania, 64; zona de, 19.

São-Vicente, 53, 56 a 58 e 101; evolução de, 54.

Sapateiro, garganta do, 5 e 19; serra, 5 e 6; serra do e de Monte Verde, grande depressão entre as, 6.

Sapucaia, morros, 6.

Saquarema, cidade, 150.

Saquarema-Pequena, lagoa de **aluvião**, 23.

SARDINHA, Bispo, 38.

Saruçus, índios, 31 e 32.

Sauanha, rio, 33.

Saudade, córrego, 22; lagoa de tabuleiro, 23; minerações de, 25.

Sebastianismo cassândrico, 170.

Sêca geral em 1726, aumentando os **suplícios** dos **Campistas**, agravados com a volta dos **ASSECAS**, 65.

"**Sedentariadade rural**", 160.

Segundo Império, 98.

Segundo-Norte, energia latente de suas **cachoeiras**, 27; **leito** do, 9.

Segundo Reinado, 114, 150 e 153; **arquitectura** maciça dos grandes solares do, 129; cultura de Campos no, 135; época dos engenhos a vapor no, 131; **florescência** do, 138; **maanificência** dos solares de Campos no, 133; nos fins do, 144; **sobrados campistas** do, 132; **titulares** do, 128.

Segredo da produção, 119.

Seixos rolados, aparecimento generalizado da camada de, 13; **cobertura** de, 13.

Selvagem, instinto **divinatório** do, 33.

Senhor de engenho, 117, 153 e 164; **desprestígio** do título de, 117; **emigração** do ..., para a **Capital**, 149; **soberba** do, 133.

Senhor rural. casa do, 132.
Sepetiba, 99; enseada de, 21.
Sergipe, 82 e 101.
Sentinela, lagoa de *aluvião*, 23.
Série de folhelhos de Marauá. 11; *cretácica* da Bahia, 11.
Serinhaém, cidade, 148.
Serra do Mar, 4, 5, 7, 8, 9, 26, 99 e 152; bacias terciárias da região da, 13; substituição *gnáissico-granítica* da, 5; mudança de orientação nas camadas da, 8; *tectonismo* responsável pelo grande *padrão* uniforme da, 10.
Serra-dos-Aimorés, 33.
Serra Grande, alta crista da, 5.
SERRÃO, e ABREU, 52.
Serrotes, série de ... que de Niterói se alonga para Cabo Frio, 5.
SERTÃO, Domingos, 95.
Sertões das Cacimbas, 47.
Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 132.
Serviços executados pela Residência da Baixada dos Goitacazes na Diretoria de Saneamento da Baixada Bluminense de 1935 a ... 1939, 167.
Sete Capitães (Os), 46, 56, 139 e 152; concessão de sesmarias aos, 57; roteiro dos, 50; usurpação pelo Gal. SALVADOR dos domínios dos, 70.
Sèvres, aparelhos de porcelana de, 134.
Shoreline of submergence, 21.
SILVA, Manuel Carneiro da, 1.º Visconde de ARARUAMA, 109 e 129.
SILVA RANGEL, João da, 74.
SILVA RISCADO, Miguel da, 57.
SILVÉRIO DOS REIS, Joaquim, 81.
SILVESTRE, Honório, 168.
SIMONSEN, Roberto, 101.
Sinhás, tempo das ..., das *Nhanhás*, das Senhoras, das *Sinhazinhas*, das Mocinhas, 135.
Sioux, peles-vermelhas, 38.
Sitiantes plebeus, 109.
Sobrado rural, modificador da vida da planície.
Sociedade. incultura da ... na Colônia e no Primeiro Reinado, 136.
Solar das grandes famílias *titulares*, aparecimento do, 131.
Solares, desaparecimento da maioria dos, 132; sua *magnificência* em Campos no Segundo Reinado, 133.
Sol, culto do, 39; sacrifícios ao, 39; templo ao, 40.
SOLIS, 52.
Solo, para cana, 27; partilha do ..., imposição do meio geográfico, 103; subdivisão do, 168.
Sonda, 52.
SOUSA, Amador de, filho de ARARIBÓIA, 139.
SOUSA BARRETO, Mariana de, 73, 75 e 135; interferência das mulheres de Campos na revolta, 72.
Sonsa e SILVA, Norberto de, 44.
SOUSA MONTEIRO, Gaspar, 59.
SOUSA, Muniz de, 82, 83, 106, 108, 113, 125, 129 e 156.
Supay, gênio do mal, 39.
Supremacia cultural do Tupi-Guarani sobre o Tapuio, seu desmentido, 43.
SURUI, rio, 99 e 150.
Sussunga, depressão da lagoa de, 18; lagoa de *aluvião*, 23.

Tabajaras, índios, 56.
Tabatingas plásticas, 125.
Tabu legislativo, 165.
Tabuleiro, lagoas de, 23; razão substancial da unidade fisiográfica no *Recôncavo*, 12.
Tabuleiros, campistas, 12; refúgio das manadas nas grandes cheias, 15; região dos, 25; solo (o) é fraco, não obstante a antiga cobertura de florestas, 15; terciários, 10.
Taí-Grande, lagoa de restinga, 23.
Taí-Pequeno, lagoa, 166; lagoa de *restinga*, 23.
Taí usina, 18; zona do, 18.
Tambor, depressão da lagoa da, 18; lagoa de *aluvião*, 23.
Tamoios, índios, 37, 50, 56 e 57.
"Tanajura", 146.
Tapuio (o) apossa-se de uma vasta faixa costeira, 48; índios, 51; supremacia cultural do, 43.
Tatu, enseada do, 22.
Tauras, idólatras da Serpente, 39.
Tectônica do litoral entre Santos e a cidade do Salvador, 13.
TELXEIRA DE MELO, D. José Alexandre, dados estatísticos de, 144.
TEIXEIRA CHAVES, Duarte, prior, 64.
TEIXEIRA NUNES, Capitão-mor, 71 e 72.
"Tempestade" "A", 146.
Terra (A), 3; anfíbia, 110; divisão da, 83; começo da grande luta pela, 59; conquista individual da, 84; incabada, na qual os próprios rios secundários são provisórios, 163; partilha da ... em propriedades grandes e pequenas, 28; predestinada, 28.
Terciário, 10.
Terra *Goitacá* "A", de ALBERTO LAMEGO, 61 e 81.
Terraço sedimentar de fraca altitude, 10.
"Tesoura" "A", 146.
Tezcatlipoca, a "alma do mundo", 39.
Tezenco, lago, 41.
THEVET, 43.
Tibicuera, 142.
Tietê, admitida captura das nascentes do, 8; captura do alto, 16.
Tijuca, maciço da, 5.
Timbó, córrego, 22; pantanais do, 23; vala do, 166.
TINGUÁ, 150.
Tingui, 14.
Tipo étnico fluminense, supremacia da contribuição goitacá, 44.
TIRADENTES, 81.
"Tirana" dança, 134.
Tocas, 46.
Toltecas, ofertas dos, 39.
TOMÉ PIREZ, 52.
Tomminós, índios, 31.
Topografia, (a) da faixa ocupada pelas serras da Bandeira e do Imburi caracteriza-se por uma série de cordões paralelos, 6; do norte fluminense, 3.
Trabalho e Capital, 165; relações entre, 170.
Trabalho, novo método de, 114.
Trabalhador branco, preponderância do ... na região das velhas fazendas do sul do Paraíba, 116.
Tradições rurais do patrimônio, 165.
Transgressão pliocênica, 12.

Transportes e comunicações, 152.
Travessão, 157.
Trovão, templo do, 40.

Tupi-Guarani, supremacia cultural do ... sobre o Tapuio, seu desmentido, 43.
Tupinambás, índios, 56 e 57.
Tupis, índios, 33 e 44.
Tupis-Guaranis, antropófaga é a maioria dos, 38; índios, 2, 51.
Tupiniquins, 37 e 56.

UP. DE GRAFF, F. W., 38.

Unidade estrutural das camadas. perda da ... nos municípios de Pádua e Itaperuna, 9.

Urubu, rio, 166.
Ururáí, rio, 20, 22, 76 e 166; alturas de, 17.

Usina (A), agente modificador do ambiente social, 117; exploração capitalista da, 173; *um* soberano órgão estatal, 177.
Usinas, aparecimento das, 115; ascendência das, 148.
Usina de açúcar, sua aquisição por capitais estrangeiras, 175; delinquência de certas, 172; sua desapropriação pelo Estado, 175.

VIAI MONTEIRO, Luiz, o "Onça", 65 e 67; começo da discordância com os filhos do Visconde de ASSECA, 65; enlouquece no Rio-de-Janeiro, 168.
Valão-da-Onça, 166.
VALÉRIO CORSUNGA, índio, 58.
Valença, cidade, 44 e 46.
VALLAUX, Camilo, 93 e 141.
vaqueiro (O) e o Brejo, 93.
Vaqueiro, o homem continua antes de tudo um ..., 100.
VARGAS, Getúlio, 160.
VARNHAGEN, 34.

VASCONCELOS, D. Luis de, 105.
VASCONCELOS, Simão de, 33, 37, 44 e 52.

VELHO BARRETO, Pedro, assume o governo da vila de Campos, 72; sargento mor, governador da Capitania, 69.
Velhos cursos de água, represamento dos, 23.
"Verdade" "A", 146.
Vermelha, lagoa de aluvião, 23.

Mana, areia do, 25.
Vias artificiais. fracasso das, 157.
Vida agrária, centralização da, 109.
Vida rural, brilho da ... na época dos engenhos, 164; ogerisa do negro à, 11.
Vida social, intervenção do meio físico na, 90.

VIEIRA, Francisco, 74.
VIEIRA (Pe. Antônio), 56.
Vila-Bela, 78.
Vila-da-Rainha, 139; destruição da, 54; fundação da, 53.
VILALOBOS, 52.
Vila-Rica, 78; comarca de, 45.
"Vinte e cinco de Março" "O", 146.
VIRIATO, 52.
Visconde, fazenda do, 96; latifúndio, 81; solar do, 133.
Vitória, 11 e 152; abandono da vila de, 44; câmara de, 70; pedra da cidade de, 126; porto de, 159.
VIZINHO, 52.

VON DEN STEINEN, classificação etnográfica de, 35.
"Voz do Povo" "A", 146.

Wangen, 49.

Xipotó, na comarca de Vila Rica, 46.

ZACUTO, 52.
"Zuavo" "O", 146.

RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

- Fig. — 1. O mais antigo mapa da Baixada Fluminense.
Fig. — 2. O Paraíba ao sair de Campos.
Fig. — 3. Foz do rio Paraíba.
Fig. — 4. A serra do Mar na zona do Imbê.
Fig. — 5. A montanha do Mocotó.
Fig. — 6. A Pedra Goivada na serra do Mar.
Fig. — 7. O rio Paraíba em **São Fidélis**.
Fig. — 8. Fenômenos de erosão no leito do rio Segundo-Norte.
Fig. — 9. Cachoeira do rio Segundo-Norte.
Fig. — 10. O vale do **rio** Macabú em Paciência.
Fig. — 11. Testemunhos do arenito dos tabuleiros em Imbetiba.
Fig. — 12. A Baixada ao sul do Itaoca.
Fig. — 13. Tabuleiros ao norte de Dores de Macabú.
Fig. — 14. Meandros do rio Imbê.
Fig. — 15. Canal de São Bento.
Fig. — 16. Delta do rio Imbê.
Fig. — 17. Nascente do rio **Ururáí**.
Fig. — 18. Rio Muriaé em Outeiro.
Fig. — 19. Rio Muriaé próximo à foz.
Fig. — 20. Lagoas de tabuleiro ao norte do Paraíba.
Fig. — 21. Um trecho da lagoa da Saudade.
Fig. — 22. Uma lagoa de tabuleiro ao norte do Paraíba.
Fig. — 23. Uma lagoa salgada nos tabuleiros.
Fig. — 24. A planície vista do alto do Liceu.
Fig. — 25. O canal Macaé-Campos em Gurirí.
Fig. — 26. O canal Macaé-Campos cortando **aluviões**.
Fig. — 27. Um canal em zona pantanosa.
Fig. — 28. O velho delta do Furado.
Fig. — 29. Planície de restingas em **Gargaú**.
Fig. — 30. Meandros do rio Furado.
Fig. — 31. Foz da lagoa de Guruçáí.
Fig. — 32. Planície de restingas ao sul do Paraíba.
Fig. — 33. Restingas do Papagaio.

- Fig. — 34. Lagoa do Campelo.
- Fig. — 35. Canal de Cacimbas.
- Fig. — 36. Lagoa de **Quiparí**.
- Fig. — 37. Lagoa Salgada.
- Fig. — 38. Restingas em Manguinhos.
- Fig. — 39. Farol de **São Tomé**.
- Fig. — 40. Exploração de mármore em Monção.
- Fig. — 41. Blocos de mármore em Monção.
- Fig. — 42. Mina de grafita em **São Fidélis**.
- Fig. — 43. Sambaquí no rio Itabapoana.
- Fig. — 44. Mosteiro de São Bento em Campos.
- Fig. — 45. O Colégio.
- Fig. — 46. Benta Pereira.
- Fig. — 47. Joaquim Silvério dos Reis.
- Fig. — 48. Joaquim Vicente dos Reis.
- Fig. — 49. O 1.º Visconde de Araruama.
- Fig. — 50. Manuel Pereira de Lima.
- Fig. — 51. Francisco Antônio Pereira de Lima.
- Fig. — 52. Comendador José Cardoso **Moreira**.
- Fig. — 53. Francisco **Ferreira** Satumino Braga.
- Fig. — 54. Feliciano José **Manhães**.
- Fig. — 55. **Matias Arantes**.
- Fig. — 56. Pátio interno do Colégio.
- Fig. — 57. Fundos do Colégio.
- Fig. — 58. Tipo de casa de sitiantes.
- Fig. — 59. Grandes talhas de barro para água.
- Fig. — 60. Asilo de N. S. da Lapa.
- Fig. — 61. Portal da igreja da Lapa.
- Fig. — 62. A Casa de Mato de Pipa.
- Fig. — 63. Velhíssima casa em **São João** da Barra.
- Fig. — 64. Varanda do solar da Machadinha.
- Fig. — 65. Fachada do solar da Machadinha.
- Fig. — 66. O Visconde.
- Fig. — 67. Capela do Visconde.
- Fig. — 68. Solar de **Gurirí**.
- Fig. — 69. Airises.
- Fig. — 70. Solar de Santo Antônio.
- Fig. — 71. Outro aspecto de Santo Antônio.
- Fig. — 72. Vista lateral de Santo Antônio.
- Fig. — 73. Pátio interno de Santo Antônio.

- Fig. — 74. Barão da Lagoa Dourada.
Fig. — 75. Baronesa da Lagoa Dourada.
Fig. — 76. Joaquim Manhães.
Fig. — 77. a 85. Uma família típica da nobreza **rural** campista.
Fig. — 86. Vista geral de Airises.
Fig. — 87. Comendador Cláudio do Couto e Sousa.
Fig. — 88. Maria Francisca de Sousa Lima.
Fig. — 89. Carolina de Sousa Lima.
Fig. — 90. Maria Francisca de Sousa Lima Matos Pimenta.
Fig. — 91. Eugênia de Sousa Lima.
Fig. — 92. **Serafim** dos Anjos Sampaio Ribeiro.
Fig. — 93. Antônio do Couto Lima.
Fig. — 94. Cláudio do Couto Sousa Lima.
Fig. — 95. Carolina de Sousa Lima e Capitão Antônio Peixoto de Siqueira.
Fig. — 96. Eugênia de Sousa Lima Ribeiro e **Serafim** dos Anjos Sampaio Ribeiro.
Fig. — 97. Baronesa de São Vicente de Paula.
Fig. — 98. Dona Maria Isabel de Miranda Manhães Rodrigues Peixoto.
Fig. — 99. Barão de São **Fidélis**.
Fig. — 100. Barão de São João da Barra.
Fig. — 101. Baronesa de São João da Barra.
Fig. — 102. Almirante Saldanha da Gama.
Fig. — 103. Francisco Satumino Rodrigues de Brito.
Fig. — 104. Igreja de São João Batista em São João da Barra
Fig. — 105. Templo de São Fidélis.
Fig. — 106. Cadeia de São João da Barra.
Fig. — 107. Trapiche em São João da Barra.
Fig. — 108 e 109. Portas coloniais em **São** João da Barra.
Fig. — 110. Planta de Campos em 1835.
Fig. — 111. Planta de Campos em 1940.
Fig. — 112. Igreja de São Francisco.
Fig. — 113. Ornamentação na fachada de São Francisco.
Fig. — 114. Igreja do Carmo em Campos.
Fig. — 115. Igreja do Rosário em Campos.
Fig. — 116. Igreja de **N. S.** da Mãe dos Homens e Santa Casa de Misericórdia de Campos.

Fig. — 117. Interior da igreja do **csmo** em Campos.
Fig. — 118. Igreja da Boa Morte em São João da Barra.
Fig. — 119. O rio Paraíba ao chegar a Campos.
Fig. — 120. O Paraíba atravessando Campos.
Fig. — 121. A Catedral de Campos.

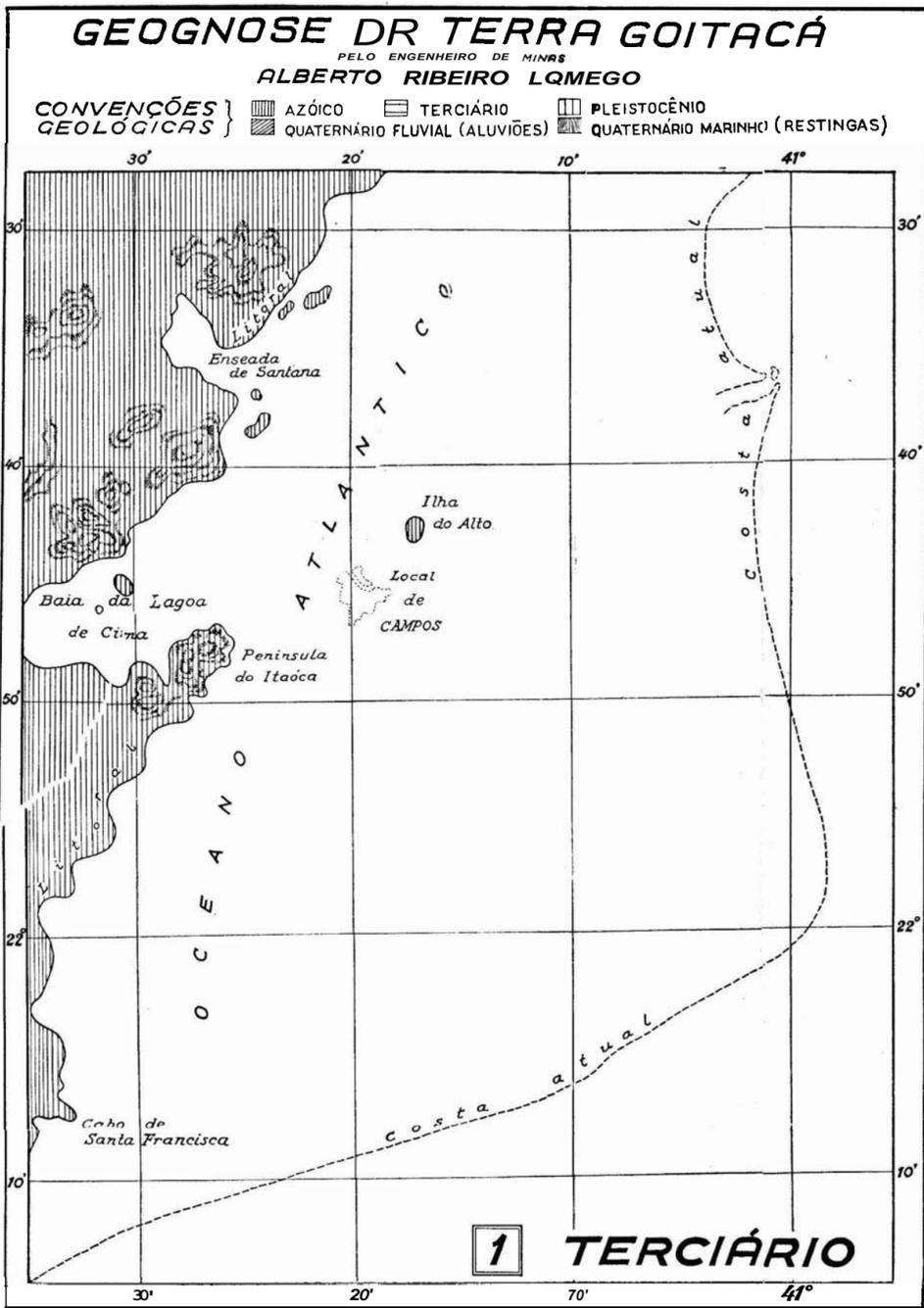
- Fig. — 122. O *Forum* de Campos.
Fig. — 123. O carro de bois.
Fig. — 124. Guindaste de canas da Usina **São João**.
Fig. — 125. Cadeirinha dos fins do século XVIII.
Fig. — 126. As "pranchas" do Paraíba.
Fig. — 127. Foz do Paraíba vista do mar.
Fig. — 128. Foz do Paraíba em aerofoto vertical.
Fig. — 129. A enseada da Lapa em Campos.
Fig. — 130. A praia de Imbetiba em Macaé.
Fig. — 131. Usina do Queimado em Campos.
Fig. — 132. Estrada de São Gonçalo.
Fig. — 133. Várzea do rio do Mundo.
Fig. — 134. Rio Barro-Vermelho.
Fig. — 135. Rios na Barra do Furado.
Fig. — 136. A zona do Furado **alagada**.
Fig. — 137. Canal de Cacumanga.
Fig. — 138. Foz do rio da Prata.
Fig. — 139. O dique do Paraíba em Campos.
Fig. — 140. Vista aérea do dique do Paraíba.
Fig. — 141. O córrego do Pau-Fincado.
Fig. — 142. Robalos da Lagoa Feia.
Fig. — 143. Zona de Saturnino Braga.
Fig. — 144. Zona de Coqueiros.
Fig. — 145. Uma primitiva engenhoca **fluminense**.
Fig. — 146. Um pequeno engenho de açúcar e aguardente.

GEOGNOSE DA TERRA **GOITACÁ** — quatro mapas geológicos.

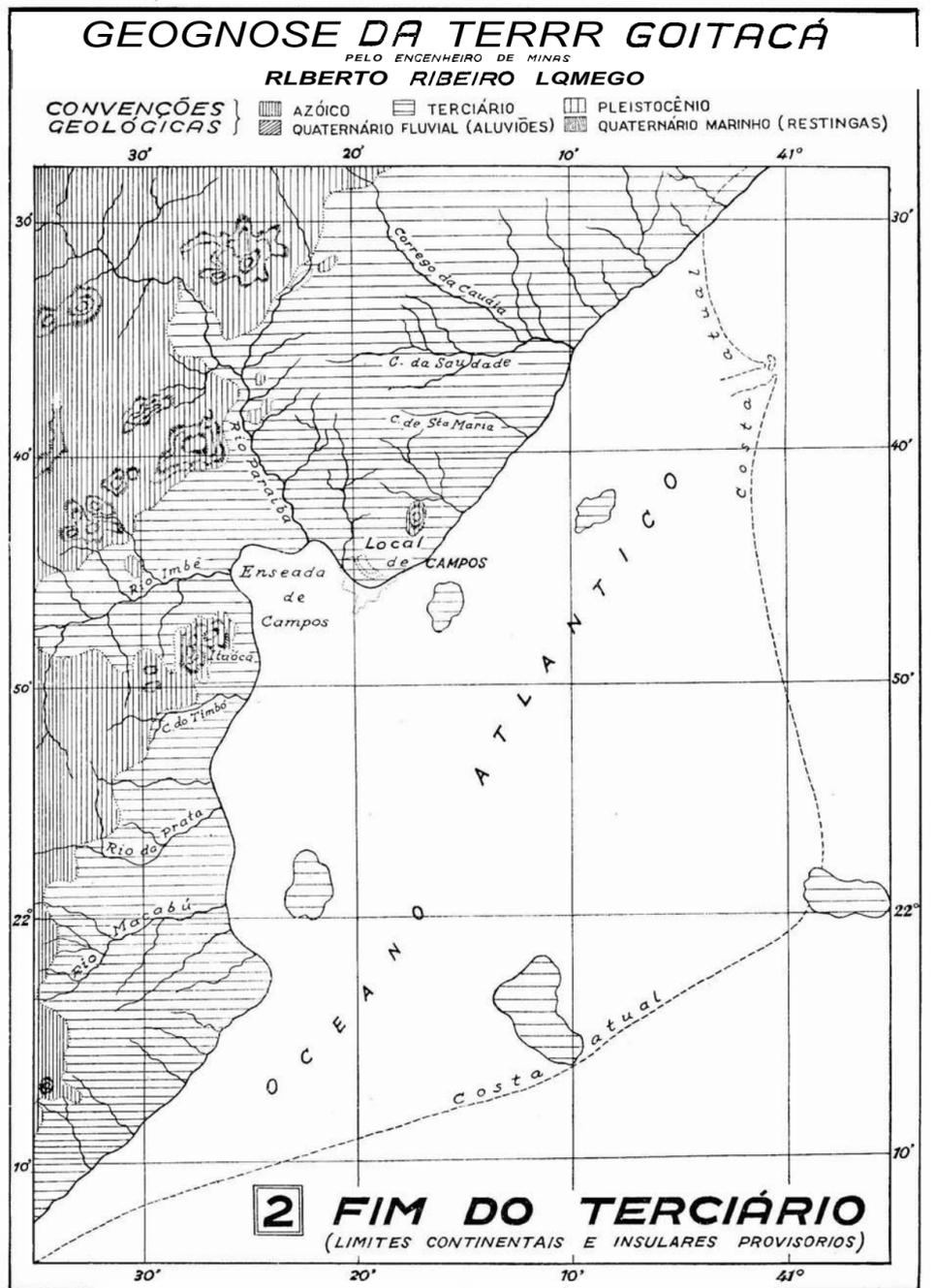
GRÁFICO DA HISTÓRIA DO AÇÚCAR EM CAMPOS.

GRÁFICO DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO DE CAMPOS.

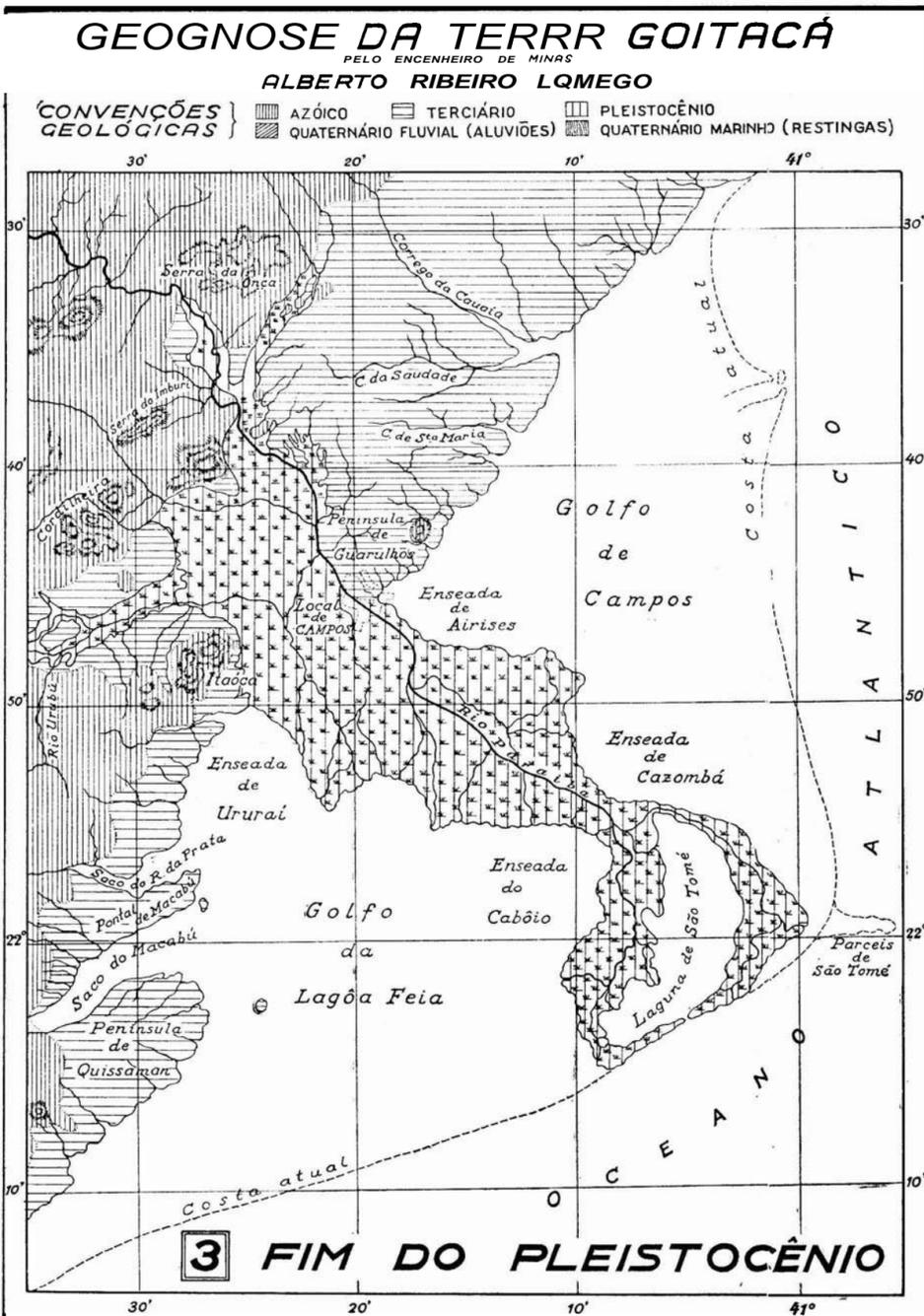
GRÁFICO DA ARRECADAÇÃO E DESPESA MUNICIPAIS DE CAMPOS.



A quadrícula do mapa acima é para referência, não tendo sido considerado qualquer deslocamento continental



A quadrícula do mapa acima é para referência, não tendo sido considerado qualquer deslocamento continental



A quadrícula do mapa acima é para referência, não tendo sido considerado qualquer deslocamento continental

